Axel

HARPER SLOAN

Apresenta

Corps Security 01 - Axel

Harper Sloan

Tradução: Eva M. Clarke

Revisão: Justine O'Neel

Leitura Final e Formatação: Eva M. Clarke

Artes: Ilma Lopes, Kah Saint , Justine O'Neel



AXEL

AVISO

Essa tradução foi feita pelo grupo Butterfly Traduções, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

Sinopse

O destino não tem sido muito amigo de Isabelle West. Na realidade, o destino tem sido uma verdadeira cadela.

Isabelle aprendeu da maneira mais difícil o quanto a vida pode ser dura quando o destino não está ao seu lado. Ele pode lhe entregar sonhos em bandejas de prata, mas pode tomá-los de volta e lhe entregar pesadelos. Uma coisa Isabelle sabia com certeza: o destino foi consistente em tirar tudo o que ela já amou.

Nos últimos dois anos, Isabelle vem, lentamente, limpando as nuvens do seu passado. A felicidade está, finalmente, no horizonte. Ela tem um negócio próspero, grandes amigos e a sua vida de volta. Tudo o que tem a fazer é saltar o último obstáculo ... seu ex-marido.

Quando os problemas começam a fazer com que ela tema por sua nova vida e lembranças, que deveriam continuar enterradas, começam a vir à superfície, a última coisa que ela precisa é que um fantasma do seu passado venha bater na sua porta.

Axel nunca pensou que ia olhar nos olhos de Isabelle West novamente, e não tinha certeza se queria, agora. Carregou sua raiva

por tanto tempo que não tem certeza que pode, simplesmente, esquecê-la, mas, quando é confrontado entre protegê-la e o desejo inesperado em tê-la de novo, a vida fica um pouco mais complicada.

Como Axel e Isabelle vão lidar quando todas as cartas forem colocadas na mesa e tudo o que eles pensavam ser verdade, atingi-los de frente?



Playlist

Ed Sheeran - Lego House

Ben Harper - Walk Away

Rihanna - Stay

Tim McMorris - Overwhelmed

Fall Out Boy - My Song Know What You Did in the Dark

Macklemore & Ryan Lewis - Can't Hold Us

Christina Aguilera - Just a Fool

Incubus - I Miss You

Dave Matthews Band - Crash Into Me



Lady Antebellum - Need You Now

Rascal Flatts - Stand

Zedd - Clarity

Miranda Lambert - Over You

Pink - Try

Maroon 5 - Sad (particularly the version Amber Carrington sang on The Voice)

Train - Marry Me

Taylor Swift - Mean

Emeli Sande - Next to Me

Gavin Degraw - More Than Anyone



Coldplay - Fix You

Christina Perri - A Thousand Years

NSYNC - Gone

Disturbed - Down with the Sickness

Eli Young Band - Crazy Girl

Will.i.am ft. Miley Cyrus - Fall Down





Prólogo

Deus... por favor, deixe-o estar atrasado. Talvez, por causa do tráfego? O chefe precisava de ajuda? Inferno, neste momento eu teria orado até para que o seu sapato estivesse desamarrado.

QUALQUER COISA que me dê apenas cinco minutos extras.

Respirando, frustrada, eu me lembro... desisti de orar aos céus anos atrás. Dez anos, para ser exata. O dia que *ele* entrou na minha vida. O dia em que o sol parou de brilhar e meu mundo se tornou cinza. O dia que meus sonhos se transformaram em pesadelo. Tenho saudades dos meus sonhos, do sol, sinto falta dele. Pra caralho, mesmo que eu saiba que não deveria. Afinal, que falta faz perder um fantasma?

Vamos! Vamos… eu imploro silenciosamente para a luz do semáforo mudar. Por que, na única vez em que estou atrasada, encontro todos os faróis vermelhos? — Porra! Apenas mude, merda! — Só sei que se não estiver em casa nos próximos dez minutos, todo o inferno vai desabar sobre mim. *Finalmente,* logo que a luz fica verde afundo o pé no acelerador. Tudo o que preciso fazer é me apressar e tudo vai ficar bem.

Certo?

Chego na entrada às 5:45, enfio o carro na vaga e corro para dentro de casa. Felizmente, tive clarividência suficiente quando saí,

mais cedo, para deixar a comida na panela elétrica. — Ok, ok... — Murmuro para mim mesma, enquanto corria do balcão da cozinha para a mesa. Se eu não me apressasse... não, não posso ir por esse caminho. Se eu fizesse isso, travaria com o terror e estou tão perto, não posso travar.

— Respire fundo, Iz... apenas respire — lembro a mim mesma, enchendo as travessas com *chilli*. Tão rapidamente quanto posso, ponho a mesa, me certificando que os copos estão limpos e os talheres perfeitamente alinhados. Não cometeria esses erros novamente. Correndo de volta para a cozinha, me certifico que lavei e sequei todos os utensílios, e apaguei os sinais do uso da panela elétrica. Tenho tempo, apenas, para me certificar que a minha "cara", como ele tão carinhosamente chama, não transpareça que tive que me apressar com os meus deveres.

Às 6:05, em ponto, ouço a porta da garagem abrir. *Respire*. Alguns momentos depois, ele entra. Claro, ele nunca estava atrasado. Deus não permitiria que ele chegasse em casa um minuto atrasado na hora marcada. O mundo podia acabar, o céu podia cair e os porcos podiam começar a voar.

Mas o meu marido nunca se atrasava.

— Boa noite, Isabelle. Como foi o seu dia? — Ele pergunta, enquanto retira o paletó, solta a pasta e as chaves. Se assegura que o casaco esteja pendurado perfeitamente; rugas não são admissíveis para ele. Nem elas se atrevem a cutucar a fera. Depois que ele tira o



celular, a carteira e outras merdas do bolso, finalmente olha para mim com seus olhos frios e mortos.

A permissão para eu falar foi, silenciosamente, concedida.

— Boa noite, Brandon. Tudo normal, como sempre. Fui à lavanderia, corri atrás do que você me pediu para fazer hoje e cheguei em casa, mais ou menos, às 3:00. Sei que você disse que seus pais estavam pensando em vir neste fim de semana, então queria ter certeza de ter tempo suficiente para arrumar o quarto de hóspedes antes de começar a preparar o jantar.

Mentiras, tudo mentira... apenas o suficiente para fazê-lo pensar que eu não tinha saído.

— Humm — ele afirma, ao enrolar as mangas da camisa. — Então olha para cima com seu sorriso malvado e aqueles olhos mortos. — Não foi você que eu vi voando na Oak Street, como se os morcegos do inferno estivessem no seu calcanhar, Isabelle?

Caralho.

— Brandon, juro que não é o que você pensa. — Eu solto. Merda, isso vai ser ruim. — A Dee deu uma parada, estava na cidade e eu só queria dar um oi, sair um pouco. Eu não a via há seis meses-

Seu sorriso faz com que eu me cale e, imediatamente, começo a recuar. *Oh merda, eu conheço esse olhar.*

— Bem, bem... Isabelle. O que eu disse a você sobre a Denise? Hein? Se bem me lembro, era algo como você não falar com ela, ligar



para ela ou atender ligações dela e, definitivamente, não ENCONTRAR COM ELA, PORRA!

Ele está começando a chegar mais perto, agora. Freneticamente, olho ao redor em busca de uma fuga, mas ele está bloqueando a minha única saída. — Você foi avisada, e eu pensei que você tinha aprendido essa lição, há seis meses. Não foi esse o tempo que você disse que faz? O que eu preciso fazer para você colocar isso na sua cabeça estúpida do caralho? Jesus Cristo, você é uma fodida puta idiota. — Seus olhos estão muito frios quando ele invade o meu espaço. — Qual parte de você é minha, e só minha, não entendeu, na última vez que fui forçado a explicar isso para você. Que não vou dividir você com ninguém, porra. Você está me ouvindo, Isabelle? — Ele fala o meu nome como se o enojasse. Estou no modo pânico agora, ele me tem encurralada na parede, nenhuma saída à vista. — Nenhuma fodida pessoa neste mundo maldito tem permissão para ficar com você. Somente. Eu. Porra! — Ele continua, com os olhos esbugalhados e o seu cuspe acerta a minha cara. — Você não passa de uma maldita puta estúpida, não é mesmo Isabelle? Eu devia ter ido para o outro lado aquela noite, no Fire. Eu devia ter identificado uma vagabunda no bar, há um quilômetro de distância. Mas, não! É culpa sua o meu pau não ter ido para o outro lado. — Ele levanta o braço e me dá um tapa forte na bochecha. Fecho as mãos em punho, enterrando as unhas nas palmas para não gritar. Posso sentir o sangue escorrendo pelo meu pescoço, do corte que o anel dele deve ter feito na minha mandíbula. Posso estar encurralada, mas serei amaldiçoada se vou deixar ele me quebrar.

— Que merda eu disse, Isabelle? NADA DE DENISE! Nada de passar a tarde conversando como pequenas cadelas, porra. Você devia estar aqui, limpando a porra da minha casa, cozinhando a porra do meu jantar e abrindo suas malditas coxas gordas para o meu pau! — Ele estende a mão e pega uma tigela de *chili*, jogando-a com toda a força contra a parede. Vejo pedaços de carne, feijão e molho nas paredes amarelo claro. — E que porra do caralho é essa? Eu disse a você, sua vadia maldita, que queria lasanha. Isso parece lasanha? — Eu devia ter previsto, mas minha atenção ainda estava focada nas paredes amarelas e nos pedaços do jantar que ainda estavam escorrendo. Estava voltando o olhar para ele quando seu punho acertou a minha têmpora, momentaneamente, deixando a minha visão turva. Pelo menos, isso parecia ter colocado algum senso no meu cérebro lento. Corro para a direita, rapidamente, tentando escapar do segundo punho que sei que vai me acertar, em breve. Tarde demais, sempre tarde demais, levo o segundo golpe nas costelas, esvaziando os meus pulmões imediatamente. Brandon agarra o meu cabelo comprido e, com uma torção do pulso, estou de novo à sua mercê.

E sei que ele não vai ter nenhuma misericórdia.

Me jogando para o corredor, com o que parece ser a força de dez homens, ele é rápido em desferir um pontapé no meu estômago. — Sua cadela estúpida. Você, simplesmente, não consegue entender. Eu possuo você, você é toda minha. De ninguém mais. Ninguém mais toca o que é meu. Especialmente, a fodida da DENISE! Eu avisei o

que ia acontecer. Não, eu prometi à sua bunda estúpida o que aconteceria se você chegasse perto dela novamente. — Chute... tapa... soco... chute. — Você nunca vai aprender, não é? — Ele está ofegante por causa do esforço e estou me esforçando para não deixar a escuridão me levar. Mesmo que eu saiba que o torpor vai me dominar, rapidamente.

Perdi a noção de quanto tempo ele ficou em cima de mim, gritando e me batendo, alternando os pés e os punhos.

Liberdade, isso é tudo o que desejo, agora.

Fecho os olhos e desmaio.

Quando desperto, a casa está às escuras. Cada osso, músculo e cabelo na minha cabeça doem. Não consigo inspirar profundamente, sem querer morrer. Posso sentir a umidade em várias partes da minha cabeça e do corpo. *Porra.* Nunca foi tão ruim assim. Não consigo ouvir nada com o ouvido esquerdo. O que, diabos, aconteceu com a minha orelha? Foda-se, preciso me mover. Colocando o braço em volta da cintura, lentamente, fico de pé. Dou uma olhada ao redor, através dos olhos muito inchados, e vejo que o jantar ainda está na mesa. A tigela quebrada, o *chilli* seco na parede e até mesmo os copos impecáveis estão lá, zombando de mim. Com um passo lento e silencioso olho através da sala. Nenhum sinal do Brandon. Andando,

melhor dizendo, me arrastando até a cozinha, vejo que as chaves dele sumiram. Puta merda! Ele não está aqui. Nunca, nem uma única vez em seis anos, ele me deixou sozinha em casa depois de uma "lição".

Caminho ao longo do corredor, segurando na parede para me apoiar até chegar à minha bolsa, e abro o zíper; alcanço o meu celular. O celular que o Brandon não sabe que eu tenho. Não tenho autorização para ter um celular e ele desliga o telefone da casa e o leva com ele, quando sai. Mal consigo enxergar o aparelho. Passo o dedo pela tela e o desbloqueio. Finalmente, depois de alguns botões errados, consigo fazer a ligação.

— Alô? Alô, Iz? Iz, você está aí? Está tudo bem? IZ??— Mal posso ouvi-la, e ela está praticamente gritando. Mas não consigo falar. Ela sabe que não estaria ligando tão tarde. Inferno, ela sabe que eu não ligaria.

Inspiro superficialmente, e balbucio a única palavra que preciso para conseguir minha salvação.

— Ajuda... — Então, a escuridão me envolve novamente.



Capítulo 1

Nem sempre fui esta pessoa fraca; esta mulher quebrada. Eu costumava sonhar, e quando o fazia, sonhava alto. Eu tinha planos, planos de um futuro tão brilhante que cegava. Ainda me lembro desses dias em que eu sonhava esses grandes planos e que o futuro era tão brilhante quanto o sol, quando se põe.

Eu só não sabia disso, na época.

Na época, pensei que tudo ficaria bem. Afinal, quando uma menina tem dezessete anos de idade não se acha invencível?

Que, coincidentemente, foi o mesmo dia em que descobri que o destino me detestava. Não, ele não me detestava ... ele me odiava. As pessoas dizem que o carma é uma cadela, mas tenho novidades para você, carma não tem nada a ver com o destino, depois que você sangra. Nem uma única coisa.

Gostaria de saber onde o meu destino se desviou. Talvez, no dia em que eu nasci? Gosto de pensar que estava tudo bem nesse momento, pelo menos. Meus pais me amaram, rezaram por mim e eu era tudo para eles. Então, não, não acho que foi nesse dia.

Ou podia ter sido no dia que roubei o pudim da Maggie Jones. Mas a Maggie era uma valentona, desagradável e sempre esnobando a cara dos outros, então gosto de pensar que fiz um favor.

Uma vez roubei uma barra de chocolate do supermercado, mas, sério? O destino teria sido cruel com cada merdinha de adolescente

se fosse esse o caso; critique tudo que você quiser, mas, de onde eu venho, é como um rito de passagem.

Não, acho que o destino decidiu que me odiava no dia em que entrei na Dale High School e, no primeiro ano, meu caminho colidiu com o do Axel. Fazia mais sentido que a razão pela qual ele me odiava fosse a mesma razão para toda a minha dor.

A razão pela qual estou convencida que o destino nunca vai brilhar ao meu favor, novamente. Por quê? Levou tudo embora. Dizimou cada única coisa que eu já tinha amado, com um golpe rápido.

Um dia, talvez, descobriria por que o destino odiava a mim, Isabelle West. Mas, até esse dia, teria a maldita certeza de ser cuidadosa com os meus sonhos e meus planos; meu coração e a minha alma.

O destino pode me odiar, mas isso não me impede de esperar que um dia ele se esqueça do seu brinquedo de mastigar favorito. Quando esse dia chegar, espero que o carma tenha algum divertimento com aquele filho da puta do destino.



(2 anos mais tarde)

Posso sentir o sol aquecendo a minha pele. Amo este bem-aventurado estado entre o sono e o acordar. Isso me lembra de estar dormente. Você não aperta o interruptor para ligar a sua mente, dando-lhe permissão para processar e lembrar. Você só fica ali. Adoro acordar sentindo o sol aquecendo a minha pele; isso me lembra que estou viva. Viva e sobrevivendo.

Suspiro e rolo na cama, rindo quando vejo o travesseiro estúpido vestido como um homem; com um rosto estranhamente realista desenhado no topo. Dee tinha insistido que era o que eu precisava na minha vida. Sua teoria era que, se eu não queria um homem, pelo menos, não ia dormir sozinha. O que quer que isso significasse. Parei de tentar entender a Dee, anos atrás. Ela tem sido minha melhor amiga durante os últimos onze anos. Ela era a irmã que nunca tive e eu sabia, sem dúvida nenhuma, na minha cabeça, que ela sempre ia cuidar de mim.

Nós nos conhecemos quando eu tinha dezoito anos e estava chateada com o mundo. Ela estava saracoteando pela sala toda durante a orientação dos calouros, sorrindo para todos que olhavam para ela. Tinha dado uma olhada em mim e decidiu que seríamos melhores amigas. Acho que ela viu a alma quebrada dentro de mim e, com a sua felicidade contagiante, decidiu que seria a minha medicação. Esteve ao meu lado nos altos e baixos; e, confie em mim,

houve um monte de baixos. Ela era a minha maior fã e incentivadora e, sozinha, trouxe a luz de volta para a minha vida.

Ela me levantou quando eu caí, me ajudou a sacudir a poeira e me curar.

E fez isso de novo, há dois anos. Sem perguntas. Largou tudo, correu em meu socorro e me ajudou a me curar novamente.

Tínhamos perdido aquela coisa de "irmãs" por um tempo, enquanto eu estava casada com o Brandon. Não foi fácil, mas consegui manter contato com ela através de ligações sorrateiras e encontros secretos. Eu sabia que ela estava preocupada, porque sabia que as coisas não estavam bem em casa, mas a Dee sendo a Dee, chegou com um sorriso e o conhecimento de que, se eu precisasse, ela estaria lá.

E ela não mentiu; largou tudo e me socorreu, sem nenhuma pergunta.

Eu sabia que ela se sentia um pouco culpada por nos apresentar. Era injustificado, mas estava lá. Podia ver, às vezes, nos seus olhos quando passávamos algum tempo juntas, com algumas garrafas de vinho no meio. Ela escondia bem, tenho que lhe dar esse crédito, mas eu sabia que a minha menina, com um coração tão grande, não conseguia evitar.

Conheci o Brandon quando tinha vinte e um anos, livre e procurando entorpecer o meu mundo com bebida e festas.



Ele foi o primeiro homem ao qual eu tinha dado uma segunda olhada depois do Axel. Já fazia quase quatro anos e estava pronta para tentar amar novamente.

Ah, como eu tinha sido cega.

Brandon era, do lado de fora, perfeito. Era alguns anos mais velho do que eu, já tinha se formado na Universidade da Carolina do Norte e se estabelecido na firma de contabilidade do seu pai. Ele era bem-sucedido e rapidamente fez seu caminho para coisas ainda maiores. Ele não era muito alto, apenas tímidos um metro e setenta, com um corpo magro. Cabelos e olhos castanhos. Era o namorado perfeito, me envolvendo com romance, férias e presentes extravagantes, sempre se mostrando, me levando em viagens de surpresa, fazendo todas as pequenas coisas que sempre achei que tornavam um homem perfeito. Seis meses depois que nos conhecemos, se transformou do namorado perfeito para meu noivo e, quatro meses mais tarde, me tornei a Sra. Brandon Hunter.

Então, o Brandon que eu tinha conhecido e me apaixonado se transformou, lentamente. Aos poucos, começou a me distanciar da minha família, dos amigos e, mais importante, da Dee. Ele sabia que, de todos os vínculos que eu tinha, o dela era o mais forte. Me tornei uma prisioneira da minha própria vida. Eu sabia que meus avós se preocupavam, mas ele era escorregadio, e sempre tinha a desculpa perfeita para que não pudessem nos visitar ou quando, nas raras ocasiões que nós os visitamos, ele sempre era chamado em casa por algum motivo. A Dee foi mais difícil para ele se livrar, mas ele

conseguiu. Ou, pelo menos, pensou que tinha conseguido. Ele era bom; vou lhe conceder isso, era um mestre em controle e manipulação.

E ele conseguiu me aterrorizar.

Os espancamentos não começaram até que estivéssemos casados, há cerca de dois anos. Eu tinha ido ver a Dee quando devia estar cuidando das roupas dele. Encontrei a minha melhor amiga e, honestamente, pensei que podia ir e voltar sem que ele percebesse. Mas Brandon Hunter percebia tudo.

Não era tão ruim no início, um tapa aqui e ali por qualquer delito que ele considerava ser digno de bater. Eventualmente, porém, não demorou muito para que eu espirrasse e, se ele não gostasse, estivesse com um olho roxo no dia seguinte.

Ele tinha feito as jogadas certas e eu acabei verdadeiramente presa. Longe daqueles que eu amava e muito aterrorizada sob a ira dele; eu não iria a lugar nenhum.

Aqueles foram os anos em que rezei e rezei para o Axel encontrar o caminho de volta para mim. A cada dia horrível que eu acabava encontrando o punho do Brandon, tentava pensar em outro lugar. Um lugar onde o Axel estava pronto para me levar embora e ser o meu herói. Mas, finalmente, tive que encarar os fatos... o meu herói tinha partido.

Fechando os olhos; volto para a época em que a minha vida foi mais feliz. Doze anos atrás, para ser exata.

— Não acredito que esta é a nossa última noite juntos por seis meses, vou sentir muito a sua falta, baby. — Olho em seus brilhantes olhos verdes. Deus, eu amo os olhos dele. Acho que ficaria feliz só de ficar sentada aqui e olhar para o seu belo rosto, por horas.

Me perder nele.

Como vou fazer, sem ele?

Este cara que eu amo mais do que qualquer coisa.

Apoio minha cabeça no seu peito; sentindo seu coração batendo forte sob a minha orelha.

Conheço este belo rapaz desde que tinha quatorze anos e o Axel era o amor da minha vida nos últimos três anos. Nem um dia se passou sem ele. Como é que eu vou conseguir passar apenas um dia sem ele, imagine seis meses?

— Baby, calma. Estará tudo acabado antes de você notar e vou voltar para a minha menina. — Eu o ouvi sussurrar sob a minha orelha, sabendo exatamente o que estava passando pela minha mente.

Nós estávamos apenas deitados aqui, na sua pequena cama de solteiro há horas, apenas nos perdendo um no outro. Eu sei que ele odeia ficar nesta casa.

Sua família adotiva não era tão ruim, bem, olhando de longe, sendo alguém de fora. Ele podia representar um auxílio do governo para eles, mas o deixavam em paz. Tenho a impressão de que eles estão contando os segundos antes dele partir para o treinamento básico, vê-lo fora dali e colocar outro em seu lugar. Eles não querem que o treinamento seja curto, idiotas gananciosos. Seus pais adotivos nunca gostaram de mim. Acho que nunca vou entender o porquê, mas o Axel acha que

é porque tenho ficado por perto nos últimos três anos, ocupando espaço e comendo a comida deles. Quem sabe, mas mal posso esperar para ele ficar livre deles.

Mal consigo acreditar que o meu menino bonito está partindo, amanhã, para os Marines, os Marines... Deus, Ax está realmente partindo. Não consigo deixar de pensar no que pode acontecer com ele depois que for embora. Axel já nasceu um lutador, um sobrevivente, nada ia acontecer com ele e eu só tinha que acreditar nisso.

Ele começa a se mover debaixo de mim, deslizando sob o meu corpo e rolando para o lado, ficando de frente para mim. Olho para os seus olhos brilhantes de novo, sorrindo para ele. Ele, realmente, é perfeito. O cabelo preto e grosso forma ondas desgrenhadas enquanto passo minhas mãos através dele, as maçãs do rosto fortes e a mandíbula poderosa me lembrando sempre de quão rude ele pode ser. Passo o dedo pelo nariz perfeitamente reto e depois o deslizo pelos lábios grossos nos quais eu amo me perder; traço primeiro o lábio superior e, em seguida, o lábio inferior. Seus lábios se contorcem, e aquele sorriso preguiçoso que eu tanto amo aparece no seu rosto.

— No que você está pensando, princesa?

— Deus, Ax, apenas no quanto eu vou sentir a sua falta; você promete voltar para mim? — Pergunto, com as lágrimas voltando aos meus olhos e a melancolia que tem sido uma presença constante desde a sua formatura na sexta à noite, retorna.

— Ninguém vai conseguir me manter longe. — Ele diz, se inclinando para capturar meus lábios em um beijo sensual. Sua língua lambe o meu lábio inferior, e, em seguida, ele o pega entre os dentes, mordendo-o levemente. Abro a minha boca para deixá-lo entrar e capturo seu gemido na minha garganta.

Empurrando o ombro dele, o puxo para baixo de mim, sentindo seu pau já duro, roçando a minha vagina molhada.

— Humm, baby, já? — Ele geme.

— Sempre, Axel, estou sempre pronta para você. — Falo, enquanto levanto e o ajudo a guiá-lo para dentro do meu corpo.

Quando começo a me mover em um ritmo perfeitamente dominante sobre o seu corpo magro, duro, penso comigo mesma: quão difícil vai ser acompanhar o meu namorado até o ônibus amanhã, sabendo que serão seis longos meses até poder vê-lo, novamente.

Mal sabia eu que a última vez que eu olharia para aqueles olhos seria quando ele tinha se virado para acenar enquanto dava os últimos passos para entrar no ônibus, o ônibus que estava levando meu coração com ele.

Um coração que nunca voltou para mim.

Como eu disse, não fui sempre esta mulher fraca. Eu não acho que alguém acorda e diz: — Ei, hoje acho que vou ser fraca, quebrada e completamente fodida! — Eu, certamente, não disse. Acho que tenho trabalhado duro para me tornar quem sou, hoje. Com a ajuda do Dr. Maxwell (e da Dee, é claro) voltei a ser, lentamente, quem uma vez eu fui.



Não tem sido fácil, e ainda tenho meus maus momentos. Não consigo ouvir o meu nome completo sem voltar aos anos sombrios com o Brandon. Comecei a dar os últimos passos para finalizar o nosso divórcio, cerca de seis meses atrás. Ao mesmo tempo, tinha finalmente me curado o suficiente para começar a seguir em frente. Abri minha própria empresa de web design, algo que sempre amei fazer e pareceu a escolha perfeita. Me sentia confortável em trabalhar fora da casa que a Dee e eu compartilhamos. Mais segura.

Brandon não estava tornando as coisas fáceis para mim. Alguém poderia pensar que, com um relatório claro da polícia, preto no branco, e os registros hospitalares provando o que o casamento com ele tinha feito comigo, que eu não teria nenhum problema em me divorciar rapidamente. Mas, não... nada nunca vinha fácil para mim. Venho lutando com ele o tempo todo. Através dos advogados, é claro. Eu, na verdade, não o vejo desde o dia em que fui liberada do hospital, há dois anos.

Esse foi também o dia em que a Dee e a nossa dupla se tornou um trio.

O dia em que eu conheci o Greg.

Onde a Dee era minha irmã; e o Greg era meu irmão.

O vínculo ficou tão apertado que era quase impossível de quebrar.



Greg era o nosso protetor, quiséssemos ou não. Ele cuidava de nós, e não se importava de passar as noites de sexta-feira assistindo filmes de meninas e comendo porcarias.

Conheci o Greg no dia em que fui liberada do hospital após uma semana de estadia, me curando do espancamento do Brandon. A Dee tinha ido lá me buscar e estacionou uma minivan com a traseira carregada de caixas. Olhando para trás, agora, consigo rir, mas o olhar em seu rosto quando perguntei por que tantas caixas, foi impagável. Ela me lançou um olhar mortal, com a expressão mais feroz que conseguiu mostrar e me disse: — Menina, se você acha que vou deixar você aqui com aquele pedaço de merda do seu marido, você está louca. Não, de jeito nenhum. Vamos pegar as suas coisas e cair na estrada. O mundo é a nossa ostra ou algo assim. — Ela, então, explicou que o delegado nos encontraria lá para se certificar que o bastardo do Brandon não tentasse qualquer coisa. Dee estava pronta para qualquer coisa, e me disse que não só a polícia estaria lá para cuidar das coisas, mas também tinha um amigo nos esperando. Ela não entrou em detalhes, e eu não me importei. Só queria deixar tudo aquilo para trás.

Quando chegamos à casa que eu dividia com o Brandon, ele estava lá, claro, parecendo furioso. Eu fiquei sentada no banco do carona, tremendo como uma folha; Dee se aproximou e me ajudou a sair, usando seu corpo minúsculo como um escudo. Mantive os olhos abaixados, até que encontrei duas botas enormes no caminho. Seguindo essas botas, coxas grossas, um peito sólido como uma rocha

e braços poderosos, me deparei com olhos azuis estrondosos. Ele era um homem enorme, com uns trinta centímetros a mais do que o meu um metro e sessenta. Diante da sua expressão, imediatamente me encolhi, esperando que não tivesse sido perceptível, mas nada escapava aos olhos deste homem. Ele cuidadosamente mudou a expressão, me dando conforto e colocando um braço grosso sobre os meus ombros. Quando me guiou para dentro da casa, falou suavemente: — Não se preocupe, baby, estamos com você, agora. — Não sei o que foi, mas quando conheci o Greg naquele dia, tudo o que foi preciso foram aquelas palavras para me colocar, imediatamente, à vontade.

Uma hora depois, tínhamos seis anos da minha vida encaixotados e colocados no carro.

Deixei tudo para trás, pegando apenas minhas roupas, documentos importantes, fotos da minha infância e pequenos tesouros que eu tinha escondido, da minha vida antes do Brandon.

Não olhei para trás, desde então.

Rolei para fora da cama cerca de uma hora depois que acordei, tentando me sentir viva, mas hoje estava meio viva, com uma puta de uma ressaca. Olhando para o relógio, balancei a cabeça ao ver a hora. Como, diabos, consegui dormir até tão tarde? É isso mesmo, Dee. Dee foi o porquê de eu dormir até tarde. A cadela louca chegou em casa ontem à noite e achou que poderíamos passar a noite com o Jack. Um dia desses ela vai se lembrar que eu e o Jack, o Daniels, não somos

amigos. Nunca fomos, nunca seremos. As noites passadas com o Jack sempre me levavam para o mesmo ponto. De ressaca e irritada. Porra, Dee, é melhor ela ter feito o café da manhã hoje de manhã, humm... tarde.

Por que deixei ela me convencer, na noite passada? A última coisa que me lembro é da Dee voltando do trabalho com um grande saco marrom nos braços, gritando — tele entrega de bebida, cadela! — Acho que é o que acontece quando você é amiga de alguém por tanto tempo. Ela sabia que eu precisava dela, e dane-se, precisava do Jack. Assim, seu anúncio foi recebido com olhos vermelhos, calafrios nervosos e um melhor amigo no terceiro pote de sorvete.

Ela me conhecia e sabia que eu estaria mal, este fim de semana. Assim, em vez de deixar eu me embebedar estupidamente sozinha, pegou dois copos e começou a encher a cara comigo. Me ajudou a esquecer, entorpecendo a minha mente e me apoiando.

Caminhando até a minha mesa, tentando limpar a névoa da bebedeira de ontem à noite, olho para o calendário na mesa e verifico a data. Ainda dia oito de agosto. Meu trigésimo aniversário. Além disso, aniversário de doze anos do que ainda era o pior dia da minha vida. Entro no chuveiro e, sem a ajuda do Jack, não consigo impedir minha mente de viajar de volta no tempo.



—VOVÔ! — Gritei com toda a força dos meus pulmões. —Vovô, oh meu Deus, VOVÔ!! Tem sangue, muito sangue, Vovô! O que eu faço? Por que

há tanto... por que é que tem sangue? — Já atingi proporções histéricas com o meu pranto.

Isso não pode estar acontecendo! De maneira nenhuma, Deus seria tão cruel e tiraria isso de mim, também!

Caio de joelhos, me curvando e me enrolando sobre mim mesma, gritando e rezando... rezando e gritando. Soluçando, enormes soluços ofegantes.

A voz do meu avô finalmente alcança a minha mente cheia de tristeza, segurando o meu quadril pequeno, me levantando e me levando para o seu caminhão. — Aqui vamos nós minha pequena, coloque o cinto de segurança e não preocupe o seu belo coração; O vovô está com você, agora.

Balançando a cabeça, volto daquele dia horrível. O meu aniversário de dezoito anos ainda era, doze anos mais tarde, o mais marcante de todos os aniversários que seguiram, com uma dor de parar o coração. Um dia, prometo a mim mesma, um dia vou ser capaz de acordar no meu aniversário e sorrir. Mal posso esperar por esse dia.

Me sentindo um pouco mais humana do que há meia hora atrás, jogo um roupão macio sobre a pele nua e saio para encontrar a minha melhor amiga.

Entro na cozinha e sorrio para o bilhete da Dee.



Ei! Fiz uma comida, coma... tome banho, porque aposto que você cheira à merda de ontem. Tive que correr até o escritório, mas é rápido... Estarei em casa

ao meio-dia. Temos algumas compras e mimos a fazer! É isso mesmo, nem pense em cair fora! Me ame!

Pegando a salada em uma embalagem de comida comprada na rua, me sirvo com um sorriso. *Fez uma comida, meu rabo. Dirigiu por dois minutos e pagou a alguém para fazê-la.* Era a cara da Dee, ocupada como sempre em uma sexta-feira antes de um longo fim de semana, ainda se assegurando que eu coma e cuidando de mim. Momentos como esses me lembram o quanto sou sortuda por tê-la em minha vida. Realmente, não sei o que faria sem ela. Ela me salvou de mim mesma mais vezes do que posso contar. Saber que ela vai estar em casa em uma hora é apenas mais uma prova disso. Ela sabe que eu preciso dela neste fim de semana, então está fechando a loja meio dia mais cedo.

Termino de comer e, em seguida, arrumo a cozinha. Volto para o meu quarto para colocar uma roupa e trabalhar um pouco antes da Dee chegar em casa, qualquer coisa para tentar manter minha mente livre das más recordações.

Sei que ela quer que eu fique bem, mas prefiro muito mais ficar em casa e sozinha.

Entendo por que ela quer me manter ocupada, realmente entendo, mas não acho que vou conseguir. Mais um ano superando os movimentos "normais". Mais um ano sentindo falta dele, falta deles, falta de tudo.

Uma olhada rápida para o relógio me faz correr. A pequena miss felicidade deve estar chegando em breve; preciso, pelo menos, estar pronta antes que o arco-íris e a purpurina comecem a ferrar comigo.

Estou enfiada no armário, tentando, sem sucesso, encontrar algo para vestir hoje, quando a ouço cantando.... Rindo para mim mesma, deixo um sorriso tomar conta do meu rosto. Dee não consegue cantar uma nota afinada, nem que seja para salvar a sua vida, mas isso nunca vai impedi-la de cantar.

Ela vem saltitando até o meu quarto, sorrindo de orelha a orelha. — Ei, sua cadela sexy, vejo que você decidiu arrancar o terninho hoje. Boa escolha, embora, possamos ter alguns problemas em como chegar até o shopping assim. Acho que devem haver leis contra isso. Mas, ei, mais poder para você! — Ela dá um tapa na minha bunda no caminho de aterrissar na minha cama.

— Que diabos, Dee! Porta. Fechada. Bata! — Tento fazer uma careta para ela, do mesmo jeito que o Greg sempre faz, mas acabamos rindo juntas.

Ela se vira de barriga para baixo sobre a cama. — Então, minha sexy amiga mais velha, o que vai colocar sobre o seu corpo nu, hoje? Suponho que seja o que você está fazendo no seu armário.

— Eu não sei, Dee — não tenho que fingir a careta desta vez — nós temos que fazer isso hoje? Não podemos, simplesmente, ficar em casa? Realmente, não acho que vou ser uma boa companhia, no fim das contas. — Estou implorando para ela, e estou disposta a apostar que pareço tão desesperada como me sinto. Sei que não será

agradável ficar perto de mim, hoje. Tinha planejado uma repetição da noite passada. Beber para enfrentar toda essa merda, cair bêbada e acabar de ressaca. Isso era saudável? Não, mas funcionava e por que eu devia mexer em uma coisa que funcionava?

— Iz, traga o seu traseiro magro para fora agora mesmo. Vamos dirigir até o shopping, comprar umas roupas sexys do caralho para nós duas, encontrar o Sway no salão de beleza e sermos muito mimadas antes do Greg vir nos buscar para jantar, hoje à noite. Você não vai ficar sentada sozinha em casa; eu sei que é esse o seu plano. Não, de novo, Iz, não este ano.

Suas sobrancelhas se curvam, e parece que ela vai me arrastar para fora daqui nua, se eu não concordar. Jesus. Não há realmente nenhum sentido em discutir com ela quando ela faz isso. Só vou arranjar alguma desculpa mais tarde e descarto ela e o Greg por uma noite em casa com o Jack.

Agora, esse é um plano promissor.



Capítulo 2

Estamos fazendo compras há horas. Ou, pelo menos, parece que são horas para uma pessoa que não gosta de fazer compras. Dee começou a me arrastar por todas as lojas no segundo que atravessamos as portas. Ela é uma mulher com uma missão.

Estávamos na segunda loja; segunda loja após as três lojas de lingerie diferentes. Já tinha mais calcinhas do que precisaria em uma vida inteira. Aparentemente, o primeiro passo do plano de mestre da Dee era se certificar que eu tivesse um guarda roupa todo novo. Bati o pé no segundo que descobri sua intenção. De jeito nenhum.

Após uma pequena luta, ela finalmente concordou; um traje, um traje completo, e isso era tudo.

E isso nos trouxe a esse momento.

Experimentei o que parecia ser a seção inteira de vestidos. Há sempre alguma coisa que ela acha errada, em cada um. Finalmente, empurra um lenço vermelho brilhante para mim. Eu digo lenço porque, de maneira nenhuma, há tecido suficiente para chamar aquilo de vestido.

— Humm, Dee... onde está o resto disso? — Questiono.

— É isso aí, Iz. Eu só sei que esse é o vestido! — Ela está saltitando, literalmente, saltando para cima e para baixo no lugar. Seu cabelo encaracolado está saltando junto com ela. Se eu não estivesse tão irritada, acharia que ela estava muito bonitinha, agora.

— De jeito nenhum eu vou usar isso, Dee. Existe até mesmo uma parte de trás nessa coisa? E... e a minha vagina vai brincar de esconde-esconde a noite toda. Não, de jeito nenhum. — Estou, praticamente, ofegando de ansiedade. Passei os últimos dois anos escondendo o meu corpo. Já tinha perdido todo o peso que ganhei durante meu casamento, mas ainda vejo a menina gorda que uma vez fui, quando me olho no espelho. A Dee estava sempre pegando no meu pé, para eu parar de usar as calças jeans surradas e camisetas masculinas, que é como ela chama, carinhosamente, a minha falta de estilo. Eu gosto do meu estilo, jeans e camiseta, é fácil e perfeito.

Merda.

Suspirando, olho para o pequeno pedaço de tecido vermelho, pensando comigo mesma: *é apenas uma noite, uma noite usando um lenço para manter esse sorriso no rosto da Dee.* Depois de tudo o que ela tem feito, desfilar por aí com a minha vagina sorrindo para o mundo é um pequeno preço a pagar.

— Tudo bem, sua merdinha insistente, vou ver como fica, mas não me culpe se não funcionar. — Falo para ela com falsa exasperação.

Desviando o olhar do rosto sorridente, entro no provador e tiro as roupas, mais uma vez. Quando empurro a minúscula peça sobre os quadris, passo as tiras finas que vão segurar este "vestido" no meu corpo sobre os braços e as ajeito nos ombros. Esticando a mão para trás, em busca do zíper, encontro a pele nua. Eu disse, pensei comigo mesma. Coloco a palma da mão contra as costas e confirmo que não

há, de fato, nada na parte de trás. Lentamente me viro e encaro o espelho, selando meu destino. Não é possível impedir o pequeno suspiro que escapa dos meus lábios, me olhando de cima a baixo.

Essa sou eu?

O vestido serve perfeitamente, mas, novamente, com a Dee, eu sabia que serviria. A parte da frente do vestido se encaixa confortavelmente sobre o meu peito, fazendo meus seios de tamanho médio parecerem um pouco maiores. O decote reto começa bem abaixo da minha clavícula, essencialmente, cobrindo tudo. As pequenas tiras passam por cima dos meus ombros fazendo minha figura parecer elegante e delicada.

Nada mal.

Respirando fundo, me viro para verificar os danos. Outro pequeno suspiro escapa antes que eu consiga morder o lábio e vejo tudo que não tem na parte de trás. Você pode ver as tiras que seguram o vestido, cruzando os meus ombros como se, a qualquer segundo, pudessem cair. Sigo a linha exposta da minha coluna o caminho todo, até as duas covinhas acima da minha bunda, e o pequeno pedaço de tecido vermelho mal abraça as minhas nádegas.

Como é que eu vou usar calcinha com este vestido?

Dee escolhe este exato momento para começar a dar batidinhas na porta do camarim, impaciente.

— Izzzzzy — ela canta. — Izzy, eu sei o que você está fazendo aí. Pare de rebolar, sua anormal, e me deixe ver!

Abro a porta e lhe dou mais um dos olhares bravos do Greg. — Eu vou matar você por causa disso.

Ela ri quando entra no camarim comigo, me olhando de cima a baixo e depois faz o caminho inverso. O sorriso que aparece no rosto dela me assusta pra caralho, porque acho que nunca vi *este* olhar antes. Ela parece tão... *merda*... ela está praticamente transbordando de alegria.

— Eu sabia, eu simplesmente sabia disso. Izzy, você vem escondendo esse corpo há muito tempo. Nunca mais vai fazer isso. Talvez, devêssemos continuar as compras — olha para o relógio — ainda dá tempo. Eu consigo tê-la equipada em poucas horas. Vestidos, saias, calças, blusas... — Ela fala; nem acho que ela está falando comigo. Tenho quase cem por cento de certeza que seus olhos estão encobertos por visões.

— Denise Anne Roberts, acalme-se, agora. Eu disse um traje completo, UM, eu não disse que ia passar o resto da eternidade comprando todo o maldito shopping. Um, Dee, um vestido. Eu já cedi na lingerie. — Sussurro bruscamente para ela.

Ela me dá um olhar magoado antes daquele sorriso assustador voltar.

— Ok, ok... maldita Iz, mais nada de roupas, por enquanto. Mas, um dia, você vai me deixar fazer uma transformação total. Nós ainda precisamos de sapatos, então vamos, aniversariante, fique nua e me deixe pagar esse vestido impressionante enquanto você coloca o jeans surrado e a camiseta masculina horrorosa, novamente.

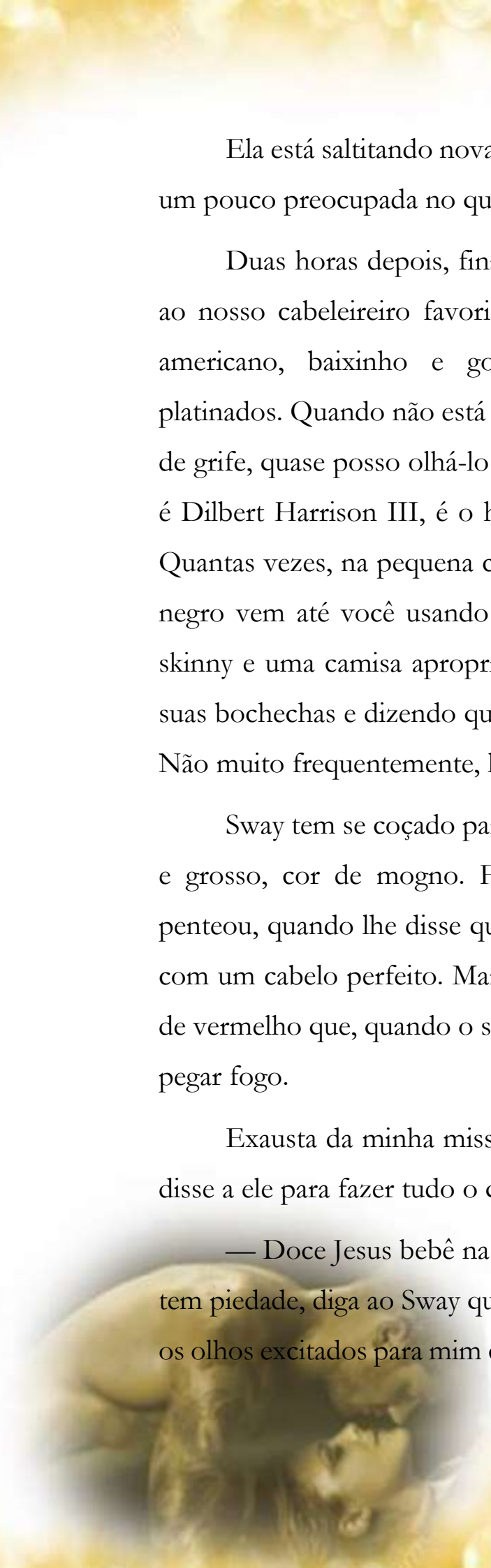
Ela está saltitando novamente e, dane-se, apesar de sorrir, estou um pouco preocupada no que acabei de me meter.

Duas horas depois, finalmente, chegamos ao salão de beleza e ao nosso cabeleireiro favorito no mundo, Sway. Sway é um afro-americano, baixinho e gordinho, com longos cabelos loiros platinados. Quando não está rebolando sobre os sapatos de salto alto de grife, quase posso olhá-lo nos olhos. Sway, cujo nome verdadeiro é Dilbert Harrison III, é o homem mais engraçado que já conheci. Quantas vezes, na pequena cidade da Georgia, um pequeno homem negro vem até você usando um salto de quinze centímetros, jeans skinny e uma camisa apropriadamente decotada, beijando ambas as suas bochechas e dizendo que você parece "maravilhosa, querida"? - Não muito frequentemente, lhe prometo isso.

Sway tem se coçado para colocar as mãos no meu cabelo longo e grosso, cor de mogno. Ficou chocado na primeira vez que o penteou, quando lhe disse que não o pintava. Sempre fui abençoada com um cabelo perfeito. Marrom escuro com tantos tons diferentes de vermelho que, quando o sol bate nele, quase se sente que ele pode pegar fogo.

Exausta da minha missão de compras com a Dee, me sentei e disse a ele para fazer tudo o que queria.

— Doce Jesus bebê na manjedoura... doce criança, oh, Senhor, tem piedade, diga ao Sway que não estou ouvindo coisas? — Ele vira os olhos excitados para mim com um olhar de euforia, exaltação pura.



— Vá em frente, Sway, apenas, por favor, não faça eu me arrepender disso. — Sorrindo para ele através do espelho, me permito relaxar.

A primeira vez que encontrei o Sway foi quando a Dee e eu chegamos na cidade, dois anos atrás. Foi nossa segunda parada após descarregarmos todas as coisas dela e as minhas poucas caixas na nossa nova casa. Dee havia explicado para mim, no caminho, que este era um novo capítulo na nossa vida. A chance de começar do zero e nos tornarmos novas pessoas. Eu sabia do que ela estava desistindo para fugir comigo. Ela tinha uma companhia de seguros muito bem-sucedida em Bakersville, Carolina do Norte. Felizmente, era herdeira de um fundo fiduciário, por isso não foi difícil para ela levantar dinheiro e partir. Deixou seu segundo em comando encarregado dos planos de expansão, onde quer que desembarcássemos. Pegamos tudo o que tínhamos e dirigimos para o sul. A única coisa que eu tinha, graças a Deus, era uma conta que a Dee tinha me ajudado a abrir com o dinheiro que o meu avô tinha me deixado quando faleceu, há cinco anos.

O dinheiro dela tinha comprado a nossa casa, mas o meu assegurava que eu tivesse tempo para me curar antes de precisar fazer quaisquer planos.

O único plano que eu tinha, era me livrar, imediatamente, daquela aparência de esposa recatada que o Brandon havia impresso em mim. Sway estava tentando, mas demorou bastante tempo e,

finalmente, meu cabelo era longo e exuberante novamente, caindo quase até a minha bunda em ondas grossas. Não pareço mais uma dona de casa assustada, graças a Cristo por isso.

Sway estava resmungando sobre as mais novas bolsas que ele conseguiu na loja Coach, os brincos que planejava combinar com cada bolsa nova, e quais sapatos ia usar com elas. Eu juro que esse homem foi vítima de uma grande injustiça quando nasceu com um pau.

— Oh, querida, te contei sobre o novo homem que acabou de comprar o espaço ao lado? Oh, doce amor de todos os Deuses, ele é enorme, querida, apenas enorme. Aposto que é enorme em todos os lugares, entende o que eu quero dizer? — Olha para mim com tanta seriedade que demoro um minuto para seguir o rumo da conversa, de bolsas para o homem.

— O quê? Oh, bem... boa aparência, hein? — Respondo, esperando que esteja acompanhando.

— Menina, você não tem ideia. O que o Sway não faria para chamar a atenção daquele sonho molhado ambulante. Ele tem, no mínimo, um metro e noventa de altura. Enorme, estou falando de músculos sobre músculos. Eu *não* sei como a camisa consegue esticar tanto, tão apertada contra aquele peito sexy e os braços grossos. Me faz querer só cair aos pés dele e orar para que ele fique balançado por mim. Mas, lhe digo isto, de jeito nenhum um homem como aquele balança para o arco-íris. De jeito nenhum. Uma vergonha para o Sway, mas, amiga, tão bonita como você é, esta é uma boa notícia. A

melhor notícia. Vamos deixar uma coisa clara. Você ia amá-lo. Cabelo preto grosso, no qual eu adoraria enfiar as mãos... sim, adoraria. — Cheguei a mencionar que o Sway podia exagerar ligeiramente quando ficava animado?

Estou começando a ficar um pouco preocupada que o Sway tenha um orgasmo pensando neste homem enquanto está segurando uma tesoura sobre a minha cabeça. Isso podia ser ruim.

Sorrio, hesitante, para o Sway e seus olhos sonhadores. — Sway, baby você sabe que eu te amo, mas não tenho nenhum interesse que você corte alguma coisa de mim que não seja apenas cabelo. Nadinha, então tire isso da sua cabeça, agora.

— Oh, menina, um dia desses dias, você vai conhecer um homem e ele vai acertá-la bem na sua bunda! Guarde essas palavras, amada. Acertar você bem nessa bundinha perfeita! — Ele responde com um sorriso travesso.

— Duvido Sway, eu terminei com o sexo masculino. Eu poderia até virar a página e jogar no meu próprio time. — Eu rio e me reclino, me permitindo relaxar agora que o homem que empunhava a tesoura tinha se acalmado.

Dee e eu terminamos com o Sway e os seus asseclas da beleza, por volta das cinco, com tempo suficiente para correr para casa e nos vestirmos antes do Greg nos buscar para jantar.

Estacionando na frente da casa noto um pacote no degrau. Chamando a Dee, desço do carro e pego algumas sacolas, parando

para pegar o pacote e destrancar a porta. Descartando os sacos na minha mão, rapidamente desligo o sistema de segurança e caminho até a cozinha. Dee entra, exatamente quando coloco o pacote no balcão e me viro para pegar uma faca.

— O que é isso? — Ela pergunta.

— Não tenho certeza, está sem remetente, provavelmente um presente de algum cliente pelo meu aniversário. — Respondo, distraída na minha missão de cortar a fita.

Dee vai resolver seus próprios negócios, andando pelo corredor na direção do quarto dela, certamente, para começar a se aprontar.

Corto o resto da fita da embalagem, levanto as abas e começo a remover o papel da embalagem.

Retiro um pedaço de papel dobrado, colocando-o sobre o balcão e removo o que parece ser um quadro. Desembalando-o com cuidado sobre o balcão, engasgo e solto a imagem no chão, quebrando o vidro ao redor dos meus pés.

Dee vem correndo pelo corredor ao ouvir o barulho, tentando descobrir o que me deixou tão assustada. Ela se abaixa e pega o quadro, virando-a para revelar a imagem.

— Aquele filho da puta — diz baixinho. — Que *filho da puta* fodido! — Ela grita.

Através das lágrimas que escorrem dos meus olhos, olho para a fotografia do Brandon e eu. Ele usou algo afiado e rasgou a parte da barriga do meu corpo. Está olhando para mim, através da imagem,

com aquele belo sorriso perfeito no rosto, o braço ao redor da minha cintura, me segurando perto do seu corpo. Eu pareço triste, mas ainda sorrio. Acho que foi tirada no nosso último Natal juntos, em uma das festas da empresa. O braço que não estava atrás das minhas costas, repousava sobre o meu estômago, que ele tinha tão duramente raspado e arrancou da imagem.

Dee pega o papel que eu tinha colocado sobre o balcão. Dando uma olhada rápida, ela o solta novamente, parecendo que ia entrar em combustão a qualquer segundo.

— Bastardo, esse bastardo... vou cortar suas bolas e alimentá-lo com elas, antes de matá-lo com minhas próprias mãos, esse filho da puta. — Começa a olhar ao redor procurando pelo celular, esquecendo, momentaneamente, que tinha deixado o papel onde eu podia vê-lo.

Olho para baixo, e com a sua escrita raivosa, leio "Uma sensação de vazio, hoje? Quantos anos teria o bastardo, este ano? Feliz aniversário, querida esposa."

Surpreendentemente, os soluços não começam imediatamente e fico lá, apenas olhando para o papel por mais algum tempo e, quando aquilo me atinge, acerta duramente.

Retrocedendo alguns passos até minhas costas baterem na parede, eu caio de bunda, dobrando as pernas até o meu peito, envolvendo os braços em torno de mim, protetoramente. Minha testa acerta os joelhos e tudo o que eu tinha, cuidadosamente, armazenado na caixa "não abra" dentro da minha cabeça, chega jorrando. Soluços

gigantes balançam o meu corpo, lutando para respirar entre eles, todo o meu corpo tremendo violentamente com a força da minha dor.

Dee entra correndo na sala, e posso ouvi-la falando no telefone, mas ela está muito além da minha compreensão agora. Seus braços me envolvem e eu a sinto balançando comigo, ainda resmungando ao telefone. As lágrimas não vão parar de cair e o choro está ficando mais alto.

Não tenho a menor ideia de quanto tempo fiquei com a bunda no chão da cozinha, chorando e me embalando. Olho para cima, brevemente, quando sinto braços fortes me envolvendo e segurando embaixo das minhas pernas, me levantando do chão. Outro soluço interrompe a minha respiração quando olho nos olhos azuis do Greg, cheios de pesar. Descansando minha cabeça no seu peito, eu o deixo assumir a liderança. Andando até o sofá, ele se senta e me mantém perto do seu corpo.

Tão agradecida quanto eu sou pela Dee, por tudo o que ela fez por mim em momentos como este, a única coisa que podia me fazer sentir segura, era estar apertada nos braços fortes do Greg.

Se alguém podia entender onde eu estava, dentro da minha cabeça agora, era o Greg.

Parte da razão pela qual a nossa ligação era tão forte era por causa do quanto ele conseguia me entender agora. Cerca de um mês depois que havia conhecido o Greg, ele se sentou e explicou que tinha perdido sua irmã, quando estava no exterior. O marido dela era um canalha de verdade e o Greg sempre imaginou, mas nunca confirmou,

se ele estava batendo nela. Infelizmente, não foi capaz de salvar a sua irmã; ela estava além da sua proteção enquanto ele estava fora, lutando pela liberdade de todos os outros. Quando me conheceu, ele disse que o seu primeiro pensamento foi sobre o quanto eu o fazia lembrar dela. Aquela conversa não foi fácil para ele, mas me ajudou a entender por que tinha aquele olhar tão assassino no dia em que me viu em pé, na calçada da minha antiga casa, espancada, ferida e destroçada. Olhando para trás, agora, entendo porque ele foi capaz de reconhecer o meu medo e, em vez de cair fora, ele o tomou e se transformou na minha tábua de salvação; meu protetor. Ele vem me protegendo, desde então.

— Baby? Eu sei que você está com medo. Iz, marque minhas fodidas palavras, ele não vai tocar em você. Você me ouve? Ele não vai respirar o mesmo ar que você, porra, eu prometo. — Sua voz feroz murmurou nos meus ouvidos. Ele falou sério, não duvido disso. Greg faria qualquer coisa para proteger sua família.

— Eu vou encontrá-lo, tenho um amigo que acabou de se mudar para a cidade, o Reid, ele está entrando na Cage Investigation and Security. Ele tem trabalhado mais como guarda-costas, mas quer se expandir para sistemas de vigilância, instalações e investigações, merda, então, estamos com você, menina. Ele tem feito grandes negócios oeste afora, já há alguns anos. Ex Marine, o filho da puta durão. Vou falar com o Reid, explicar a situação e nos encarregaremos disso. Não quero mais que você pense sobre isso, me entendeu, baby?

Como você discute com isso?

Fácil, você não discute. Não quando se trata do Greg Cage no modo protetor.

— Sim, Greg, entendi.

Com os planos para a noite esmagados por um pacote inesperado, Greg fica comigo e com a Dee, para assistir filmes, comer pipoca e tomar cerveja.

Estou distraída antes do Mike subir ao palco, para a primeira cena. Ouço, vagamente, os resmungos do Greg sobre ver "um fodido filme de strippers, quando os strippers têm pau".



Capítulo 3

A manhã seguinte me cumprimenta, muito parecida com a manhã de ontem. Só que não estou de ressaca por causa do Jack, neste momento. Minha ressaca emocional é muito pior. Minha força parece retirada de mim de uma forma que torna difícil lembrar que não sou mais aquela mulher quebrada e fraca. Tento me lembrar que sobrevivi, que não há mais razão para temer a vida, que estou livre e sou eu mesma. É difícil, Deus, é difícil lembrar do lado positivo da minha vida. Lembro a mim mesma que não quero mais ser aquela mulher, eu sou forte e vou superar isso.

Então, lembro da foto.

Os cortes sobre o meu útero vazio.

E, então, toda essa força se vai pela janela.

Foda-se ser forte, só quero me enrolar em mim mesma e morrer.

Toc, toc…

— Humm, Dee... volte mais tarde, não quero conversar agora. — Choramingo, enfiando a cabeça no travesseiro.

Talvez, se eu tivesse sorte, conseguiria voltar a dormir e ela iria embora.



— Não é a Dee, baby, abra a porta para podermos conversar, sim? — A voz profunda do Greg me acerta, não deixando nenhum espaço para argumentar. Por que ele pede? Sei que ele não vai sair até conversarmos.

Mas, então eu me lembro, foda-se.

— Vá embora, G. Não estou interessada em discutir lições de vida agora. — Minha voz é abafada pelo travesseiro. Ele vai entender meu ponto e se não entender... foda-se.

— Iz, levanta o seu rabo fodido, agora. Te amo, garota, mas não vou ficar sentado aqui enquanto você se autodestrói.

Ele está irritado, mas não tanto quanto eu. Por que eles não podem, simplesmente, me deixar ficar na cama, quem sabe me trazer um pouco mais de Jack, o babaca.

— Vá embora, Greg.

— Então, que Deus me ajude, Izzy, caia fora deste quarto, agora. Banho. Conversar. Tomar café. Isso é tudo que estou pedindo, caralho, que não é muito.

— Não estou interessada em ajudá-lo a brincar de psiquiatra, Greg. Só quero voltar a dormir. — Mais queixas abafadas enchem o ar, deixando-o carregado com palavras sem sentido.

— Maldição, Iz. — Ele resmunga, me levantando da cama, me dando um segundo para soltar a respiração, que nem sabia que estava prendendo. Graças a Deus, ele está indo embora, foi o único pensamento que tive antes dos lençóis serem arrancados e voarem

pelo ar. — Não lide com esta merda assim, Iz. Temos muita merda para discutir, e não tenho tempo para lidar com você deprimida. Eu entendo, baby, entendo onde você está agora, mas precisa acordar e precisa ser agora, você tem pessoas preocupadas com você. Eu e a Dee não vamos deixar você ficar sentada aqui, se afundando em si mesma novamente, de jeito nenhum. — Ele vocifera cada palavra enquanto me joga por cima do ombro e entra no banheiro.

— GREG — eu grito. — Me coloque no chão, agora!

— Não vai acontecer. — Foi a única resposta que tive antes dele me enfiar sob o chuveiro, abrir a água e fechar a cortina na frente do meu rosto atordoado, frio e molhado.

— Eu vou chutar o seu traseiro, Greg Cage, chutá-lo com força, caralho. — Grito para ele.

Juro que ouço a sua risada enquanto ele sai do banheiro.

Fico no chuveiro até a água ficar fria, temendo deixar a solidão do meu banheiro. Ao sair, seco e escovo o cabelo e os dentes, e visto o meu robe. Inspiro profundamente e abro a porta.

Lá está ele, o enorme babaca, sentado na minha cama com os cotovelos apoiados nos joelhos. Está olhando diretamente para mim, tentando parecer sério enquanto reprime o riso.

Babaca.

— Tudo bem, você me queria fora da cama — falo, abrindo os braços — aqui estou eu, o que é tão importante, hein?

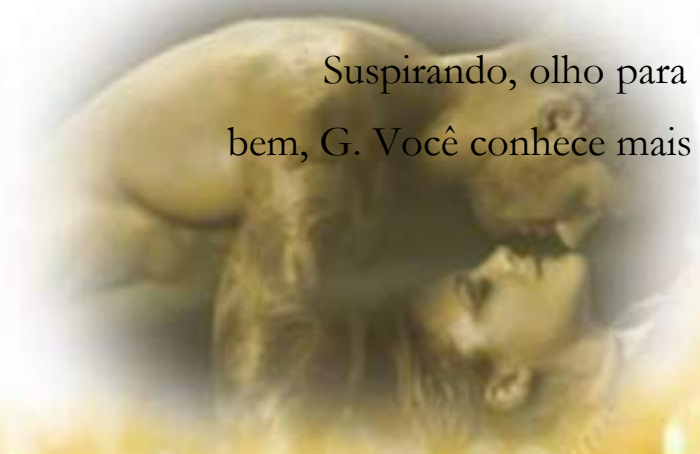
Ele sorri para mim, deixando algumas risadas ásperas saírem. — Tente ser um pé no saco outro dia, Izzy. Estou cansado pra caralho. Fui conversar com o Reid, quando saí daqui, ontem à noite. Lhe falei um pouco sobre a situação, não tudo. Ele sabe que há um marido que não quer se tornar um ex, e não vai ficar quieto sobre o assunto. Ele não sabe o significado por trás da imagem, mas ficou preocupado o bastante para não me questionar muito na noite passada. Eu quero que você seja honesta com ele, é importante para ele poder fazer o seu trabalho, Iz. Ele não sabe muita coisa sobre essa merda toda, exceto pela bagunça atual, e o pouco que precisava saber sobre o seu casamento para entender a ameaça. Ele está ocupado com outras merdas pelas próximas duas semanas, mas eu lhe disse que ia manter os olhos abertos até que pudéssemos colocar um plano de ação em jogo. Você vai se encontrar com o Reid, explicar a situação toda, tudo, e eu quero dizer tudo mesmo, e então lidaremos com isso. Entendeu?

Demoro um segundo para processar o que o Greg disse, é demais e sei que ele quer ajudar, mas não quero outra pessoa envolvida.

— Greg — começo — eu realmente me sentiria muito melhor se fosse só você lidando com isso. Eu não conheço esse cara, e...

— Não é negociável, Iz. Eu sou bom, mas não tão bom quanto o Reid.

Suspirando, olho para o Greg derrotada, e respondo: — Tudo bem, G. Você conhece mais do que eu.



— É isso mesmo, menina. Não se preocupe, o Reid é o que você precisa. Entre ele e os meninos, entre todos nós, não há nenhuma maneira possível daquele fodido do caralho colocar as mãos sobre você, entendeu?

— Sim, G. Entendi.

Greg saiu há pouco tempo, me deixando com uma Dee preocupada. Uma Dee preocupada planejando outra missão, a missão "esquecer o mundo". Não tenho certeza se consigo lidar com mais uma dessas. O seu mais novo plano continua com a semana de aniversário. Já que os planos de ontem falharam, ela liga para o Greg para que ele fique ciente do plano, bebidas e dança na boate Carnal.

Fabuloso.

Exatamente o que eu queria.

O meu estado de espírito derrotado permanece durante todo o dia e, simplesmente, não tenho força para lutar com a Dee sobre este assunto. Consigo lidar com uma noite fora com a Dee e o Greg, com bebidas e música alta para abafar a dor.

Passo o dia vegetando no sofá e, simplesmente, odiando a vida em geral. Por que não podiam me deixar em paz? O divórcio estava se arrastando por seis longos meses. Eu não queria nada, as casas, os carros ou o dinheiro. Nada que me amarrasse ao Brandon. Estava começando a pensar que nunca ia me livrar dele.

A Dee se juntou a mim na hora do almoço, e não disse nada sobre o dia anterior, mas posso afirmar que queria falar. Estava apenas trabalhando uma maneira em sua cabeça; tentando descobrir a melhor maneira de abordar o assunto. Sem dúvida, ouviu tudo o que Greg tinha dito, também. Ela sabia que eu ia rastejar para dentro de mim mesma e começar a voltar para aquele lugar escuro; de maneira nenhuma, diabos, ela ia deixar que isso acontecesse.

Estava sentada na minha cama dobrando roupa e evitando o mundo quando ela entrou.

— Ei, tem um segundo? — Ela perguntou, sem a alegria que normalmente tinha.

— Se você quer colocar a merda para fora, não acho que estou pronta para isso hoje, Dee. Eu te amo, mas simplesmente não sei o que você quer ouvir. — Respondo, colocando a roupa de lado e providenciando um lugar para ela sentar.

— Eu só quero saber como está a sua cabeça; me certificar que você está bem.

— Eu não sei, realmente não sei, Dee. Sinto que não há nada que eu possa fazer neste momento. Ele sabe onde estamos, mesmo que eu tivesse esperança que pudéssemos ficar invisíveis para ele. Foi estúpido da minha parte, até mesmo, nutrir esse pensamento. Eu sabia que ele ia nos alcançar, mas, honestamente, pensei que ele não se importaria. Por quê? Fico me perguntando por que ele ainda *quer*

jogar este jogo? — Engulo as lágrimas. Não posso ir para lá, de novo não.

— Baby, nós nunca vamos saber o que passa pela cabeça daquele bastardo doente. Eu acho que isso tudo é sobre deixar você saber que ele pode, se quiser. Ele sabe que você está aqui, sabe que você quer o divórcio e, certamente, sabe que você não é mais aquela garota que ele controlava tão facilmente. Iz, não sei qual é o plano dele, mas realmente acho que você precisa falar com o amigo do Greg. Estaria mentindo para você se dissesse que não tenho nenhum medo que ele possa tentar alguma coisa.

Eu sei que ela está certa. Inferno, convivi com o demônio por seis anos e sei, mais do que ninguém, do que Brandon Hunter é capaz.

— Eu sei, e eu vou falar. É que é muito difícil, você entende, certo? — Ela acena com a cabeça, compaixão iluminando seus olhos.

— Eu entendo, de verdade entendo, mas quando se trata da sua segurança, da sua vida... bem, não vou correr nenhum risco Iz. Nós chegamos tão longe, VOCÊ chegou tão longe, simplesmente não parece certo que o destino o jogue de volta em sua vida.

Novamente, o destino é uma cadela. Tinha que explicar o quanto ele me odeia para a Dee, mas ela não ia entender, não com o seu otimismo esperançoso.

— Eu vou falar com ele, Reid, acho que esse é o nome dele, pelo que o Greg falou. Duas semanas, tenho duas semanas para me preparar para abrir essas feridas novamente. Deus, Dee. Não quero ir

até lá novamente, me lembrar de tudo, e o Greg disse que eu tenho que contar tudo. Você não acha que ele quis dizer *tudo*, acha? Certamente, qualquer coisa antes do Brandon não é importante, não é? — Acho que é o pânico na minha voz, certamente não, mas posso dizer pelos olhos lacrimejantes da Dee que certamente é importante.

— Izzy, baby, aquela foto. Acho que tudo que aconteceu antes do Brandon é importante. Ele sabe o que a data de ontem é para você, o que significa que não vai parar de tentar expor sua ferida; na verdade, é melhor você contar tudo para esse cara. O Greg e eu vamos estar lá, não vamos deixar você passar por isso sozinha. Nunca mais.

Olho dentro dos enormes olhos castanhos da Dee e sei que ela está preparada para lutar ao meu lado, e a amo por isso. Talvez, não fosse certo depender tanto da força dela, mas, por mais que eu tente, simplesmente, não consigo encontrar outra maneira.

— Tudo bem, Dee. Juntos, quando o Greg marcar alguma coisa, podemos ir falar com esse cara; descobrir o que fazer a seguir.

Com um pequeno sorriso, os olhos lacrimejantes e o alívio escondido em suas profundezas, ela me dá um abraço e se levanta. Com um pequeno aplauso, ela levanta, oficialmente aliviada, e decide que o pior já foi feito hoje.

— Bem, agora que já tivemos nossa conversa, vamos nos preparar. Greg vai voltar depois de pegar algumas coisas para a noite no apartamento dele, dar uma passada no escritório e deixar todos saberem o que está acontecendo, todas essas coisas. Isso deve nos dar bastante tempo para começar a nossa preparação para hoje à noite.

— Ela fala com um sorriso enorme, sim, a minha Dee, a rainha da alegria e da felicidade está de volta.

Com um gemido eu a deixo me puxar para fora da cama e me empurrar para o chuveiro.

Já tinha sido cuidadosamente depilada, desbastada, raspada e molestada com produtos de beleza no momento em que ouvi a batida do Greg na porta. Bem a tempo de se sentar e apreciar o show de horrores.

Estava sentada no chão da sala de estar, pintando as unhas dos pés e a Dee estava sentada no sofá terminando as unhas das mãos quando gritei para ele entrar. Ouvi a porta ser aberta e o barulho dos passos pesados no corredor e, quando olho para cima, me deparo com a carranca feroz pela qual é famoso.

— Que caralho? O que, diabos, eu falei para as duas sobre deixar qualquer um entrar na porra dessa casa? — Ele rosna, sim, rosna para nós. Se fosse outro alguém que não o Greg, estaria sentada no meu próprio mijo, agora.

— Ah, vamos G, nós sabíamos que era você.

— Sério? Então, você pode ver através da porra da madeira e do aço, agora? Não sabia que você tinha arranjado superpoderes do caralho. Me avise na próxima vez que for usar seu raio de longo alcance, para economizar energia.

Ops, acho que não percebi que o grande lado protetor e malvado do Greg tinha tomado a frente.

— Iz, baby, não instalei esse sistema de alarme sofisticado para você nunca o usar quando está em casa, além de deixar a porta destrancada e, basicamente, convidar qualquer um para entrar. Será que, realmente, preciso lembrá-la dos perigos que existem lá fora?

Se ele estava tentando ir pelo caminho suave e fofo, se perdeu há um quilômetro atrás. Imediatamente, abaixei a cabeça, meu olhar indo para o chão.

— Desculpe — murmuro.

— Não faça essa merda, Izzy. Tire isso da sua linda cabecinha. Só me prometa que vai começar a trancar a porta, usar o alarme e, merda, verificar quem está na maldita porta antes de convidar alguém para entrar, ok?

— Entendi; alarme, trancar e checar. — Pego todos os meus produtos para fazer as unhas e vou para o meu quarto. Ainda tenho algum tempo para começar a me aprontar, pois só vamos sair mais tarde, então deixo a Dee se virar para manter o urso feliz. — Vou tirar um cochilo antes de sair, me acorde depois, Dee. — Falo do corredor, enquanto entro no meu quarto. Tranco a porta e tiro a roupa antes de deitar na cama.

Demoro algum tempo para finalmente cair no sono, mas uma vez que consigo, ele é tudo menos repousante. Pesadelos com o Brandon e sonhos de um futuro perdido invadem meu sono. Quando

a Dee bate na minha porta, por volta das 08:00, perguntando se quero comer alguma coisa, leva um segundo para lembrar de onde eu estou e o que estamos fazendo.

— Sim, deixe eu vestir alguma roupa e já vou. — Grito através da porta, ainda sacudindo os sonhos para fora da minha mente. Levanto da cama, coloco meu robe e saio para encontrar a Dee e o Greg.

— Pizza, sente... coma. — Greg diz com a boca cheia de pizza.

— Elegantíssimo Greg, me pergunto por que você ainda está solteiro. — Sorrio para ele.

Ele me encara com um olhar duro e zombeteiro, que me faz rir ainda mais.

Comemos em um silêncio confortável, apenas apreciando a companhia uns dos outros. Quando chega a hora de nos vestirmos, fazer a maquiagem e o cabelo, deixamos o Greg na frente da TV em alguma merda de canal de esportes para mantê-lo feliz.

Dee e eu passamos cerca de duas horas aperfeiçoando nossos cabelos e rostos. Seu cabelo castanho, na altura do ombro, está cacheado e perfeitamente no lugar; saltitante como sempre. Ela cacheou o meu cabelo comprido e o prendeu ao couro cabeludo de um lado, deixando-o cair pela parte da frente do meu corpo, mantendo, efetivamente, minhas costas totalmente expostas. Tenho que admitir, ela pode ter errado sua vocação. A maquiagem dela é semelhante à minha, carregada e digna de uma boate. Ela pintou meus

enormes olhos verdes com uma maquiagem pesada, sombreando minhas pálpebras com uma combinação impressionante de prata, preto, cinza e branco; meu rubor era perfeito, mas os meus lábios eram o foco. Com um batom vermelho exuberante e audacioso.

Pegando o meu vestido novo, vou para o meu quarto para colocar aquela peça de tortura. Posso ter concordado que ela estava certa, e eu parecia maravilhosa, mas isso não significava que eu tinha que aproveitar para mostrar, basicamente, cada centímetro de pele. Ir devagar seria bom, não correr para fazer aquilo.

Fico na frente do espelho do armário o máximo que posso, apenas, absorvendo aquilo tudo. O vestido vermelho justo, o cabelo perfeito e a maquiagem impecável.

Se não fosse eu, diria que essa garota era impressionante. Mas sou eu e, no momento, estou reconhecendo cada falha. Os seios parecem muito grandes e, mesmo com a minha pouca altura, pareço ter pernas muito longas, muitas costas, saltos muito altos... podia continuar com isso por horas, mas felizmente para a Dee, ela escolheu esse momento para entrar.

Ela está impressionante. Tudo o que o meu vestido expõe e não cobre, o dela faz. Ela está com um pretinho básico e o comprimento do vestido dela alcança o mesmo lugar do meu... ao nível da vagina. Ou, pelo menos, seria no nível da vagina se não tivesse que se inclinar, sentar ou inspirar profundamente. Justo, abraça suas curvas e faz a bunda dela parecer fantástica. Eu sempre tive inveja das curvas daquela menina. Ela é magra, com tudo exatamente onde deve estar.

Uma bunda fantástica e um quadril arredondado. Diferente do meu vestido, que não tem costas, o dela está perigosamente perto de mostrar os mamilos. A parte de cima é dividida ao meio, criando um decote impressionante.

— Puta merda, Dee... se você fizer um movimento errado seus peitos vão voar para fora. — Olhando boquiaberta para ela, tenho certeza que pareço ridícula.

— Muito engraçado, Izzy. Fita, querida. Eu tenho essas tetas tão grudadas que nada vai fazer com que elas saiam do lugar. — Ela levanta os braços e dá umas giradas estranhas, balançando. Não sei dizer se ela está dançando ou tentando voar, mas, fiéis às suas palavras, os peitos dela ficam no lugar.

Seja como for, havia questões mais importantes, aqui. Como, diabos, vou conseguir andar sobre um salto de quinze centímetros? Eu sou uma garota de sapatilhas e rasteirinhas. Não uso saltos como esses, nunca. Quando era casada com o Brandon ele queria que ficasse pequena, saltos não eram autorizados porque me fariam ficar perigosamente próxima da sua altura.

— Existe alguma possibilidade de usar uma sandália minha, Dee? Juro que vou acabar quebrando o pescoço, hoje à noite, nesta coisa. Como você consegue andar com os seus?

— Está tudo na sua cabeça, querida E não. Você não vai estragar o vestido com *sapatilhas*. — Ela, praticamente, cospe as palavras.



Murmurando baixinho sobre os benefícios de ter seguro de saúde para quando cair e quebrar alguma coisa importante, pego os sapatos assustadores e sigo a Dee, cruzando a porta e caminhando através do corredor, até a sala de estar.

Greg caminha até nós com um sorriso no rosto, fazendo de si mesmo um modelo de elegância. Ele está usando uma calça escura e uma camisa azul, com as mangas dobradas, expondo os braços fortes.

— Estão maravilhosas, senhoritas. — Ele diz, colocando um braço musculoso sobre o meu ombro e parando no meio do caminho para a cozinha. Levei um segundo para perceber que ele tinha parado de andar, então paro poucos passos à frente dele. Ouço sua respiração profunda e me viro. Seu rosto perdeu o sorriso e um olhar ameaçador assumiu.

— Iz, onde diabos está o seu vestido?

— Você está olhando para ele, G, ou para a falta dele. É um trabalho da Dee; você sabe como ela é. Está é a última vez que lhe dou livre acesso sobre a minha roupa, maldição, com toda certeza. — Respondo com exasperação clara na voz.

Ele está olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças e começado a falar em outra língua. Rapidamente, olho para baixo, para me certificar de que todas as partes ainda estão nos seus devidos lugares. Olhando para cima, novamente, encontro o olhar do Greg ainda irritado e, confusa, pergunto: — O quê?

— O quê? Puta que pariu. Como, supostamente, vou protegê-la quando você está andando nua por aí? — Ele vocifera.

— Sério, não está tão ruim, eu acho. Além disso, a Dee está tão feliz; são apenas algumas horas vestindo essa coisa. Está tudo bem, na verdade, contanto que eu não me curve. — Tento fazer piada, mas posso afirmar que ele ainda não está entusiasmado com o vestido, ou a falta dele. O que posso falar; quando decidiu me adotar como sua irmã mais nova, colocou tudo para fora. Não tenho tempo para essa coisa de irmão mais velho, neste momento, tanto quanto aprecio isso; ele está me atrasando de conseguir meu álcool e minha passagem para a cidade do esquecimento. Consegui evitar que as garras do meu passado se enraizassem durante todo o dia; não vou deixá-las assumir agora.

Me virando, continuo a caminhar até a cozinha, onde a Dee está me dando um olhar de sabedoria. Pegando a dose de bebida que ela tinha acabado de servir, a tomo de uma vez só e estendo o braço para uma recarga. Ela ri, servindo mais uma, então se vira para abordar o Greg.

— Bom, garotão, está pronto para se divertir?

— Sim. — Resmunga o Greg entre resmungos e murmúrios... parece que alguém não está muito feliz com a minha falta de consideração com a sua preocupação de irmão mais velho.

— Os seus amigos ainda vão nos encontrar aqui? — Ela pergunta, enviando um olhar para mim, para ver se peguei a mudança de assunto.

— Que amigos? — Olho para ambos.

— Meus amigos, não se preocupe com isso. — Ele responde, o tom ainda mais azedo e os olhos me encarando diretamente.

A Dee parece ainda mais confusa, sem entender por que ele está tão fora de si por conta da roupa.

— Sério, G, você precisa foder uma garota. — Sorrio para ele, tentando melhorar seu humor.

Ele olha fixamente para mim. — Você está brincando comigo, Iz? Vocês duas estão praticamente nuas, porra, e espera que eu esteja bem com isso? — Apontando para a Dee ele diz: — Pelo menos uma de vocês decidiu usar alguma roupa.

Olho de volta para a Dee com seu vestido preto curto e os seios ainda desafiando as leis da gravidade e não entendo como ele acha que ela está menos nua do que eu. Olho de volta para o Greg e decido que ser direta é um método melhor, ao invés de ficar em silêncio e fumegando por dentro.

Seja como for, não tenho paciência para esta merda. Não hoje à noite.

— Supere isso, Greg, sério. Não preciso de um maldito pai esta noite. Você sabe o que eu preciso, meus melhores amigos, álcool e bons momentos. Não quero aguentar você sendo um maldito bastardo porque tem alguma preocupação equivocada que alguém possa me achar atraente. Eu não me importo, e não tenho tempo para a sua merda.

Me viro para o balcão, arranco a garrafa de tequila da mão da Dee e tomo um longo gole, no gargalo mesmo, desfrutando a queimação que desce pela minha garganta. Olho para cima e observo os dois olhando para mim, com simpatia mascarada. Eles sabem o quão difícil este fim de semana vai ser, especialmente, agora, com a merda que foi adicionada pelo Brandon. Tenho certeza que a preocupação deles é de coração, mas não quero nenhuma parte dela. Acima de qualquer outra coisa, Brandon, efetivamente, me ajudou a lembrar do momento mais difícil que já passei, jogando-o na minha cara, ontem. Literalmente. Meu aniversário, também conhecido como o dia em que perdi o último pedaço de amor que já tinha conhecido.

— Então, Greg — Dee começa tentando tirar nossas mentes daquela merda pesada — quem vai nos encontrar lá?

— Meus amigos, da época dos Marines. — Ele fala, mantendo os olhos alinhados com os meus.

Faço uma pausa por um momento, baixando a garrafa, depois de todo aquele tempo, ainda sem conseguir evitar o tremor que atravessa o meu corpo com a menção dos Marines.

Deus, eu sinto falta dele.

Greg está me observando atentamente. Ele conhece o meu passado, então sabe o que aquela pequena palavra faz comigo. Nós não falamos muito sobre isso, mas ele sabe o suficiente. Acho que ele tem sérios problemas em falar sobre aqueles dias. Ele nunca nos disse por que foi dispensado. Sei que ele foi ferido, só não sei como. Acho que ele vai contar quando estiver pronto.

Olho para a Dee, que me lança um olhar compreensivo e muda rapidamente de assunto. Nós jogamos conversa fora por cerca de uma hora, antes de pegar nossas coisas e ir para a caminhonete do Greg. Dee e eu já sentimos um zumbido agradável na cabeça.

Ficamos, todos, muito silenciosos durante o trajeto de trinta minutos de Atlanta até a Boate Carnal. Viver fora da cidade tem suas vantagens, às vezes. Tinha esquecido o quanto sinto a falta da Geórgia, tendo crescido há uma hora de distância de onde tínhamos nos estabelecido, em Hope Town. Ainda lembro de estar sentada na parada de descanso e da Dee pegando um mapa do estado, olhando para mim com um enorme sorriso e me dizendo para escolher, então o fiz. Hope Town era perfeita, tudo que esperávamos que fosse, para duas amigas terem um recomeço.

Não tinha voltado para casa, em Dale, desde que parti, aos dezessete anos, devido às lembranças que não estava pronta para reviver. A maioria dessas lembranças são boas. Meus pais e a nossa vida antes que eles fossem tirados de mim muito cedo, deixando para trás uma adolescente assustada e com o coração partido. Quando parti, na época, não tinha me preocupado com o que estava deixando para trás. Agora que meus pais tinham ido embora, não havia mais nada lá. *Ele* já tinha partido, também, então qual era a vantagem, agora?

Sacudindo a cabeça, rapidamente empurro as memórias dolorosas de volta, dentro da caixa na minha mente, que eu tinha marcado com "porra, não vá para lá". Tenho trabalhado duro para

vencer o passado e, aos trinta anos de idade, finalmente, sinto que estou "mais saudável" do que já estive. Não sinto medo diariamente. Estou cercada de pessoas positivas e, normalmente, felizes; a negatividade não possui mais um lugar na minha alma. A dor ainda está lá, só que não tão acentuada como antes. Estou feliz ou, pelo menos, estou no caminho para chegar até lá.

Vejo a rua da Carnal à frente e a fila já está do lado de fora da porta, na calçada. Bem, Iz, pensei, hora de encarar o jogo e aproveitar a noite.



Capítulo 4

Club Carnal está localizada bem no centro de Atlanta, em um antigo armazém reformado. Tem sido a boate na qual sempre vamos, desde que foi inaugurada, há quatro anos, e Dee e eu já viemos aqui uma ou duas vezes desde que nos mudamos para a cidade. É uma boate clássica, elegante, com manobristas parados no meio-fio e uma fila que nunca tem menos que uma centena de pessoas.

Outra vantagem de vir com o Greg, é que ele conhece as pessoas, todo mundo, parece. Ele estaciona ao lado do meio-fio e joga as chaves para o rapaz com uniforme de manobrista. Depois de ajudar a Dee e eu a sair do carro, ele caminha até o guarda enorme e corpulento parado na porta e aperta a mão dele. Eles dão aquele estranho abraço, típico dos homens, e trocam algumas palavras, olhando para trás, para a Dee e eu. O segurança acena com a cabeça e nos deixa entrar. Juro que o Greg consegue qualquer coisa que quiser.

À medida que caminhamos pelo corredor escuro que leva ao salão principal, posso sentir a música pulsando através do ar; a iluminação é difusa, mas clara o suficiente para ver o mar de corpos dançando com a batida. Ignoro tudo isso e vou direto para o bar. Leva um minuto para a Dee e o Greg perceberem que não estou ao lado deles, na minha missão de me tornar uma mulher completamente

embriagada. Quando for embora, planejo estar quase apagada, tropeçando de tão bêbada.

Sinalizando para o bartender, peço três doses de tequila, digo para ele manter os copos cheios e, apontando para o Greg, falo: — Ele está pagando.

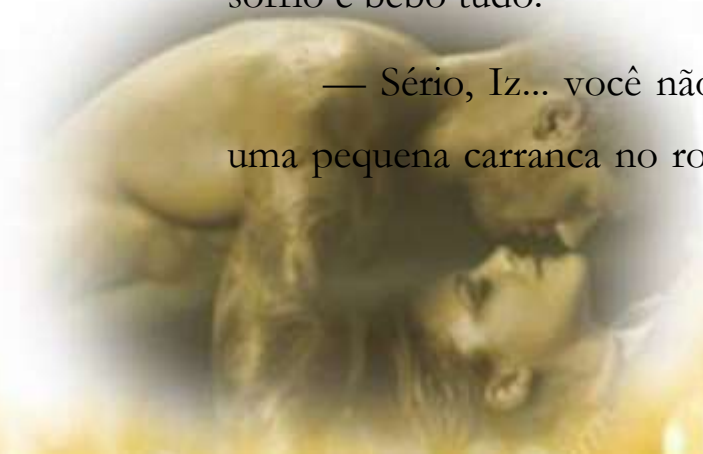
Greg balança a cabeça, mas puxa a carteira e dá o seu cartão de crédito para o bartender registrar a comanda.

— À essa noite, cadelas. — Falo, esvaziando rapidamente todos os três copos.

Ficamos cerca de uma hora no bar, apenas sentindo a atmosfera e a vibração geral do lugar. Bem, a Dee e o Greg podiam estar absorvendo tudo, mas eu estava muito ocupada em continuar bebendo. A Dee está acompanhando o meu ritmo, mas não está na mesma missão que eu. O objetivo dela é se divertir e o meu é me tornar insensível.

Tinha acabado de roubar o segundo uísque com Coca que o bartender tinha servido, antes que ela pudesse pegá-lo. Olho para ela, sorrio e bebo tudo.

— Sério, Iz... você não vai, nem mesmo, dividir? — Ela tem uma pequena carranca no rosto. Ela sabe o que eu estou fazendo e



não está feliz com isso, mas sendo a amiga que é, sei que ela vai ficar ao meu lado e me segurar quando eu cair.

Tinha acabado de pedir uma rodada de Tight Snatches - um drinque feito com vodca, licor de pêssego, suco de laranja e cranberry - quando sinto os olhos deles em mim. No início, pensei que estavam, apenas, reagindo à minha decisão de ficar bêbada, mas quando olhei mais atentamente, vi a preocupação e a incerteza sobre como proceder.

Levanto meu drinque e anuncio: — Ok, à festa do caralho! Só se fez faz trinta anos, uma vez, uhuuu! — Estou gritando, por que estou gritando de novo? Gargalhando, olho para o Greg, que olha para mim enquanto exibe uma expressão estoica no rosto, balançando a cabeça e aceitando que sua amiga está bem e, verdadeiramente, bêbada. Posso ver seu lábio se contrair, se esforçando para continuar a ser o guarda-costas intocável.

Para o inferno com tudo isso.

Rindo ainda mais, pego as mãos deles e os arrasto para o meio da pista de dança. Tardiamente, percebo quão mais fácil é caminhar sobre essas varas quando você não consegue sentir suas pernas. Lição número um para usar roupas ousadas, esteja bêbada. Pode tornar o ato de dançar um desafio, mas eu não estava dando a mínima e isso era maravilhoso.

A música muda para a batida familiar de "Can't Hold Us" do Macklemore & Ryan Lewis. Enche os meus ouvidos e sacode todos os meus ossos. Jogando os braços para cima, me viro e olho para o

Greg, que ainda está se esforçando para não rir. Deixo a música tomar conta do meu corpo, invadir meus pensamentos e penetrar a minha alma com o ritmo pulsante. Posso sentir o Greg atrás de mim, agora imóvel, nada de diferente nisso. Dee está se movendo para a direita junto comigo, encantada com a música assim como eu. Ela olha para mim com um sorriso. Eu retribuo com o primeiro sorriso verdadeiro que sinto, desde o começo do dia. Ela sabe como se mover, nós costumávamos frequentar casas noturnas durante a faculdade... antes do Brandon. Com uma piscadela para ela, como uma dica das minhas intenções, me viro e envolvo os braços em torno do pescoço do Greg. Mesmo com os saltos altos, tenho que ficar na ponta dos pés, apenas para alcançá-lo. Sorrindo, começo a me mover contra a sua figura alta, o que não é uma tarefa fácil. Suas mãos, finalmente, agarram meus quadris e apertam. Dee, sorrateiramente, se move até as costas dele, me dá um sorriso e começamos a nos esfregar contra ele, juntas. Consigo sentir o burburinho da sua voz contra o meu peito quando ele sussurra no meu ouvido: — Você tem sorte que eu te amo, menina. — Sorrio para ele percebendo que o rosto inexpressivo, finalmente, está sorrindo. Ele odeia dançar, mas Dee e eu fazemos disso uma missão, nas raras ocasiões em que saímos, para torturá-lo tanto quanto possível. Ele sabia que isso ia acontecer; não significava que tinha que gostar. Ele aceitava aquilo porque não se atrevia a sair do nosso lado. Ele sabia em que tipo de problemas poderíamos entrar.

Quando a música termina me dirijo ao bar, mais uma vez, com a desculpa de me reidratar. Talvez seja esse o caso para eles, mas para

mim é tudo sobre repor o álcool que queimei na pista de dança. Posso sentir o zumbido falhar e não podemos admitir isso.

Nós já estamos na Carnal há algumas horas. Na última vez que fiz uma tentativa de olhar a hora, os ponteiros do relógio começaram a dançar. Pergunto ao Greg, que diz que é um pouco mais de 1:30 da manhã; claro que podemos continuar com isso.

Dee e eu estamos nos revezando em pedir as bebidas com os nomes mais ultrajantes que podemos pensar; com a ajuda dos nossos celulares e do Google, é claro.

— Traga dois Golden Shower[1], bartender! — Grito em frente ao bar. Quando levaram minha última bebida? Qual foi? Um Blow Job[2], eu acho. Sim, foi isso. Nós passamos uns bons quinze minutos rindo, depois de fazer o Greg tomar um. No momento, está nos lançando um olhar de extremo desagrado. Ele pode agir como louco quando quer, mas gritar para o Greg cair de boca no "Blow Job" foi hilário. Basta perguntar aos clientes à nossa volta, eles certamente riram alto o suficiente.

Mesmo em momentos como este, nos quais você sabe que ele podia estar fazendo algo melhor com o seu tempo, ele nem sonha em

[1] Ato de urinar sobre outra pessoa como gratificação sexual;
[2] Boquete

estar em qualquer outro lugar. Tem sido uma presença constante na minha vida desde aquele dia em que apareceu com a Dee. O irmão mais velho que eu nunca tive, sempre estando lá quando eu mais precisei. Posso afirmar, pelo modo com o qual continua olhando ao redor da multidão, que ele voltou para o modo protetor; é quase como se pensasse, constantemente, que *algo* está lá fora para pegá-lo. Ou a mim. Estremeço. O Brandon nunca fica longe dos meus pensamentos, especialmente depois daquele embrulho. Posso ver quando o Greg olha para mim, com medo que eu possa quebrar a qualquer momento, que os pensamentos dele são iguais aos meus.

A voz arrastada da Dee interrompe os meus pensamentos com um guincho agudo. — Ei, cadela, bebida! Descobri um daqueles drinques de molhar as calcinhas, não... era molhar a boceta! Caralho! — Ela cospe a palavra para fora com tanta frustração que quase cai da banqueta. Ela olha para mim e posso vê-la tentando decidir se está mais confusa sobre o nome correto da bebida ou como ela chegou à boate, para começar.

— Isso não está certo, Dee! Greg! Greg, diga o nome certo! Você entende de bocetas Greg, certo? — Sorrio para ele, inclinando a cabeça para o lado, me perguntando por que o seu rosto está balançando.

— Vocês duas estão me deixando louco, porra. Só porque eu como bocetas, não significa que sou obrigado a saber sobre estas merdas. Eu como bocetas, e quando for fazer isso, vou me assegurar, porra, que não vou fazer em um copo. Pelo caralho da minha

sanidade, tome um pouco de água da próxima vez. E foda-se o nome certo da bebida. — Balança a cabeça para nós duas. — Se vocês duas pedirem mais uma bebida com a porra de um nome desse, nós vamos embora, entenderam?

Bem. Ele acha que comanda esse show, não é?

Olho para a Dee que está se esforçando para não dar uma risada, e chamo o bartender. Mais uma vez.

— Qual é o próximo, minhas belezas? — Vem a pergunta perfeita.

— Bem, já que boceta está fora da lista, nos surpreenda. Talvez um Slow Confortable Screw[3] ou um Screaming Osgarm[4]. O bartender escolhe. — Ouço o palavrão irritado do Greg sobre o barulho que nos rodeia.

Ainda estou rindo quando a Dee grita que a nossa música está tocando. — Vamos, Iz, é a nossa música, levante, vamos agitar.

— Cada música do caralho é a sua música, Dee. — Greg retruca.

Rindo, giro sobre os saltos e dou de cara em uma parede de tijolos. *Porra, isso doeu.*

Levanto as mãos e tento me orientar ao meu redor. Me concentro ou, pelo menos, tento. Espere um minuto, desde quando

[3] Um pouco de sexo tranquilo e reconfortante;
[4] Um orgasmo arrebatador.

paredes de tijolos têm batimentos cardíacos? De maneira nenhuma isso é normal. Que tipo de boate é esta?

Aperto as mãos contra a parede, humm, uma parede aquecida. Parece agradável, mas é uma espécie de ponto de vista de balada, se você me perguntar. Dou um pequeno passo para trás e tento me concentrar da melhor maneira que posso. Olho para cima e para cima e para cima, um pouco mais e, finalmente, meus olhos encaram dois lindos olhos castanhos. *Desde quando paredes têm olhos?*

— Olá, doçura — diz a parede.

— Hein? — Estou confusa pra caralho.

— Beck, o que está rolando, irmão? — Greg diz, atrás de mim. Agarrando meus quadris, me puxa para o seu lado, e lança o braço familiar sobre o meu ombro. — Vejo que você conheceu a minha menina, Iz. Izzy este é o Beck, um dos caras sobre os quais te falei.

Posso sentir o sorriso em suas palavras. Greg já havia falado sobre os seus "meninos" muitas vezes; sei que ele pensa neste grupo como muito mais do que apenas amigos. Afinal, quando você luta lado a lado com eles durante tantos anos, confiando neles com a própria vida, acabam sendo muito mais do que apenas pessoas para você. Uma irmandade com uma ligação tão forte que é intocável. Eu sei que ele está nas alturas por, finalmente, apresentar estes homens para a Dee e para mim.

Saio da névoa da parede tempo suficiente para olhar para cima, para o Beck. Ele, realmente, é um gigante lindo. Tem, pelo menos,

um metro e oitenta, próximo da altura e da constituição do Greg. Tem feições fortes. Um nariz que parece que foi quebrado uma ou dez vezes, os olhos castanhos da cor do chocolate brilham com humor, com linhas de riso profundas nos cantos. Ele é, obviamente, um homem que sorri com frequência. Seu cabelo castanho está precisando de um corte, mas lhe cai muito bem. Realmente, muito bem.

— John Beckett. Ouvi muito sobre você, mocinha, e é bom finalmente conhecê-la. — Ele está estendendo a mão enorme para eu apertar. É uma sensação estranha apertar as mãos após, basicamente, me esborrachar sobre o seu corpo. Desajeitada.

— Iz ... huum, Izzy West. — Eu desembucho.

Dee devia ter acabado de notar nosso visitante, porque ouço bem no meu ouvido: — Quem é o pedaço quente de sexo?

Deixo isso para a Dee descobrir, ela sabe do que gosta e parece que gostou do Beck. Sorrindo, me viro para olhar para minha amiga e, oh sim, a Dee está nos céus da luxúria, agora. Estou surpresa por ela não ter começado a ofegar e trepar na perna dele.

Me virando para o Greg, noto que mais dois belos exemplares se juntaram à festa. Já que a Dee está agora ocupada com o Beck, me sento e desfruto da minha felicidade de bêbada. O Greg se vira, repara que estou sentada e segura a minha mão.

— Baby, este são Zeke Cooper e Maddox Locke. Rapazes, esta é a Izzy. — Ele me apresenta com um enorme sorriso. Não vejo o

Greg tão feliz há muito tempo. Sei que ele tem esperado por este momento; apresentar dois membros da sua "família" aos outros. Não sei muito sobre estes homens, além do fato que serviram, junto com o Greg, nos Marines. Entendi que eles trabalham na mesma empresa de segurança na Califórnia; algo que começaram quando deixaram a Marinha. Greg mal podia esperar para fundir sua empresa com a deles, transformando a Cage Investigation and Security em uma empresa de grande escala.

— Olá, meninos gostosos de olhar. — Falo para eles. Oh, meu Deus, aquilo acabou de sair da minha boca? Se os seus sorrisos idênticos indicam alguma coisa, certamente saiu. Merda, o Greg só conhece caras quentes? Ambos ultrapassavam o um metro e noventa do Greg, gigantes para alguém como eu ter que levantar bem a cabeça para poder olhar e, inferno, eles são lindos de olhar. Poderia falar facilmente sobre os seus olhos. Ambos os homens têm os corpos trabalhados, longa e duramente.

Zeke tem o cabelo loiro, cortado rente ao couro cabeludo, olhos tão azuis que, mesmo sob a pouca iluminação da boate, são claros e um sorriso com covinhas gêmeas em cada lado. Ele me lembra um modelo da *Abercrombie*. Ele é a visão perfeita do menino da casa ao lado.

Maddox é o seu oposto. Também tem muitos músculos, mas nele, parecem enormes e imponentes. Seu cabelo é mais escuro que o do Zeke, ostentando aquela aparência bagunçada, como se tivesse passado as mãos por ele o dia todo; cabelo de quem acabou de fazer

sexo. Seu rosto é duro, mas amigável, com uma estranha combinação que parece funcionar nele. Mas são os seus olhos que me mantém cativa; são tão escuros que parecem negros e sem fundo.

Percebo que estou aqui sentada, comendo-os com os olhos quando ouço o Greg limpar a garganta. Olhando para ele, vejo um enorme sorriso no seu rosto. Pensando que ele está sorrindo para mim, lhe dou um dos meus sorrisos mais brilhantes e começo a me virar para me apresentar, adequadamente, aos seus dois amigos. Não estou causando, exatamente a melhor primeira impressão, sobre esses homens. Abro a boca para falar quando ouço o Greg gargalhando, sim, gargalhando.

— Reid, seu maldito, é bom vê-lo novamente. Duas vezes em um só dia; deve ser o meu dia de sorte, seu filho da puta.

Jesus, há mais um desses homens. Talvez este seja baixo, gordo e careca. Humm, não parece que isso seja possível com esse elenco de homens gostosos. Até os seus nomes são quentes. Beck, Zeke, Maddox e Reid.

Me viro para o lado, dando à Dee um sorriso que, espero, expresse quão sortudas nós somos. Ela ainda está de pé ao lado do Beck, mas seu sorriso sedutor está muito longe. Um olhar de choque e outra coisa que não consigo nomear, toma o seu rosto. Que porra é essa? Parece que engoliu uma maldita mosca e está olhando por cima do meu ombro com o queixo caído.

Porra este deve ser ainda mais quente que os outros.

Faço uma nota mental para discutir isso com ela, mais tarde. Posso estar fora do jogo, mas até mesmo eu acho que essa é uma técnica de paquera estranha.

Me viro e acabo olhando para o maior peitoral que já vi na minha vida. Se os meninos antes deste me fizeram sentir pequena, este homem me faz sentir como uma maldita anã.

Bem, posso entender seu espanto agora, não é normal ser assim tão grande.

Como uma camisa tão esticada não arrebenta nas costuras? Seus braços são tão grandes e poderosos que estão, neste exato momento, testando a força da camisa preta que está esticada sobre os ombros enormes e enfiada perfeitamente na calça preta apertada; calça que não está fazendo nada para disfarçar o tamanho daquela protuberância saudável.

Sacudo a cabeça, me repreendendo mentalmente, por ir para *lá*. Já me imagino fodendo com esse completo estranho, mesmo sem dizer olá. Talvez não devesse ter bebido aquele último drinque.

Olho para cima e encontro os olhos verdes mais impressionantes que já vi. Olhos que eu já tinha visto antes. Olhos que passei horas admirando. Amando e fazendo planos. Olhos pelos quais fiquei de luto nos últimos doze anos.

Me sentindo tonta, estico a mão para me firmar, agarrando a primeira coisa que encontro, que eu acho que pode ser o Greg. — Que porra é essa? — Ele murmura baixinho.

Isso não está acontecendo.

Isso não pode estar acontecendo.

Ele morreu. Eu sei que sim. Se isso não tivesse acontecido, não teria passado os últimos doze anos sentindo sua falta com tanta ferocidade, com cada fibra do meu ser.

A última coisa que eu penso, antes de sentir o mundo girar e desabar em cima de mim, é que o Axel não se foi. Ele não está morto. Eu não perdi a última parte dele quando seu o bebê sangrou para fora do meu corpo no meu aniversário de dezoito anos.

E, antes de perder todo contato com a realidade, juro que ouvi:
— Você está brincando comigo? Isabelle é a sua maldita Iz?

Devo estar sonhando, porque o MEU Axel nunca iria pronunciar o meu nome com tanta raiva e tanto ódio.



Capítulo 5

— Baby. — Ouço a voz profunda e sedutora enquanto ele desliza as pontas dos dedos pela minha espinha. Deus, adoro a forma como ele me acorda; sempre tocando a minha pele, como se só aquele contato o fizesse se sentir inteiro. Seu corpo duro está pressionado firmemente contra o meu, me mantendo confortável e quente ao seu lado.

— Baby. — Ele sussurra na minha orelha, beijando o ponto certo atrás dela; o local que nunca deixa de fazer o meu corpo ir do quente ao fervendo. Arrepios, instantaneamente, começam a percorrer minha pele.

Ninguém, jamais, havia me incendiado como ele.

Ninguém, nunca, me amou como ele.

Axel, meu amor, meu coração, meu tudo.

Estou, finalmente, de volta aos seus braços fortes.

Como cheguei até aqui? Meu coração falha uma batida e minha respiração fica presa dentro dos pulmões.

Foi tudo um sonho, tem que ter sido. Apenas um pesadelo terrível do qual pensei que nunca acordaria.

Meus pais ainda estão vivos.

Ax não está me deixando.

Nosso bebê ainda está seguro dentro do meu ventre.

Tudo é perfeito.



A enormidade deste momento me acerta como um caminhão. Enormes soluços sacodem o meu corpo.

Ele está aqui, o meu Axel está aqui. Estou, finalmente, de volta aos seus braços.

— Baby — diz a voz de novo, ficando mais fraca, como se ele estivesse se afastando em um longo corredor.

—Izzy? Baby, por favor, acorde.

Por que o Greg está me segurando? Ele não devia estar aqui. Isto não está certo. Onde está o Axel? Ele estava bem aqui. Não quero o Greg, quero o Ax!

Meu choro se intensifica e sinto o seu corpo enrijecer, tentando descobrir como me acalmar. Posso ouvir a mim mesma; devo parecer ridícula com a minha tagarelice histérica. Estou implorando ao Greg, pedindo e implorando para ele me levar de volta para o Axel. Sei que não faz nenhum sentido, mas eu simplesmente não consigo descobrir onde a realidade está e onde deixei o Axel, na minha névoa.

Eu quero esse sonho de volta, não posso perdê-lo de novo... não vou sobreviver a isso pela segunda vez.

Finalmente me acalmo, e com apenas alguns estremecimentos a respiração escapa do meu corpo. Tento, desesperadamente, dar sentido a esta situação. Como isso aconteceu?

Olhando em volta, vejo pela primeira vez que estamos em uma sala e estou deitada em um grande sofá de couro, colocado em uma

extremidade. Maddox está de pé ao lado da porta como um segurança; seu rosto perdeu o pequeno toque de simpatia que tinha antes e, agora, assumiu um ar feroz de pura raiva. Olho para o Greg com o que, suponho, seja um olhar de pura confusão. Ele retorna o meu olhar com um pequeno sorriso forçado.

Consigo ouvir a Dee, agora que finalmente parei de soluçar minha tristeza; ela soa como se estivesse há um milhão de quilômetros de distância. Sua voz está abafada o suficiente para que eu não consiga entender suas palavras, mas o tom venenoso da sua voz está, claramente, alcançando as minhas orelhas. Greg ainda está me segurando nos seus braços, sussurrando palavras tranquilizadoras no meu ouvido. Pelo menos, acho que são tranquilizadoras, pois seu tom é suave e lento, delicado. Minha mente não consegue entendê-las, entretanto; ainda estou procurando pelo Axel.

— Caia fora do caminho para a minha mulher, porra, não vou falar de novo. — Ouço o tom de aço ligado à voz que não ouvia há muito tempo. Ele soa quase selvagem. *Esse* não é um tom que já ouvi na sua voz. — Eu vou entrar lá. Você me ouviu Isabelle? Eu vou falar com você! — Ele continua a falar mais alto, através da porta do escritório que o Maddox está cuidando.

Ao ouvir o meu nome completo, o meu corpo fica rígido. Posso sentir cada músculo se contrair, individualmente. Cada osso parece ter se transformado em pedra e os tremores estão começando a trilhar seu caminho através do meu corpo. Meu coração acelera e minha respiração se torna superficial.

Ninguém me chama dessa forma há dois anos; ninguém se atreveria. Esse era o nome, o único nome, que o Brandon usava comigo e quase sempre era seguido pelo seu punho ou pelo pé. Ninguém que me conhece usa esse nome. Na primeira vez que a Dee me ligou depois que deixei o Brandon, tive que ser internada no hospital, porque não conseguia me acalmar.

Deus, não consigo respirar. Vejo os olhos preocupados do Greg; sei o que ele vê quando olha para os meus, terror cru e absoluto, e medo. O medo de estar de volta naquele lugar e terror pelo Brandon, finalmente, ter me encontrado.

Engasgando, puxo uma pequena fatia de oxigênio para os pulmões, começo a arranhar os braços dele, me esforçando para ficar longe. Eu tenho que correr. Eu tenho que me esconder. Se o Brandon está aqui, não vai parar até me matar, desta vez.

— *Porra!* — Greg xinga outra vez. — Filho da puta do CARALHO! — Ele está me puxando para mais perto do seu corpo, tentando, com grande desespero, me acalmar. Tento absorver o calor dele o melhor que posso, tentando quase rastejar para dentro do corpo dele, mas nada disso está me tocando. Sinto que meu corpo está sendo preenchido com gelo; preenchendo completamente a minha alma amedrontada com gelo. Quase me afogo sob o terror que a minha memória induz; está tomando quase o controle total do meu corpo e da minha mente.

— Porra! — Greg xinga novamente. Ele parece tão preocupado. Gostaria de dizer as palavras para assegurar a ele que

estou bem, mas que garantia risível seria essa. Nós dois sabíamos que eu não estava bem; estava muito longe de estar bem, poderia muito bem, estar em outro país. Não tinha um incidente como este há muito tempo; não desde os primeiros meses depois de deixar o Brandon. Estava indo tão bem; afugentando o pânico e, finalmente, vendo a luz no fim do túnel. Na verdade, ontem, após o "presente infernal", foi a primeira vez que me senti sob as garras do medo em meses.

— Locke, venha aqui, homem. Segure-a por um segundo para eu ir socar aquele filho da puta de cabeça quente, maldição. — Greg sussurrou baixinho o pedido para o Maddox. Acho que ele já encheu o saco de me assistir desmoronar. Não deve ser fácil para ele ver os efeitos colaterais de uma mulher surrada e quebrada. Depois que ele testemunhou, pela primeira vez, um dos meus ataques de pânico, me lembro que não saiu por vários dias. Ele manteve os olhos de falcão sobre cada movimento meu, apenas esperando eu desmoronar.

Sinto o meu corpo ser levantado e, em seguida, ser acomodado dentro de um novo conjunto de braços de aço. Maddox engancha um braço em volta do meu ombro e me puxa para o seu peito, segurando as minhas pernas e puxando-as para perto do meu corpo antes de me envolver com o outro braço. Me sinto quase uma criança nos seus braços quando ele começa a cantarolar uma melodia lenta. Nunca esperei que ele com o seu exterior duro pudesse ser tão compreensivo e carinhoso.

Finalmente, sentindo o pânico diminuir, inspiro meu primeiro gole de ar em horas, desejando que o meu coração resolvesse bater

normalmente. Talvez seja o seu calor ou a forma como este grande homem durão me abraça apertado e começa a cantar baixinho. Talvez seja apenas o fato de que eu não queira que esta pessoa desconhecida veja quão completamente fodida eu estou, mas ele, finalmente, me acalma o suficiente para sentir o stress e a exaustão da situação começar a diminuir. Olhando para cima, encontro as profundezas escuras dos olhos do Maddox.

— Você está bem, garota?

— Não. — Sussurro de volta para ele.

O que é uma pergunta absurda. Se eu pudesse, colocaria para fora uma risada dos infernos.

Acho que nunca vou ficar bem, novamente.

Enfio a cabeça de volta no peito do Maddox e espero por um milagre.

Axel

Tinham que estar brincando comigo. Quais são as chances, depois de todo aquele tempo? Isabelle fodida West. Ainda estou perdido diante desta nova informação. *Minha* maldita Izzy é a amiga do Greg que precisa de ajuda? Não, não está certo, ela não é *minha*

mais. Deixou de ser minha quando não pôde esperar por mim, não conseguiu esperar, apenas, alguns meses. Ela deixou de ser minha no dia que, finalmente, a encontrei, casada com outro homem, caralho.

Porra! Como é possível que a Isabelle que eu conheci há tantos anos atrás, é a mesma mulher que o Greg me passou a ficha ontem. Ele a descreveu como uma mulher com medo, inocente e muito quebrada. A Izzy que eu conheci nunca iria deixar uma pessoa quebrar o seu espírito. Inferno, nos três anos em que ela foi minha garota, até mesmo eu passei momentos difíceis para lidar com o seu gênio. Ela era tão cheia de vida e felicidade. De maneira nenhuma é a mesma garota.

Quando o Greg me ligou, ontem, para ter uma conversa, explicou que a sua amiga estava em apuros. E não o tipo de problema que uma garota deveria estar. Não tive tempo para obter os detalhes, estando no meio do caminho de atravessar o país e criar a empresa com o Greg; as coisas estavam insanas. Tinha, finalmente, entregue as operações da costa oeste da Corps Security apenas alguns dias atrás, pulei rapidamente na minha caminhonete e dirigi para o leste. Comprei uma casa rapidamente e tinha acabado de assinar o contrato de arrendamento do novo espaço de escritórios. Agora, tudo o que restava era arranjar as coisas com o Greg e me familiarizar com os casos dele. Havia um número interminável de pessoas solicitando consultas para o trabalho de investigação; felizmente, não demorou muito para convencer o Locke, o Beck e o Coop a se mudarem e começarem de novo, na Geórgia, comigo.

Durante a nossa reunião rápida, ontem, ele me contou sobre a questão bastante nebulosa. Tinha uma boa amiga que tinha escapado de um casamento ruim, o quão ruim eu ainda não sabia. Ela já vivia aqui há mais ou menos dois anos e, durante os últimos seis meses, vinha passando por uma batalha pelo divórcio. O bastardo não queria deixá-la. Greg disse que não era um problema tão grande até ontem, quando ela recebeu uma foto pelo correio. Me explicou aquilo, o ex parecia um bastardo doente, e ameaçador o suficiente para eu lhe dizer que tínhamos que definir algum plano.

Não disse o nome completo dela, ele a chamou de Iz. Lembro que achei o nome sem graça, ontem. Mas a última coisa que pensei foi que aquela Iz podia ser a mesmíssima Isabelle West.

Conheço o Greg há quase uma década. Ainda me lembro, alguns anos atrás, quando ele ligou dizendo que tinha que correr para a Carolina do Norte e bancar a porra de um cavaleiro branco. Não lembro dos detalhes, mesmo que tivesse gostado de ter ferrado com ele, só me lembro do rádio dele ficar em silêncio por quase um mês depois disso.

Ele sempre falava sobre as suas duas meninas aqui na Geórgia. Os caras e eu proporcionamos alguns momentos difíceis para ele quando ele aposentou suas bolas, já que adorava uma boceta. Sempre havia falado sobre estas duas meninas como se fossem malditas rainhas; malditas Madres Teresas de merda. Honestamente, acho que nunca o ouvi dizer uma coisa negativa sobre nenhuma delas.

Que babaquice. Este pequeno pedaço de fêmea está bloqueando a porta do escritório do proprietário da boate como se pudesse acabar com qualquer ameaça que tentasse passar por ela; que tentasse chegar até a Isabelle. Onde, diabos, estava o pequeno duende que o Greg disse que irradiava alegria como a porra de uma fada?

— CARALHO! — Gritei. — Cai fora do meu caminho, mulher. — Como é que esta mulher pequena, quase uma anã de circo, acha que vai, porra, me impedir de quebrar essa porta? Olho para o Coop e o Beck; eles parecem tão confusos quanto eu sobre todo este impasse. Jesus, vou entrar naquela porra de escritório, mesmo que tenha que remover fisicamente a mulher do meu caminho. Estou cansado de bancar o bonzinho. Posso não ter tido uma mãe, mas sei respeitar as mulheres; esta, porém, tentava a paciência de um fodido santo.

Quando estou prestes a pegá-la e removê-la do meu caminho, a porta se abre e aparece o Greg Cage, com a cara vermelha e parecendo enfurecido.

— Você — ele aponta para o meu peito, entrando bem na porra do meu espaço — dê o fora daqui. Você pode ser maior do que eu, mas quando se trata dela, posso te matar.

Que. Porra. Que merda é essa.

— Quem, diabos, você pensa que é, *irmão,* para me dizer que eu não posso falar com ela? — Posso sentir a vibração da violência não liberada correndo pelas minhas veias. Mesmo diante do pensamento,

no fundo da minha mente, que eu ia fazer a mesma coisa no lugar dele, ainda não consigo me acalmar.

Ele inspira profundamente, olha para mim com a morte nos olhos e cospe as palavras que quase param o meu coração.

— Se você não recuar agora mesmo, porra, a Iz vai acabar saindo daqui de ambulância... de novo.

Que merda?

— Do que, diabos, você está falando, Greg? Porque parece que você está falando em código, porra.

Suspirando profundamente, posso ver o quanto essa conversa cara a cara está sendo difícil para ele.

— Olha Reid, você sabe que eu te respeito pra caralho. Você tem sido meu irmão por um longo tempo fodido, mas a Iz... ela não está em bem, agora. Ontem já foi difícil o suficiente, mas a Dee e eu conseguimos mantê-la calma. Foda-se, nem mesmo com o presente que o bastardo doente mandou, ela foi tão fundo. Você precisa recuar, por enquanto. Se você quer falar com ela, tudo bem, mas vai ser nos seus termos, não quando ela está lutando com cada demônio que vive em sua alma. Não essa noite. Você me ouviu bem, Reid, vou falar com ela e combinar alguma coisa, mas não até que você me diga o quanto conhece a porra da minha menina.

— O que você quer dizer com *sua* menina, G?

Devo estar agindo como um idiota, especialmente depois de toda aquela baboseira. Greg está olhando para mim, como se estivesse

tentando encontrar uma solução para a paz mundial ou alguma merda do tipo. Ele mantém o meu olhar por um longo tempo, e você pode praticamente ver as engrenagens da sua mente girando a pleno vapor.

Finalmente, com um tom lúgubre e neutro, ele diz: — Reid, há quanto tempo, exatamente, você conhece a Iz? — Ele pode parecer neutro, mas seus olhos parecem estar comunicando, silenciosamente, que se não gostar da minha resposta, não vou falar com a Izzy.

Olho para as minhas botas e esfrego a nuca, tentando aliviar um pouco da tensão do meu corpo. Que pergunta difícil.

— Por que isso importa, G?

— Me faça essa vontade, irmão, apenas me faça essa fodida vontade. Há quanto tempo você a conhece?

Me endireitando sobre o meu um metro e noventa e oito, tento, pelo menos, dar a mim mesmo essa pequena vantagem, e olho para ele, com uma expressão sombria, que harmoniza com a sua. O que, diabos, está acontecendo aqui? Estão agindo como se a Izzy fosse um pássaro ferido, e de maneira nenhuma maneira esta é a mesma garota que eu conheci.

— Eu conheço a Isabelle desde que ela tinha dezesseis anos, e há doze anos atrás, quando saí de casa, deixei meu coração na palma da mão dela. Eu não a vi ou ouvi falar dela, desde então. — Respondi com uma calma que eu não sentia. Nem um pouco.

Os olhos do Greg me fulminam imediatamente e, após um momento de silêncio, ele resmunga: — *Não* a chame de Isabelle.

Nunca. — Em seguida, vira as costas e me deixa lá, de pé, em um silêncio atordoado, com o Beck, o Coop e os olhos da Dee queimando nas minhas costas. Com exceção da Dee, todos parecem tão confusos e chocados quanto eu.

Que porra é essa?

Olhando ao redor, encosto na parede caindo sob a minha bunda no chão duro; me preparando para esperar a solução disso, seja lá o que for.

Fico sentado aqui no corredor pelo que parecem horas. Minha bunda está dormente, se é de estar sentado aqui ou por causa das batidas da música que vêm através do chão, debaixo de mim, não tenho ideia. Olho para o meu relógio para ver que havia passado, apenas, meia hora desde o comentário enigmático do Greg. Que diabos está acontecendo lá dentro? Não gosto desse sentimento avassalador de desamparo; não me sinto assim há muito tempo. Não tenho ideia do que realmente está acontecendo aqui. Me sinto como se estivesse montando um fodido quebra-cabeça com uma peça faltando. Uma peça que algum merda tomou e não vai me devolver.

O que aconteceu com a garota que tinha estrelas nos olhos, a garota que deixei para trás doze anos atrás? Claro, ela tinha ficado triste, eu estava partindo para o treinamento básico, mas ela sabia que eu voltaria para ela. Tínhamos planos, sonhos e um futuro todo planejado e pronto para começar. Por que está agindo como a parte ferida aqui? Não foi ela quem chegou em casa, seis meses depois,

cansado, mas feliz por voltar a ter, finalmente, sua menina nos braços, apenas para descobrir que ela tinha ido embora. E que ela tinha sumido, desaparecido na porra do ar. Não havia uma única pista que me levasse de volta para a minha garota.

Lembro do dia do meu retorno para a nossa cidade natal, Dale, na Georgia. Estava tão animado por, finalmente, colocar os braços em volta da minha menina. As coisas com os Marines eram intensas, mas eu ficaria em casa por um tempo. Tinha uma nova família agora, um bando de irmãos com um vínculo inquebrável. Mal podia esperar para a Izzy conhecer os meus amigos e tornar minha família completa.

O treinamento básico não era nada do que eu esperava que fosse. Sabia que seria o candidato perfeito para os Marines quando me inscrevi, mas nunca imaginei que ia alcançar a excelência em um tempo tão rápido. Chegando em um dia e no próximo já estava sendo levado para uma sala de conferências e apresentado a um modo de vida infernalmente melhor. Eu era bom, porra, muito bom, e eles me queriam. O único problema foi que, como com a maioria dos assuntos obscuros do governo, eu não podia contar nada a ninguém. Assunto secreto do mais alto grau. Tinha recebido a primeira carta da Izzy no mesmo dia, imaginando o quão difícil ia ser para a minha menina ficar no escuro; ela me conhecia, porém, e sabia o que isto significava para mim. Escrevi uma carta cheia de corações e flores e a enviei no mesmo dia em que parti para o treinamento especial, sabendo que só ia poder vê-la quando estivesse em casa. Quando, finalmente, consegui uma licença, já estava fora há três longos e

difíceis meses. Ainda podia sentir o choque quando o atendente informou que o seu número tinha sido desligado. Sem ninguém a quem poder perguntar, só podia rezar para a minha garota me conhecer e conhecer nosso amor o suficiente para estar lá quando eu voltasse para ela. Eu não podia me preocupar. Tinha que estar no controle da minha mente. Então, com toda a esperança de um adolescente ingênuo e sonhador, acreditei que tudo ficaria bem.

Izzy e eu éramos o que alguns chamam de conto de fadas, se você acredita nessa merda. Eu a conheci no primeiro dia do meu segundo ano. Ela tinha sido uma caloura um pouco assustada, um peixe completamente fora da água e aterrorizada. Mas, ela deixou isso vir à tona? Não, não a minha Izzy, ela marchou direto para a Escola Dale com os ombros para trás e a cabeça erguida. Seus olhos verde claros estavam focados à sua frente, prontos para enfrentar o mundo. E bastou uma olhada para saber que ela seria minha. Daquele momento em diante, ela foi minha e eu fui dela.

Ela vinha de uma família maravilhosa, seus pais eram do tipo que toda criança sonha, aceitavam todos e qualquer um, independentemente de onde vinham. Não se importaram que sua única criança, sua filha única, tinha se apaixonado por uma criança adotada, que vivia do lado errado da linha; ela me amava, então eles me amavam, também. Fiquei chocado quando soube da morte deles. Adam e Holly West eram pessoas incríveis e eu sabia que a Izzy devia estar se sentindo sozinha e desesperada. Na minha mente embevecida de amor, ainda acreditava que ela estava esperando; agora eu só queria

saber onde ela estava. Sabia que ela tinha mais alguns familiares, mas ninguém parecia saber onde eles viviam. E, confie em mim, eu perguntei. Todos os seus amigos disseram ela havia ficado devastada; quando falaram com ela no enterro dos seus pais, ela ficou em silêncio. Disseram que ela tinha se fechado completamente em si mesma, como um zumbi. Ela só ficou parada lá, olhando para o espaço. Isso me matou mais do que qualquer coisa, saber que ela tinha sofrido sozinha. Me tornei frenético em minha busca. Tinha um pouco de tempo antes de ter que voltar ao treinamento. A única coisa que eu consegui descobrir era que ela podia estar na Carolina do Norte, na Carolina do Sul ou morando com os pais da sua mãe. O único problema era que ninguém sabia o nome de solteira da mãe dela. Sem mais respostas e meu tempo de licença acabando, voltei à base, confuso, mas ainda determinado a encontrá-la.

Não consegui uma licença por quatro longos anos. Tinha mexido todos os pauzinhos possíveis e gasto cada centavo que eu possuía, mas nada de encontrá-la. Quando recebi a notícia, senti como se tivesse levado um tiro certeiro na porra do meu coração.

Casada.

Minha menina estava casada.

Isabelle West-Hunter tinha se casado há, apenas, quatro meses. Meu informante tinha sido breve, mas me assegurou que ela parecia feliz e saudável.

Daquele ponto em diante, meu coração ficou completamente fechado para alguém. Trancado em um cofre à prova de fogo e

mergulhado nas profundezas mais escuras do meu corpo. Não ia cometer aquele erro novamente, ninguém me faria de tolo, especialmente, uma cadela como Isabelle West.



Capítulo 6

Izzy

Em algum momento, devo ter adormecido contra o Maddox; seus braços não afrouxaram o aperto. Acordei cerca de dez minutos atrás, quando o Greg entrou como um raio no escritório; não parou de andar pra lá e pra cá, desde então. O que está acontecendo, agora?

Sei que ainda estamos na Carnal, pois consigo ouvir a leve batida do baixo vinda do andar abaixo de nós. O zumbido do qual eu tinha desfrutado estava muito longe; arrumou as malas e foi para o México com uma passagem só de ida.

Maddox é um homem quieto, mantém o aperto suave, mas tranquilidade é o que eu preciso. Ele não está me forçando a falar, mesmo que eu saiba que deve ter perguntas. Ele deve pensar que sou bipolar. Em um segundo estou sorrindo e no seguinte, desmaio aos seus pés. Tanto quanto as primeiras impressões ficam, acho que essa vai durar bastante tempo.

Greg finalmente para de andar e olha para mim. Posso ver a raiva transbordar do seu rosto; instantaneamente, a calma e a compreensão finalmente aparecem.

— Venha cá, menina.

Um novo soluço borbulha quando, rapidamente, saio dos braços do Maddox e corro para a frente, para os braços protetores do Greg. Não posso nem contar quantas vezes este homem já foi meu porto seguro. Minha força e meu apoio; juntando meus pedaços sem parar, até que tenha colado com êxito, cada peça em seu lugar.

Axel

Ouço o clique da porta e, imediatamente, me levanto da posição sentada no chão. O olhar de pura raiva nos olhos do Locke me faz parar antes de levantar completamente. Ele não é um homem que demonstra suas emoções, nunca. Foda-se, nem lembro da última vez que fui capaz de dizer sobre o que ele estava pensando, muito menos o que estava sentindo. Não há nenhuma dúvida, agora, entretanto. Ele está cuspindo fogo direto nos meus olhos. Não demorou muito para descobrir que ele estava chateado comigo.

Sim, bem, entre na fila, filho da puta.

Tinha acabado de me acalmar ligeiramente ao longo dos últimos quarenta e cinco minutos aproximadamente. Em sua maior parte, havia superado a raiva inicial. Me sentia razoavelmente certo que estava calmo o suficiente para estar no mesmo aposento com a única garota que já amei e tentar ouvir a sua história. Minha mente exige

respostas. Queria saber por que, por que ela não tinha me esperado... porque havia se casado com outra pessoa.

Não, minha calma não tinha voltado completamente. Ainda estava entusiasmado por outra razão e isso não tinha nada a ver com raiva. Não conseguia superar ter visto seu rosto deslumbrante, um rosto que consumiu meus sonhos e assombrou minhas memórias por um tempo muito longo, porra. Mesmo sentindo raiva ao vê-la tocar abertamente os homens que eu considerava como irmãos, não pude impedir meu pau de tentar sair da calça. Bastou um olhar para o corpo firme e sexy como o pecado, vestindo quase nada, e me encontrei excitado imediatamente. Tão duro que meu pau estava doendo de uma maneira que não sentia há muitos anos. Nem sabia quem ela era, naquele momento, e a atração foi muito forte, assim como sempre havia sido.

Quando caminhei até o bar e vi aquele traseiro firme envolto em tecido vermelho, virei uma besta. Fiquei como um touro furioso colocado em liberdade com um alvo à vista. Meus olhos traçaram sua espinha; cada pequena elevação delicada na pele exposta, e meu único pensamento havia sido levá-la para uma cama e seguir aquela linha com a língua até que estivesse bem enterrado entre as coxas torneadas.

E, então, ela se virou e eu congelei no lugar. A luxúria foi deixada de lado em um piscar de olhos e, em vez de apreciar aquele pedaço quente de bunda na sala vazia mais próxima, quis jogá-la por cima do meu ombro, arrastá-la dali e exigir respostas. Tenho esperado

por esse momento por doze longos anos de merda. A última coisa que eu esperava que ela fizesse era cair desmaiada no chão.

— O que, diabos, você está olhando, Locke? — Falei entre os dentes para ele, não querendo mais lidar com esta merda. Só estou ansioso por uma briga, agora.

— Estou olhando exatamente para você, seu filho da puta. Não precisa pensar muito para perceber que estou olhando diretamente para você, seu imbecil de merda. — Ele grunhe para mim com tal ferocidade que fico, momentaneamente, sem fala.

— Que diabos? Existe uma razão para você pensar que eu causei toda essa merda?

Ele olha diretamente para mim, inclina a cabeça para o lado e me encontro chocado, mais uma vez, esta noite, quando ele abre a boca. — Eu só fiquei sentado lá, acalentando uma garota que eu nem sequer conhecia, uma garota que, há uma hora atrás, parecia que estava no topo do mundo, caralho, feliz com a vida e passando um tempo com seus amigos. O sorriso dela morreu, entende, Reid? Um olhar nos seus olhos e o sorriso enorme e brilhante, de repente, simplesmente, morreu. Seus olhos perderam completamente a vida e seu corpo entrou em choque. Você entende *isso*, caralho? Eu só fiquei sentado lá e a deixei, basicamente, rastejar até a porra do meu corpo com mais nada além de medo escorrendo para fora dela. Medo que VOCÊ parece ter colocado lá. Aquela mulher feliz de mais cedo se foi e eu gostaria de saber, por quê?

Choque me mantém em silêncio, choque e confusão.

Um fungado à minha esquerda me distrai e olho para a Dee. Ela está olhando para mim com um misto de confusão, raiva e um monte de dor.

Balançando a cabeça, volto a olhar para o Locke. — Eu não posso lhe dizer desde que, caralho, não a vi, nem ouvi nada sobre ela em doze anos. Simplesmente desapareceu, por isso, se você quer respostas, está pedindo para a pessoa errada.

— Desculpe? Esta foi a garota que largou você? A mesma que você ficou falando que é uma cadela sem coração? Porque, tenho que dizer, Reid, a mulher que desabou na porra dos meus braços não é uma cadela sem coração. Essa mulher está sentindo o peso do mundo em seus ombros.

— Do que, diabos, você está falando? É a mesma merda com o Greg, falando em malditos círculos. Talvez, se você falasse claramente, caralho, poderia me dar uma dica, porra. — Respondo entre os dentes.

— Tudo bem, você quer saber do que diabos eu estou falando? Há uma mulher lá dentro que aparenta que o seu mundo acabou de desmoronar. Parecia que tinha visto um fantasma. Perdida e assustada. Tão assustada que está tremendo. Tremendo tão violentamente que teria caído no chão se eu a soltasse. Então, vou te perguntar mais uma vez, porra, tem certeza que esta é a garota que deixou *você?*

Ouço outro suspiro do meu lado. Juro por Cristo, esta cadela precisa acalmar a sua fúria.

— Que, diabos, isso importa agora, hein? Já fazem doze anos, merda. Não acho que dois malditos minutos do tempo dela é pedir demais. Tenho certeza que o seu marido não se importaria. — Sei que estou usando um golpe baixo, mas estou tão furioso que estou começando a enxergar tudo vermelho.

Outro suspiro ao meu lado.

Olho para a Dee: — Você está bem, porra?

Sua boca está abrindo e fechando, repetidamente. Ela parece um maldito peixe fora da água lutando para respirar. Não tenho tempo para esta merda. — Sério, você precisa de alguma coisa? Água, uma cadeira, uma porra de um calmante?

Sua boca se fecha firmemente em uma linha fina antes que ela caminhe direto para mim, ficando na ponta dos pés na tentativa de me encarar, olho no olho. — Escute aqui, seu, seu grande idiota, você não vai ficar sentado aqui e bancar o merdinha. Você não tem ideia do que ela passou, mas te asseguro que isso é maior do que a sua necessidade de "conversar". Entendeu? — Ela dá sequência àquela explosão com algumas cutucadas no meu peito.

— Não, menina, não entendi merda nenhuma, nem um pouco. Então, talvez a sua bunda possa me dar uma pista? — Sinto como se as paredes à nossa volta pudessem cair com a minha explosão de raiva. A qualquer segundo minha cabeça vai explodir. Posso sentir isso.



Suspirando suavemente, lavando a frustração e a raiva do seu rosto e olhando para mim com simpatia, ela fala: — Eu não posso, Axel. Esta não é uma história minha, para que eu possa contá-la.

Espere um minuto. — Como você sabe o meu nome? Eu não respondo por Axel há muito tempo, doçura, por isso, se alguém sabe o que está acontecendo, meu palpite seria que esse alguém é você.

— Claro que eu sei o que está acontecendo, mas, como eu disse, essa não é a uma história que eu possa contar. — Ela aponta para a porta fechada. — É dela, sempre foi. Nunca pensei que veria o dia em que ela seria contada.

Mais uma vez essa merda enigmática, e sinto como se tivesse entrado no programa "Além da Imaginação".

Balançando a cabeça com exasperação, até mesmo confuso, não consigo evitar que a raiva borbulhe cada vez que penso sobre quem estamos discutindo. — Certo, tudo bem, não me diga merda nenhuma, mas deixe eu fazer uma pergunta, o marido dela sabe que ela saiu vestida daquele jeito e flertando com qualquer um que fala com ela? — Não consigo impedir que essa merda seja despejada pela minha boca e estou além do ponto de ter cuidado com o que estou dizendo. A única coisa que estou vendo neste momento é aquele relatório que recebi, há doze anos, mostrando que a minha garota não tinha esperado por mim.

— Seu filho da puta... — Ela sorri com escárnio. Antes que eu possa até mesmo registrar o que está para acontecer, sinto uma pequena mão ir direto na minha bochecha. Porra, essa cadela é forte

para uma coisa tão pequena. Antes de endireitar a cabeça, cuspo um pouco de sangue que o tapa dela causou, no chão. Olho para o seu rosto chocado. — Que diabos foi isso? — Falo entre os dentes. Olhando para trás dela, vejo o Beck e o Locke com olhares chocados e sorrisos fodidos em seus rostos. Coop solta uma gargalhada, antes de, rapidamente, sufocá-la. Parece que ela não é a única que pensa que eu mereço aquilo, por alguma razão desconhecida.

— Oh, merda, merda... não vou pedir desculpas por isso, mas preste atenção ao que eu vou dizer agora, cuidado com a sua boca e com o que você diz sobre a Iz. Até que você saiba o que está acontecendo, você não tem direito a dizer nada. Nem uma maldita coisa.

Estou completamente perdido agora e, obviamente, não vou chegar a nenhum lugar com estas pessoas, hoje à noite. Parecem ter decidido se unir para proteger a pequena covarde atrás das portas trancadas. Estendendo a mão para trás e pegando a minha carteira, tiro um cartão e o estendo à protetora da Iz. — Aqui, entregue para ela e diga para me ligar.

— Vou entregar a ela, mas não vou fazer nenhuma promessa. Se você entendesse o que está me pedindo, bem... entenderia o que estou dizendo.

Abro a boca para lhe responder, quando ouço o clique da porta novamente. A primeira coisa que vejo são os sapatos mais sexys que já coloquei os olhos, seguidos pelas pernas mais quentes que já estiveram em torno de meus quadris e o Greg filho da puta Cage

segurando o corpo que não pertence a ele. Aninhada contra o seu corpo, coberta pela sua jaqueta, está a Izzy, dormindo. Sua jaqueta cobre cada centímetro, desde o queixo até as coxas, mas eu conheço o que está embaixo dela, sexo... sexo puro. Posso ver que ela esteve chorando, as marcas das lágrimas que cobrem suas faces são uma pista, e os olhos estão vermelhos e inchados. Mesmo com tudo isso, ela ainda é a garota mais bonita do mundo para mim.

Meus braços coçam para arrancá-la do colo dele; para reivindicar o que é meu. Mesmo com toda minha raiva, eu ainda a quero. Fico parado lá, completamente imóvel, apenas olhando para ela. Absorvendo tudo dela.

Greg me ignora completamente, como se eu não estivesse ali, de pé bem na frente dele. Ele olha para a Dee e, suavemente, diz: — Ela finalmente se acalmou, há uns dez minutos atrás. Vamos levá-la para casa, sim?

— Claro, G, me deixe ir chamar o segurança para abrir a porta lateral. Eles já deixaram a sua caminhonete estacionada lá, então não precisamos levá-la pela frente. — Ela responde fracamente, parecendo completamente arrasada.

Parece que todo mundo sabe o que está acontecendo; todos, exceto eu. Ninguém pensou em dar uma pista para o pobre coitado sobre o que, exatamente, causou esta cena. A grande questão que flutua no meu crânio não é onde ela esteve e por que ela foi embora, não; quero saber o que aconteceu com a minha Izzy, a menina que não deixaria porra nenhuma derrubá-la.

Vejo o Beck e o Coop se afastando, saindo com a Dee para encontrar o segurança que tem as chaves, me deixando ali parado com o Locke, o Greg... e a Izzy. Ambos estão olhando para mim como se eu fosse o cara mau, aqui. Eu só gostaria de saber o que fiz para merecer esse olhar de desprezo.

Izzy

Abro os olhos quando sinto alguém me deitando em uma cama, abrindo-os tempo suficiente para ver o Greg olhando para mim com a testa franzida, observando como ele parece exausto. Leva um segundo, então me lembro e, rapidamente, me sento.

Estou em casa, no meu quarto. Dando uma olhada no relógio, vejo que são quase quatro horas da manhã.

— Como é que eu cheguei em casa, G? Onde está a Dee? — Fazendo uma pausa, engasgo e olho para ele. — Oh, meu Deus, ele estava realmente lá? O Axel?

Xingando baixinho, ele desvia o olhar. Posso afirmar que ele está tentando pensar na resposta, pesar as palavras. Sempre parece se preocupar que eu vá deslizar de volta para aquele lugar escuro onde eu estava quando me conheceu. Não vou mentir, às vezes me

preocupo, também, mas não aguento vê-lo me tratando com luvas de pelica o tempo todo.

— Greg, por favor... por favor, basta ser honesto comigo. — Peço.

— Iz... baby, eu só não sei o que dizer. Se eu tivesse alguma ideia que o Axel sobre o qual você me falou era o Reid... — Ele fica em silêncio, olhando para o espaço. Não faço a mínima ideia do que está passando pela cabeça dele, mas se eu conheço o Greg, está se sentindo culpado, duramente.

— O quê? Você teria feito com que ele viesse até mim? Um pouco tarde para isso, G. Ele teve a chance de vir até mim, anos atrás! Anos! Não é como se eu não tivesse deixado ele saber como me encontrar. Eu deixei o endereço da minha avó com a mãe adotiva dele. Eu fiquei esperando. Esperei por anos e teria esperado para sempre. Mas, onde ele estava? Hein? Onde ele estava quando precisei dele? Todas as vezes que precisei dele. Certo, desaparecido. — Posso sentir o aperto da raiva se formando no meu estômago. — Pensei que estava morto esse tempo todo, você sabe disso, Greg; durante longos doze anos pensei que o rapaz que eu amava, tinha ido embora para sempre. Doze anos me sentindo vazia, perdida e tão inacreditavelmente sozinha. — Estou chorando de novo e, simplesmente, não consigo parar. O peso do retorno do Axel é muito pesado; tinha precisado tanto dele. — Voltei para ver a June, a mãe adotiva dele. Eu só queria ter certeza, mesmo tão estúpido quanto isso pode parecer. Sabe o que ela me disse? Ela me disse que ele estava

em um lugar melhor, sem mim. Como se supõe que eu deveria entender isso?

Greg se levanta e começa a caminhar pra lá e pra cá, novamente. Não tenho ideia do que está passando na sua mente agora, mas posso dizer que ele está lutando com isso. Ele sabe tudo sobre o meu passado com o infame Axel. Me lembro de uma noite muito ruim para mim, cerca de seis meses depois que me separei do Brandon e nós estávamos vendo filmes; não faço ideia de qual filme era, algo estúpido e sentimental. Lembro de assistir os atores prometendo amar um ao outro para sempre, que nada, jamais, iria separá-los. E, então, perdi a cabeça. Joguei meu copo de vinho na TV, gritando e gritando sobre como todo mundo vai embora e nada é para sempre. Greg teve que me segurar com força até que fui capaz de me acalmar. Ficou sentado me segurando durante quase duas horas. Quando, finalmente, parei de balbuciar, ele fez com que eu me sentasse e exigiu que eu falasse.

Eu lhe contei tudo, desde o dia em que conheci o Axel, aos quatorze anos, até o dia em que ele partiu, quando eu tinha dezessete. Disse a ele sobre cada memória maravilhosa e única que tínhamos compartilhado naqueles três anos. Então, contei a ele sobre os meus pais, o bebê e, em seguida, as festas. Ele sabia da devastação profunda que eu senti, quando perdi, perdi e perdi ainda mais. Ele sabia como e quando encontrei o Brandon; o rico, bem-sucedido e bonito Brandon. Ele sabia o quão vulnerável eu estava quando ele entrou na minha vida; sem saber que ele era o diabo disfarçado.

Greg sabia tudo o que havia para saber sobre mim, mas apesar de tudo o que eu tinha compartilhado... nem uma vez que eu lhe disse o sobrenome do Axel. Suponho que esta pequena bomba foi um golpe para ele. Sendo ex militar, sempre simpatizou com o Axel sobre o qual eu tinha falado para ele. Sempre me dizia que o Axel não ia querer me ver sofrendo por ele, e quão forte e heroico ele devia ter sido.

Mentira, tudo uma mentira do caralho.

Axel não morreu como herói; viveu como um traidor.

Todos os sonhos que tivemos, as promessas que tínhamos feito; tudo parecia um imenso tapa na cara, agora.

Tenho lamentado a perda dele e a perda de nós dois há tanto tempo.

Ele foi a única razão pela qual eu sobrevivi às mãos do Brandon. Eu me fechava em mim mesma e pensava nele e nos momentos que tivemos juntos. Ele foi a minha salvação na mais escura das escuridões.

— Sabe, isso não importa. Como ele poderia explicar isso, G? Eu não posso mais voltar para lá, eu não posso, não com ele. Nada do que ele disser vai curar as feridas que ele me causou. — Uma derrota esmagadora e a melancolia haviam criado raízes.

— Iz, eu não sei quais foram as razões dele. Não sinto que foi intencional, baby, realmente não sinto. Eu conversei com ele, vi o seu rosto e ele parecia completamente confuso. Acho que ele nem

reparou que você é a pessoa sobre a qual eu conversei com ele ontem. Tem alguma coisa faltando, simplesmente não consigo descobrir o que é.

— Confuso, Greg? Você está brincando comigo?

— Não, menina. E, tanto quanto me dói dizer isso, realmente acho que vocês dois precisam sentar e conversar.

— O quê? De jeito nenhum, Greg. Não. Eu não tenho nada a dizer a ele, nem uma única coisa. Você viu como ele estava alucinado? Eu nem vi o rosto dele direito, mas pude ouvi-lo. Pude sentir isso. Ele está agindo como se eu tivesse feito algo horrível. O que há de tão horrível em amar alguém?

— Eu não sei, Iz. Só acho que há algo a ser dito sobre o término... por vocês dois.

Término? Rio para mim mesma enquanto recosto contra a cabeceira da cama. Este homem perdeu a porra da cabeça se ele acha que eu posso, ou quero, ter uma conversa com o Axel. Eu não posso, simplesmente não posso. Esta deve ser uma piada cruel vinda lá de cima. Eu já sabia que seria assim, quando parei de rezar. Ninguém que lança tanta merda sobre alguém deve ser confiável. Eu já não tinha passado o bastante? Tinha acabado de começar a me sentir "normal" novamente. Inferno, tinha parado de ver o meu terapeuta há, apenas, um mês!

— Por favor, vá, G. Por favor, apenas vá embora.



Me viro, puxo os lençóis sobre a cabeça e choro baixinho contra o travesseiro. Ouço a porta ser fechada e botas pesadas pisando no corredor, em seguida, murmúrios suaves.

Quando estou prestes a cair no sono, sinto braços delgados me envolvendo, me segurando firmemente.

— Eu amo você, Iz, e nós vamos passar por isso.

As palavras tranquilizadoras da Dee são a última coisa que eu ouço antes de cair em um sono agitado, esperando encontrar um pouco de paz.



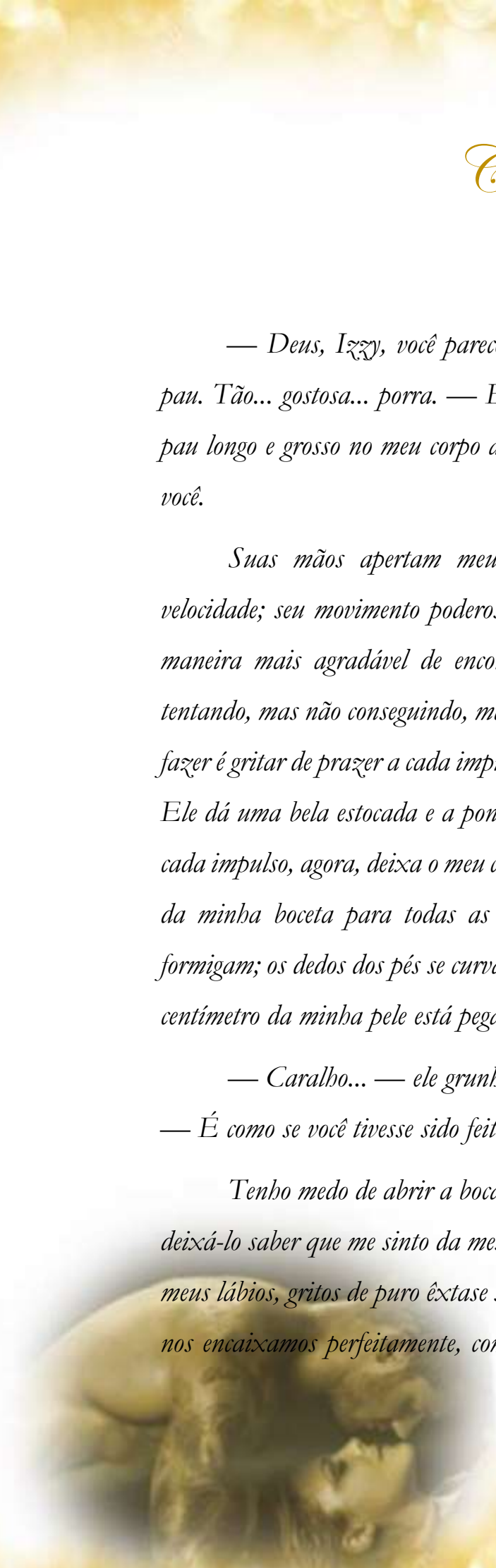
Capítulo 7

— Deus, Izzy, você parece boa pra caralho, envolvida em torno do meu pau. Tão... gostosa... porra. — Ele murmura enquanto, lentamente, empurra o pau longo e grosso no meu corpo ansioso. — Nunca senti nada tão bom quanto você.

Suas mãos apertam meus quadris enquanto os golpes aumentam a velocidade; seu movimento poderoso faz com que meus mamilos duros rocem da maneira mais agradável de encontro aos lençóis. Cravo os dedos nos lençóis, tentando, mas não conseguindo, manter o meu gemido baixo. Tudo o que eu quero fazer é gritar de prazer a cada impulso único, e a cada movimento dos seus quadris. Ele dá uma bela estocada e a ponta do pênis generoso bate no colo do meu útero; cada impulso, agora, deixa o meu corpo mais tenso e raios de puro prazer disparam da minha boceta para todas as partes do meu corpo. Meus dedos das mãos formigam; os dedos dos pés se curvam; parece que meus seios estão pulsando. Cada centímetro da minha pele está pegando fogo por este cara.

— Caralho... — ele grunhe, a respiração rápida contra as minhas costas. — É como se você tivesse sido feita para mim, baby.

Tenho medo de abrir a boca para responder com algum tipo de som que vai deixá-lo saber que me sinto da mesma maneira. Sei que, no segundo em que abrir meus lábios, gritos de puro êxtase se derramarão. Deus, eu o amo. Ele tem razão; nos encaixamos perfeitamente, como se fôssemos feitos um para o outro. Nossos



corpos se alinham perfeitamente, nossos movimentos estão em perfeita sincronia e nossos pensamentos se expressam sem palavras.

Sua mão se estende até o meio das minhas coxas e ele começa a esfregar o polegar em círculos deliciosos; fazendo o prazer do meu corpo alcançar níveis ainda mais altos.

— Goze comigo, Princesa, goze comigo.

Exatamente quando meu prazer atinge níveis insuperáveis e as garras do mais poderoso orgasmo começam a me alcançar...

Eu acordo.

Me sentando imediatamente com um solavanco gigante, ouço um baque à minha direita e vejo a Dee levantar a cabeça cansada ao lado da cama. Infelicidade, com uma pitada de confusão, marcam o rosto bonito; o cabelo dela está apontando para todas as direções possíveis e a maquiagem impecável da noite anterior está manchada debaixo dos olhos e nos lábios. Se não estivesse sentindo, ainda, os efeitos daquele sonho, poderia até rir. Ela parece absolutamente ridícula.

— Jesus Cristo, Iz. Um simples despertador teria bastado, também.

— Desculpe. — Eu fungo, ganhando um novo olhar.

Tiro os olhos da pequena bola infeliz no chão e, lentamente, olho ao redor meu quarto, tentando descobrir o que parece tão diferente. Bem, além de acordar com a Dee na minha cama,

parecendo esquisita pra caralho. Uma batida na minha porta me faz franzir a testa ainda mais e não consigo descobrir o que parece tão fora de lugar.

A porta se abre um pouco e o Greg põe a cabeça para dentro. — Oi — diz ele, hesitante. — Tudo bem se eu entrar?

E isso é tudo o que necessito para recordar tudo muito claramente, em alta definição. Meu aniversário, o embrulho, a boate Carnal e Axel.

Dee levanta do chão, esfregando a bunda enquanto passa pelo Greg a caminho da porta; murmurando palavrões em voz baixa.

— Alguém acordou feliz — Greg diz, caminhando até a beira da cama e se sentando. Olha para mim, aparentando estar fazendo uma visita agradável. — Bom dia, baby, dormiu bem?

Ele parece tão estranho no meu quarto feminino. O cabelo castanho está despenteado, como se tivesse acabado de acordar, dando-lhe um aspecto quase infantil no rosto normalmente duro. Está vestindo uma calça de moletom e uma camiseta branca justa, mostrando os braços musculosos e grossos. Grita masculinidade no meu quarto frívolo.

— Dormi decentemente, suponho, ou ao menos, é o que creio. — Pego um fiapo imaginário no meu edredom, sem olhar nos conhecedores olhos dele. Sinto ele se mover, para ficando de frente para mim. Ainda assim, não olho para cima.

— Olhe para mim, baby, preciso ver que está bem.

Tomo um grande bocado de ar, prendo a respiração e olho para cima. Sua postura displicente já se foi e seu olhar duro e controlado está firmemente estabelecido. Um olhar que não estou acostumada a receber. Já o vi dar esse olhar um milhão de vezes, antes; é aquele olhar que sempre significa negócios, não importa o que está acontecendo, um olhar com o qual você não quer cruzar.

Acho que isso significa que o jogo começou. Estava esperando, realmente, que ele fosse deixar isso para lá. Não havia nada para discutir a fundo.

— Olha, G, sei que você tem boas intenções, mas essa merda... essa merda não é algo com o qual eu quero lidar. Nem agora, nem depois. Nem tenho certeza se quero lidar com isso novamente. O que resta para dizer neste momento, hein? Esse caminho, não é o que eu quero percorrer novamente. Tem sido bloqueado com placas de desvio por um longo tempo, enormes e fodidas placas me dizendo para ir em outra direção. Estaria me dirigindo a mais dor e desgosto e isso não é algo que eu quero fazer. É pedir muito apenas me permitir um pouco de felicidade, que um pouco dessa nuvem negra se dissipe? — Nem sequer lhe dou uma chance para dizer uma palavra, cortando-o antes que ele possa tentar alguma coisa. — Nós sabemos... agora, que você e... você e ele são amigos. Vamos apenas deixar assim. Você pode ser amigo dele e pode ser meu amigo, também. Não vejo por que os dois têm que afastar. Jamais.

Posso ver que está tentando acalmar o seu temperamento ou, talvez, esteja tendo uma briga consigo mesmo, quem sabe. Não me

importa neste momento; de maneira alguma, vou fazer isso. Não, quando o corte está tão fresco em minha carne. Sinto que tenho um filme passando na minha cabeça, uma e outra vez, com as mesmas imagens. Imagens de um passado esquecido e um futuro perdido.

— Izzy, isso não vai desaparecer. Mais cedo ou mais tarde você vai ter que encarar. — Sei que ele tem razão, de verdade, mas isso não significa que tenho que concordar com ele. A negação é um lugar perfeitamente aceitável para fazer as malas e me mudar. — Ele vai ser meu sócio, agora, ele mora e vai ficar aqui, Iz. Ele não vai simplesmente desaparecer.

Não tenho energia para esta discussão e sei que vai acabar sendo uma briga pesada; uma luta em que necessitarei de todo o meu raciocínio; argumentar com o Greg nunca é fácil.

— Entendo que *isto* pode não estar indo embora, mas isso não significa que tenho que lidar com as coisas agora, caralho. — Sinto vontade de socar alguma coisa. Por que não podemos, apenas, fingir que a noite passada nunca aconteceu e sou a fodida rainha que varre toda a sujeira para debaixo do tapete, esse é um jogo que posso jogar com os melhores. Fora da vista, fora da mente.

— Garota, isso me dói, mas me sinto fodidamente culpado nesse momento. Você pode ser capaz de esquecer, ou tentar, mas eu não posso. Sei o que a noite passada custou a você e não posso ficar sentado sabendo que você está sofrendo. — Balança a cabeça e os olhos azuis perdem aquele brilho luminoso. — Eu devia saber, mas... caralho, Iz, nunca o conheci como Axel. — Ele faz uma pausa

novamente, se o faz para dar um toque dramático ou apenas tentando descobrir a melhor maneira de me irritar, não sei, mas exatamente quando me preparo para surtar, ele continua. — Eu só o conheci como Reid. Quando nos conhecemos no treinamento básico ele era H. Reid, e a partir de então, só o chamamos de Reid, porra, baby, mas ele nunca foi Axel. Quando saímos em missão pela primeira vez e ele se apresentou, foi a única vez que o ouvi se referir a si próprio como algo além de Reid, e juro, não foi Axel.

Por que isso é tão importante? Se eu não me importasse tanto com a minha amizade com o Greg, poderia matá-lo. Chutar o rabo dele.

— Holt, certo? — Eu rio, sem humor. — Ele sempre odiou esse nome, dizia que o lembrava do seu pai. — Murmuro, voltando a procurar o fiapo invisível. — Greg, será que podemos, por favor, por favor, não fazer isso agora?

Ele olha para mim, me avaliando por um tempo e, mais uma vez, tentando medir as palavras.

— Iz, nós vamos passar por isso, caralho. Eu não vou deixar você ficar sentada aqui, apodrecendo na mágoa. Não, quando eu posso corrigir isso, não quando tenho o poder de fazer alguma coisa, neste momento. — Nenhum argumento. Seu tom não deixa espaço para discussões, está determinado e firme nesse propósito.

Teimoso e fodido idiota. Somos realmente muito parecidos, às vezes.



— Estou bem, de verdade, só preciso processar tudo isso. — Minto. Ele sabe que estou mentindo, posso ver no seu rosto. Ele podia ter vindo pronto para jogar, mas não tinha aquela dureza nos olhos, à primeira vista. Minha mentira simplesmente confirma seus pensamentos, que eu não estava processando isso muito bem.

— Você não está bem, baby, longe disso, e se espera que eu vá ficar sentado aqui e engolir esse monte de merda que está insistindo em falar, está fodidamente louca. Você esquece que eu te conheço. Que esse jogo não vai funcionar comigo.

— Greg, sério? — Solto um gemido alto. — Você está falando sério, neste exato momento? Não estou tentando lhe falar merda nenhuma. Só não quero ir por esse caminho. Realmente, é tão simples quanto isso. Não tenho um motivo oculto. Apenas me dê um maldito tempo, você sabe, caralho, você sabe o que ele significava para mim. Você poderia me dar um minuto, sei lá, para processar esta merda? Morto, G, ele estava morto durante doze anos e, de repente, não está mais, isso não é algo com o qual eu possa simplesmente acordar e lidar com facilidade. — Posso dizer que acertei um ponto sensível e, talvez, pudesse me sentir mal se não estivesse tão chateada. Ele não está deixando que eu resolva isso, não está me deixando pensar; só quero um segundo, apenas um fodido segundo para colocar minha cabeça no lugar para entender esta merda colossal.

Ele parece um pouco mais compreensivo após a minha explosão, não muito, mas posso ver que ele está se esforçando para enxergar através do meu ponto de vista.

— Eu vou te dar o dia de hoje, Izzy, mas, ouça bem, vamos falar sobre isso. Sem deixar nada para trás, sem bloquear nenhum assunto. A lata foi aberta e você pode até tentar, mas de maneira nenhuma vai guardar esses vermes novamente. — Ele dá um leve aperto na minha perna e levanta, me dando mais um olhar sério e se vira, pisando forte para fora do meu quarto; fechando, firmemente, a porta atrás de si.

Bom, foi tudo bem.

Sei que ele tem razão, eu sei. Eu tenho que lidar com isso. Posso não querer fazer isso e não vai ser bonito, mas tenho que enfrentá-lo. Com tudo o que está acontecendo, não é algo que eu queira no meu radar, mas está lá. Vou lidar com isso, mas nos meus termos e não vai ser hoje.

Deito novamente e me viro de frente para a grande janela, olhando para o céu sem nuvens da Georgia. Que confusão fodida. Ainda tenho que lidar com o Brandon; o divórcio ou, na verdade, a falta dele e seus lembretes constantes que está na minha vida e sabe como chegar até mim... como me machucar. Agora, agora tenho que lidar com Axel e um passado que me esforcei para esquecer e seguir em frente, por quase metade da minha vida. Oh, quão cruel é o destino.



É realmente engraçado, às vezes, como tudo se fecha em um círculo completo. Justo quando você acredita que a sua vida se encaminha para uma direção clara, a luz fica vermelha e o sinal de retorno aparece. Não há um dia sequer que eu não deseje que os meus pais ainda estivessem aqui, residindo felizes em nosso pequeno e velho rancho de três quartos. Se não os tivesse perdido, Dee nunca teria entrado na minha vida e ainda que ela não apague a dor da sua perda, me considero sortuda em alguns aspectos. Mesmo durante os tempos sombrios do meu casamento, quando nosso contato foi mínimo e escasso, sempre soube que ela estava lá e sempre estaria.

Através da Dee conheci o Greg, outra coisa que não teria na minha vida se os meus pais houvessem sobrevivido a aquele acidente. Ele era outra pessoa que Dee tinha cativado com a sua personalidade avassaladora. Ela o conheceu quando estava saindo com o primo dele e, ainda que o relacionamento com o primo não tenho durado, sua amizade com o Greg continuou. Ela não pode evitar, tem alguma coisa nela que faz com que as pessoas queiram estar perto dela. Tem essa perspectiva permanente de que tudo está bem no mundo. E, para a minha sorte, ele estava por perto na noite em que ela veio me salvar, ainda que não me lembre dele aparecer com ela. No momento em que ela chegou até mim, eu estava completamente apagada. Na primeira vez que o vi, minha reação inicial foi de medo; o Greg enlouquecido não era alguém de quem você queria estar perto e quando me viu sair da van naquele dia, sua reação me assustou pra caralho. Enorme, furioso e pronto para matar. Ninguém ficou mais chocado do que eu, quando o gigante furioso se transformou em um escudo humano.

Estava pronto para me proteger de qualquer coisa e aquilo nunca mudou.

Sei que tenho sorte por ter a amizade da Dee e do Greg, são as únicas duas pessoas que me restam no mundo. As duas únicas pessoas que conheço que morreriam antes de me machucar. Eles são minha família, agora; família que, às vezes, eu quero machucar, mas família, no fim das contas. Às vezes é difícil lidar com toda a minha merda. Sei que não é fácil para eles. Quando tenho um revés, ambos têm que lidar com isso, bem ao meu lado. Me fecho em mim mesma; Dee entra no modo de mãe preocupada e Greg incorpora sua personalidade de protetor alfa.

Dee e eu somos próximas, e sempre seremos, mas com o Greg compartilho um laço de perda e dor que ninguém nunca vai compartilhar. Quando me contou sobre sua irmã, ainda me lembro do olhar nos seus olhos. Essa foi a única vez que o vi derramar uma lágrima. Partiu meu coração e me agarrei a ele, lamentando pela sua irmã, mas também sentindo a dor que os últimos seis anos da minha vida tinham embutido em mim, com o conhecimento austero e frio que poderia ter havido um final muito diferente. Esse foi o dia que ele prometeu que não deixaria o meu marido me tocar; o dia no qual prometeu fazer tudo o possível para manter a dor afastada.

Me viro de costas e olho para o teto, seguindo as rotações das pás do ventilador com os olhos, deixando as lembranças do passado voltarem a mim.



Recordo quando era constantemente feliz como a Dee, sempre olhando o mundo através de óculos cor de rosa. Não era a garota mais popular da escola, mas tinha um bom número de amigos próximos. Minha infância tinha sido tão cheia de risos e amor; meus pais eram os mais perfeitos que alguém poderia ter. Estavam sempre felizes, sempre sorridentes e sempre cheios de amor. Amor por mim e amor pela vida. Para uma relação entre pais e filhos, a nossa não era a mais convencional. Podia falar com eles sobre qualquer coisa e nunca me julgaram ou desprezaram. Não passava um dia sem que eu sentisse a alegria que eu tinha trazido para suas vidas.

Havia tido a sorte de encontrar o amor da minha vida muito jovem. Tínhamos uma relação que me fazia lembrar a dos meus pais. Sempre felizes, sempre sorridentes e sempre cheios de amor. Tive os três dos melhores anos da minha vida com aquele rapaz.

Pensava que era intocável e achava que o nosso amor era inquebrável. Juntos, poderíamos superar qualquer coisa que a vida jogasse sobre nós. Ao seu lado, me sentia completa.

Axel havia partido para o treinamento três dias depois que se formou no ensino médio, o que, desafortunadamente, significava que estava me deixando para trás no processo. Entendia isso, diabos, inclusive o tinha incentivado. Queria o que o fizesse feliz e sabia que ele estava fazendo o seu próprio caminho; provando ao mundo que não era nem um pouco parecido com seus pais, pais que se preocupavam mais com a sua próxima grande correção do que com o próprio filho. Axel havia estado vivendo dentro e fora das casas de

acolhimento na maior parte dos seus dezoito anos e, sabendo que não tinha como me oferecer um futuro sólido, fez a única coisa que fazia sentido para ele; se alistou nos Marines.

Juntos, com meus pais ao meu lado, nós o deixamos na rodoviária com a promessa de nos reunirmos e viver todos os nossos sonhos quando me formasse, no ano seguinte. Aquele dia tinha sido o primeiro dia difícil da minha vida.

Deixei escapar uma risada amarga dos meus lábios quando pensei novamente em todos aqueles sonhos estúpidos. É uma coisa engraçada, os sonhos de uma adolescente inocente; nunca sabe quando está fazendo planos, que está planejando pesadelos em vez disso.

Não fiquei tão arrasada quando ele partiu, claro que tinha ficado chateada, mas sabia que ele voltaria; regressaria por mim. Meus pais tinham planejado algumas viagens naquele verão para que eu não ficasse pensando no quanto sentia a falta do Axel, pelo menos até que tivesse notícias dele novamente. Estava tão animada esperando por esse dia, mesmo sabendo que seria só uma carta; mal podia esperar para ouvir sobre todas as mudanças que estava enfrentando e como estava lidando com elas sem mim.

Mas esse dia nunca chegou. Duas semanas depois de me despedir do meu amor, meus pais morreram em um acidente de carro. Fiquei devastada e desolada. Olhando para trás, agora, posso dizer que foi o início da minha espiral descendente. Não lidei muito bem com a morte deles, especialmente sem o Axel para me apoiar. Meus

pais tinham sido, ambos, filhos únicos e os pais do meu pai tinham morrido há muito tempo, antes de eu nascer. Sem nenhuma outra família para assumir meus cuidados, fui enviada para morar com os pais da minha mãe, na Carolina do Norte. Mesmo através de toda minha tristeza, ainda me aferrava à esperança que o Axel voltaria para os meus braços e que ia mandar toda aquela dor para longe. Amava os meus avós, não me interpretem mal, mas eram velhos e não sabiam como lidar com a minha dor, além da própria dor deles.

Havia deixado o endereço deles aos cuidados da mãe adotiva do Axel, June. Sabia que ela me odiava, mas havia esperado que, já que não podia entrar em contato com ele, esta seria a melhor coisa a fazer.

A névoa da morte dos meus pais havia finalmente me deixado quando descobri que estava com quase dois meses de gravidez. Fazia quase um mês que os havia perdido e não passava um dia sem que sentisse a dor pungente, mas essa gravidez me dava algo no qual me concentrar. Algo para seguir em frente. Era o Dia da Independência, quando descobri, bastante irônico. Recordo de estar sentada no banheiro da casa dos meus avós, pensando que tinha a coisa mais próxima do Axel comigo; um pedaço dele e do nosso amor. Entretanto, tinha medo; que pessoa de dezessete anos não teria. Estava, basicamente, sozinha e grávida. Amei esse bebê desde o segundo que vi o resultado positivo no teste de gravidez, e soube que o bebê criado pelo nosso amor seria lindo.

Com uma nova oportunidade na vida, comecei a seguir em frente e planejar nosso novo futuro. Mal podia esperar para

compartilhar a notícia com ele. Todos os dias escrevia para ele, enviando as cartas para o seu antigo lar adotivo. Sem saber onde ele estava estabelecido, achei que era a melhor coisa a fazer. Preocupava-me não ter notícias dele, mas sabia que ele ia me encontrar. Sempre me encontraria.

Estava com cerca de dez semanas de gravidez, quando recebi uma carta da June. Ela me disse para parar de enviar as cartas para a casa dela, Axel não ia voltar e que tinha pedido a ela para me dizer para deixá-lo em paz. Fiquei confusa e com o coração partido. Meu Axel não teria dito isso, ele me amava; tínhamos um futuro juntos.

Tentei mandar uma carta para a base na qual ele foi originalmente designado, mas a carta foi devolvida, dizendo que não havia ninguém lá com aquele nome. Não sabia o que fazer. Sabia que a June me havia dito que ele queria que eu o deixasse em paz, mas senti que ele merecia, pelo menos, saber sobre o bebê. Então, sem outras opções, tentei entrar em contato com a June, novamente. Escrevi uma carta detalhando a importância do Axel entrar em contato comigo. A carta que recebi em troca me chocou até a alma.

Abri o envelope e imediatamente senti o cheiro de fumaça de cigarro flutuando ao meu redor. Desdobrei a única folha de papel e li as palavras que fizeram o meu mundo parar de girar.

Três palavras.

Ele está morto.



Não podia acreditar, simplesmente, não podia. June tinha que estar mentindo. Tentei escrever para a base de novo, mas a carta foi devolvida, dizendo que sentiam muito, mas nenhum soldado com aquele nome estava listado no serviço ativo. Quando essa carta chegou, foi então que acreditei na June e me despedacei.

Duas semanas depois, perdi nosso bebê.

Esse foi o dia em que perdi todo o contato com a realidade e afundei em uma depressão profunda cheia de buracos negros. Afastei todo mundo quando perdi esse último pedaço que o Ax havia deixado. Me afundei no álcool e passei a maior quantidade possível das minhas horas acordada bebendo qualquer coisa que as minhas mãos de menor de idade conseguiam encontrar. Meus avós ainda estavam lidando com a morte da minha mãe e fizeram vista grossa para o meu comportamento ou simplesmente não perceberam. De qualquer maneira, estava completamente sozinha de novo, sem nenhuma esperança do Axel me salvar desta vez.

Quase oito meses depois, a Dee irrompeu no meu mundo e lentamente me trouxe de volta à vida. O resto é, como dizem... história.

História com a qual não pensei que teria que lidar novamente.

Não sei quanto tempo passei na cama, olhando para o nada, lembrando aqueles primeiros dias. No momento em que o meu estômago começa a me lembrar que preciso comer, a hora do almoço

já havia passado há muito. Me forço a levantar, clareando a mente e partindo para o chuveiro. Não quero ser fraca outra vez e estou determinada a ser forte para lidar de frente com esta nova merda do destino. É hora de me desfazer da velha Izzy e começar a buscar a garota que eu costumava ser.

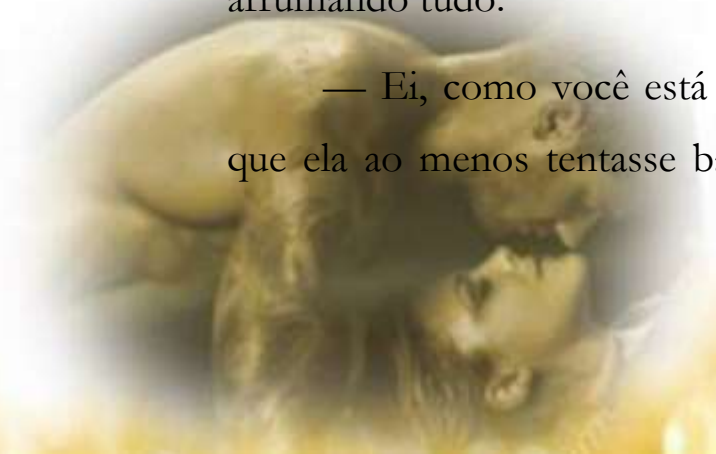
Quinze minutos depois, estou me dirigindo até a cozinha, esperando fazer um lanche rápido para comer sozinha, antes de mergulhar no trabalho. Tenho alguns clientes novos, os quais preciso responder os e-mails; propostas a serem aprovadas e alguns lugares que necessitam que sejam feitas as manutenções de rotina. É tudo bastante básico, mas manterá minha mente ocupada e longe de tudo o mais que está à minha volta.

Havia estado trabalhando por algumas horas quando ouço a porta da garagem abrir.

— Droga — murmuro, sentindo que a tarde tranquila e agradável tinha acabado. Alguém chegando significava que não poderia ignorar completamente a vida ao meu redor, o que é simplesmente estupendo. Com um longo e dramático suspiro, salvo e fecho os programas nos quais estava trabalhando, fecho o laptop e arrumo toda a papelada que está espalhada na mesa da cozinha.

Dee entra, me lançando um sorriso triste enquanto estou arrumando tudo.

— Ei, como você está se sentindo? — Ah, estava esperando que ela ao menos tentasse bancar a otimista. Suponho que até ela



entende quão intensa a noite passada foi. Hesitação e essa nuvem de timidez não combinam com a minha amiga.

— Melhor que ontem à noite ou, pelo menos, estou chegando lá. — Tento dar um sorriso, mas ele sai forçado. Tenho certeza que parece ainda pior, porque ela vacila um pouco antes de se sentar ao meu lado.

— Sei que você não quer falar sobre isso e respeito, de verdade. Podemos falar sobre isso mais tarde e você sabe que não vou julgá-la se essa é a maneira com a qual quer lidar com isso. Mas, deixe-me só falar isto e vai ser o fim até que esteja pronta, ok? — Não espera que eu responda, sabe o que vou dizer se esperasse. — Aqui, ele me deu isto na noite passada e... bem, mesmo que não queira pressionar, acho que deve ficar com isso. — Ela enfia a mão no bolso do casaco e tira um pequeno cartão branco, deslizando-o na frente do meu assento. Se levanta, me dá um pequeno abraço e sussurra no meu ouvido: — Não vou pressioná-la, Iz, mas acho que precisa fazer algo com isso. — Um pequeno sorriso mais tarde e sai da sala, me deixando enquanto me afasto rapidamente do pequeno cartão como se carregasse uma praga.

Depois de uma bela chacoalhada interior, finalmente me inclino e pego o cartão. Não devia ser uma surpresa, sabia o que provavelmente ia encontrar quando o peguei, mas ainda assim trago uma rápida rajada de ar.



Holt Reid

Corps Security

770.555.6839

Se alguém estivesse me observando, pensaria que havia enlouquecido completamente. Cada parafuso está solto e estou não só incrivelmente louca, mas estou muito longe disso. Um riso histérico borbulha através de mim antes que eu possa reprimi-lo. Enxugando as lágrimas dos olhos, tentando me acalmar, finalmente me concentro naquele estúpido cartão.

Holt. Nunca será *Holt* para mim. Fico sentada ali não sei por quanto tempo... horas, minutos, inferno poderiam ter sido apenas segundos, simplesmente olhando seu nome na escrita elegante; tentando descobrir exatamente quem é hoje Axel Reid. Está casado? Meu coração acelera diante do seguinte pensamento que passa através da minha mente... tem filhos? É uma pergunta lógica; não somos mais aqueles adolescentes cegos pelo amor. Fazia sentido que ele tivesse seguido em frente, eu o fiz... mesmo que tivesse sido uma jogada ridícula. Por que ainda quer falar comigo? Obviamente decidiu há muito tempo que havia terminado comigo. O destino é uma grande cadela fodida nos atirando novamente no caminho um do outro.

Enfio o cartão no bolso da frente do meu moletom e pego o meu trabalho pela segunda vez no dia; o que posso dizer, minha negação e eu vamos nos tornar melhores amigas.

Dee regressa algumas horas mais tarde e pergunta se quero pedir alguma coisa para o jantar. Na verdade, não dava a mínima, mas digo a ela que sim, e o que ela pedir está bom. Sei que ao menos se não agir normalmente, ou tão normalmente quanto possível, começaria a se preocupar e me obrigaria a falar. Não estou pronta. Quatro horas depois e duas garrafas de vinho consumidas entre nós duas, me encontro sentada no meu quarto olhando para aquele pequeno cartão branco novamente. *Holt, Holt Reid.* Tenho certeza que o riso que sai desta vez soa tão instável como antes, mas simplesmente não posso evitar. Quão fodido era tudo isso. *Holt...*

Podia ser a decisão mais estúpida que havia tomado em um longo tempo, mas agarro o celular em cima da mesa de cabeceira e deslizo o dedo pela tela para desbloqueá-la. Adiciono seu estúpido nome novo nos meus contatos e salvo suas informações. Abro uma nova tela de texto e penso que, diabos, por que não, ao menos desta forma não tenho que olhar para aqueles brilhantes olhos verdes.

Eu: Então, vamos de Holt agora, hein?

Axel "Holt": Izzy?

Eu: Ah, bingo... alguém mais por aí não te conhece como "Holt"?

Axel "Holt": Um monte, princesa.

Eu: Não, não sou sua princesa.

Axel "Holt": Ok, então é assim que vamos agir, como se ainda fôssemos fodidas crianças? Você me mandou uma mensagem, IZZY, então me diga, o que está acontecendo?

Eu: Não estou agindo como criança. Simplesmente não entendo por que você se preocupou em me pedir para entrar em contato. Acho que ambos estamos de acordo que o passado precisa ficar lá... no passado.

Axel "Holt": Não, não estou de acordo com isso. De jeito nenhum. Onde você está? Irei até você; não vamos fazer isso por uma merda de mensagem de texto.

Eu: Não, não. Não acho que é uma boa ideia. Se está empenhado em trazer isso de volta, tudo bem, mas faremos isso à minha maneira. Preciso processar isso, não posso repassar tudo isso em menos de um dia. Você quer conversar, tudo bem... mas não agora.

Axel "Holt": Processar? Que diabos há para processar? Onde você está, Izzy? Não vou perguntar de novo e não vou continuar com essa merda por mensagem de texto, como um maldito adolescente.

Eu já devia saber. Suspirando, desligo o celular. Não há razão para continuar a discutir com ele, fiz o que queria fazer e pedi para ele me dar o meu tempo. Se não pode respeitar isso, então foda-se ele e o encerramento que se dane.

Dez minutos depois, meu telefone apita. Um minuto depois ouço um toque de notificação, seguido pouco depois por outro toque. Maldito seja.

Axel "Holt": Conversaremos sobre isso, Izzy. Eu conheço você, não se esqueça disso, porra. Não deixarei que simplesmente me esqueça como fez antes.

Axel "Holt": Entenda isso, se acha que pode simplesmente me ignorar, e ignorar isso, então esteja pronta para um monte de mensagens. Você quer a porra de um tempo, tudo bem. Uma semana, isso é tudo que estou disposto a dar. No próximo sábado, não me importo se tiver que bater em cada maldita porta na Geórgia. Vou encontrá-la e vamos ter essa conversa. Entendido?

Bem, merda.

Eu: Uma semana, "Holt", suponho que vai ter que ser suficiente, não é? Avisarei na sexta-feira se estou pronta. Boa noite.

Axel "Holt": Se me chamar de Holt mais uma fodida vez, vou colocá-la sobre os meus joelhos, entendeu? Não sou Holt para você, e você sabe muito bem que odeio esse nome, porra.

Com uma exclamação de surpresa diante da audácia dele, rapidamente desligo o celular e o arremesso pelo quarto como se estivesse pegando fogo. Definitivamente, não posso lidar com *isso*.

Capítulo 8

A manhã seguinte chega rápido demais, mas acordo com uma nova resolução de que será um bom dia. Tenho que lidar com Axel, mas não farei isso hoje. Os domingos são normalmente o dia em que Dee e eu descansamos em casa, colocamos em dia os filmes e passamos algum tempo apenas nós duas. Já que o nosso "Domingo Divertido" foi interrompido pelo novo drama na minha vida, o reprogramamos para hoje. Dee ligou para o trabalho dizendo que não podia ir hoje e começamos a planejar nossa "Segunda-feira Divertida". Este tempo juntas é importante para nós, especialmente depois de ontem, então estou feliz em ter este tempo hoje. Apesar de morarmos juntas, vivíamos bastante ocupadas durante a semana, ou pelo menos, ela vivia. Meu trabalho era mais uma coisa de "no meu próprio ritmo", assim frequentemente me encontro trabalhando em horários estranhos, aqui e ali. Trabalhar em casa tem suas vantagens, bem... um benefício: a solidão.

Me sinto melhor estando por conta própria, estando sozinha e sem me preocupar em verificar os arredores a cada dois segundos.

Me sinto mais segura.

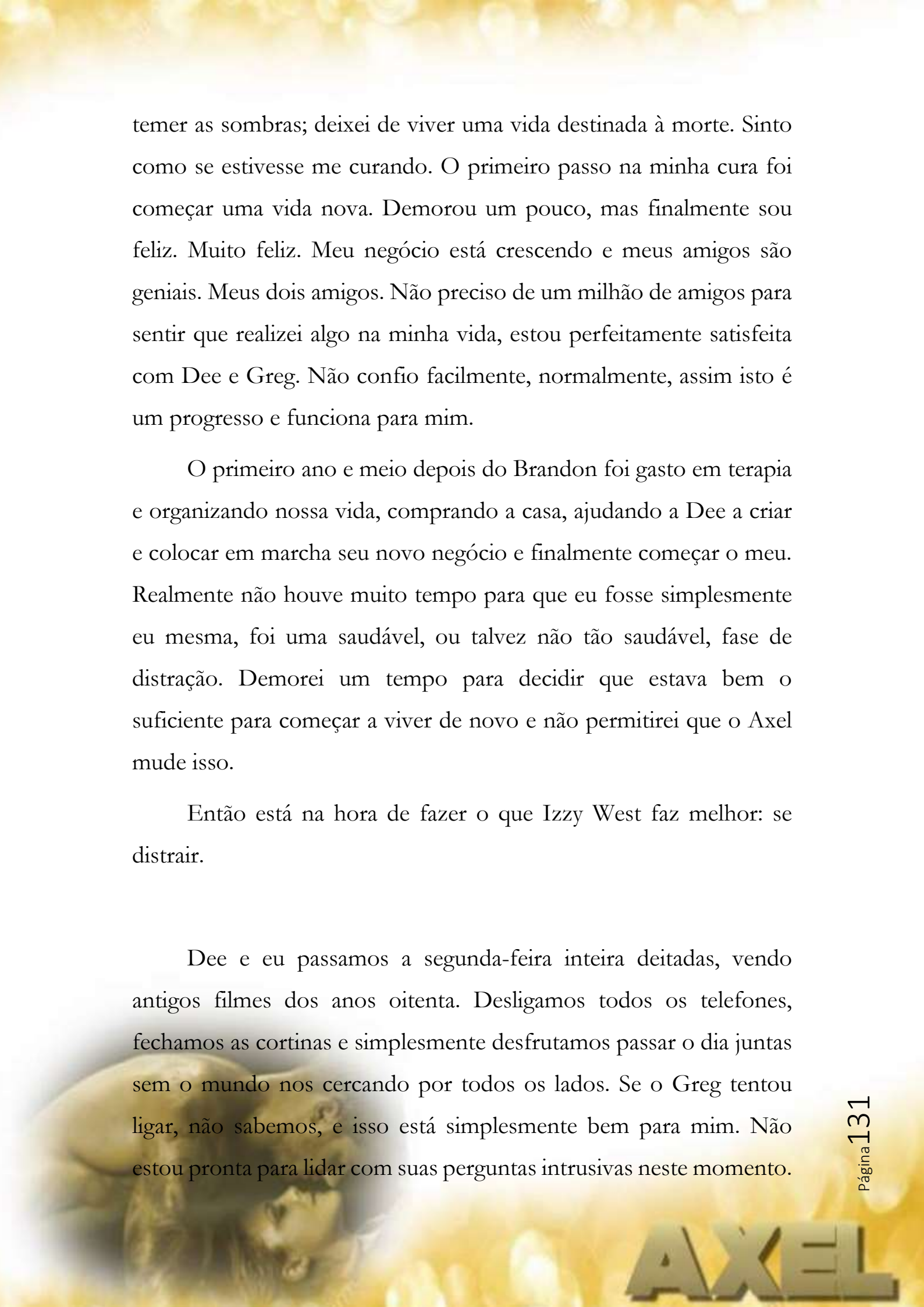
Talvez tenha percorrido um longo caminho desde o Brandon, mas muito disso tem a ver com não sair muito de casa. E quando o faço, nunca saio sozinha. Deixei de olhar por cima dos ombros e

temer as sombras; deixei de viver uma vida destinada à morte. Sinto como se estivesse me curando. O primeiro passo na minha cura foi começar uma vida nova. Demorou um pouco, mas finalmente sou feliz. Muito feliz. Meu negócio está crescendo e meus amigos são geniais. Meus dois amigos. Não preciso de um milhão de amigos para sentir que realizei algo na minha vida, estou perfeitamente satisfeita com Dee e Greg. Não confio facilmente, normalmente, assim isto é um progresso e funciona para mim.

O primeiro ano e meio depois do Brandon foi gasto em terapia e organizando nossa vida, comprando a casa, ajudando a Dee a criar e colocar em marcha seu novo negócio e finalmente começar o meu. Realmente não houve muito tempo para que eu fosse simplesmente eu mesma, foi uma saudável, ou talvez não tão saudável, fase de distração. Demorei um tempo para decidir que estava bem o suficiente para começar a viver de novo e não permitirei que o Axel mude isso.

Então está na hora de fazer o que Izzy West faz melhor: se distrair.

Dee e eu passamos a segunda-feira inteira deitadas, vendo antigos filmes dos anos oitenta. Desligamos todos os telefones, fechamos as cortinas e simplesmente desfrutamos passar o dia juntas sem o mundo nos cercando por todos os lados. Se o Greg tentou ligar, não sabemos, e isso está simplesmente bem para mim. Não estou pronta para lidar com suas perguntas intrusivas neste momento.



Passo a terça-feira me colocando em dia com o meu trabalho e atendendo aos telefonemas do Greg. Finjo problemas no trabalho e logo desligo. Sei que isso não vai funcionar, mas de novo, não estou pronta para ele. Não minto completamente; tenho muito trabalho que preciso adiantar. Minha reputação está se espalhando rapidamente e finalmente peguei alguns negócios bastante grandes em Atlanta. Dee fica fora mais tempo do que o normal para uma terça-feira; sei que ela está em meio a alguns problemas com a subsidiária da Carolina do Norte. Então, no momento em que chega em casa, está muito cansada para tratar de me pressionar muito. Outra vez, funciona perfeitamente para mim.

Quarta-feira passo enviando mensagens, limpando meu armário e organizando a despensa. Inclusive faço faxina em todos os três banheiros da casa.

Mas quando chega a quinta-feira já estou ficando sem desculpas para dar ao Greg e estou ficando sem coisas para me manter distraída. Pior ainda, o sábado está ficando mais e mais perto. Greg parece estar bastante ocupado tentando fazer com que a nova e melhorada Corps Security esteja instalada e funcionando e pela primeira vez o tempo estava trabalhando em meu benefício. Ele liga duas vezes, mas como deixo as chamadas irem para a caixa postal, ele deve ter se dado por vencido. Deveria estar preocupada sobre ele estar em silêncio, mas estou muito ocupada tentando manter meu pânico sobre controle acerca de sábado.

Passo a sexta-feira esfregando o chão à mão e espanando cada superfície em toda a maldita casa. Dee está trabalhando em casa hoje e tenho certeza que ela está começando a pensar que enlouqueci. Recém havia sentado em frente da nossa enorme coleção de DVDs para colocá-la em ordem alfabética de novo, quando ouvi o celular começar a tocar. Dou um pulo e corro até o meu quarto para ver se consigo ignorar o chamado do Greg novamente. Quando pego o celular e vejo chamada de Axel "Holt", grito e o solto. Corro de volta para a sala e retomo minha estúpida tarefa de entorpecimento mental novamente. Ouço o celular tocar mais três vezes antes de terminar. Decidindo que preciso usar munição pesada na minha missão de me distrair, me ponho a caminho para encontrar a Dee.

Isto vai ser suficientemente fácil, mesmo que seja doloroso para mim. Tudo que precisará é uma menção de que finalmente vai conseguir essa mudança de imagem que está perseguindo e vivo temendo, para ela esquecer tudo e se concentrar apenas em fazer compras. Pode ser um truque sujo, mas é o único que tenho no momento.

Terei que passar o dia com a Dee, permitindo que ela tome o controle e me arraste por todo o Estado fazendo compras, mas vai funcionar. Não só terei êxito em não pensar em nada, exceto em quanto dinheiro vai me custar, mas também me manterei longe de casa e Axel não será capaz de me encontrar. Odeio fazer compras, mas se funcionar a recompensa talvez valha a pena. Dee e eu contra

o mundo, talvez ela não saiba, mas está prestes a se tornar minha heroína.

Meus ouvidos finalmente param de zumbir por causa dos gritos enlouquecedores da Dee quando anuncio que estou finalmente pronta para me desfazer dos meus "jeans asquerosos" e das camisetas e deixá-la fazer sua magia. Exatamente como imaginei, entrou imediatamente no modo louco e se esqueceu do mundo ao seu redor. Às vezes, amo como é basicamente fácil suborná-la.

É de manhã cedo no sábado e já estamos há algumas horas no shopping quando meu celular toca, olho para a tela e não posso deixar de sorrir quando vejo "ligação de Greg" na tela. Eu o mantive afastado com sucesso durante toda a semana e agora que estou fora de casa e do alcance do Axel, finalmente vou atender esta chamada.

— Oi — sorrio ao telefone.

— Garota, vai falar comigo hoje? — Sua profunda voz de barítono retumba através da linha.

— Depende de você. Sobre o que quer falar?

— Tudo bem, acho que isso é um não. O que você está fazendo? Passei pela sua casa, mas não havia ninguém lá.



— Compras! — Minha voz deve estar pingando sarcasmo. — Dee e eu estamos no Lenox Shopping; decidi que é hora de um novo guarda roupa. Fazendo todo o possível, deveria nos encontrar aqui... carregar todas as sacolas ou algo produtivo como isso. Vai ser tão divertido. — Sim, o sarcasmo está carregando espessamente o ar. Dee está completamente alheia à minha conversa; ou isso, ou simplesmente está tão em seu elemento que decide ignorá-la.

— Carregar suas sacolas, hein? Deve estar malditamente louca se acha que vou me juntar a essa viagem no campo de estrogênio, gosto das minhas bolas exatamente onde elas estão. — Ele ri de mim, finalmente perdendo aquele tom duro que parece ter adotado comigo. Não gosto de ser a receptora da sua ira.

— Covarde — eu brinco. — O grande e velho covarde está com medo de vir passear no shopping com suas melhores amigas. Creio que você já pode ter perdido essas bolas que gosta tanto, G. — Jogo a cabeça para trás e solto uma gargalhada, ganhando alguns olhares antipáticos das cadelas ricas comprando merdas que não precisam. Parecidas comigo, menos a parte rica.

Posso escutá-lo tentando não rir. Esse é o Greg que eu amo tanto, estas brincadeiras entre nós.

— Vamos, brincadeiras à parte, creio que iremos parar para o almoço em breve, ou pelo menos espero que minha mestra me permita comer. — Olho para onde está a Dee, vibrando com emoção desde que começamos este grande dia de transformação, para confirmar um plano por alimento pelo menos em algum lugar no

futuro próximo. Não está olhando para nenhum lugar perto de mim, em vez disso está concentrada em outra loja. Poderia muito bem apenas lhe entregar o meu cartão de crédito e lhe dizer para me encontrar em casa. Não dei uma única contribuição em nenhuma compra desde que começamos e, se as sete sacolas penduradas nos meus braços não são suficientes, talvez simplesmente corresse. Que diabos eu estava pensando?

Oh, certo... uma distração, estar longe de casa e longe do Axel, que já ligou três vezes desde que o dia começou.

Limpando a garganta, falo no telefone novamente, mesmo que a Dee não estiver de acordo, comeremos em breve. — Então, e aí? Quer nos encontrar aqui ou o quê?

— Claro, Iz, se é assim que vamos jogar hoje, encontro vocês aí. Ligo quando chegar para descobrir onde encontrá-las.

— Perfeito, basta me ligar para me salvar! — Olho para a Dee para me certificar de que pelo menos tem algum entendimento deste novo plano. Parece decepcionada que tenhamos que parar, mas, Cristo, mulher, só posso fazer compras por certo tempo sem comida.

— Nos vemos então, baby. — Desligo e guardo o celular no bolso, me virando para a Dee com um sorriso brilhante. Ela exibe uma careta ridícula no rosto.

— Pare com isso agora mesmo, Dee. Tenho sido uma boa menina e te segui por aí como uma cadela obediente enquanto você gastava milhares de dólares de merda no meu cartão. Não acho que

me alimentar é pedir demais, é? — Tento ser severa, mas acabo rindo da sua cara quando ela tem a coragem de balançar o queixo como se fosse chorar.

— Ok, ok... mas se vamos parar em breve, vamos à Neiman's primeiro. Sapatos, Iz, posso ouvi-los chamando os nossos nomes daqui.

Maldita esquisita.

Quase uma hora depois, finalmente sou capaz de arrastar a Dee dali. Greg tem ligado nos últimos quinze minutos, perguntando por que diabos ainda não tínhamos saído daquela "estúpida loja feminina". Só posso imaginá-lo caminhando de um lado para o outro na entrada da Neiman's agora. Morreria antes de colocar um pé fodão aqui dentro. Saímos com mais seis sacolas. Seis malditas sacolas. Juro que vou acabar vendendo um rim para pagar minha próxima fatura do cartão de crédito.

Greg está, como previ, caminhando ida e volta com passos apertados. Quando finalmente nos vê, para e cruza os braços sobre o peito musculoso, aquela carranca no lugar de novo. Não iria matá-lo fingir ao menos que estava feliz, mas mesmo mal-humorado estou feliz por ele estar aqui.

— Puta merda, agora isso é algo pelo qual definitivamente vale a pena parar de fazer compras. — Fico um pouco desconcertada pelo sussurro rouco da Dee, estava tão focada no desconforto do Greg

que não havia notado o homem de boa aparência ao lado dele. Joe? Não, não está correto. Me lembro vagamente dele do clube, na outra noite. Um amigo do Greg, o que significa que é amigo do Axel também. Encantador. Realmente espero que esta não seja alguma tática do Greg para eu me abrir. Não sei o quanto este homem sabe sobre o meu passado com o Axel, mas não falarei nada para ele hoje.

Caminhando até os homens, Dee e eu nos revezamos dando abraços calorosos no Greg. Ele pode me irritar pra caralho às vezes, mas tem boas intenções. Neste exato momento, porém, é difícil lembrar que tem boas intenções com sua preocupação e atitude protetora.

Começo a empurrar as sacolas para os seus braços, nem mesmo lhe dando a oportunidade de rechaçá-las, olhando para Dee para vê-la praticamente babando sobre o homem parado ao lado do Greg. Nem sequer pareceu notar os dedos ficando azuis por causa das sacolas pesadas. Olho para Greg, aponto com a cabeça para a Dee e dou um sorriso; ele ri, mas ainda parece chateado por estar fazendo-o carregar minhas sacolas.

— Dee, acorda. — Sussurro suavemente. Ela sacode a cabeça e olha para mim com as bochechas rosadas e os olhos cheios de luxúria. Ok... parece que a Dee não vai mais ficar puta sobre parar de fazer compras.

Greg finalmente tem todas as minhas bolsas em ordem, bufando diante da sua atitude:



— Vocês se lembram do Beck? — Aponta com a cabeça para o amigo. Beck, está certo, John Beckett. Murmuro um olá, mas noto que não está prestando atenção em mim; ele e a Dee estão praticamente além das apresentações e estão exibindo um pouco de sexo quente com os olhos. Um desenvolvimento interessante aqui. Dee tem sua diversão, mas não consigo me lembrar da última vez que teve interesse em um homem assim. Está focada na sua carreira e, nos últimos anos, sua atenção tem estado sobre mim. Me sinto culpada por impedi-la de encontrar o amor, mas ela insiste que não faria nada diferente.

Olho novamente para o Greg para ver se ele reparou as faíscas voando entre a Dee e o Beck e noto sua surpresa combinando com a minha.

Pigarreio, esperando parar esta foda com os olhos antes que ambos tenham algum orgasmo estranho no meio do shopping.

— Então...

Greg ri quando ambos saltam como se tivessem sido pegos roubando. — Vocês duas querem largar essa merda de fazer compras e ir ao Heavy's para um churrasco? — Ele sugere, sabendo que o Heavy's é o meu restaurante favorito na cidade. Truque sujo, parece que ele está usando munição pesada hoje.



— Beck, sabia que o sexo não é bioquimicamente diferente que comer grandes quantidades de chocolate? — Não posso evitar rir

diante disso, ou talvez seja só o seu rosto que é hilário. Dee e eu passamos a última hora sentadas aqui desfiando fatos sexuais inúteis. É divertido assistir esses dois grandes homens se contorcerem. Greg está acostumado a isso, mas Beck parece estar a ter um problema com nossa escolha de tema, provavelmente porque ainda está no shopping fazendo um assustador sexo visual com minha melhor amiga.

— É verdade, sabe — ela começa a falar — posso simplesmente obter prazer suficiente de um saco de *Kisses* do que posso obter de qualquer homem. — Olho para a Dee e rio tanto que tenho que segurar meus lados.

— Não está errada minha amiga, *Kisses* são muito mais prazerosos do que qualquer um dos meus namorados que funcionam à pilha. Igualmente satisfatórios, mas sem nenhuma necessidade de trabalho. — Creio que estamos na segunda, não, essa é quarta caneca de cerveja agora e meus sorrisos estão surgindo com tanta frequência, que estou preocupada que me mije toda a qualquer momento.

— Iz, você está louca... qualquer coisa é melhor que a porra de um vibrador. Estou falando de homens reais aqui, mas me arranje um pouco de chocolate estou satisfeita.

Meu riso está saindo ainda mais alto agora, quando vejo a comoção do que ela acabou de dizer se registrar no seu rosto.

— Doçura — Beck interrompe minha risada com uma piscadela. — Se o chocolate é mais gratificante que o sexo, então alguém não está fazendo seu trabalho direito. — Ele sorri de volta

para mim, mas rapidamente vira os olhos novamente para a Dee. Uma Dee que, me dou conta, está em silêncio outra vez.

Estou sentada entre o Greg e a Dee na mesa alta e redonda que escolhemos quando chegamos no Heavy's. Greg continua colocando mais comida na minha frente; deve pensar que pode de alguma forma abrandar minha embriaguez me mantendo cheia de merda.

Tanto faz.

— Não sei qual é a sua razão, mas isso é tudo para mim. É melhor porque "o alguém" não existe mais. Obtenho minha força de onde posso. — Pontuo minha seriedade apontando a batata frita que estou comendo na direção deles. — Tenho chocolate e chocolate induz satisfação. Amo chocolate. Pode ser confuso às vezes, mas não há drama.

Dee está balançando a cabeça com entusiasmo agora.

— É verdade, e você deveria ver nosso esconderijo de chocolate. Estamos preparadas para, pelo menos, um ano sólido de orgasmos. Quem precisa de um cara quando se tem *Hershey's*!

Greg sorri para nós, rindo junto com o Beck agora.

— Vocês duas são fodidamente dementes, sabiam?

Abro a boca para responder quando Dee grita: — Ei, é verdade que vocês homens pensam em sexo sete vezes por dia? — Está olhando diretamente para o Beck; poderia rir se não houvesse decidido que havia uma grande necessidade neste conhecimento. Paro tempo suficiente para refletir sobre isso. Nunca havia pensado

muito sobre isso, no caso em questão, não estou fazendo sexo, por conseguinte por que preciso pensar sobre isso.

— Sim, é algo que, já que tem um enorme pau balançando lá embaixo, é lembrado constantemente e pensa em usá-lo? Como se fosse um gatilho para o sexo? — Estou falando completamente a sério neste momento.

Beck e Greg se entreolham, logo voltam a olhar para nós, então jogam a cabeça para trás e riem tão profundo e ruidosamente que chamam a atenção de quase todo o lugar.

Não creio que entendem quão sério estou falando agora.

— Isso não é engraçado — faço biquinho.

Greg para de rir e começa a responder com humor brilhando em seus olhos, mas seu telefone o interrompe. Olhando para a tela com o cenho franzido, pede licença e sai da mesa.

Certo, tanto faz. Olho para o Beck e lanço minha pergunta novamente para ele.

— Então? Você faz isso? Pensa muito em sexo?

— Doçura — ele começa, antes de voltar sua atenção novamente para a Dee. — Tenho pensado em sexo, sexo intenso e fodidamente sujo, aproximadamente uma centena de vezes desde que nos sentamos para comer. — Olhando novamente para mim: — Será que esclareci para você?

Oh, Deus.

— Ah, bem... está bem. Acho que precisamos de mais cerveja! — Pego a caneca vazia e me levanto para encontrar a garçonete para pedir mais. Lanço um olhar para a mesa no meu caminho para o bar e observo que a Dee ainda está encarando os olhos do Beck, um olhar de completo êxtase no rosto.

Demoro algum tempo para retornar dando a aqueles dois pervertidos sujos um segundo para fazer o que seja que parecem estar fazendo, antes de regressar.

— Então, o que vem a seguir no nosso itinerário de hoje, ou suponho que para esta noite, agora? — Pergunto, me esforçando para reprimir o riso para os meus dois companheiros de mesa. Se isso ficar um pouco mais quente, poderia me sentir como uma participante relutante de um menage.

Dee pigarreia e olha para mim, com luxúria ainda nublando os olhos castanhos. — Humm. Já sei, vamos fazer umas tatuagens! Você continua falando sobre o quanto quer uma.

— Não acho que seja uma boa ideia, Dee. Acho que eles desaprovam pessoas que estão quilômetros acima do limite legal de álccol.

Dee e eu continuamos nosso debate sobre os benefícios de fazermos tatuagens quando se está longe de estar sóbrio, quando Greg retorna. O riso e a leveza que tinham se apoderado do seu rosto desapareceram e o cenho franzido está de volta. Parece que o Greg mal-humorado está de volta.

— G, Dee quer que a gente vá fazer tatuagens, pessoalmente, acho que pode não ser a melhor ideia... você sabe, numerosas jarras de cerveja e tudo isso, o que você acha? — Parece chocado com a minha pergunta. Talvez estava esperando que eu o pressionasse por seu humor ou poderia ser o fato de ter decido repentinamente que marcar a mim mesma com algo permanente podia ser uma boa ideia.

— Não creio que seja uma boa ideia, baby. Não é algo que você faz quando não está pensando com clareza e malditamente certo não é algo que você faz quando sua cabeça não está no lugar certo. — Ele está olhando diretamente para mim enquanto fala isso e não há como negar que está falando somente comigo. Sem encontrar brincadeira nenhuma em seu tom de voz agora, seriedade está pintada pesadamente em toda sua resposta. De nenhuma fodida maneira sabia que não seria capaz de mantê-lo afastado por muito tempo e esse comentário simplesmente me irritou profundamente. Minha cabeça está exatamente onde está e não quero que ele me analise.

Olho para a Dee, que parece estar tão chocada com a resposta dele quanto eu. O que simplesmente me irrita ainda mais. Maldito homem exasperante.

— Dee, onde é aquele lugar que me falou outro dia? Você sabe, aquele que o seu assistente estava falando?

Ela olha para mim, tentando julgar se estou falando sério ou não e praticamente arregalo os olhos para fora das órbitas para lhe comunicar que estava falando fodidamente sério.

— Certo, você se refere ao Smudge, o mais novo estúdio em Grove. Disse que o enorme cara que faz o trabalho é o melhor, mas não soube dizer o seu nome.

— Perfeito, simplesmente perfeito. Terminem, gente, temos lugares para ir. — Junto as mãos e olho para o Greg com toda seriedade que tenho em mim. Ele não vai me impedir. De jeito nenhum, maldição, teria que me trancafiar. *"Sua cabeça não está no lugar certo",* fodido imbecil. Está chateado, sei que ele está. Toma mais dois goles da cerveja, fixando os olhos na Dee. Ela tem um olhar que diz que está de acordo com o que quer que seja, mas está claramente confusa com a minha concordância em visitar o Smudge. Ela trouxe o assunto à tona, assim é melhor que esteja pronta.

Greg se inclina e diz algo ao Beck antes de se levantar e marchar para a porta novamente. Eu o vejo abrir a porta com um supetão e sair, e olho para o Beck. — Qual, diabos, é o problema dele, agora?

— Não sei, doçura, ele só disse que ele precisava fazer uma coisa e nos encontraria lá.

Ok, quem sabe eu podia ter exagerado um pouco, mas sabe, estou cansada de ser tratada com luvas de pelica, como uma frágil boneca de porcelana que pode quebrar ao menor toque. Meu caminho para encontrar a antiga Izzy começa agora e não vou deixar que Greg e o seu monte de merda se intrometa nisso.

— Vocês dois estão prontos para ir? Vou buscar nossa conta para podermos sair daqui. Pense sobre o que você deseja, sua pequena cadela, lembre-se que essa ideia foi sua. — Me levanto e me afasto,

mais uma vez, deixando-os na mesa, mas duvido que sigam encharcados na sua nuvem de luxúria. Beck provavelmente está tentando descobrir com que tipo de louca fodida ele tropeçou e a Dee provavelmente está preocupada outra vez. Pelo menos desta vez não está preocupada com a minha estabilidade mental, ou pelo menos espero que não esteja. Provavelmente está preocupada com a enorme pedra que parece haver aparecido entre o Greg e eu.



Capítulo 9

Dee está muito silenciosa quando entramos no táxi depois de sair do Heavy's. Provavelmente ainda está digerindo minha recusa à sugestão dos rapazes. Deixamos o carro no Heavy's e entramos no primeiro táxi que vi, deixando um Greg fumegante e um Beck confuso parado ao lado da sua caminhonete. Greg estava esperando no lado de fora do Heavy's quando saímos. Era demais para ele ter que se encarregar de algo. Sabia que se deixássemos o Greg conduzir, controlaria o destino e eu ia terminar isso.

Durante os primeiros cinco minutos ela se senta em silêncio, olhando pela janela, a suave música country soando através dos alto-falantes, não muito alta, mas o suficiente para que o silêncio não se tornasse incômodo. Finalmente se cansa e vira para mim.

— Tudo bem, me diga realmente do que se trata isso, Iz. É mais do que algumas bebidas e piadas sexuais. O que está passando realmente aí em cima? — Ela se estica e golpeia suavemente a minha cabeça.

— Não está passando nada aqui em cima, Dee. Estou farta de todo mundo olhar para mim como se eu fosse algum brinquedo danificado. Um brinquedo que, não importa quantas vezes você o entupa de Super Bonder, continua caindo aos pedaços. Estou farta de ser essa garota, Dee. Greg simplesmente me levou ao limite quando

disse que eu não estava bem da cabeça. Estou *bem,* só porque não quero falar sobre... Axel, não significa que não estou bem da cabeça. Não.

— Exatamente quem você está tentando convencer, Izzy? — Ela diz baixinho.

— Não preciso convencer ninguém. Só preciso que você fique do meu lado e confie em mim para lidar com isso nos meus próprios termos. — Deixo escapar um suspiro frustrado e viro a cabeça para ver a cidade. Estou tão cansada desta semana, de me esquivar do Greg e fugir do Axel, só quero que isso acabe. Este pesadelo que estou mais do que pronta para acordar.

— Ok, Iz. Entendo, ou pelo menos estou tentando. Só não gosto de ver você sofrendo e não gosto de ver você e o Greg brigarem. Sabe que ele também deve estar sofrendo muito. Faria qualquer coisa para acabar com o seu sofrimento. Você sabe disso. Não acredite que ele está insistindo em ser um idiota, realmente se importa.

Não respondo. Qual é a vantagem? Não sei o que pensar sobre o Greg. Sei que se preocupa, mas agora que sua lealdade está dividida, posso dizer honestamente que não sei para onde vai com sua necessidade de conversar comigo. Quer que eu seja feliz, sei perfeitamente, mas a que preço?

Paramos na frente do Smudge poucos minutos depois; o taxista nos deixa bem na frente da porta. Rapidamente o pago e corro até a porta. Vejo a caminhonete do Greg rugindo pela rua quando entro

no interior do edifício. Não vai causar uma cena, não em um lugar público como este. Pode olhar para mim com desgosto e julgamento, mas não vai dizer nada. Não, enfrentarei isso mais tarde.

Entramos no edifício bem iluminado, as paredes estão pintadas de um vermelho profundo, o teto e o piso são pretos. Têm um aposento arrumado com pequenos cubículos contra as paredes laterais, cada um com uma parede de cerca de um metro e vinte de altura. Há algumas salas contra a parede do fundo, mas todas as três têm as janelas escurecidas. Não estou segura de querer saber o que acontece lá. Vou até o enorme balcão em forma de "U" colocado no meio do aposento. Há uma mulher jovem, muito tatuada, de pé atrás dele. Seu cabelo curto está apontando em direções aleatórias e está tingido de um azul vibrante. Seu rosto é de uma beleza clássica e ficaria estranho contra a arte no seu corpo e a escolha da cor do cabelo, mas ela usa uma maquiagem carregada. A sombra nos olhos é tão brilhante e tão azul quanto o seu cabelo, grossas linhas negras delineiam os olhos quase violetas e seus lábios estão pintados de vermelho.

— Em que posso ajudá-las, senhoritas? Sou Trix. Bem-vindas ao Smudge. Temos alguns clientes na sua frente, mas acho que podemos encaixá-las. Qual de vocês tem a intenção de fazer uma tatuagem esta noite? — Pergunta com um sorriso alegre.



Dee olha para mim, claramente começando a se antecipar abrindo sua boca grande como fez no Heavy's, mas de jeito nenhum vou liberá-la.

— Ambas. — Disparo para a Trix, dando-lhe meu próprio sorriso. Ouço o sino sobre o barulho metálico da porta; não preciso me virar para saber quem acaba de entrar pela porta. Mesmo que não soubesse que era o Greg, o olhar que a Trix está atirando por cima do meu ombro, diz tudo. Greg pode ser como um irmão para mim, mas inclusive eu posso admitir quão quente ele é. Ao lado do Beck, tenho certeza que os rapazes estão conseguindo todos os olhares.

— Certo, então onde é que temos que esperar? — Ela pode seguir cobiçando-os quando terminar com a gente.

Me devolve o olhar, um leve rubor tingindo suas bochechas pálidas. — Desculpe, tudo bem, só preciso de uma cópia das suas identidades e que ambas preencham esses formulários. Sentem-se nesses sofás e deem uma olhada nos livros de fotos sobre a mesa, se precisarem de uma ideia do que querem. Vou ver quem já está quase terminando e pode pegar vocês em seguida. — Ela se vira para olhar para o Greg e o Beck mais uma vez antes de caminhar até as fileiras de cubículos. Tenho apenas tempo suficiente para registrar seu tutu rosa pink enquanto ela desaparece em uma das salas nos fundos. Humm, talvez da próxima vez tenha que pedir *a ela* para me levar às compras, os tutus parecem impressionantes.

Agarro o braço da Dee e a puxo até o sofá, empurrando as pranchetas com os formulários nos seus braços.

— Preencha isso e depois olharemos. — Digo, apontando para os livros de desenhos. Preencho rapidamente as folhas, pego minha identidade na carteira e caminho de volta para a Trix. Entrego tudo para que faça o seu trabalho, caminho de volta e sento ao lado da Dee. É tão suficientemente lenta com os papéis que sei que está tentando encontrar uma maneira de dar para trás, de nenhuma fodida maneira.

— Isso foi ideia sua, lembra? — Ela olha para mim. Pode haver um pouco de medo nos seus olhos, mas sobretudo curiosidade sobre o quão longe vou levar isto.

— Eu sei, não se preocupe que não vou desistir, apenas me prometa que poderemos falar sobre isso em breve? — Deus, eu a amo.

— Claro, Dee. Em algum momento. — Me inclino e pego um dos livros de cima da mesa, abrindo a capa e desfrutando de um pau muito de perto e em pessoa, com uma barra com pesos ligada à cabeça. Ok, claramente não fazem só tatuagens aqui. Folheio mais algumas páginas e chego à parte dos piercings femininos, agora esses não parecem tão traumatizantes como os paus decorados. Quase fazem com que os seios desta garota pareçam... bonitinhos.

Devo ter estado olhando para eles por um tempo, não posso imaginar quão estranho parecia, eu olhando os seios de outra pessoa. Dee me olha e dá um suspiro suave.

— Sério, Iz? Pierciengs nos mamilos?



— Talvez — murmuro, repassando em minha cabeça as vantagens de um piercing sobre uma tatuagem. Devo admitir, quando tive meu ataque diante das palavras do Greg, não pensei completamente em fazer isso. Claro, tenho querido uma tatuagem há algum tempo, mas deve ser algo que pensei e planejei, não algo que decidi em um momento de raiva. Um piercing, porém, bem... posso tirá-lo se enjoar dele. A permanência não é sequer um problema, apenas algo bonito para olhar por um tempo.

Dee está folheando um dos livros de tatuagem. Não está realmente olhando nada, apenas virando as páginas e lançando olhares para o Beck. Greg está ereto e claramente muito chateado, seus olhos queimando buracos diretamente em mim. Levanto e caminho de novo até a Trix, me inclinando sobre o balcão para sussurrar o meu pedido no ouvido dela. Quando recuo, ela tem um sorriso enorme no rosto. Me dá um pequeno aceno de cabeça e caminha de novo para um dos quartos com janelas escurecidas.

— Izzy, — Greg começa — que diabos você está fazendo?

Me viro e lhe dou um sorriso inteligente, sem me preocupar em esconder minhas vibrações latentes de desagrado.

— Ora, nada, Gregory. Estou apenas desfrutando da minha fodida cabeça demente.

Caminho de volta até a Dee que está olhando para mim e, mesmo com os olhos preocupados, está se esforçando para não rir. Somos claramente uma família disfuncional.

— Você escolheu alguma coisa? — Pergunto.

— Sim, nada grande, mas consegui.

— Perfeito, mas se não é algo que deseja, não sinta que tem que fazer isso só porque estou disposta a demonstrar um ponto para o grande idiota. — Tem de novo o sorriso feliz de volta no rosto, pode ser que não tenha querido realmente vir até aqui, mas posso dizer que ela não se importa agora.

— Está tudo bem, Iz, eu não estaria aqui se não quisesse. Sério, você vai colocar piercings nos seus peitos? — Ri dissimuladamente.

— Posso estar chateada, mas não sou estúpida, preciso de tempo para encontrar a tatuagem perfeita e esta briga estúpida com o Greg não vai me fazer conseguir uma. Além disso, acho que meus seios vão parecer incrivelmente sexys com uma joia. — Nós estamos rindo a valer quando um cara atraente se aproxima e pergunta qual de nós duas é Izzy. Por alguma razão, esperava que a pessoa que fosse fazer os meus piercings seria uma mulher. Não dirigi especificamente a uma outra cidade porque não queria ver um ginecologista homem? Agora, a pessoa que vai enfiar uma agulha através dos meus seios vai ser este homem atraente? Merda, não vi que era ele.

— Izzy sou eu — falo, levantando e estendendo a mão. Posso ver o Greg com o canto do olho, em todo caso, parece que vai explodir em breve. Parece talhado em pedra e sei que está apenas se preparando para terminar com isto. Levo minha atenção de volta para o homem à minha frente.

— Tyler, prazer em conhecê-la. Pronta?

— Claro que sim, Tyler.

Partimos para os quartos com janelas escuras; posso ouvir o Greg falando asperamente atrás de mim. Não me viro para ver com quem ele está falando, não vai impedir isto.

Entramos no aposento e fico chocada ao ver quão brilhante é aqui dentro. Algo sobre as janelas me deixou esperando por um pouco de pessimismo aqui. As paredes, o teto e o piso combinam com a decoração de fora da porta. Há uma única cadeira parecida com aquelas de dentista no meio da sala e uma longa mesa contra a parede do fundo. Ele já arrumou as coisas que vai necessitar na pequena bandeja junto à cadeira.

— Primeiras perfurações? — Tyler pergunta enquanto faz um gesto para eu subir na cadeira.

— Sim, exceto pelas orelhas.

— Ah, perfeito. Adoro as primeiras vezes. — Sorri para mim. Realmente é muito agradável de se olhar. Isso podia ser mais divertido do que eu pensava que seria. Ele tem cabelo castanho claro, um pouco longo nos lados, ondulando debaixo das orelhas e na parte inferior do boné que está usando. Seus olhos são azuis claros e brilham com malícia, deve assumir que isto é uma espécie de perversão que tenho. Seu rosto é o modelo perfeito. Se não fosse pelas enormes expansões através das suas orelhas, um piercing no lábio, dois nas sobrancelhas

e as tatuagens coloridas cobrindo ambos os braços, poderia pensar que estava no lugar errado.

— Sim, tenho certeza disso. Então, o que precisa que eu faça?

— Tire a roupa, querida. A blusa, o sutiã e pode tirar as calças também se isso funciona para você. Fique confortável e se deite. Tenho que marcá-la primeiro para me asseguras que tenho as barras perfeitamente niveladas. Não gostaria de estragar esses seios perfeitos.

Preferindo ignorar seu flerte descarado, alcanço a barra da minha camiseta e a puxo sobre a cabeça. Alcanço as costas e desabotoo o sutiã, lançando ambos na cadeira do canto. Apoiando as costas na cadeira, estendo a mão e prendo o cabelo em um complicado nó no topo da cabeça; todo o tempo, observando o olhar lascivo dominando seu rosto.

Tyler se aproxima e me ajuda a me inclinar para a frente para poder marcar meus mamilos. Suas mãos enluvadas estão frias a princípio, mas ele faz um rápido trabalho com o marcador. Me dá um aperto leve antes de soltar os músculos do meu seio, estou certa que foi mais para seu benefício do que para o alinhamento dos meus piercings. Nesse ponto, nem sequer me importo, já passou um longo tempo desde que alguém além de mim tocou meus seios, assim, mesmo que seja estranho, seu toque não é exatamente repugnante.

— Está pronta? — Pergunta. Posso sentir a mordida suave da agulha contra meu mamilo esquerdo. Não é uma dor desagradável,

beirando a linha entre a dor e prazer, com certeza. Certamente, não é normal ficar excitada neste momento.

— Sim, faça o que tem que fazer. — Fecho os olhos com força, e espero. Me dá uma espetada afiada antes de senti-lo empurrar a agulha. Solto a respiração que estava prendendo... não é tão ruim. A dor já está recuando e um estranho ardor adormecedor está surgindo. Se é isso que se sente a cada perfuração no corpo, agora posso entender porque Tyler tem tantas.

— Não é tão ruim, hein? — Pergunta enquanto caminha em volta da cadeira até o outro lado. Parece ter perdido o flerte brincalhão e se transformou no profissional perfeito. Olha para cima e me dá uma piscadela. Ok, talvez nem todo o flerte foi abandonado.

— Não — sorrio — definitivamente não é ruim.

— Muito bem, pronta para o próximo?

— Pronta. — Fecho os olhos com força outra vez, e ele repete o processo, mas exatamente quando o sinto terminar de atarraxar a bola no final do meu novo piercing, há um forte golpe na porta que de repente se abre para o salão. Ele salta na minha frente, tentando proteger meu pudor. Do meu lugar, escondida atrás do Tyler, o perfurador, posso ver uma perna muito longa coberta por jeans e uma grande bota. Não conheço essas botas. A única outra coisa que consigo ver além do Tyler é um punho gigante flexionado e pulsando junto à perna.



Então ouço a ordem baixa, uma ordem dita com tanta fúria que só um tolo a ignoraria. Fecho os olhos com força novamente, rezando para estar equivocada sobre quem está de pé na frente do Tyler.

— Saia. Saia do meu fodido caminho. Agora, caralho.

Merda, merda, merda, merda!

Tyler olha por cima do ombro para mim, tentando descobrir se sei quem ele é ou se ele precisa afastá-lo. Realmente ridículo, não há nenhuma maneira dele ser capaz de se mover aquele homem. Poderia precisar de cada pessoa em todo este edifício para remover esta besta furiosa. Ele põe a mão atrás das costas e puxa uma toalha que trazia pendurada na parte de trás do seu cinto. Pode não ser a coisa mais limpa do mundo neste momento, mas ao menos esconderia o meu corpo. Ou um pouco do meu corpo.

— Obrigada — digo em voz baixa para o Tyler. — Está tudo bem; voltarei para te pagar.

— Ok, você está segura? — Pergunta e diante do meu aceno, limpa rapidamente a área sobre o piercing e diz que deixará uma folha com as instruções com a Trix.

Olho para baixo e me certifico que a toalha está me cobrindo o suficiente, em seguida olho para cima e encontro os ardentes e muito irritados olhos do Axel. Isso não vai ser divertido. Não só estou sentada na frente dele nua da cintura para cima, mas ver o seu rosto ainda é um soco direto no estômago. Dói fisicamente respirar. Parece tão diferente do rosto de menino que lembro nos meus sonhos, ainda

é o Axel, apenas mais duro. A idade fez coisas maravilhosas com este homem. Ele sempre foi alto, mas não desta altura. Quando se foi aos dezoito anos, tinha o corpo de um rapaz, mas não havia nada de menino sobre ele agora. Parecia ter dobrado de tamanho, os músculos pulsando em seus braços, flexionados com a energia reprimida. Energia furiosa. Sua camiseta preta é apertada, não só abraçando os braços cobertos de tatuagens, mas o estômago reto também. Posso ver inclusive a ondulação dos abdominais através do tecido. Suas pernas são longas e grossas, cobertas pelo jeans. Posso sentir as vibrações vindo dele e não são felizes. Tenho a sensação de que também não está feliz por tê-lo deixado plantado hoje. Disse *todas as portas* quando ameaçou me procurar. Como diabos ele soube onde me encontrar?

Dá um passo ameaçador para a frente e fecha a porta atrás dele, nos cerrando na sala e se colocando entre as minhas roupas e eu.

— Que merda eu te disse, Izzy? Que ia te encontrar e você não ia fugir dessa conversa, entendeu? Agora, quer me dizer, caralho, que diabos está fazendo sem a porra da sua camisa aqui? — Não há necessidade de olhar para o seu rosto para julgar o seu estado de espírito, está bem irritado.

— Você pode, por favor, me passar as minhas roupas? — Respondo com isso, parece a aposta mais segura neste momento. Talvez possa evitá-lo tempo suficiente para escapar. — Por favor, Axel.

Se inclina, jogando o sutiã e a camiseta que estavam na cadeira atrás dele, sem se preocupar em olhar para o outro lado. Tudo bem, não é como se não os tivesse visto antes; simplesmente nunca os viu assim. De repente, meu ato de rebelião não parece tão quente. Pego meu sutiã e deixo cair a toalha, sua inspiração aguda me faz levantar os olhos até encontrar os dele. Seus olhos estão focados bem no meu peito e no seu novo enfeite. Posso ver seu peito se movendo rapidamente, o nariz está bufando e suas mãos voltaram a se abrir e fechar em punhos apertados.

— Que porra é essa? Você deixou um estranho colocar as mãos na porra dos seus peitos? — Ele nem sequer menciona os piercings, como pode ignorá-los; estão erguidos em toda sua glória prateada contra os meus mamilos rosados.

— Não é problema seu, Axel. Não tem sido problema seu há muito tempo, maldição. — Minha voz soa esganiçada. Minha confiança de antes se foi e minha voz sai em um sussurro. A gana de lutar me deixou e sei que é inútil até mesmo tentar fugir dele. Goste ou não, essa conversa está prestes a acontecer, e só tenho que descobrir o que e quanto lhe dizer. E como passarei por isso?

— Não é meu problema? Já veremos isso, Izzy. Coloque a merda das roupas antes que alguém te veja.

Me visto rapidamente, tomando cuidado com os mamilos sensíveis e doloridos. Quando estou completamente coberta e de pé na frente dele, olho para cima e apenas o observo. Não posso acreditar que está bem na minha frente, muito vivo e irritado. Não

posso dizer o que está passando por trás dos seus olhos, a raiva o está dominando agora, mas parece quase aliviado.

Ele estende a mão, nem sequer sei qual é o seu objetivo, mas imediatamente me encolho, fechando os olhos com força e movendo a cabeça para longe da sua mão.

— Que diabos é essa merda, Izzy? — Não respondo, não posso. Ainda estou virada de lado, esperando o impacto. — Vire-se, agora. — Ele grunhe. Xinga em voz baixa quando recuo ainda mais, me afastando completamente dele. Neste momento, não posso impedir as lágrimas que correm silenciosamente pelo meu rosto. Sei que no fundo o Axel não me machucaria, mas esta tem sido a minha realidade por tanto tempo que o instinto de me proteger é muito forte.

— Izzy, por favor, princesa, dê a volta. — Diz após uma longa pausa. Ainda posso sentir sua raiva, mas seu tom de voz é suave e tranquilizador. Me viro lentamente, me preparando para qualquer reação, mas sou completamente surpreendida diante da dor em seus olhos. — Vamos, vamos conversar e vamos conversar agora. Izzy, me escute agora, caralho, não tenha medo de mim. Nunca. Mesmo tão louco quanto você me deixa, nunca colocaria minhas mãos em você. Me escute, nunca causaria dano a um único fio de cabelo da sua cabeça, princesa.

Fico imóvel, mas isso não tem nada a ver com temê-lo. Escutá-lo me chamar de princesa novamente é quase tão doloroso como vê-lo diante de mim. Nunca pensei que iria ouvir essa palavra saindo dos

seus lábios novamente. Aceno com a cabeça uma vez, consentindo, antes de segui-lo porta afora.

Caminho atrás dele, os olhos no chão, passando os cubículos e o balcão. Olho para cima e encontro os olhos da Trix que, surpreendentemente, não está encantada pelo Axel, mas olha bem para mim com preocupação e sem censura. Lhe dou um pequeno sorriso, muito vacilante, e pergunto quanto foi.

— Já pagaram, aqui estão as instruções do Ty; escrevi o número daqui da loja caso você tenha alguma dúvida. — Olha para mim e posso vê-la tentando me comunicar algo, mas simplesmente não consigo entendê-la agora. Minha mente está focada em uma coisa e só uma coisa.

Agradeço a ela, em seguida procuro a Dee. A encontro chorando silenciosamente ao lado do Beck, que tem o braço colocado firmemente em torno dos seus ombros, abraçando-a. Nem sequer consigo fingir um sorriso para ela, que me conhece muito bem, assim seria completamente inútil. Caminho pela porta principal e fico ali, esperando o resto desta fodida comitiva se juntar a mim na calçada. Axel sai primeiro. Assume seu posto atrás de mim, me encurralando e tornando impossível qualquer pensamento sobre fugir. Dee se aproxima e me dá um abraço desajeitado.

— Vai ficar tudo bem, Iz. — Ela sussurra no meu ouvido antes de se afastar e se juntar ao Beck. Ele me dá um sorriso simpático, mas não diz nada e, realmente, o que poderia dizer. Então encontro os olhos azuis do Greg.

— Chega, baby, não vou me sentar e assistir você se autodestruir com estes fodidos jogos. Você pode estar chateada e entendo se estiver, mas não vai mais jogar estes fodidos jogos. Te ligarei amanhã e, talvez, até lá entenda porque este foi o único movimento que me restou. Eu te amo, baby, mas essa merda acaba agora.

Meus olhos se arregalaram em choque, ouço a Dee ofegar atrás dele e sinto o Axel estremecer profundamente nas minhas costas. Imagino que a Dee está tão chocada quanto eu de que o Greg acabou de admitir que informou ao Axel onde eu estava; não tenho nenhuma ideia do que diabos o Axel está planejando. Estou devastada. Como ele pôde fazer isso comigo? As lágrimas começam a cair de novo, ainda mais abundantes que antes. Posso ver que o Greg parece visivelmente abalado com as minhas lágrimas.

A luta, o impulso de ser forte, tudo o que estava construindo, desapareceu em um instante. Estou completamente abalada com sua traição. Deixo escapar um profundo suspiro antes de me dirigir ao Greg.

— Nem se incomode, Greg. Não. No que me diz respeito, pode esquecer o meu número. Estou morta para você, ouviu? Não existo para você. — Olho diretamente nos seus olhos, as lágrimas fluindo rapidamente; nem sequer me preocupo em mascarar a dor pura. Ele parece atordoado, a princípio, e em seguida um olhar que tenho certeza se assemelha à dor no meu rosto, toma conta das suas feições.

Nem sequer lhe dou um segundo pensamento. Me viro e olho para os olhos ardentes do Axel.

— Eu não dirigi, peguei um táxi até aqui. Então, se quer conversar, ou o faz aqui, ou me encontra em algum lugar. — Nem mesmo reconheço minha voz, é neutra e inexpressiva.

Seus olhos ardem em chamas e move lentamente a mão para a frente, agarrando a minha mão. Não estremeço diante do seu toque, mas as descargas elétricas que percorrem meu braço diante deste contato fazem com que meus olhos se arregalem para ele. Se a sua respiração rápida é uma indicação, ele também sente isso.

— Não vai sair da minha fodida visão, entenda isso agora mesmo. Se despeça dos seus amigos, vamos ter esta conversa e vamos fazer isso agora, antes que você decida fugir. Mais uma vez. — Não há espaço para discussão, ele falou sério e nem sequer me importo. A traição do Greg é bastante difícil de suportar, mas saber que estou a ponto de abrir velhas feridas em vez de deixá-las quietas, está golpeando minhas entranhas.

Não tenho nem ideia de como vou suportar isso.



Capítulo 10

Dou outro olhar para a Dee; ela parece entender e me dá um pequeno aceno de cabeça. Ignoro Greg completamente, me viro e me preparo para acompanhar o Axel a lugares desconhecidos. Sei o que está por vir e posso não estar pronta, mas algo está me dizendo que não tenho escolha. Axel quer respostas, ele me avisou e sabia que ele estava determinado.

É possível que pense que pode se imiscuir na minha vida de novo, como se não houvesse sumido nos últimos doze anos, mas vai ficar muito decepcionado se acha que vou rolar e me fingir de morta. Meu espírito de luta pode ter sumido, mas estou muito longe de estar acabada.

Começamos a andar pela calçada; ele liderando e eu seguindo silenciosamente atrás dele.

Quando chegamos na sua caminhonete gigantesca, paro e olho para ele. Como diabos se supõe que eu vou entrar nisso? Meus olhos estão na altura daquela coisa de estribo. Não se supõe que o propósito dessa coisa seja ajudar as pessoas a subir nos veículos? Típico homem, tornar estas malditas coisas impossíveis. Axel está de pé ao meu lado, segurando a porta, esperando que eu entre. Olho dele para a caminhonete algumas vezes. Não pode estar falando sério.

— Entre agora, não tenho paciência para a sua merda. — Sua voz ainda soa letal. Não tenho a mínima ideia do que o irritou tanto,

já tem a mim e tecnicamente ainda é sábado... inclusive ainda restam algumas horas. Então, não fiz exatamente nada de errado. O prazo limite ainda não acabou e estou aqui, certo?

— Odeio apontar o óbvio, *Holt* — parece que não consigo evitar de ironizar seu nome, seu novo nome — mas exatamente como você espera que eu entre *agora,* como tão gentilmente mandou?

Seus olhos flamejam e se enchem ainda mais com fúria cega. Seu rosto assume um olhar ainda mais duro e severo, frio como gelo. — O que, diabos, eu te disse sobre me chamar de Holt? — Ele grita. Seu rosto está quase nariz a nariz com o meu; suas respirações rápidas estão golpeando minha própria boca em uma explosão quente. Posso saboreá-la em minha língua e arquejo com surpresa. Meus olhos se arregalam diante da sua proximidade. Mesmo no meu estado de espírito atual, não consigo deixar de lembrar todas as vezes que olhei dentro destes olhos antes. Todas as vezes que não continham raiva, mas um amor imaculado. — Mais uma vez, e juro por Deus. Entre na porra da caminhonete — ordena, empurrando cada palavra até mim com grande força.

— Seu idiota, o que você acha que eu estou fazendo? Esperando para ouvir suas merdas e essas ordens do caralho? Não, definitivamente não. Não consigo subir na sua estúpida caminhonete. Se parasse um segundo para realmente olhar, você veria isso. Seu pequeno complexo de Napoleão[5] é bonito, realmente é, mas também está me impedindo de *entrar na porra do carro!* — Grito a última parte

[5] Síndrome do homem baixo.

na sua cara, tão forte que inclusive os meus ouvidos estão zumbindo. Instantaneamente coloco a mão na boca, lamentando minha explosão e temendo sua reação.

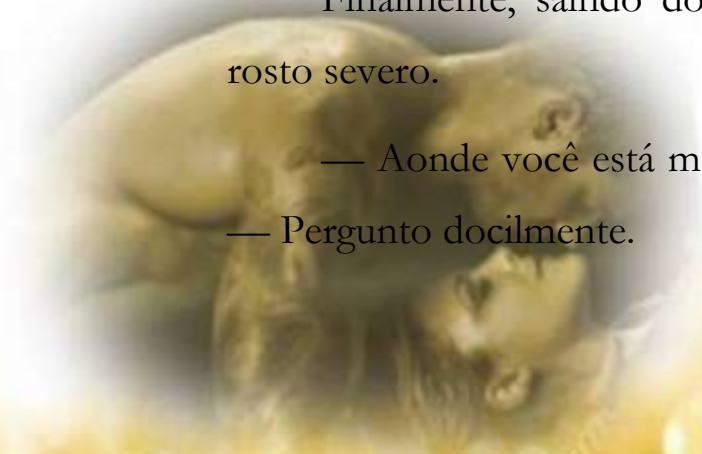
Me surpreende quando, em vez de explodir, ele começa a tremer com uma risada silenciosa. — Complexo de Napoleão, é? Será que realmente preciso lembrá-la de quão incorreta essa afirmação é, Izzy? Dê uma olhada em mim, minha altura não foi a única coisa que cresceu bastante desde que você fugiu. — Depois que lança esse comentário inesperado, fico atordoada novamente.

Fugi? Teria pensado que estava falando da semana passada, se não tivesse sido pelo comentário improvisado sobre sua mudança. Do que ele está falando? Eu não fugi, ele o fez. Enquanto a minha confusão cresce, estou ainda mais convencida de que não quero ter essa conversa com ele.

Finalmente, tendo perdido seu último fio de controle, agarra meus quadris e me levanta, me jogando bruscamente no assento. Murmura severamente para mim "coloque a porra do cinto" antes de bater a porta e desaparecer atrás do capô. Minha boca ainda está aberta quando ele abre sua porta e afunda o corpo gigante no banco, virando a chave e levando esta besta a uma partida ruidosa. Ele engata a marcha e dispara para longe do lugar.

Finalmente, saindo do meu silêncio atordoado, olho para o rosto severo.

— Aonde você está me levando? Minha casa é do outro lado. — Pergunto docilmente.



— Eu sei onde fica sua casa, também sei que você esteve lá durante toda a semana, inclusive enquanto me ignorava. Não vou levar você para lá, onde pode ter a proteção da sua pequena companheira pitbull. Vamos conversar e vamos fazer isso sem fodidas interrupções e sem alguém que te ajude a se esconder atrás de uma porta trancada. Vamos para a minha casa, agora.

— Não acho que seja uma boa ideia. Talvez possamos simplesmente ir ao Starbucks na próxima esquina? — Talvez se tivesse um pouco mais de convicção, teria me levado a sério. O último lugar no qual quero estar é no seu espaço, sozinha com ele.

— Esqueça isso agora mesmo. O que eu tenho a dizer para você não será dito perto de outras pessoas. Prepare-se, princesa, porque acabaram-se os jogos. Não me importa se vai levar uma eternidade, você vai falar, caralho.

Cerro a boca e me viro para observar a cidade passar voando; tentando freneticamente pensar em uma maneira de sair disso; uma maneira de escapar. Não estou pronta, e estou ainda mais convencida que poderia não estar nunca.



Axel

Meu coração parece que pode sair do peito a qualquer momento, simplesmente explodir para fora do meu corpo. O martelar das batidas do meu coração ainda retumba nos meus ouvidos tão alto quanto ela, que não está fazendo nada para disfarçar o fungado suave vindo do outro lado da minha caminhonete. Por mais que deseje manter meu coração endurecido para ela, o som do seu choro está me rasgando. Não devia ter nenhuma compaixão restante por ela; deveria ter morrido há muito tempo.

Sabia pela minha reação ao vê-la novamente no sábado passado que esta conversa não seria fácil. Ainda há sentimentos; sentimentos que pensei que haviam morrido para sempre; presos nesse caixão com o meu coração. Esta garota rasgou o meu coração em fodidos pedaços e nunca soube o porquê. Teria sido mais rápido se tivesse se aproximado e me dado um tiro na merda do peito. Pelo menos teria morrido instantaneamente, em vez de sangrar lentamente durante os últimos doze anos.

Jesus, não consigo tirar aquela imagem da minha cabeça, do seu corpo esbelto segurando aquele arremedo de toalha contra o peito. Quando a deixou cair do seu aperto firme, pensei que ia engolir minha própria língua. Os seios dela sempre foram incrivelmente perfeitos, mas vê-los assim, os mamilos eretos e ostentando dois piercings sexys, poderia ter gozado nas calças. Por mais que quisesse cair de joelhos e chupar os pervertidos mamilos rosados na minha boca, não

pude evitar meu primeiro pensamento: aquele filho da puta tinha colocado as mãos sobre ela. Segurou seus seios nas mãos.

Não houve jeito de raciocinar com meu cérebro que ela não era minha; vi tudo vermelho.

Aqueles eram os meus fodidos seios e ela é a minha fodida garota. Para a minha cabeça não importa que tenha passado uma boa década desde que tive a oportunidade de apreciá-los; alguém mais tocou o que era meu. Se não houvesse pensado que iria partir e fugir novamente, teria matado aquele merda.

Durante toda a semana pensei nela. Tem sido um estresse constante que não preciso quando estou tratando de colocar em ordem toda a minha vida. Greg e eu temos estado bastante ocupados com toda a papelada legal e problemas que continuam surgindo com a nova empresa. Além das reuniões e da mudança do escritório, sessões informativas com ele e os meninos, e reuniões com novos clientes. Não tenho tempo para ficar passeando pelo jardim das memórias.

Foi só na quarta-feira à noite que me lembrei que o Greg vinha falar comigo sobre sua amiga. Iz, com a ameaça e o marido que não queria deixá-la. Lividez, essa foi a primeira coisa que senti. Lembro-me de pensar, muito brevemente, quando a vi pela primeira vez, sobre a conexão, mas instantaneamente tudo foi para o caralho quando todo aquele inferno se seguiu ao nosso encontro. Preciso de mais informações e eu preciso delas, para ontem. Não sei sob que tipo de ameaça ela está e realmente nem sequer sei muito sobre seu

casamento. Presumi por muitos anos que ela era feliz, e fiquei destroçado e chateado porque não podia me aproximar dela de novo se era feliz.

Inclusive agora, ansiando respostas tão ferozmente como anseio, meu foco principal é descobrir o que está acontecendo com esse babaca. O momento para conseguir minhas respostas chegará, mas primeiro falaremos sobre o marido dela.

Esperei pela chamada dela ontem; antecipando alguma razão de merda pela qual não poderia me encontrar hoje. Não esperava que ela sacasse um ato de desaparecimento e se escondesse o dia todo. Deveria ter esperado. Quando a hora do almoço chegou e ainda não tinha sabido nada dela, fui até a sua casa. Quando cheguei e a encontrei trancada e sem ninguém em casa, me irritei.

Liguei para o Greg para ver se talvez poderia ganhar um fodido apoio nesta luta e ele disse:

— Não vou me meter nisso, ela sabe como me sinto e falará quando estiver pronta. Não concordo com isso, mas vou apoiá-la porque ela é minha menina. — Não ficou feliz quando explodi no seu ouvido. Ela não era sua maldita garota. Não importou quantas vezes pedi ou exigi diretamente, não ia me dizer onde estavam. Imagina minha surpresa quando recebi uma chamada, nem mesmo uma hora depois, do Greg cuspindo fogo e revelando sua localização. Quando cheguei e entrei em um estúdio de tatuagem, entre todos os lugares, a minha raiva se juntou a dele.

Caralho. Entretanto, aqueles seios pareciam incrivelmente sexys.

Após dirigir por mais cinco minutos e esporádicas fungadas suaves da Izzy, paro diante do portão de segurança da minha casa. Depois de digitar o código, estaciono a caminhonete. Me sinto como se estivesse vendo minha casa através de um novo par de olhos, tentando ver como ela vai enxergar o meu sucesso. Posso ser um homem de trinta e um anos, mas nem mesmo isso me impede de esperar de que ela se dê conta do quão longe eu cheguei; como finalmente havia saltado de órfão e sem dinheiro para isto. Parte dos planos que uma vez havíamos feito juntos, só que esse não é o apartamento de um quarto no qual tínhamos postos os olhos. Por mais imbecil que isso me faça parecer, uma pequena parte de mim ainda espera que ela sinta um pouco de ciúmes de quão boa a minha vida é; o quanto fui capaz de conquistar sem ela na minha vida.

Que pensamento ridículo. Com todo prazer teria dado cada centavo em meu nome, se isso significasse que teria minha Izzy comigo todos esses anos. Mas não essa Izzy. Nem mesmo conheço essa Izzy.

A casa que comprei era maior do que a média, sei disso, mas que me fodam se alguma vez voltasse a viver apertado como uma sardinha em uma lata. Tenho certeza que há uma abundância de psiquiatras que amariam entrar na minha cabeça; muita merda armazenada dentro dela. Sei porque comprei este lugar e não preciso que ninguém me diga que estou compensando as obsessões da minha infância.



Passamos as últimas pereiras dos Bradford que delimitam meus oitocentos metros de entrada e a casa salta à vista. Grande e imponente. Os tijolos vermelhos escuros parecem quase pretos contra o céu noturno, a luz junto às portas dianteiras duplas e vermelhas, irradiam brilho e alegria, quase convidativas. Mais uma vez, ridículo. O estilo colonial da casa é feito para ser um lar, não essa farsa na qual tenho vivido. A imensa varanda na frente parece acolhedora com as cadeiras de balanço posicionadas entre as quatro grandes colunas e as flores parecem singelas; é simplesmente uma enorme justaposição da minha vida. O exterior não combina com o interior. A casa está tão vazia como me sinto agora e não gosto nem um pouco.

Hora de lidar com esse assunto.

Hora de decifrar qualquer que seja o problema com o seu marido e descobrir o que diabos aconteceu com *ela*.

Izzy ainda está simplesmente olhando para fora da janela, mas já que estamos sentados na minha garagem escura, meu palpite é que esta é a sua tentativa de me evitar. Como diabos planeja fazer isso quando está na minha maldita casa e incapaz de sair sem que eu a leve, está além da minha compreensão.

Posso sentir meu temperamento se elevando. Estou lutando comigo mesmo por controle, controle das minhas próprias frustrações e sobre a dor que já não tem lugar no meu coração, e controle da furiosa ereção que parece estar apontando direto para a

Izzy. Nunca tive tantos problemas para controlar as situações à minha volta.

Deve sentir meus olhos sobre ela porque finalmente se vira para mim.

— Agora, o quê? — É apenas um sussurro e, se não estivesse olhando para ela, poderia ter perdido isso.

— Sair do carro; conversar. Simples assim. Só se torna esse desastre de enormes jogos imaturos quando você se torna difícil. Então, coopere comigo, porque estou farto desses jogos fodidos. — Creio que isso é suficientemente amável até que as lágrimas começam a rolar pelo rosto macio.

Droga.

Desço da cabine e começo a caminhar ao redor da frente do carro até o lado dela, esperando ter que puxá-la e jogá-la sobre o meu ombro. Mas, surpreendentemente, está esperando ao lado da porta e está claramente irritada por ter que ajudá-la a descer.

— Por aqui. — As boas-vindas estão simplesmente fora das minhas palavras. Tenho certeza que pode sentir as vibrações sufocando-a. É difícil não se dar conta quando alguém preferiria estar em qualquer lugar do que com a pessoa com a qual está. Difícil dizer se sequer estaria passando por toda essa merda se não fosse pelo Greg e seu pedido para ajudar a sua amiga. Meu instinto me diz que deveria apenas deixá-la em paz, me esquecer dela e das respostas que anseio. Meu instinto está gritando para deixar tudo isso morrer, passar o

problema para o Locke ou o Coop e fingir que nunca voltei a olhar para aqueles olhos verdes claros de novo.

Pouca probabilidade de isso acontecer.

Abro a porta para o vestíbulo fora da garagem e faço sinal para ela entrar. A casa está às escuras, então ela para ao lado da porta. Vindo atrás dela, digito o código de alarme e acendo a luz da cozinha. Há eletrodomésticos cromados, armários de madeira escura, bancadas em granito e um monte de mais nada. Nenhuma mesa, apenas dois bancos de bar junto ao balcão.

Gritam as boas-vindas à casa.

Aponto para o banquinho e falo uma palavra. — Sente-se.

Ela está olhando para os pés, nem sequer tenta discutir comigo e se senta. Dou um momento a ela, que sabe por que estamos aqui, assim, com sorte, simplesmente vai me dizer o que preciso saber sem fazer disto um grande problema. Dez minutos se passam enquanto a observo retorcendo as mãos no colo.

— Fale — digo, o som vibrando nas paredes nuas.

Se não a estivesse observando nos últimos minutos, poderia ter perdido o pequeno salto que deu diante do meu tom. É difícil dizer se a assustei ou se algo mais está se passando detrás dos seus olhos quando ela levanta a cabeça abruptamente.

— Não sei o que você quer que eu diga. — Mais sussurros. Parece que poderia vir a precisar de aparelhos auditivos para esta conversa.

— Bem, vamos ver. Eu não a arrastei até aqui para um passeio, não preciso colocar em dia as fofocas da cidade e estou seguro pra caralho que não a trouxe aqui pela sua companhia, assim só resta uma coisa. Primeiro, explique em detalhes o que está acontecendo com o seu marido — lanço a palavra, a amargura na minha voz é forte e clara — então pode me explicar o que significa o tal pacote de merda. Detalhes, Izzy, isto não é um jogo e lhe digo, se não tivesse sido pelo Greg basicamente me implorar para ajudá-lo, não estaria fazendo isso.

Ela toma um segundo; posso ver minhas palavras trabalhando em sua mente. Abre a boca algumas vezes, mas as palavras nunca saem. Justo quando começo a perder qualquer traço de paciência que me resta, ela finalmente fala.

— Alguém mais não pode fazer isso? Tem que ser você? — Quero estrangulá-la. Merda do caralho, o Greg vai me dever muito por causa disso.

— Acabe com as baboseiras do ensino médio. Não me pediu pessoalmente que me encarregasse da sua merda só por pedir. Sou bom no que faço, Izzy. Locke e Coop, com certeza poderiam fazer isso, mas eu posso fazer melhor. Agora, que porra é essa?

Fecha os olhos por alguns minutos e inspira profundamente.

— Brandon, meu ex... bem, quase ex. Tivemos um casamento... desafiante. O deixei pouco mais de dois anos atrás e me mudei para cá. Ele está lutando contra o divórcio. — Não demorou muito para adivinhar que estava deixando alguma coisa de fora, um monte de coisas.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Izzy. Como espera que eu me encarregue disso, dele, se não me diz nada além de que o seu casamento perfeito não funcionou? Ele te traiu ou algo assim? Finalmente se cansou de viver a pequena vida perfeita? Conte-me, porque simplesmente não entendo. O pouco que fui capaz de descobrir esta semana faz com que pareça que você tinha tudo o que seu pequeno coração desejava. E o que realmente não entendo... o que realmente não compreendo é por que ele simplesmente não deixa você ir. — Mesmo para os meus próprios ouvidos, isso saiu mais duro do que eu planejava.

Um pouco de luz sobre esta situação teria sido bom, porque quando ela começa a chorar e corre para os salões escuros da minha casa, fico completamente desconcertado. Surpreso. Que merda? Resmungando como um tolo, saio em seu encalço.

Quase trinta minutos mais tarde, finalmente reduzo a busca. Na verdade, não deveria ter sido um grande desafio já que tenho mais quartos vazios do que móveis. Isto é o que eu ganho por comprar uma casa de seis malditos quartos que não preciso. Busco em cada aposento do primeiro piso, nada; subo as escadas e olho em cada aposento, nada. Finalmente tenho sorte quando passo pelo quarto ao lado das escadas, um choro baixo. Já tinha verificado este quarto e ela não estava lá. Uso este espaço para armazenar todos os meus arquivos de casos antigos, sendo que todos os outros quartos, exceto no qual eu durmo, estão vazios e não poderia ter escolhido um lugar melhor para se esconder.

Finalmente a encontro, encaixada entre duas grandes pilhas de caixas. Se esgueirou como um rato entre elas e está abraçando a si mesma; pernas apertadas contra o peito e os braços apertados em torno do seu corpo. Está balançando, se mexendo para frente e para trás.

— Izzy, saia. — Peço.

Nada além do choro baixo.

— Vamos, saia daí. — Peço novamente.

Silêncio.

— Sério Izzy, sou grande pra caralho para rastejar até aí. Saia. — E peço.

Sigo tentando por mais dez frustrantes minutos sem sorte. Chega dessa merda. Começo a remover as caixas ao redor dela, movendo uma de cada vez para longe do seu corpo enrolado como uma pequena bola. Uma vez que tenho espaço suficiente para tocá-la, estendo a mão para puxá-la para cima e para fora. Não espero que ela se jogue para trás, longe da minha mão estendida. Ela se escondeu tão bem que não há muito espaço entre a sua cabeça e a parede. Faz contrato com um ruído angustiante.

— *Foda-se* — sussurro antes de pegá-la nos braços e carregá-la até o meu quarto. Acendendo as luzes com o cotovelo, ando até a cama e a coloco suavemente sobre o colchão antes de correr os dedos pelo seu cabelo.

Belo cabelo, estúpida garota.

— Tudo bem Izzy, chega disso. Agora podemos acrescentar à lista, explicar que diabos foi isso.

Minha paciência acabou. Virou pó. Meu humor está se deteriorando a cada segundo e ela só me olha com os olhos vazios. É como se não estivesse aqui comigo. Só continua passando os olhos sobre o meu rosto. Mesmo tão irritado como estou neste exato momento, não posso evitar ser absorvido por ela outra vez. Parece tão assustada, mas a saudade que vejo em seu rosto é o que me deixa paralisado; como se alguém tivesse acabado de chutar seu cachorrinho, matado o seu gato e dissesse que ela não ia ganhar um pônei no Natal.

— Por favor, fale. — Ela pula diante da minha súplica silenciosa.

Demora um minuto e mais daquele pesado olhar analisador antes de falar novamente. Sua voz está apagada, soa tão pequena e derrotada. Calafrios percorrem todo o meu corpo com suas próximas palavras.

— Foi tão difícil, Axel. Tão difícil. — Desvia o olhar, se concentrando no espaço e não em mim. — O primeiro ano foi bem. Ele trabalhou muito, mas não era mau. Não queria que eu trabalhasse, dizia que a única coisa que eu precisava fazer era cuidar dele, da casa e das... crianças. O que eu sabia, a estúpida e destroçada Iz, o que eu sei? Hein?

Finalmente olha para mim; parece que um pouco do seu espírito voltou, mas não muito. Sei que isso não vai ser bom antes mesmo que

ela diga uma palavra. Tenho que lutar contra o impulso de socar alguma coisa, lembrando que eu pedi isso.

— O segundo ano foi quando ele começou a mudar um pouco. Não íamos mais visitar meus avós com frequência, estava sempre pedindo que ficasse em casa e não me encontrasse com a Dee para almoçar ou jantar. Pequenas coisas que não notei no início... até que se tornaram grandes coisas. — Ela dá um suspiro amargo antes de inspirar profundamente de novo. — Não via a Dee há algumas semanas, creio que foi em uma quarta-feira... não sei. Ele ia chegar tarde naquele dia e a única coisa na qual conseguia pensar era que, finalmente... finalmente eu podia ver a Dee. Um café de meia hora com a Dee se converteu em um lábio cortado. Nem sequer pensei que ele havia passado dos limites, sabe, pensei que eu merecia. Acho que a Dee sempre imaginou que as coisas estavam estranhas na casa dos Hunter. Cerca de um mês depois disso me encontrei com ela novamente. Implorou que me abrisse com ela, mas lhe disse que estava bem. Tudo bem, que piada.

Se não pudesse sentir o sangue correndo através do meu corpo neste momento, estaria convencido que tinha me transformado em uma estátua. As palavras estavam além de mim e minhas provocações anteriores estavam golpeando a minha cara.

Vou matar esse filho da puta.

— Princesa — tento alcançar sua mão dela, mas ela a afasta para perto do seu corpo. — Essa foi a única vez que ele colocou as mãos



em você? — Tento ser suave, mas a fúria letal na minha voz não pode ser perdida.

— Por um tempo. Não ficou ruim durante alguns meses. Agia como estivesse arrependido e que foi um acidente. As coisas não pioraram até se aproximar o nosso terceiro aniversário.

— O que exatamente você define como ruim, porque não consigo encontrar nada de bom em um homem tocar uma mulher assim.

Quando seus olhos se voltam para mim e aquela única lágrima escorre do seu olho eu sei, simplesmente sei.

— Não sinta pena de mim, não era sua bagunça. Você não fez o que ele fez. Deveria tê-lo deixado; ter sido suficientemente forte para partir. Não tinha nada, Axel, assim não creio que pensei nisso. Ele era inteligente; me afastou de todos. Nem sequer consegui ir ao funeral da minha avó e vovô... ele tampouco estava bem. Não queria que a Dee soubesse quão ruim era, estava presa... presa e sem ninguém.

Esta imensa dor dispara através do meu lado esquerdo diante das suas palavras. Deveria ter estado lá e, tão ridículo quanto era esse pensamento, não pude deixar de imaginar que, de alguma maneira, abandonei essa garota. Passei anos odiando-a, achando que simplesmente tinha nos esquecido e seguido em frente, saber que ela sofreu não assentava bem.

— Você sabe sobre a mãe e o pai, certo? — Olha para mim, toda triste e quebrada com minha confirmação. Diante do meu aceno fraco, ela continua. — Dee era tudo que me restava. Finalmente me encontrou sozinha um dia; estava fazendo algumas compras. Essa era uma das únicas coisas que tinha permitido que fizesse sozinha. Me levou até o banheiro e me implorou que falasse, me implorou que partisse. Não dei importância a ela outra vez. Me comprou um celular pré-pago e me disse para chamá-la, de dia ou de noite, se precisasse. Fomos capazes de realizar furtivamente algumas chamadas e encontros secretos, mas não muitos. Ela não morava muito longe, suficientemente perto para vir quando eu pudesse escapar. — Ela para por um momento e eu só fico sentado ali, mudo, esperando que ela continue, ao mesmo tempo lutando para não ir pegar aquele filho da puta.

— Tem certeza que precisamos fazer isso? Não é bonito, Axel.

Quero gritar que não, não quero ouvir isso. Tudo menos isso.

— Sim, Izzy, continue.

— Ok — pausa — bom... — pausa. Inspira. Expira. — Há alguns anos atrás fui encontrar a Dee, nada demais, só queria vê-la. Tínhamos tudo planejado. Liguei para ela no dia anterior do celular que ela me deu, disse que sentia falta dela e queria passar um pouco de tempo com ela. Coloquei o jantar na panela elétrica em cozimento lento, corri com as minhas tarefas e escapuli para encontrar a Dee. Estava tudo bem e ele nunca teria se inteirado, mas eu estava atrasada. Ele chegou em casa logo depois de mim e, embora tivesse pensado

que o enganara... ele sabia. — Ela para e fixa os olhos nos meus, seus olhos quase cinzas, seus olhos sempre mudavam de cor combinando com seu humor... cinza sempre foi a cor que mais odiei. — Essa foi a noite em que finalmente usei aquele telefone para que ela me salvasse.

Não havia me dado conta que não estava respirando até que meu peito começa a doer. Não consigo sequer me mover, não posso nem sequer permitir me mover, meu Deus...

— Tive sorte, quando desmaiei o jogo não era mais divertido e, pela primeira vez, ele saiu depois que terminou comigo. Dee chegou e me tirou rapidamente de lá. Não o vi desde aquele dia. O divórcio tem estado no limbo durante os últimos seis meses, mais ou menos.

Mal posso suportar ouvir essa história. Desejava, por Deus, que fosse apenas um conto, não a vida que ela estava vivendo enquanto pensava que ela era feliz. Não a tocar está se tornando insuportável. Estendo o braço e agarro sua mão antes que consiga afastá-la, esfregando o polegar sobre a pele macia e olhando nos seus olhos. Por mais difícil que seja escutá-la, não deve ser fácil contá-la.

— Nem sei o que dizer agora, princesa. Eu... só não sei. Me mata saber que você teve que conviver com qualquer abuso por um segundo, mas anos... Izzy, nunca desejei com tanta força ter estado lá. — Antes mesmo de eu terminar de falar, ela afasta a mão e foge para o outro lado da cama.

— Não... não me chame assim, Axel. E não vamos falar sobre isso. Falei sobre o meu casamento, mas não vou até lá com você. Deixe isso no passado, por favor. — Seu desespero cru é a única coisa

que me impede de lutar contra ela sobre isso. Falaremos sobre isso, mas eu sou inteligente o suficiente para saber que se fechará se eu a forçar agora.

— Tudo bem, Izzy, entendo. Explique o pacote para mim. Greg me disse o que era, mas não entendo como corresponde à história que você me contou. Você teve... filhos? — O custo para me controlar e falar isso com um tom neutro foi alto. O pensamento de outro homem a tocando é suficiente, mas pensar em outro homem plantando sua semente no corpo dela é inimaginável.

Ela era minha.

Ela é minha.

Ela sempre vai ser minha, caralho.

Posso ver as paredes subindo naquele instante; está me bloqueando e mascarando suas emoções perfeitamente. Não tenho ideia do que a fez se fechar desta vez. Poderia enfiar uma barra de metal no seu rabo e ainda assim não estaria tão rígida quanto está agora.

— Não podíamos ter filhos — diz rapidamente. — Isso é tudo o que era; um lembrete de que eu não podia lhe dar filhos. — Pronto. Essa declaração é feita de uma forma que sei que não falará sobre isso em detalhes. Lhe concederei essa jogada, não conheço muitas mulheres que não ficam chateadas por não serem capazes de ter filhos e, no fundo, posso admitir que o mundo sem uma oportunidade de ter mais pessoas como a Izzy é um lugar maçante.

— Essa foi a primeira vez que entrou em contato com você? — Pergunto, em uma tentativa de mudar de assunto, fazendo uma nota mental para pedir mais detalhes ao Greg, logo.

— Não a princípio. Creio que teve dificuldade para me encontrar. Recentemente comecei a trabalhar, então ele teria que haver procurado pela Dee para me encontrar. Houve algumas chamadas, mas nada ruim. Não até o pacote.

Há algo que estou perdendo. Não posso ignorar a sensação de que há uma grande parte da imagem faltando. Este idiota tem estado bastante silencioso e distante por tanto tempo e, à exceção da demora do divórcio, não tem feito nenhum movimento. Alguma coisa está mal, mas posso dizer que ela não vai se abrir muito mais. Verifico a hora e vejo que já é madrugada, consolidando o fato de que acabamos por essa noite.

— Precisamos nos reunir com o Greg e os rapazes. Preciso verificar o sistema de segurança da sua casa e você precisa dizer logo como quer que isso prossiga. Mas tudo isso pode esperar até amanhã, é tarde e tenho certeza que toda a aventura não está exatamente mantendo-a bem desperta. Vou pegar algumas roupas; pode usar o banheiro e em seguida, dormir. Podemos ligar para os caras de manhã.

Seus olhos estão bem abertos e surpresos.

— Não vou dormir aqui. Pode me levar para casa ou alguém pode vir me buscar. Você queria conversar e nós conversamos. Agora quero ir embora.



Jogar a cabeça para trás e rir provavelmente não foi a decisão mais sábia, mas deve estar perdidamente louca se acha que vou deixá-la fora da minha vista antes de poder elaborar um plano sólido. Ela não sabe ainda, mas estamos prestes a nos tornar melhores amigos.

— Não brigaremos por essa merda. Está tarde e tenho certeza que qualquer um para quem ligar, já foi para a cama. Uma noite não vai te matar, querida. Esta cama poderia muito bem ter o Golfo no meio dela. Vou ficar do meu lado; amanhã resolveremos isso e colocaremos essa bagunça em ordem. Não me irrite, troque a roupa; vá se limpar, porra, e durma. — Vou até a cômoda, pego uma camiseta e um short abruptamente, e os lanço para ela, atingindo-a em cheio no rosto atordoado. Isso parece arrancá-la do que quer que seja que a mantem ocupada. Com um suspiro e um monte de atitude, marcha até o banheiro e fecha a porta com força.

Sinto as cordas dos anos de odiá-la lentamente começando a afrouxar.

Não posso ignorar o desejo de fazê-la minha, ainda está lá, mas não posso esquecer que ela foi embora e esqueceu de mim muito facilmente. Me encarregarei deste problema e, em seguida, me encarregarei dos outros. Temos o suficiente com que lidar agora; descobrir todo o resto pode esperar. Só não consigo decidir se quero terminar tudo de uma vez ou voltar a ficar juntos. Só o tempo dirá; uma coisa de cada vez.



Saio do quarto, puxo o celular do bolso e marco o nome do Greg. Um toque e o filho da puta responde como se tivesse estado à espera. Não tenho certeza de como encarar seu relacionamento, mas não estou feliz com quão próximos eles parecem.

— Ela está bem? — Pergunta e, caralho, parece destroçado.

Não, não destroçado. Ele parece destruído.

— Vai ficar, me contou sobre o ex. Você não me disse que ele a machucou. Não me disse porra nenhuma sobre o quão ruim era, Greg. Marido problemático que não quer o divórcio, foi o que você disse. Pode imaginar o meu choque quando descobri que batia nela?

— Aja como uma cadela mais tarde, Reid. Como ela está?

— Essa merda não está terminada entre você e eu, ouça bem. Ela está se trocando, vou mantê-la aqui esta noite. Reunião familiar, filho da puta, na minha casa, amanhã de manhã. — Devia estar agradecido por ela ter alguém determinado a ser o seu apoio, mas isso vai acabar. Estou de volta e Greg não vai me tirar este trabalho.

— Ela vai dormir aí? Você só tem uma cama, Reid. Posso estar aí em dez minutos e levá-la para casa. Ficarei lá até amanhã, quando poderemos nos reunir, então poderemos reavaliar.

— Não. Acabou Greg, vou lutar e lutarei contra você duramente sobre isso.

Sua exalação áspera se apodera da linha.

— Eu não gosto disso, nem um pouco. Se você ferrar com ela, juro pelo maldito Cristo, porra, que vou te matar.

Afasto o celular da minha orelha; certamente não acabei de ouvi-lo direito.

— Não há tempo, Greg. Conversaremos, mas agora mesmo tenho coisas mais importantes para tratar. Se ainda não me conhece nem um pouco, saiba disso e lembre... nunca machucaria um fodido fio de cabelo da sua cabeça. Nunca.

— Se você acredita nisso Reid, então está mais delirante do que eu pensava. Garanto a você, só em estar aí, já a está magoando o suficiente para toda uma vida. — Com isso, o ouço desligar, me deixando mais confuso do já estava antes dessa noite.



Capítulo 11

Izzy

Se pudesse ficar dentro do exuberante banheiro a noite toda, ficaria. Meu coração parece que foi arrancado do meu corpo e pisoteado. Destroçado, completamente destruído. Foi suficientemente difícil suportar todos aqueles anos com Brandon, mas o fiz e trabalhei arduamente para seguir em frente. Discuti-los novamente com a única pessoa que sempre teve meu coração, a única pessoa que pensei que tinha partido para sempre, a dor é imensurável. Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, acreditaria que Axel estaria de volta em minha vida.

O grave tormento de saber que sempre esteve muito vivo está pesando sobre mim mais duramente agora. Continuam passando pela minha cabeça todos os momentos em que precisei dele ao meu lado. Todas as coisas com as quais tinha sida obrigada a lidar sozinha.

Quando me perguntou sobre a fotografia, meu coração parou. Bem ali, no meio do quarto dele, simplesmente parou. Não tenho a ilusão de que o Axel está de volta e é meu. Oh, esse navio já partiu. Me aferrei à mais ínfima esperança que ele estava vivo em algum lugar, mas não posso ignorar o fato de que ele me deixou. Me deixou e,

quando fez isso, deixou o seu bebê. O bebê que não fui capaz de proteger. Claro que o Brandon sabia o quão duro isso foi para mim, não que estivesse disposto a me compartilhar com qualquer criança que pudéssemos ter criado, mas sabia por que eu tinha aceitado tão prontamente que não teríamos filhos. Meu bebê tinha morrido, assim como o pai, e isso é algo que nunca vou compartilhar com ele. Não merece saber sobre isso e, se for honesta comigo mesma, duvido que vá se importar. Afinal, se pôde deixar facilmente a pessoa que professava amar tão profundamente, uma criança não mudaria nada.

Uso rapidamente o banheiro; tomo uma breve chuveirada, estremecendo quando a água quente rola sobre meus mamilos doloridos. Me seco rapidamente e coloco a camiseta macia que cheira ao Axel; vai até os meus joelhos. Jesus, não era assim tão grande quando éramos mais novos. Era alto, mas nunca tão... sólido. Nem sequer me preocupei com o short, não há necessidade quando já estou nadando em sua camiseta. Correndo os dedos pelo cabelo, faço uma varredura rápida no balcão, olho em algumas gavetas e espero encontrar uma escova de dentes extra. Negativo. Não é maravilhoso. *Merda.* Esse idiota quer que eu fique aqui, então posso muito bem usar suas merdas. Depois que termino de escovar os dentes e me dar um grande discurso mental para me manter forte, eu saio.

Merda... merda, porra.

Lá está ele. Entrando novamente no quarto, todo grande e delicioso. Quero ir embora, correr e nunca mais olhar para trás.



— Qual lado? — A ligeira oscilação na minha voz é quase imperceptível e estou me encorajando mentalmente para manter uma postura corajosa.

— Não me importo. Uma cama é uma cama. — E com isso, entra no banheiro e fecha a porta.

Bem, suponho que isso é tudo, então.

Me aproximando do lado mais afastado da porta do banheiro, rapidamente apago as luzes, levanto as cobertas e mergulho sob elas. Naturalmente, minha sorte seria escolher o lado em que ele deve dormir. Sinto que mergulhei em uma nuvem do perfume do Axel.

Apenas com o toque do seu perfume posso sentir as memórias retornando com um golpe, rápidas e ferozes. Mordendo o lábio tão forte quanto posso sem tirar sangue, fecho os olhos com força. Executando cada exercício mental que conheço para tentar saltar este enorme obstáculo.

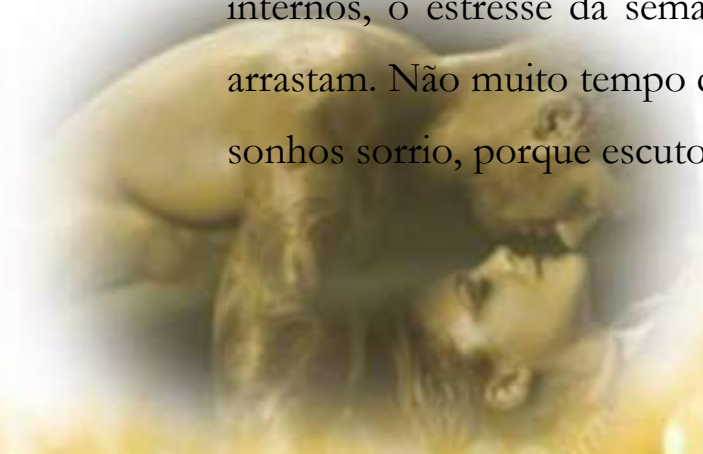
O passado não pode me tocar.

Sou mais forte que isso.

Sou uma sobrevivente.

Foda-se, destino... foda-se bastante.

Depois de alguns minutos ouvindo o chuveiro e meus cantos internos, o estresse da semana e os eventos do dia finalmente me arrastam. Não muito tempo depois disso, a cama afunda e, nos meus sonhos sorrio, porque escuto um suave sussurro.



— Senti sua falta... pra caralho, princesa. — Às vezes, os sonhos não te decepcionam porque essa é a única coisa que estava esperando ouvir desde o dia em que ele me deixou para sempre. Em meus sonhos, todos os meus problemas se desvanecem, porque estou segura. Segura e de volta aos braços do Axel.

Axel

Saio do banheiro; depois de passar uma malditamente estúpida quantidade de tempo no chuveiro me encarregando do problema que a Izzy havia despertado, fico ali parado. A água ainda escorre pelo meu peito, desaparecendo ao alcançar a toalha firmemente atada ao redor da minha cintura.

Izzy está novamente na minha cama. Merda; o peso que havia se instalado solidamente nos meus ombros por demasiado tempo se torna mais leve. Não muito, mas maldição, já é um alívio. Deveria ter sabido que se ela alguma vez voltasse a entrar na minha vida, não seria capaz de me aferrar à toda minha raiva.

Me aproximo do meu lado da cama para conseguir um olhar mais apurado sobre a pequena bola sob os meus lençóis. E lá está, aquele rosto que pode me colocar de quatro. Parece tão pacífica em seu sono, as mãos cruzadas sob a bochecha, o cabelo espalhado sobre o meu travesseiro. Como um anjo, minha princesa.

Nós perdemos tanto, desperdiçamos tanto tempo. Apesar de saber que ainda temos que conversar muito, e o pequeno detalhe de lembrá-la que é minha, não posso lutar contra a satisfação instantânea que me inunda.

Me sinto inteiro outra vez.

Sei que não devo ter esperança, mas não posso deixar de pensar que deteria qualquer coisa que tentasse tirá-la de mim novamente.

Caminhando de volta para o outro lado; deixo cair a toalha e subo na cama. Dá um pequeno gemido em seu sono que me faz jogar a precaução ao vento e me viro para envolvê-la em meus braços.

— Senti sua falta... pra caralho, princesa.

E com a Izzy de volta em meus braços, firmemente pressionada contra mim e sem espaço entre nossos corpos, finalmente encontro o sono.



Izzy

A primeira coisa que noto quando começo a despertar na manhã seguinte é quão incrivelmente quente estou. Finalmente, Dee está me ouvindo quando digo a ela que não podemos seguir diminuindo o ar condicionado até atingir temperaturas árticas. Me aconchego, me movendo e tentando encontrar esse lugar perfeito que me levará de volta ao delicioso sonho no qual estava. Esse movimento é tudo o que é preciso para despertar bem e para que todo esse calor desapareça, deixando-me solidamente congelada.

Há uma mão enorme cobrindo meu peito muito quente e uma respiração suave fazendo cócegas no meu pescoço. Esse calor que estava amando um segundo atrás está chutando a minha bunda, quase literalmente. Posso sentir a sólida e muito desnuda parede de músculos e força contra as minhas costas, se encaixando como uma grande luva apertada contra o meu corpo. Tento levantar as pernas, mas estão enroscadas em umas maiores e peludas. O maior, e eu quero dizer o maior problema que pareço ter agora, é a grande ereção me cutucando; situada bem junto à minha boceta. E todo esse movimento, toda essa busca pelo calor no meu sono, tudo o que fez foi me deixar escorrendo com desejo.

Entreabrindo um olho, observo o cômodo. Minha viagem ao redor do aposento começa com uma cômoda alta e termina com uma pilha de roupa no chão ao lado dela. Fora isso, vazio. Olhando para

o braço infrator que me segura fortemente contra o corpo do seu dono, tento pensar em uma maneira de sair desse abraço. Ele tem o braço enfiado sob a minha camiseta, segurando meu peito com força, como se fosse sua âncora. Me movendo, tento desalojá-lo naturalmente, mas tudo que consigo é que seu braço e sua mão me segurem com mais força e pressão, inclusive me puxando ainda mais contra o seu corpo.

Malditos hormônios. Sua ereção dura como pedra penetra ainda mais profundamente entre as minhas pernas, acertando o meu clitóris com um golpe afiado.

Contenho bruscamente o suspiro de puro prazer.

Oh, meu Deus. Tenho que afastá-lo de mim.

Empurro o cotovelo para trás, ganhando um gemido e mais aperto.

Merda! Sorte a minha. Meu corpo está me dizendo para começar a transar, meu coração me diz para correr, e minha mente está ali sentada desfrutando de um cigarro enquanto os quadris dele começam a se mover contra mim.

— Axel Reid, acorde agora mesmo! — Grito. — Tire suas patas do meu peito e faça com que o seu pau pare de buscar a minha boceta, já encontrou, idiota, agora se afaste.

— Humm...

Isso é tudo que consigo. Nada. Me puxa para trás de novo. Só que desta vez tenho a vantagem adicional de uma barba contra o meu



pescoço e um grunhido. Se está tendo um sonho molhado contra o meu corpo, poderia matá-lo.

— AXEL!

— Cale a boca, Izzy. Estou tratando de desfrutar isso. — Bem acordado. Esse idiota está bem acordado, sua voz nem sequer tem um pingo de sono.

Me movo para me afastar, esfregando os quadris contra seu pau de novo, e nem sequer sou capaz de abafar o gemido. Finalmente, depois de uma pequena luta para desentrelaçar minhas pernas e empurrar seu braço, estou livre. Me movo rapidamente até a beira e pulo da cama. Me viro, pronta para brigar de novo, mas me detenho engolindo em seco, minha boca se abre e estou babando, tenho certeza disso.

Perfeição. Está deitado contra os lençóis brancos, todo grande e sólido. Tem um braço sobre os olhos e o outro apoiado contra o abdômen perfeitamente esculpido. Ambos os braços estão marcados com algumas tatuagens tribais, envolvendo ambos os ombros e ao redor da parte da frente do peito. Tem um grande anjo nas costas, com as mãos juntas, em oração, suas asas reunidas em torno das costas. Não posso ver seu rosto claramente, mas daqui posso dizer que é uma bela peça. Meus olhos viajam para baixo e vejo mais tatuagens desaparecendo sob o lençol sobre os seus quadris. O tecido fino não está fazendo nada para ocultar a tenda armada pela sua ereção. Larga, sólida, forte e muito excitada.

Ele move os braços e seus brilhantes olhos cor de esmeralda encontram os meus, assustados. Percorro seu corpo com o olhar mais uma vez antes de levantar os olhos e encontrar seu olhar inquisitivo.

— Puta merda, o que aconteceu com você? — Elogio, ou pelo menos deveria ter soado como um elogio, mas sai mais como um gemido fraco.

Ele ri suavemente, o que faz com que todos aqueles músculos se contraiam. *Quero lambê-los, muito.*

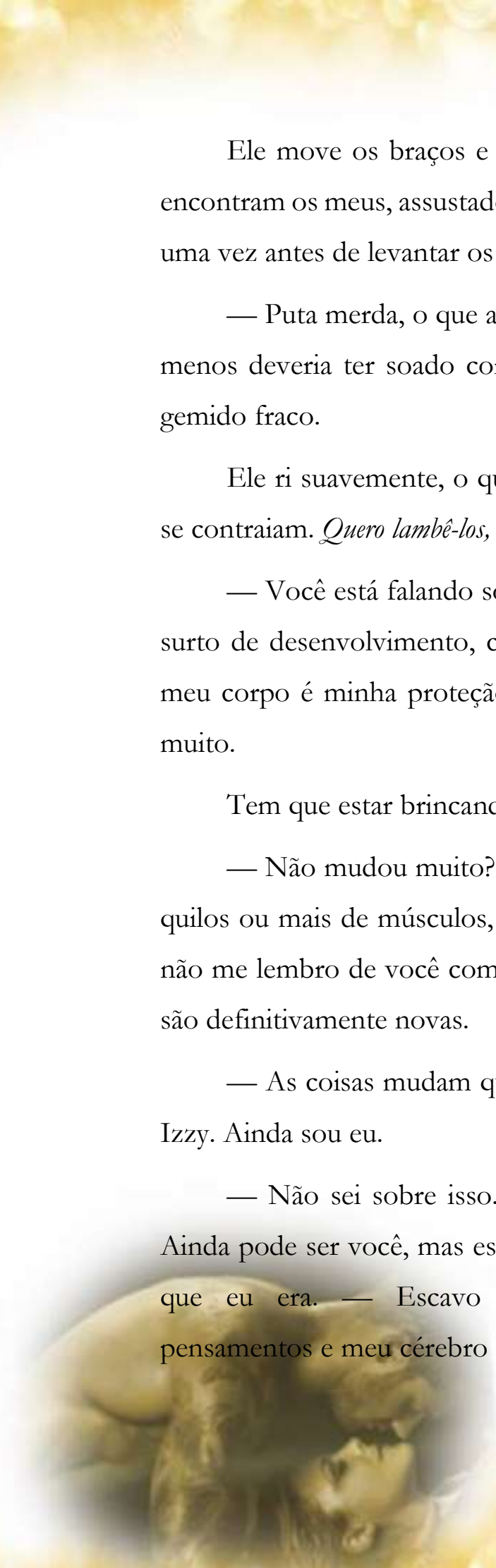
— Você está falando sobre as tatuagens ou do corpo. Tive um surto de desenvolvimento, cresci um pouco. Faço muito exercício; meu corpo é minha proteção, então não posso vacilar. Não mudei muito.

Tem que estar brincando.

— Não mudou muito? — Repito. — Parece que ganhou vinte quilos ou mais de músculos, talvez mais alguns centímetros, porque não me lembro de você com *este* aspecto. E sim, bem... as tatuagens são definitivamente novas.

— As coisas mudam quando se passa de criança para homem, Izzy. Ainda sou eu.

— Não sei sobre isso. E, você tem razão, as coisas mudam. Ainda pode ser você, mas estou malditamente segura que não sou o que eu era. — Escavo profundamente para levantar meus pensamentos e meu cérebro do chão. — Não tenho nada para vestir



e gostaria de me trocar e ir para casa agora. — Pronto, isso deveria encerrar a conversa rapidamente.

— Sim, escapar. Entendi. Na cômoda, pegue um short e uma camiseta limpa. Te encontro lá embaixo. — Ele é tão rápido que não tenho nem um segundo para me virar enquanto levanta o lençol, exibindo o corpo completamente e me deixando ainda mais sem palavras. Não mudou muito, minha bunda. Parece que não foram poucos centímetros só na sua altura. Com passos pesados e o corpo rígido, ele sai do quarto e bate a porta. Corro para a cômoda e, em seguida, entro no banheiro para me vestir.

Trinta minutos mais tarde, caminho pelo longo corredor e pelas escadas procurando a cozinha. Não deveria ser muito difícil, mas esta casa é enorme e, a julgar pelo cheiro, o café da manhã está pronto. Dou algumas voltas erradas e só encontro mais espaços vazios. Deve ter se mudado no último fim de semana, pois não há absolutamente nada aqui.

Ao dobrar em um corredor, finalmente entro na cozinha. Axel está de pé ao lado do fogão fritando um pouco de bacon, com os ovos já servidos ao lado e um pouco de suco de laranja em um copo em frente à banqueta.

— Sente-se e coma. Greg e a turma deverão estar aqui dentro de uma hora. — Não deixa espaço para discussão, só me dá um olhar frio, coloca um pouco de bacon no meu prato, se serve de um pouco

de comida e inclina o quadril contra o balcão antes de começar a comer.

Permanecemos assim, em silêncio, enquanto comemos. Nem sequer me olha, nem uma só vez olhou para mim. Deveria estar confortada por isso, mas estaria mentindo se dissesse que não me incomoda que ele seja capaz de esquecer tudo. Por mais que me esforce, tê-lo tão perto de mim novamente está mexendo com a minha mente. Só quero correr para os seus braços e deixar tudo para lá; esquecer o mundo.

Limpando a garganta, rompo o silêncio: — Então, e agora? Eu realmente gostaria de ir para casa.

— Eu te disse ontem à noite, discutiremos as decisões com todos os outros. Você vai voltar para casa quando descobrirmos o que vai acontecer depois. Não leve isto na brincadeira, Iz, podemos não saber por que ele enviou isso, mas foi por uma razão. Meu trabalho consiste em averiguar por que, e que tipo de ameaça, se foi isso, te espera.

Humm... — Estou mais que frustrada. Tudo o que quero fazer é ir para casa e me esconder dos meus problemas e do Axel. A última coisa que quero é que ele seja um elemento permanente na minha vida. Só posso esperar que o Greg e a Dee possam manter silêncio sobre tudo o que sabem e o Axel não.



Ainda estou em silêncio tentando descobrir o que aconteceria se o Axel descobrisse tudo o mais quando uma porta bate e passos pesados ecoam por toda a casa. Se a linguagem corporal relaxada do Axel não houvesse permanecido a mesma, poderia ter ficado preocupada. Deve ser a cavalaria que acaba de chegar.

— Ei, Reid. Onde você está? — Ressoa uma voz através da casa.

— Estou morrendo de fome, Coop; Reid, é melhor ter um pouco de comida desta vez. — Diz a voz número dois.

— É muito cedo para esta merda, minha cabeça ainda está zonza por ter passado a noite toda enterrado até as bolas na Jasmine, ou era Jane? Judy? — Se queixa a terceira voz.

— Cale a boca, idiota. — Greg, conheço essa voz em qualquer lugar. Olho para cima quando Axel bate com o prato na pia e lança um olhar duro para a porta aberta.

É a risada suave depois da voz do Greg que faz com que eu vire a cabeça e olhe exatamente para ela. *Dee?* O que está fazendo aqui?

Dee passa primeiro e imediatamente se apressa para envolver seus braços delgados ao meu redor.

— Você está bem?

— Vou ficar; só quero ir embora.

— Logo, Iz, tem que confiar nesses caras. Sei que não será fácil, mas eles sabem o que estão fazendo. — Sussurra no meu ouvido.

— Como você está aqui? Greg não te levou para casa ontem à noite?

Ela dá um passo para trás e olha para o lado, mas não antes de eu ver o rubor no seu rosto. Que diabos é isso?

— Vocês terminaram com sua merda de mulheres? Precisamos conversar.

Olho para os tempestuosos olhos verdes do Axel e seu cenho franzido.

— Lembre-se que esta pequena festa no café da manhã foi ideia sua. Não seja um pé no saco porque conseguiu o queria.

O grupo atrás de mim deixa escapar alguns grunhidos viris, seja pelo humor ou pelo choque de repreendê-lo. Olho para o grupo cheio de testosterona, evitando o rosto do Greg, mas não perco o franzido dos seus lábios. Coop e Beck estão se esforçando para não rir, Locke parece que tem coisas melhores a fazer, mas não perco a alegria dançando em seus olhos escuros.

— Cale a boca, Izzy, isto não é uma fodida brincadeira. Locke, descobriu onde está o ex?

— Sim, Califórnia, em uma convenção de negócios ou alguma merda assim. O secretário me disse que ele viajou na quarta-feira à tarde com sua nova namorada. Não parecem ter nenhum problema no mundo.

— O quê? — Pergunto. — Sério, ele não pode assinar os papéis do divórcio, mas pode manter sua cama quente? — Ninguém me

responde, mas, novamente uma resposta não era realmente necessária.

— Coop, verificou antecedentes? — Axel continua.

— Limpo. Algumas multas de estacionamento, mas nada sério. Parece que teve alguns problemas com brigas na escola, mas nada na faculdade. As dívidas no cartão de crédito chegam a uns bonitos sessenta e cinco mil. — Ele olha para mim com simpatia antes de continuar. — Prostitutas, algumas pequenas apostas, mas a maior parte foi gasta com acompanhantes e alguns locais de striptease. — Ele continua.

Isso me tirou do eixo. Por mais que o Brandon fosse um imbecil, sempre estava ali e sempre se controlando. Como é que eu nem mesmo sabia sobre esse lado dele?

— Beck, nada? — Axel pergunta, seu tom mais áspero do que antes.

— Não muito, falei com algumas pessoas que vão fazer umas buscas para mim a nível local, se houver alguma coisa, encontrarei.

Quê?

— Do que você está falando? — Dirijo minha pergunta para o Beck, imaginando que a minha sorte em busca de uma resposta seria melhor com ele.

— Nada, doçura, nada para se preocupar. — Ele tem um sorriso no rosto, mas não está disfarçando a gravidade em sua postura.



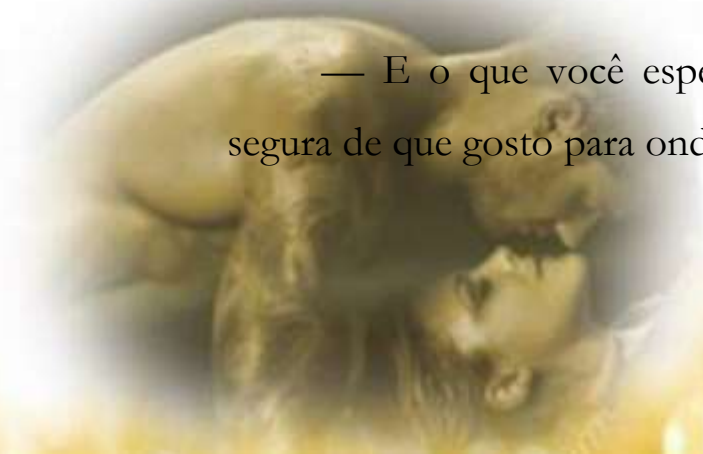
— Ah, não. Esta é a minha vida e não quero ser mantida no escuro. Não espere que eu esteja de acordo em ficar de fora. — Meu temperamento está começando a subir e mesmo que eu saiba que estes homens têm boas intenções, não posso suportar não saber de nada e não ter um pouco de controle.

— Izzy, olhe para mim — diz Axel. — Confie em mim para cuidar disso e não a sobrecarregar com questões desnecessárias. Prometo não esconder informações importantes de você.

— NÃO, Axel. Você quer que eu simplesmente o deixe fazer o papel do cavaleiro branco sem problemas? Que merda, tarde demais para isso. A única razão pela qual estou aqui neste momento é porque você não me levou para casa ontem à noite. Não sou estúpida e reconheço que vocês são os melhores para resolver esta situação, mas não vou seguir às cegas. Cada maldito passo, quero saber tudo ou farei isso sozinha. — Estou bem no seu espaço, pressionando o dedo no peito dele colocando tanta força quanto posso nessa pequena cutucada.

Esfregando o peito e se afastando, ele diz: — Jesus Cristo, você é um pé no saco. Beck está verificando com alguns policiais locais para ver o que sabem sobre o Brandon. Nada para você se preocupar. Cobrando alguns favores e pedindo aos locais para manter um olho nele.

— E o que você espera encontrar? — Pergunto, sem estar segura de que gosto para onde isso vai.



— Não estou seguro ainda, com o dinheiro e as mulheres, meu palpite seria drogas ou algo do tipo. Quero ter todas as cartas na manga antes de ir conversar com esse filho da puta.

— De que diabos você está falando? Por que vai falar com ele? — Dee se aproxima e segura a minha mão. Pela primeira vez desde que esta conversa começou, me lembro que ela está lá.

— Você quer o divórcio e que ele a deixe em paz, certo? — Ele pergunta.

— Creio que é bastante óbvio.

— Bem, eu tenho uma conversinha com ele e você consegue o divórcio e também me asseguro que deixe você em paz. Bastante simples.

— Eu não creio; tenho os meus advogados para fazer isso, não você. — A última coisa que quero é que Brandon e Axel se encontrem. Tinha algumas fotos do Axel quando Brandon e eu começamos a sair, ele pode estar diferente agora, mas não demoraria muito para o Brandon se dar conta de quem ele era e isso não ia acabar bem.

— Veremos, Izzy. Vamos deixar para lá, por enquanto. — Me dá outro olhar duro antes de desviá-lo e olhar novamente para o grupo de pé na cozinha.

— Greg, me fale sobre o esquema na casa dela.

— Sistema completo, com todas as atualizações. Não há como entrar na sua casa sem que ela queira, quando configurar a maldita



coisa. — Diz a última parte com sua frustração habitual porque sempre me esqueço de ligar o alarme quando estou em casa.

— Maldição, olhe para mim, Izzy. — Olho novamente nos olhos dele. — Vou deixar passar isso, por enquanto, e só porque essa merda está apenas começando, mas a partir de agora você vai acioná-lo. Quando sair, quando chegar, quando estiver lá, estará sempre ligado. Sem hesitar.

— O que seja... — murmuro. Sei que ele está certo, mas não significa que tenho que ser agradável com ele.

A conversa continua ao meu redor; Axel repartindo mais deveres e eles falando sobre o próximo passo para tirar o Brandon da minha vida. Parece ser de pleno acordo que ser mais incisiva sobre o divórcio e ver se isso não pode encerrar a conexão. Tenho pressionado tanto quanto posso, para que isso fique para trás rapidamente. Por último, Axel diz que alguém precisa ir pessoalmente falar com o Brandon sobre a assinatura.

— Não, isso não vai acontecer — falo, interrompendo o Beck, que está prestes a responder ao Axel. — Deixe que os advogados lidem com isso. Eu não estou pedindo nada, a única coisa que eu preciso é que ele assine.

— Garota, ele não assinou em seis meses, o que a faz pensar que ele só vai acordar de manhã e assinar? — Greg pergunta.

— Cale a boca, Greg. — Rebato, devolvendo seu olhar. Ele hesita, mas se recupera rapidamente.

— Estou falando sério, Axel, você não vai falar com ele. — Mantenho o seu olhar até que ele interrompe o contato e olha para o Maddox.

— Tudo bem — ele vocifera antes de olhar para o Maddox — reserve um voo, vá visitar aquele idiota e pegue a porra da assinatura. Faça o que tiver que fazer, leve o Coop com você. — Ele olha para mim e com um tom arrogante pergunta: — Está bom para você, princesa?

— Eu te odeio. — Falo entre os dentes e ganho uma risada.

Deus, isto vai ser um pesadelo.

Olho para Dee e caminho até ela, está na hora de descobrir por que ela está aqui.

— Bem... desembuche. — Sussurro no seu ouvido.

— Não há nada para desembuchar — diz com um rubor nas bochechas. — Beck e eu nos divertimos um pouco na noite passada, nada demais.

Eu sabia!

— Oh, falaremos sobre isso mais tarde. Não posso acreditar em você, Dee! Sequer sabe algo sobre ele?

— Vamos, Iz, foi apenas um pouco de diversão, não vai acontecer de novo, ele é um daqueles homens arredios a relacionamentos. Bom para mim, estava só tentando liberar um pouco do estresse, de qualquer maneira. E você precisa deixar de pressionar esses caras. Eles não são o inimigo, Izzy. Por favor, deixe

que façam o seu trabalho. — Deixa escapar um suspiro de exasperação antes de caminhar novamente para o grupo e dar algumas sugestões.

Que diabos está acontecendo?



Capítulo 12

Se passaram pouco mais de dois meses desde que o Axel irrompeu no estúdio de tatuagens. Dois meses me vigiando constantemente e jogando sua merda exigente na minha cara. Estou farta disso, de me irritar todos os dias. Nada mais aconteceu com o Brandon, e o mais impressionante de tudo foi a chamada que recebi na sexta de manhã me dizendo que ele havia assinado os papéis. Sou, oficialmente, uma mulher divorciada.

Finalmente.

Maddox e Zeke, ou "Locke e Coop" se perguntarem aos homens, visitaram o Brandon na segunda-feira. Voltaram e disseram que não tiveram problemas, que o Brandon pareceu bastante agradável e estava de acordo que precisava assinar os papéis. Estava de acordo? Que piada. Não sei o que fizeram para convencê-lo, mas estou encantada porque acabou.

Maddox e Beck se tornaram bastante frequentes na minha casa e da Dee. Beck, por razões óbvias, e todas começam e terminam na Dee. Pouco complicado. Maddox e eu demos início a uma amizade estranha. Posso afirmar que ele não deixa as pessoas se tornarem íntimas, mas, por alguma razão, escolheu se abrir e me deixou atravessar seu exterior estoico e, por alguma razão, parece precisar de uma amizade, inclusive mais do que eu. Estou começando a entender

todos os seus humores e ele sabe dizer exatamente quando preciso de um bom calmante. Como resultado final, ele é um bom amigo e uma distração maravilhosa. Além disso, tê-lo por perto como "protetor" é a desculpa perfeita para eu não precisar do Axel por perto.

Greg e eu não temos nos falado muito desde a sua participação no "sequestro do Axel"; sinto falta dele, mas não consigo estar no mesmo aposento que ele sem lançar minha merda em cima dele. Ele, mais do que ninguém, sabia porque eu estava evitando o Axel, mas decidiu tomar o assunto em suas próprias mãos. No fundo, sei que ele tinha boas intenções, mas não estou pronta para esquecer o quão rápido ele me virou as costas. Ter Maddox por perto tem outra vantagem quando se trata do Greg; Maddox não lida bem com os outros, inclusive com os seus "irmãos". Se eu fico chateada, Maddox se transforma em um urso. Estava tão acostumado a ter só a Dee e o Greg que é quase refrescante ter alguém mais na minha vida na qual posso confiar.

É sábado de manhã e novembro havia chegado à Georgia com força, faz frio e está um dia chuvoso. Ligo para o Maddox para ver se ele quer ver um pouco de futebol, beber umas cervejas e comemorar minha recém-descoberta solteirice. Dee já foi ao mercado e comprou uma torta, enfeites e malditos balões. Acho que ela está mais animada que eu. Não tive mais notícias do Axel desde o início da semana, quando ele ligou para me deixar saber que ia estar fora da cidade e avisá-lo se alguma coisa acontecesse. Como se eu fosse fazer isso.

Maddox aparece no início da tarde com um dos seus raros sorrisos no rosto. Dee o deixa entrar e ele não perde tempo em vir me felicitar.

— E aí, garota, feliz? — Despejei tudo sobre ele; somente com aquelas quatro palavras as comportas se abriram.

— Oh. Meu. Deus. — Falo entre soluços. — Acabou, Mad. Consegue acreditar? Os últimos oito anos da minha vida acabaram com apenas uma assinatura. Liberdade, sabe quanto tempo rezei para ficar livre do Brandon?

— Sim, eu sei, garota. Sem mais de problemas. — Ele envolve os braços fortes à minha volta. Lágrimas de alívio, alegria e, talvez, um monte de comoção.

Não sei quanto tempo ficamos sentados, as palavras não são necessárias porque ele simplesmente entende, sabe que eu preciso colocar tudo isso para fora para seguir adiante e deixar que a dor do meu casamento morra completamente. Depois que terminei de usar seu ombro como lenço, ergo o olhar e vejo sua habitual expressão neutra, esperando encontrar um pouco aborrecimento, mas, em vez disso, me dá um sorriso antes de jogar a cabeça para trás e gargalhar. Esse é outro momento do Maddox que não acontece muitas vezes.

— Garota, você parece um guaxinim afogado. Toda essa merda preta que vocês costumam usar, está em toda a sua cara. Vá se limpar antes que eu seja obrigado a chamar o controle de animais para vir buscá-la.

Lanço uma almofada do sofá na sua cara antes de sair da sala e ir me limpar. Eu o ouço ligar a televisão e como os sons do jogo invadem o silêncio. Caminhando pelo corredor, quase colido com Dee, que está com a face molhada.

— Ele é realmente um ursinho sob aquela aura de "não me toque", não é? — Ela pergunta.

— Não deixe que ele ouça você dizendo isso, mas, sim, ele tem sido genial nessas últimas semanas.

— Estou tão feliz que tudo isso tenha acabado, sei que não tenho estado muito por aqui, mas sabe que estou aqui se precisar de mim. — Parece se sentir bastante culpada e, apesar de saber que falou sério, isso parte o meu coração.

— Dee, não se atreva a se sentir mal por ter uma vida. Estou bem, de verdade, me sinto bem e não tenho ficado sozinha. Mad está sempre por aqui, o Coop vem às vezes, e você está aqui... mesmo trancada no seu quarto com o Beck, fazendo as paredes tremerem. — Sigo o meu caminho e a deixo com a cara vermelha, porém, rindo.

— Amo você, cadela estúpida. — Grita atrás de mim.

O alarme soa algumas vezes enquanto estou no banheiro me limpando, indicando que alguém havia aberto e fechado a porta da frente algumas vezes. Assumindo que é o Beck ou o Coop, só ouço e continuo a me arrumar. Tiro a legging e a blusa molhada de lágrimas, trocando-as por um jeans apertado minha camiseta favorita da

Universidade da Georgia; de uma época que já passou, uma daquelas que todo fã do time da Georgia deve ter. Meu rosto está livre de todo o negro embaixo dos meus olhos e das minhas bochechas, resultado da crise de choro mais cedo. Estou prendendo o cabelo comprido em um rabo de cavalo quando uma voz profunda pigarreia atrás de mim, que faz com que eu tenha um sobressalto.

— Pequena, por favor, será que podemos conversar?

— Não, se está pensando em me deixar para baixo, Greg. Hoje não é o dia para fazer isso, estamos comemorando.

— Izzy, sabe o quanto me machucou ter que saber que o idiota finalmente assinou o divórcio através do Locke? Ele te conhece há alguns meses e você conta a ele primeiro? Cada passo do caminho, Izzy, eu estive aqui para tudo, e você nem sequer me ligou.

— Ok, já que você quer fazer isso, tudo bem. Estou chateada, Greg. Você me deu as costas e o chamou, não só o chamou, mas pode muito bem ter lançado um "bat-sinal" no ar e o colocou exatamente dentro do estúdio. Como pôde? Como, caralho, você pôde?

Ele inclina a cabeça e solta um longo suspiro. — Você sabe o que é ficar sentado e ver alguém que você ama se transformar em um zumbi? Você tinha voltado para aquele fodido buraco no qual sempre se enfia. Não pense que fiz isso numa boa, Izzy. Nem por um segundo. Você estava evitando falar comigo e com a Dee, deu voltas e mais voltas para ficar ocupada o suficiente para não ter que lidar com a merda em sua vida. Nós estávamos preocupados; preocupados com a merda que o Brandon estava fazendo com você, mas,

principalmente, preocupados sobre como você estava lidando com a reaparição do Axel. Não acredite que eu não sabia o motivo real pelo qual você fugiu. E sabe tão bem quanto eu, que se não a tivesse forçado, ainda estaria fugindo.

— Não era uma decisão que você tinha que tomar, G. Era minha, você me forçou e tirou o meu controle, a única coisa que lutei para recuperar na minha vida. E como se já não fosse pouco, você forçou as coisas com ele. Simplesmente não sei como perdoar isso tão facilmente. Posso te perdoar porque, mesmo chateado pra caralho, sei que não iria me machucar, mas você sabia, porra, *sabia* o quão difícil que ia ser para mim. Queria que esse encontro ocorresse do meu jeito e quando eu estivesse pronta. — É difícil manter contato visual com ele, porque começou a andar em círculos no meu quarto. Obviamente, está frustrado e preocupado.

— Eu sinto muito, porra, sinto mesmo. Não sei mais o que dizer além disso. Você é minha família e, se tivesse outra oportunidade, faria tudo de novo se fosse para ajudá-la. Tirando o Axel, essa merda com o Brandon estava fodida e você precisava de todo o poder ao seu lado se ele tentasse algo mais. A única coisa da qual me arrependo foi magoar você.

Odeio brigar com o Greg. Esta é, de longe, a nossa pior briga e, sendo honesta, não o ter por perto é difícil. Ele é o meu suporte. Maddox está se tornando tão importante quanto ele, mas ninguém pode substituir o que o Greg significa para mim.

— Eu entendo, de verdade. Dói, mas entendo porque você fez isso. — Levanto e caminho para os seus braços abertos. — Nada de brigas, ok? Mas, não volte a fazer essa merda de novo.

— Tudo bem, minha pequena. Nada de brigas.

— Vamos, o pontapé inicial será em breve e se me fizer perdê-lo, vai ver o jogo em outro lugar.

Rindo, me segue para fora do quarto e quase caio quando chego na sala e paro abruptamente.

— Que diabos está fazendo aqui? — Pergunto ao homem que está sentado no sofá, os pés apoiados na mesa de centro com uma cerveja na mão.

— Bem, olá para você também, Princesa. Coop me ligou, disse que estaria aqui para ver o jogo com o Locke, e me juntei a eles. Achei que você não ia se importar. — Pretensioso, arrogante, babaca. Está pedindo uma resposta à altura e a dou.

— Você é um idiota, você sabe disso, Axel Reid? Cale a boca e tire os seus pés da minha mesa. — Seguro os seus pés e os empurro para fora da mesa enquanto passo por ali, apenas para ganhar uma risada profunda antes dele levantar os pés novamente. — Abaixe-os, idiota — resmungo baixinho enquanto sigo até a cozinha para pegar um pouco de comida e cerveja.

Coop e Maddox estão de pé ao redor do balcão quando eu entro. Recebo um pequeno sorriso do Maddox antes de andar até o

Coop e lhe dar um tapa no lado da cabeça. — Idiota, você não pode convidá-lo para vir aqui.

Maddox solta uma gargalhada antes de pegar um taco e sair da cozinha, se encaminhando para a sala de estar. — Garota, ele provavelmente nem sentiu nada, com essa cabeça dura que tem.

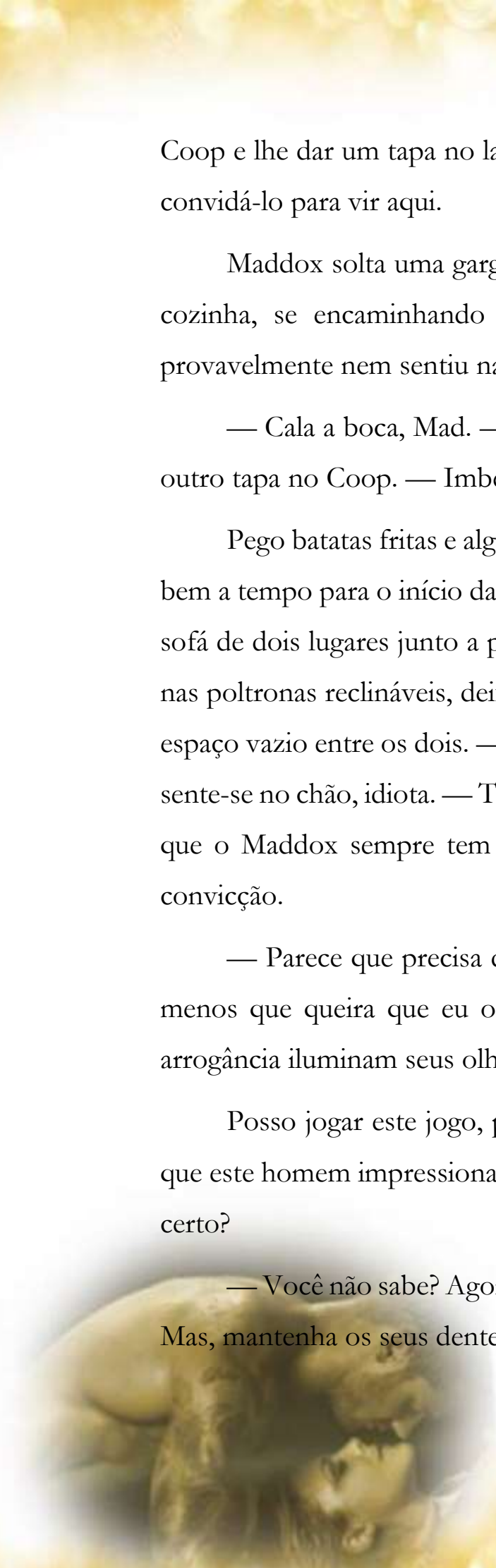
— Cala a boca, Mad. — Sorrio para as costas dele antes de dar outro tapa no Coop. — Imbecil.

Pego batatas fritas e algumas cervejas antes de voltar para a sala, bem a tempo para o início da partida. Dee e Beck estão aninhados no sofá de dois lugares junto a parede mais distante; Greg e Coop estão nas poltronas reclináveis, deixando Maddox e Axel no sofá, com um espaço vazio entre os dois. — Você só pode estar brincando comigo, sente-se no chão, idiota. — Tento dar ao Axel o olhar perverso e duro que o Maddox sempre tem na cara, mas, aparentemente, me falta convicção.

— Parece que precisa de um lugar, Princesa. Eu não mordo, a menos que queira que eu o faça. — Aquele sorriso arrogante e a arrogância iluminam seus olhos verde esmeralda.

Posso jogar este jogo, posso agir como se estar na mesma sala que este homem impressionante não está me partindo ao meio. Fácil, certo?

— Você não sabe? Agora eu prefiro com força e selvagem, Axel. Mas, mantenha os seus dentes e tudo o mais para si mesmo.



Isso faz com que seu rosto fique pálido, nada mais do ego masculino gigante e aquele orgulho arrogante. Não, ele não ia se meter comigo. Dee e Beck estão muito ocupados um com o outro para detectar a tensão na sala. Greg parece preocupado, Coop parece que vai rir a qualquer momento e o Maddox está simplesmente olhando para a televisão, mas posso afirmar que ele quer falar. Simplesmente me sento e me aproximo o máximo que posso do Maddox sem me sentar no seu colo e ignoro o Axel tanto quanto sou capaz.

O terceiro tempo está começando quando a campainha toca. Aceno para a Dee e vou até a porta, me dando conta um pouco tarde demais de quão tonta estou. Tenho estado bebendo cerveja há pelo menos uma hora, sem comer nada, porque ainda estou me mantendo mais afastada possível do Axel e tensa por ele estar em casa. Passo a esquina da sala de estar, chego na porta de entrada e ouço o som dos gritos e xingamentos masculinos que assinalam outro *touchdown* quando alcanço a porta. É melhor que valha a pena.

Abro a porta e leva um segundo para o meu cérebro cheio de cerveja registrar quem está parado na minha porta. Quando o faço, minha primeira reação é fechar a porta, isto que dá não olhar pelo olho mágico, mas quando vou fechá-la, encontro a resistência do seu pé.

Antes que eu possa fazer alguma coisa, até mesmo soltar um grito através dos meus lábios aterrorizados, ele me alcança, me puxa para fora, fecha a porta e me empurra para trás. Minhas costas batem no batente da porta com força, me fazendo soltar um pequeno

gemido de dor. Ele fecha a mão ao redor do meu pescoço e aperta, cortando o meu suprimento de ar e evitando que eu grite por socorro.

— Olá, Isabelle. Você acha que você pode se livrar de mim tão facilmente? Olhe o que o seu namorado fez na minha cara!

Tem um curativo sobre a ponte do nariz, claramente mantendo o osso quebrado unido. Está machucado e roxo e o seu lábio tem um pequeno corte no canto. Se eu não estivesse tão assustada, poderia sorrir, porque finalmente o Brandon sentiu o gosto do seu próprio remédio.

— Não pense que não sei quem ele é, Isabelle. Você me falou o suficiente sobre ele para saber exatamente quem era quando abri a porta. Você acha que pode me ameaçar? Dizer ao meu pai e ao conselho sobre minhas pequenas atividades extracurriculares? Não creio, Isabelle. E se sabe o que é bom para você, vai afastar esses animais de merda dos meus assuntos. Você já tem os seus papéis assinados, mas, me escute, será sempre minha. Afaste-os, agora. — Ele parece furioso e fora de si, tão perto do meu rosto que a saliva que escapa com suas palavras sussurradas, acerta o meu rosto. Não tenho nem ideia do que ele está falando. — Responda, cadela, vai dizer a eles para me deixar em paz, entende? — Ele fala, novamente me atingindo com sua saliva.

Agarro a mão dele para afrouxar o seu aperto; sinto meus pulmões queimando, exigindo oxigênio. Afundo minhas unhas nas mãos dele e no seu pulso, tentando desesperadamente inspirar um pouco de ar. Minha impossibilidade de respirar deve ter feito o

Brandon perder a cabeça, a raiva o cegando de suas ações. Minha visão está ficando preta nas bordas, mas não antes de vê-lo levantar o braço e seu punho se aproximar, acertando o meu olho direito e sinto uma dor insuportável. Minha cabeça bate no batente da porta, o que faz com que uma nova onda de dor horrível atravesse a minha cabeça. Ele solta o meu pescoço e me joga no chão da varanda, ficando parado sobre o meu corpo, os pés, um de cada lado do meu estômago. Ele se inclina e sussurra no meu ouvido.

— Vou me manter em contato, Isabelle, mas diga a esses filhos da puta que parem de me ferrar e fazer perguntas. Fiz o que o seu *namorado* disse e assinei aqueles papéis, mas não necessito daqueles *papéis* de merda para provar a quem você pertence. Você me ouviu, cadela? Você é minha. Foda-se, vou matá-lo se tocar você, entendeu? Manterei um olho em você, Isabelle. — Me dá outro soco no olho direito e, finalmente, consigo soltar o grito que ficou preso momentos atrás. Em seguida, ele tinha partido. Toda a dor que sinto em meu corpo é a única coisa que me impede de pensar que eu apenas sonhei essa coisa toda.

Posso senti-los, pela minha posição no chão da varanda, correndo dentro da casa. A porta da frente se abre de supetão e mãos fortes me levantam. Estremeço de dor quando minhas costas encontram um braço sólido.

— Que caralho! — Greg, eu acho, fala de algum lugar atrás de mim.



— Oh, meu Deus, Izzy! Ela está sangrando, oh meu Deus! — Dee grita da mesma direção.

Minha visão está embaçada, só posso sentir que a pessoa que está me segurando é do sexo masculino. Se não fosse pelo aroma profundo de couro e canela, não teria reconhecido quem me segurava com tanta ternura.

— Coop, Locke, vão encontrar esse filho da puta antes que ele desapareça. — Ele grita e o tom da sua voz é letal. — Alguém chame a porra da polícia, agora! Princesa, você está ferida em algum outro lugar que não seja a cabeça?

— Pescoço. — Engasgo. — Costas. — Sussurro. — Foi... o Brandon... estava aqui. — Não consigo decifrar sua expressão, meu olho direito está latejando e fechado por causa do inchaço; não consigo sequer abrir o esquerdo, o movimento me causa uma dor excruciante que atravessa toda a minha cabeça como um raio. Em seguida, sinto que deve ser sangue a coisa morna que escorre até a parte de trás do meu pescoço.

Os braços que me seguram ficam tensos ante a menção do nome do Brandon. Não era o que ele esperava ouvir. Porém, mais uma vez, não sabia que um sábado de futebol ia se transformar neste desastre.

— Aqui, segure isso — Greg fala, colocando alguma coisa na minha nuca.



Axel ajusta seu abraço sobre mim e se levanta do chão da varanda, sinto quando entra na casa, caminhando até a sala de estar. Posso ouvir os sons das pessoas se movimentando pelo aposento. Axel senta no sofá, mas não me solta.

— Sente-se, princesa; vamos dar uma olhada nas suas costas, sim?

Me ajuda a me inclinar para a frente, fazendo com que o meu estômago revolva e sinto quando as mãos levantam a minha camiseta.

— Merda! — Greg grita: — Como diabos isso aconteceu? Tem hematomas por toda a sua coluna, Iz!

Não respondo porque, para quê? Me parece que está bastante claro como cheguei a isto.

Escuto as sirenes se aproximando, fazendo com que me aconchegue ainda mais nos braços fortes do Axel, que me dão a sensação de estar segura. Justo quando eu penso que sou finalmente livre, que piada.... Estou começando a pensar que nunca serei livre, sempre ao alcance do Brandon.

Dee está guiando os agentes da polícia e os paramédicos para a sala de estar; ouço o Greg, em algum lugar no aposento, falando em voz baixa, e o Maddox respondendo. Posso dizer onde está cada um e não tenho nenhuma pressa para abrir os olhos e comprovar.

— Senhora — uma nova voz se junta ao grupo. — Senhora, pode abrir os olhos? — Axel se move e me afasta do seu calor, posicionando o meu corpo de uma forma que permite que esta pessoa

comece a tocar o meu rosto. Imediatamente, me viro para o seu corpo.

— Shh, Izzy, deixe que te examine. — Seu hálito quente roça o meu ouvido e ele aperta o braço em volta dos meus ombros, me lembrando que está lá e eu estou segura. Afasta a cabeça da minha orelha e diz para a voz que não conheço. — Não creio que ela possa abrir os olhos sem sentir dor. Ela tentou um segundo depois que a alcancei, mas eles se fecharam rapidamente. Não os abriu desde então. Tinha dificuldade para respirar e sua voz estava rouca quando foi capaz de falar. Não falou mais nenhuma vez. Suas costas têm, ao que parece, uma série de hematomas desde a parte inferior até as omoplatas. Não consegui dar uma boa olhada. Lesão no pescoço e a fonte do sangue está na nuca, novamente não consegui dar uma boa olhada. — Ele deve estar falando com o paramédico porque quando termina, sinto mãos enluvadas começarem a tocar suavemente o meu rosto, meu pescoço e a minha garganta.

— Senhora, preciso que se incline um pouco para examinar suas costas e a cabeça, devagar, e me avise se você se sentir... — Ele não tem a oportunidade de terminar antes de eu derramar todo o conteúdo do meu estômago por todo o chão.

— Ok, tudo bem. Sente náuseas?

— S-sim. — Respondo, sem reconhecer mais uma vez minha própria voz. Ela soa como se eu tivesse passado as últimas horas gritando.

— Você bateu a cabeça?

— Não... sim — sussurro em resposta. — Não me lembro. Ele me empurrou contra o batente da porta antes de me agarrar pelo pescoço, não lembro muito depois disso.

— Está bem; vamos verificar como você está agora, ok? — Suas mãos delicadas passam alguns minutos verificando a minha pressão arterial, em seguida, continuam a pressionar e examinar a minha pele sensível, o que me faz soltar alguns gemidos de dor e grunhidos do Axel. Me inclinam para a frente de novo, afastando o meu cabelo para verificar a origem do sangramento e, em seguida, examina minhas costas. Posso sentir a pele ferida nas minhas costas se estirando a cada pequeno movimento do meu corpo.

— Senhor, não posso ter certeza sem levá-la ao hospital, mas aposto em uma concussão, a ferida na sua cabeça definitivamente precisa de uns pontos, suas costas são preocupantes, mas, novamente, não posso garantir que o dano é apenas superficial; isso sem contar os ferimentos na sua face. Aconselho, realmente, levá-la para o hospital.

— Está bem, mas eu a levo. Não vou deixá-la fora da minha vista. — Posso afirmar pelo tom da sua voz que não vai haver discussão sobre este assunto. O pobre rapaz está tentando fazer o seu trabalho e tenta explicar para ele que ficarei completamente segura na ambulância, mas não há jeito. Axel e toda a sua teimosia falaram e não haverá nada nem ninguém que me faça ir para o hospital de outra forma.



A contragosto, ele cala o protesto e pede ao Axel para assinar um documento afirmando que não necessito mais dos cuidados dos paramédicos. Ele limpa a minha cabeça e põe uma pomada nas minhas costas, dizendo ao Axel que precisa manter a pressão na minha cabeça até chegar ao hospital. Me dão um par de bolsas de gelo e coloco uma sobre o olho direito e outra no pescoço dolorido. Depois de terem feito tudo o que podiam, os paramédicos se vão.

Começo a cochilar um pouco depois, ouvindo as vozes que me rodeiam explicando o que aconteceu depois que me ouviram gritar da varanda. Tento responder as perguntas dos oficiais, mas minha mente sonolenta e confusa me impede. Axel me desperta algumas vezes e consigo lhes dizer que me atacou, mas logo depois fico sonolenta novamente. Debilmente, ouço o Axel dizer a eles para nos encontrar no hospital se tiverem alguma dúvida. Apesar do tom de voz calmo e forte, sinto um pouco de medo em sua voz.

Ele me ajeita em seus braços e começa a levantar. Não percebo muito mais depois que ele diz a alguém para pegar a caminhonete e nos levar ao hospital. Deixo que a segurança que sinto nos braços fortes e o aroma reconfortante que só o Axel tem, me levem para a escuridão entorpecente.

Desperto com o som irritante dos bips e o cheiro enjoativo dos antissépticos e dos produtos de limpeza. Morte, sempre achei que os hospitais cheiram a morte. É um cheiro que nunca se esquece e que eu sempre odiei.

Tento abrir os olhos, mas eles não obedecem aos meus mandamentos. Tento abrir a boca para pedir respostas, mas não sai nada. É como se o meu corpo tivesse decidido se fingir de morto.

— O médico disse que não há ferimentos internos, além dos arranhões; um monte de ossos anteriormente quebrados, mal fixados. Pelo que parece, violência doméstica. Vi os raios x, Reid, parece que teve todas as costelas quebradas. Me encantaria matar esse filho da puta, se puder colocar as minhas mãos nele. — É o Coop. Nunca o ouvi tão irritado. Sempre é o simpático e divertido do grupo. — Tiveram que dar dez pontos para fechar o ferimento na cabeça, nada tão ruim e deve ficar bom. Seu pescoço está inchado; o filho da puta deve tê-lo agarrado bem forte. A maior preocupação neste momento é a concussão e checar sua visão quando ela acordar.

Uma mão quente aperta e solta minha mão algumas vezes durante a listagem das minhas feridas. Mesmo com os olhos fechados e a mente enevoada, sinto que a energia no quarto fica mais pesada. Me faz sentir viva, fazendo com que os pelos nos meus braços e no pescoço se arrepiem.

— Ele está morto, caralho, está me ouvindo? Vou matar aquele merda, eu mesmo. — Ele solta a minha mão e a sinto subir, empurrando o cabelo para trás da minha orelha. — Me mata pensar que ela viveu assim tantos anos. Saber que esteve tão perto do pior... corta profundamente dentro de mim.

— Eu sei, Reid.

— Onde está a Dee, o Greg, qualquer um dois, não importa. — Ele deve ter virado a cabeça para o outro lado porque é difícil ouvir a sua pergunta. Estou chocada pela Dee não estar ao meu lado.

— Beck ordenou que ela fosse comer alguma coisa, disse que ela não parava de andar em círculos e que o estava deixando louco. A última vez que vi o Greg, estava prestes a arrebentar as hemorroidas, de tão tenso que estava. Você tem certeza que não há nada entre eles? Parecem bastante unidos.

— Apenas amigos. — Ele diz. — Não importa, ele não vai tocá-la.

Sua mão retorna para a minha e ele aproxima os lábios para dar um leve beijo na minha mão. Tão suave que não parece ser do Axel com o qual tenho lidado no último mês.

— Eu te entendo. Vou sair e ver o que o Locke descobriu.

Alguns minutos se passam e ele está com a testa apoiada no meu quadril; os lábios descansando sobre nossas mãos unidas. Sinto que ele move a cabeça, a respiração quente acaricia a minha pele, mas quase não entendo as palavras que ele sussurra. — Izzy, por favor, acorde. Por favor, por favor, Princesa. — Não sei o que me choca mais, sua súplica suave ou a lágrima quente que cai sobre a minha mão.

Não sei quanto tempo passa enquanto ficamos simplesmente assim, algumas pessoas chegam e perguntam ao Axel se ele quer sair e descansar um pouco. Os policiais vêm ver se eu acordei, enfermeiras

vêm verificar meu soro e os sinais vitais. Todo o tempo, luto para que o meu corpo escute, para despertar.

Dee está de volta, acho que Beck e o Greg também. Para meu horror, estão falando sobre o abuso com o qual vivi. Posso ouvir a Dee explicando ao Axel o que aconteceu naquela noite que ela foi me salvar, dizendo quanto tempo fui forçada a ficar no hospital para me curar, e quão piores as lesões tinham sido então.

— Fodido Jesus Cristo. — Ouço o Axel dizer quando ela lhe conta quantos ossos eu tinha quebrado na época. Ele começa a falar, mas para quando finalmente forço um sussurro pelos meus lábios.

— Dee...

— Oh, Deus — ela grita antes de correr para o meu lado. Abro o olho esquerdo e vejo o rosto dela. Está um desastre, o rímel escorrendo pelos cílios, os olhos vermelhos e inchados. Com o simples som da minha voz, ela fica louca. — Oh, Iz... eu estava tão assustada!

— Bem, eu estou... bem. — Olho ao redor do quarto e me dou conta que não é apenas com a Dee, o Beck e o Greg com quem o Axel estava falando, mas com o Maddox e o Coop, que estão parados em um lado, suas expressões talhadas em pedra. Quando encontro os olhos do Axel, tem os olhos brilhantes e cheios de compaixão.

— Oi, Princesa. — É tudo o que ele precisa dizer para me juntar à Dee em uma crise de choro histérico.



As enfermeiras entram logo depois e começam a verificar as máquinas, se movem ao redor do meu corpo, mudam o curativo da minha cabeça e aplicam uma espécie de pomada no meu olho direito. Um médico que parece haver ultrapassado a idade para a aposentadoria entra logo em seguida e tenta esvaziar o quarto para falar sobre as minhas lesões, mas Axel bate o pé novamente e se recusa a sair. A luta seria inútil, então apenas balanço a cabeça e esperar que o doutor fale tudo.

— Senhora West — ele começa, olhando para o Axel com preocupação. Deve assumir que ele é a razão dos meus ferimentos. — Como você está se sentindo?

Ainda que eu saiba que vai doer como uma cadela, não posso conter a risada que escapa.

— Como se tivesse sido atingida por um caminhão, lançada por vários metros e, em seguida, atropelada por um ônibus.

— Bem. Não é apropriado fazer brincadeiras com isso, Sra. West. Entendo que você teve uma briga ontem à noite. — Ele acabou de dizer *ontem?*

— Humm... sim. Sim, senhor. Meu ex-marido.

— Certo. Vou deixar que vá para casa esta tarde. Fui assegurado pela sua colega de quarto, a senhorita Roberts, que ficará monitorada e que a trará de volta à emergência se vir qualquer coisa preocupante. Ela tem uma lista do que precisa fazer. Você não pode molhar a cabeça pelas próximas quarenta e oito horas. Depois que lavar a

cabeça, secá-la o melhor que puder. Suas costas necessitam de aplicação de pomada a cada seis horas. Mantenha as feridas abertas cobertas e preste atenção aos sinais de infecção. Dei a ela todas as receitas para que cuidem de você em casa. Antibióticos, bem como alguns remédios para dor. Você tem alguma pergunta? — Obviamente o médico não se especializou em gentilezas.

— Não, senhor.

A senhorita Roberts já assinou toda a papelada. Tente ser mais cuidadosa no futuro, senhora West. — O que faz com que o Axel emita um grunhido baixo. Aperto a mão dele para me assegurar que mantenha a boca fechada.

Cinco horas mais tarde, eu estou sendo levada em uma cadeira de rodas até a entrada e me colocam na caminhonete do Axel. Dee já foi buscar a minha medicação com o Beck e o Greg. Maddox e Coop sobem na parte traseira e nos colocamos em movimento, longe do cheiro repugnante da morte.

Alguns minutos depois, percebo que não vamos na direção correta da minha casa.

— Axel, aonde você está indo? — Viro a cabeça para o lado com a ajuda do encosto e olho para ele com o meu olho bom.

— Para a minha casa — responde com toda a calma.

— Não quero brigar com você, Ax. Por favor, me leve para casa. A Dee pode cuidar de mim muito bem.

— Não vou levá-la para lá, princesa. Não até que eu saiba que aquele filho da puta não é mais uma ameaça.

— Me leve para casa, Ax. Por favor. Só me leve para casa. — Lágrimas começam a cair das minhas pálpebras; se tivesse energia provavelmente estaria dando um show na cabine da caminhonete.

— Não. — Isso é tudo que recebo em troca.

— Axel. Me leve para casa agora.

— Izzy, entenda, aquele filho da puta foi até a sua porta. Entrou. Havia três carros na entrada, sem mencionar a moto do Maddox. Ele caminhou até a sua porta, como se não tivesse nenhum problema em sua vida, te atacou bem debaixo dos nossos narizes. — Está segurando o volante com tanta força, que começo a me preocupar que ele possa quebrá-lo. — Não vou mandar você de volta para uma casa na qual ele não tem medo de ir e arriscar que coloque as mãos em você novamente. Não, isso não vai acontecer, caralho. — Ele olha para mim e seus estão brilhando, as narinas infladas e posso ver o sangue pulsando em suas veias. Parece uma besta raivosa. — Nunca mais permitirei que você seja ferida quando posso fazer algo sobre isso, então lance seu ataque em outro momento.

— Por favor…

Diante disso, ganho outra torção abrupta do seu pescoço e um olhar mortal. — NÃO! — Grita.

Suspiro profundamente. — Maddox?

— Sim, garota? — Seu grunhido vem detrás de mim.

— Me leve com você, por favor?

Ele fica calado por um momento e sinto as más vibrações que vêm do Axel de tão irritado que está. — Sim, menina.

— Obrigada, Mad.

— Merda! — Axel solta de repente, batendo com o punho no volante. — Conversaremos mais tarde, Locke.

Exceto pelo riso baixo do Coop, o resto da viagem até a casa Axel é feita em um silêncio tenso.



Capítulo 13

Já estou no apartamento do Maddox há dois dias. Quando chegamos aqui, ele me acomodou no quarto de hóspedes e passou a noite assistindo um reality show estúpido comigo. Me ajuda a manter minhas feridas limpas e protegidas e se assegura que eu tome a medicação no horário. Surpreendentemente, é um excelente enfermeiro. O que eu não esperava era que os gritos na madrugada provenientes do seu quarto, me acordassem. Sei que ele tem seus próprios demônios, mas não sabia que eram tão ruins. Era como se tivéssemos feito um pacto não verbalizado de não falar sobre os seus pesadelos.

Axel tem sido um convidado diário, também. Não está feliz a respeito de perder o controle da situação, mas não estou segura de poder lidar em ficar na casa dele por tanto tempo. Coop e Beck foram novamente até Bakersville para verificar o paradeiro do Brandon. Recebemos uma chamada hoje de manhã cedo, dos detetives do meu caso; Brandon tem um álibi. Sua namorada diz que ele passou o fim de semana na casa dela, na cama dela. Não há muito mais que há fazer quando ele tem um testemunho respaldando sua história. Tenho que admitir, neste momento não me sinto segura para voltar para casa, mas sei que minha acolhida está se tornando um problema para o Maddox. Não é que ele não me queira aqui, mas *teme* que eu esteja aqui.

Não consigo entender o seu medo. Ele mora em um complexo de apartamentos seguro, com um porteiro na entrada e um sistema de segurança que daria vergonha ao do Pentágono. Sua casa é, provavelmente, o lugar mais seguro no qual já estive. Não, o seu medo parece estar relacionado aos demônios que o perseguem à noite. Demônios sobre os quais não quer que ninguém saiba.

Nos sentamos para jantar na segunda noite, quando decido perguntar a ele.

— Ei, Mad? Posso te perguntar uma coisa? — Pergunto, hesitante.

— Sim, menina, pode perguntar, mas isso não significa que vou responder. — Ele me olha e, apesar da sua provocação, posso ver a cautela por trás dos seus olhos.

— Eu sei, eu só... só quero que você saiba que estou aqui se você quiser falar. Eu escuto, sabe? Sei o que é ter pesadelos o perseguindo fora dos seus sonhos. Acho que só queria saber se você queria falar sobre isso. — Mantenho meus olhos no nível dos dele, querendo que ele saiba que, mesmo com os meus problemas, posso escutar os dele. Quero ajudar; quero estar lá para o meu amigo.

— Nada para você se preocupar, mulher. É melhor deixar as coisas assim, ok?

— Está bem, Mad. Mas, se quiser conversar, estou aqui. — Pego o meu garfo e volto para a minha salada.



— Izzy? — Ele fala. Me surpreende, não porque posso adivinhar a pergunta, mas porque acho que nunca o ouvi me chamar pelo meu nome.

— Maddox? — Eu provoco.

— O que aconteceu entre você e o Reid? — Olha para mim com preocupação estampada no rosto. Simpatia pela minha situação e compaixão por mim e pela minha dor. Não sei o que me faz abrir a boca, mas sei que quaisquer que sejam os demônios que me perseguem, os dele são piores. Pela primeira vez, não sinto a dor aguda que normalmente chega ao pensar nos antigos Axel e Izzy. Pela primeira vez, quero falar com alguém, quero ter alguém que entenda por que sou firme em mantê-lo à distância.

— Tudo bem — começo, colocando o garfo de volta na mesa e recostando na cadeira. — Há quanto tempo você conhece o Axel?

— Quase dez anos. Conheço você, de ouvir ele falar. Só não entendo como pode ser a mesma garota sobre a qual ele sempre falou. Não consigo entender sua raiva e o coração partido.

— Dez anos, hein? Então, não foi muito tempo depois dele se juntar ao pelotão. Você sabia que, supostamente, eu devia estar ao seu lado, há dez anos? Tínhamos tudo planejado, como crianças estúpidas, pensamos que nada se interporia nos nossos estúpidos planos. Eu tinha dezessete anos quando ele partiu para o treinamento básico, ainda tinha mais um ano de escola, mas ele ia voltar. Eu tinha aquele minúsculo anel de diamante que ele me deu como uma promessa, tão pequeno que nem podia sequer ver que realmente

estava ali... mas aquele anel era mais valioso para mim do que todas as riquezas do mundo. Ele iria para o treinamento e voltaria para uma visita alguns meses depois. O plano era eu me formar, então teríamos um casamento pequeno e eu iria com ele aonde quer que os Marines o levassem. Ele rompeu esses planos, partiu e nunca olhou para trás. — Levanto os olhos da mesa e vejo o olhar vazio do Maddox.

— Ele os rompeu? — Pergunta calmamente.

— Sim; nunca voltou para mim. — Posso sentir a emoção começar a me sufocar, mas estou determinada a não chegar a isso.

— Izzy, você tem certeza? Que nunca voltou para casa? — Parece muito confuso com isso.

— Não sei se alguma vez ele voltou para casa. — Começo, ganhando outra expressão confusa do Maddox. — Duas semanas depois que ele partiu, meus pais foram assassinados por um motorista bêbado. Sendo menor de idade e sem nenhum familiar no lugar fui enviada para morar com os meus avós na Carolina do Norte.

— O Reid, Axel... Axel sabia disso?

— Sim, ele teria se inteirado sobre os meus pais no segundo que regressasse à cidade. Viver em cidade pequena significa que todos sempre sabem sobre a sua vida. De maneira nenhuma ele não teria sabido da morte deles.

— Não é o que quero dizer, mulher. Será que ele sabia onde você estava?



— Humm, sim. Deixei o endereço dos meus avós com a sua mãe adotiva. Eu escrevi para ele, várias vezes, para a base na qual ele deveria estar, mas todas as cartas voltaram. June, a mãe adotiva dele, tinha todas as minhas informações de contato. Não era como se eu estivesse me escondendo, Maddox.

Seu rosto, normalmente inexpressivo, parece tão diferente quando permite que a emoção filtre através das paredes hermeticamente fechadas. Seu nariz está franzido, os olhos cerrados, e os lábios apertados. Ele parece angustiado, levemente confuso e contrito, tudo ao mesmo tempo.

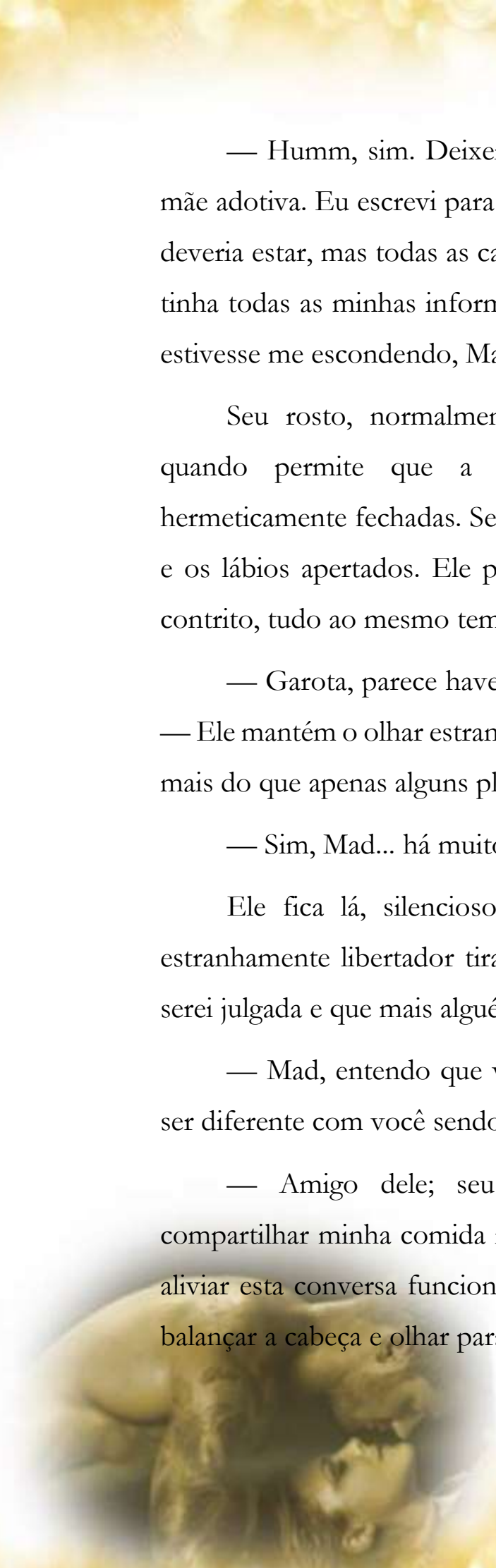
— Garota, parece haver alguns fios cruzados entre vocês dois. — Ele mantém o olhar estranho. — Isso é tudo? Parece ser um pouco mais do que apenas alguns planos frustrados com toda essa merda.

— Sim, Mad... há muito mais.

Ele fica lá, silencioso, esperando que eu continue. Parece estranhamente libertador tirar isso do meu peito, sabendo que não serei julgada e que mais alguém vai entender o que passei.

— Mad, entendo que você está tentando chegar lá, mas pode ser diferente com você sendo amigo dele e tudo.

— Amigo dele; seu amigo. Não vejo a diferença em compartilhar minha comida na hora do almoço. — Sua tentativa de aliviar esta conversa funciona, ganhando uma risadinha antes de eu balançar a cabeça e olhar para as mãos entrelaçadas.



— Saiba que eu tentei entrar em contato com ele, várias cartas... era ridículo quão cego era o meu amor. Nenhuma vez renunciei à esperança de que ele voltaria para mim. Via tudo, mesmo com a dor de perder a minha mãe e o meu pai, com um pouco de esperança sabendo que ele voltaria para mim. — Sorrio levemente, olhando para cima e encontrando seus olhos sérios. — Nenhuma vez renunciei à essa esperança. Não até quase dois meses mais tarde, quando comecei a entrar em pânico e me preocupar. — Com um suspiro profundo e um tremor na minha voz, olho para cima antes de continuar. — Ele não tinha partido há muito tempo, então realmente não tinha muito com que me preocupar. Sabia que não seria fácil entrar em contato muitas vezes, mas estava segura que ele ia me ligar, encontrar uma maneira de chegar até mim quando soubesse sobre os meus pais. Deus, fui estúpida. Tão estúpida…

Não me dei conta que me alienei, olhando para o nada, até que o Maddox tosse, limpando a garganta, e interrompe minha viagem mental até minhas recordações. — O que aconteceu depois, Izzy?

Viro a cabeça e olho em seus profundos e obscuros olhos. Fico olhando para sua expressão compreensiva por alguns momentos antes de sussurrar a minha maior dor. — O que aconteceu? Finalmente, tive um pouco de luz sobre a minha vida e mais motivação ainda para encontrar o Axel. Estava grávida, Maddox. Com dezessete anos, sozinha e grávida de um bebê que amava mais do que tudo neste mundo. Mesmo com a falta que eu sentia do Axel, estava finalmente sorrindo de novo, porque tinha uma pequena parte

do nosso amor crescendo dentro de mim. Estava feliz. Mesmo sem os meus pais e sem o Axel, fisicamente, comigo fui capaz de me sentir completa.

Sua boca está bem aberta, com assombro; seus olhos estão esbugalhados e parece estar tão perdido que me preocupo que ele vá "sair da casinha". Deixei atordoado este homem enorme.

— Oh... — Ele tosse algumas vezes, fazendo uma pausa para organizar seus pensamentos... ou talvez esteja juntando as peças na mente, que haviam saído voando por todo o aposento. Não é o que estava esperando ouvir, tenho certeza. Greg tinha ficado assombrado e nem sequer sabia quem era o meu Axel na época.

— Grávida? — Ele olha para a minha barriga, como se estivesse esperando que eu ainda estivesse grávida doze anos depois. — Izzy, o que aconteceu com o bebê? Parece que você queria que a gravidez e, perdoe-me se eu estiver errado, mas não lembro de ter visto nenhum bebê. — Seu tom é leve e sei que ele não pretende causar a dor pulsante que atravessa o meu corpo. Não posso evitar de me encolher contra o assento. Sinto como se tivesse sido golpeada e ainda que saiba que ele não fez de propósito, não posso evitar as lágrimas que correm para a superfície.

Sorrindo com tristeza para ele, continuo a minha história. — Não, você não viu nenhum bebê. Perdi meu pequeno milagre quando estava grávida de três meses. — As lágrimas fluem agora e, por mais que doa falar sobre isso, começo a me sentir um pouco mais leve, finalmente deixando outro alguém entrar.

— Oh, menina... venha aqui. — Ele afasta o corpo enorme da mesa e abre os braços para mim. Vou até o seu colo e o agarro com força, deixando sair a tristeza da minha perda; deixando que ele tome a minha dor e expurgue a dor da minha alma.

Ficamos assim por um tempo, com ele esfregando as minhas costas e sendo minha âncora, enquanto eu coloco tudo para fora. Ele não me pressiona, não me faz mais perguntas; só fica ali. Eu sei, neste momento, que o Maddox será para sempre parte da minha "família".

Finalmente me acalmo e estou começando a levantar quando ele pigarreia e limpa a garganta. Olho para ele, assombrada com a umidade nos seus olhos, a tristeza marcada em sua face. — Izzy, você deve ser uma das pessoas mais fortes que eu conheço. Escute quando digo isso e, por favor, não leve a mal. Eu sinto, menina. Sinto a sua dor. Me toca profundamente, você e o Reid. Mas vocês dois precisam conversar, porque juro a você... ele não faz a mínima ideia. Não é minha história para eu poder contá-la, mas menina, você também não tem a mínima ideia. Esse fio que eu pensei estar cruzado, está mais parecido com um novelo todo embolado, e se vocês não se sentarem e conversarem, pode ser que nunca o desembolem. Vocês dois estão machucados, e sem nenhuma razão, uma lástima.

Às vezes parece que ele está falando em enigmas. Não vejo como isso podia ser mal interpretado. É bastante simples, se você me perguntar. Sei que o Axel não sabe sobre o nosso anjo, mas não pode se fazer de idiota sobre não seguir os nossos planos e voltar para mim.

— Eu não sei, Mad. Creio que se houvesse algo mais aqui, teria tentado com mais intensidade me encontrar. Vou pensar sobre isso, mas não prometo nada, ok?

— É tudo o que posso pedir. Não pode manter essa merda dentro de si para sempre; pode ter sido mais fácil quando ele não estava por perto, mas agora, você não vai ser capaz de suportar.

— Mad, sabe... você sabe que pode falar comigo também, certo? Não vou pressionar você, mas sei que algo está te corroendo por dentro e suponho que é alguma coisa importante. — Maddox é sempre tão fechado e sei que este momento, no qual compartilhei o meu passado, é importante para ele. Só queria que ele me deixasse entrar, me deixasse ajudá-lo.

— Eu sei, menina. Um dia, mas esse dia não é hoje. Não vai ser amanhã, mas, talvez algum dia.

E isso é tudo. Vou para a cama essa noite me sentindo mais leve do que já me senti em anos. A Dra. Maxwell estava certa quando me disse para me abrir e deixar as pessoas entrarem. Todos esses anos, temi baixar a guarda e um enorme ex-Marine, finalmente, me deixou perto de ser alguém normal novamente.

Eu durmo pela primeira vez em anos, sem sonhos, um sono pacífico cheio de promessas; até que os gritos aterrorizantes do Maddox me acordam algumas horas mais tarde.



Na manhã seguinte, estou fazendo café da manhã para nós dois, quando uma batida forte soa na porta. Maddox ainda está dormindo. Eu o ouvi gritar algumas vezes durante a noite. Seja o que for que o persegue estava fazendo um trabalho muito bom na noite passada. Meu coração dói pelo meu amigo.

Olhando para o relógio acima do fogão vejo a hora, sete da manhã; muito cedo para uma visita normal.

Tenho que me lembrar que esta não é a minha casa e, provavelmente, seria sábio da minha parte ir acordar o Mad, afinal de contas, estou aqui por uma razão. A batida continua, então vou até a porta e olho pelo olho mágico. Pulo para trás como se a porta tivesse me mordido, quando vejo quem está do outro lado.

Axel.

Justo quem eu não queria ver tão cedo hoje de manhã. Bem, não *queria* vê-lo, mas uma pequena parte de mim está pulando para cima e para baixo como uma estúpida líder de torcida, só de ver o seu belo rosto.

— Espere, espere... — murmuro baixinho, enquanto desativo o sistema de segurança e abro a porta de supetão. — Bom dia, idiota. A que devo este prazer? — Colocando um sorriso brincalhão no rosto



como medida de precaução, olho para cima e vejo seus olhos arregalados e chocados.

— Que diabos você está vestindo? — Ele grunhe.

Oh, oh.

Olhando para baixo, me dou conta que ainda estou usando minhas roupas de dormir. Um top e calcinha; fazendo um belo trabalho em não ocultar nada.

Merda.

— Acabo de acordar, Axel. Com o que você espera que eu durma? Um traje para a neve?

— Espero que você não ande nua na casa de outro homem.

— Perdão? O que importa para você o que eu uso quando estou dormindo? — De verdade, preciso de cafeína antes de ter que lidar com as merdas dele tão cedo.

— Idiota — resmungo baixinho e me viro para regressar para a cozinha. Pego os ovos no fogão, coloco o bacon em um prato e tiro o pão da torradeira. Coloco dois lugares à mesa, efetivamente ignorando o Axel e caminho pelo corredor até o quarto do Maddox. Posso sentir os olhos do Axel perfurando as minhas costas. Só para irritá-lo ainda mais, aplico um pouco mais de balanço do que o normal em meus quadris. Seu grunhido como resposta é tudo que preciso ouvir para colocar um pequeno sorriso no meu rosto.

Batendo suavemente, chamo o Maddox: — Ei, você quer comer alguma coisa?

— Não — responde com a voz bem desperta, através da porta.

Sabia que ele não estaria de bom humor esta manhã, mas realmente esperava que pudesse ajudá-lo. Inclusive, só por estar aqui.

— Você tem certeza? Fiz o café da manhã. — Giro a maçaneta e entro. Maddox está sentado em um lado da cama com os cotovelos apoiados nos joelhos; a cabeça está apoiada nas mãos grandes. Isso parte o meu coração. — Estou aqui se precisar de mim, ok? Mesmo se isso for tudo o que posso oferecer, sei o quanto é importante ter alguém esperando para ajudar a carregar seus fardos.

— Sim, menina. Vá comer, eu estou bem. — Ele olha na minha direção, seus olhos escuros parecem ver através de mim. Parece que o Maddox ainda está bastante preso aos seus pensamentos.

— Está bem, Mad. O Axel está aqui e está irritado, mas isso não é novidade.

Me viro e imediatamente recuo. Axel está parado bem atrás de mim e sem nenhum aviso acabo pressionada firmemente contra o seu corpo duro.

Ambos inalamos o ar de maneira brusca. Posso sentir o meu corpo se tornar instantaneamente ciente do dele, estando tão perto. Cada centímetro da minha pele exposta que está pressionada contra o corpo coberto por jeans e algodão, está formigando. E só com esta leve pressão dos nossos corpos, posso sentir minha calcinha ficar úmida em poucos segundos. Os olhos dele estão escurecidos com

desejo e sua respiração está acelerada, pelo menos não estou sozinha aqui.

Ele se aproxima ainda mais, pressionando a grossa ereção no meu estômago. Puxo outra respiração afiada, nem sequer percebendo que estava prendendo a respiração esse tempo todo. Meu nariz se enche com seu perfume intenso imediatamente. Me dá água na boca. Meus mamilos endurecem e meu coração acelera.

Suas mãos grandes e fortes se esticam e seguram os meus pulsos. Lentamente, oh, tão dolorosamente lento, começa a acariciar meus braços, subindo, minha pele se desfazendo em milhões de pequenos arrepios ao longo do caminho. Quando alcança os meus ombros, leva as mãos para cima; uma indo até a nuca, os dedos se entrelaçando no meu cabelo. A outra desliza até a lateral do meu rosto, segurando minha bochecha e parte do meu pescoço com ternura. Meu corpo está em chamas. A pele onde havia tocado está queimando e a necessidade imperiosa de senti-lo consumia cada fibra minha.

— Tão. Perfeita. Caralho! — Sussurra contra os meus lábios, abaixando a cabeça nos poucos centímetros que faltam e, finalmente, esmaga seus lábios nos meus. Mordisca meu lábio inferior; traça o mesmo caminho com a língua para aliviar a dor, antes de tomá-lo entre os dentes e puxar. O suspiro de surpresa abre a minha boca o suficiente para a língua exigente entrar. O desejo está correndo pelas minhas veias, meu coração seguramente vai explodir e minha calcinha molhada vai derreter.

Enquanto o nosso beijo continua, se tornando mais quente a cada segundo, ele desliza a mão que segura o meu rosto pelas minhas costas, passando sobre o curativo na minha coluna antes de chegar na minha bunda. Com um aperto firme, puxa o meu corpo ainda mais perto do dele. Não há um só centímetro do meu corpo que não está contra o dele. Virando minha cabeça para o lado, ele continua a lamber e acariciar cada ponto solitário da minha boca. Nossas línguas estão duelando, ambas tentando se sobrepor aos sentimentos que esse beijo está provocando.

A mão atrás da minha cabeça segue o mesmo caminho que a outra acabou de percorrer e quando alcança minha bunda, flexiona os dedos, junta as mãos e me ergue. Instintivamente, levanto as pernas e envolvo o corpo dele, direcionando o meu núcleo contra a ereção grossa. Exatamente o que o meu corpo está desejando, exigindo tomar o que precisa.

Não tinha percebido que estávamos nos movendo até que as minhas costas encontram a parede fria, afasto a boca e recuo um pouco. O que não faz nada além de ajudar a roçar minha boceta inchada contra o seu pau coberto pelo jeans. Reprimindo um gemido, encaro os olhos verdes, tão escurecidos e enevoados pelo desejo.

— Não devíamos estar fazendo isso — tento protestar debilmente. Eu quero isso, Deus, como eu quero. Certo ou errado, parece o paraíso; nem mesmo chocolate não se compara com os formigamentos no meu corpo, que disparam através do meu organismo. Cada fio de cabelo está arrepiado, meu núcleo pulsando

com a antecipação do orgasmo que está ao meu alcance. Deus, por favor, não deixe que ele leve o meu comentário a sério.

Ele traz o rosto ao nível do meu, esfregando os mamilos dolorosamente negligenciadas contra sua camisa. Junto minhas mãos nas suas costas, gemendo novamente quando sinto quão sólido e quente parece seu corpo firme contra os meus dedos.

Quando fala, suas palavras deslizam pelos meus lábios; me lembrando do nosso beijo, me fazendo gemer de novo e esfregar minha boceta contra o pau duro.

Ele inspira profundamente antes de falar, sua voz cheia de luxúria. — Oh, Princesa, não posso pensar em outra coisa que devíamos estar fazendo. Você sente isso? Sente quão duro estou por você, caralho? Posso sentir a sua boceta abraçando meu pau, mesmo através da maldita calça, e você está pegando fogo por mim. — Leva os quadris para frente, se esfregando contra mim e apoiando meu corpo contra a parede. Nós gememos, minha cabeça cai para trás e bate contra a parede. Ele coloca o braço esquerdo sob a minha bunda e me apoia, enquanto a outra mão sobe, deslizando ao longo dos meus quadris, me fazendo ofegar quando faz cócegas nas minhas laterais em seu caminho até o seio inchado. As pontas dos dedos deslizam suavemente contra o meu seio antes de abaixar a camiseta e libertar meus seios. Circula levemente o mamilo; estou ofegando, agora, e posso sentir o orgasmo se aproximando. Quando aperta o meu mamilo entre o polegar e indicador, deixo escapar um grito baixo, me esfregando contra o seu pênis novamente.

— Ainda dolorida? — Ele questiona, soando como se estivesse no fim de um túnel. — Humm... não consegue falar, baby? Basta pensar em quão bem vai se sentir quando eu enterrar o bem fundo o meu pênis dentro dessa boceta quente, quando te foder com tanta força que você vai me sentir por vários dias. Vou fazer você se afogar no prazer, vou te foder tanto, pra caralho. — Termina de falar com mais um empurrão dos quadris. Fecho os olhos, demasiadamente afetada com tudo o que ele está fazendo com o meu corpo até mesmo para agir como se tivesse entendido.

Sua mão solta o meu peito e exatamente quando vou protestar, sinto o calor da sua boca. Sua língua traça o contorno do meu mamilo, desliza sobre a pele macia do meu peito, lambendo o caminho de volta antes de fechar os lábios ao redor do mamilo e chupar com força.

— Oh, Deus, não pare... por favor, não pare — imploro, me movendo contra ele, desesperada para alcançar o orgasmo.

Seus dedos chegam no meu estômago, depois de deslizarem pelo meu torso. Desliza os dedos para baixo e pressiona o polegar contra o meu clitóris.

— Caralho, você está encharcada, mal posso esperar para ter minha boca lá embaixo, lambendo toda essa umidade. — Move o polegar e esmaga os lábios nos meus, tragando o grito de satisfação. Grito enquanto as ondas do mais poderoso orgasmo me assolam. Sinto como se todo o meu corpo acabasse de ascender, como se regressasse a vida a cada onda de prazer que me atravessa. A língua dele se enreda com a minha; o beijo está carregado de êxtase. Nossas

línguas duelam enquanto ele lentamente me traz de volta à terra com leves movimentos dos quadris contra a minha boceta, ainda pulsante. Me recorda que ainda está pronto para continuar, quando sinto sua ereção roçar contra mim novamente.

— Porra, baby... você parece tão bem nos meus braços de novo. — Olho nos seus olhos, tentando me concentrar no seu rosto tempo suficiente para entender o sentido do seu comentário. A dureza a qual me acostumei a ver no rosto maravilhosamente belo se foi, e no seu lugar, há puro afeto. Parece com o velho Axel, tão cheio de amor por mim que nada mais importa. Nesse momento, quase posso acreditar nisso, quase acredito que podemos voltar a ser o que éramos, e depois de tudo que acabamos de compartilhar, percebo que eu quero isso. Eu quero o Axel de volta. Quero de volta o nosso amor. Nunca havia me sentido assim antes, nem mesmo com ele. O tempo pode não ter estado do nosso lado nos últimos anos, mas, agora... quase posso ter a esperança de que o destino decidiu me amar e vai me dar um pouco de felicidade, para variar.

— O que estamos fazendo, Axel? — Pergunto, apertando os braços em volta do seu pescoço e apoiando minha testa no peito dele. O que estamos fazendo? Não tenho respostas, mas espero que ele não veja isso como um erro. Isso poderia me matar.

— Eu não sei, Princesa. Não sei. Mas, parece bom demais para ignorar. — Leva suas mãos até os lados do meu rosto e o levanta, para olhar para ele. — Temos algumas merdas para resolver, Izzy... mas depois disso, não vou deixar você até solucionarmos tudo isso.

Não vai acontecer. Você sente isso? Tudo aquilo que já sentimos um pelo outro ainda está aqui, Izzy, e não vou deixar você me afastar. Nós voltamos para a vida um do outro por alguma razão.

Aceno com a cabeça porque, na verdade, o que posso dizer? Ele tem razão; só preciso acreditar que, quando nos sentarmos para conversar e trazermos de volta todas aquelas memórias, ele ainda me queira. — Ok, Axel. Você está certo, precisamos conversar.

As bandeiras brancas são erguidas; abaixo a cabeça e a apoio contra o peito dele. Seu coração está batendo rapidamente contra o meu ouvido e o seu cheiro, que agora está misturado com a minha excitação, está invadindo os meus sentidos. Abaixo os braços, envolvo o seu torso e o abraço com força. Ele suspira suavemente, ajeitando meu corpo para poder me puxar ainda mais perto, e apenas desfrutamos o momento dos nossos corações juntos de novo.

Paz. Mesmo com medo de lhe contar tudo, minha alma está em paz.

Um profundo pigarrear me traz de volta à terra. Me inclino, olho por cima do ombro do Axel e encontro os olhos risonhos do Maddox. É uma visão tão rara que fico momentaneamente sem fala. Ele parece tão diferente quando se permite demonstrar emoções, jovem e amigável, completamente diferente do seu olhar habitual, frio e duro.

— Pornô ao vivo, interessante. Creio que, ao menos, podiam desfrutar esta reunião a portas fechadas? Ou talvez na sua própria casa, porra? — Seus olhos podiam estar rindo para mim, mas a pergunta para o Axel estava carregada com uma advertência não verbalizada. Parece que ganhei outro irmão mais velho e malvado.

— Desculpe, Mad. — Sussurro sobre o ombro do Axel e dou uma piscadela para ele.

— Desculpe? Foda-se essa merda, Izzy. — Axel deixa os meus pés tocarem o chão e segura os meus quadris para ter certeza que estou equilibrada e se prepara para enfrentar o Maddox. Se inclina e, com um sussurro rouco, fala: — Não se mexa, Izzy. Não vou deixar que o Locke veja você seminua e com esse brilho de recém fodida. Maldição... humm. Mal posso esperar para me enterrar dentro de você. — Recebo um beijo casto antes dele me virar as costas e se assegurar que o corpo grande está me cobrindo inteiramente antes de se dirigir ao Maddox.

— Foi minha culpa, irmão. Não vou me desculpar pelo que aconteceu, maldição, não mesmo, o melhor café da manhã que já tive. — Sua risada vibra pelo seu corpo. Enterro minhas mãos na sua camisa e afundo o rosto enrubescido nas suas costas. Que vergonha.

— Engraçado, muito divertido. Maldição do caralho, preciso de uma foda. Imbecil. — Maddox passa por nós e entra na cozinha. Está usando uma calça desgastada, pendurada na altura dos quadris. É uma coisa boa que eu não tenha tesão por ele, porque a visão dele coçando

o traseiro enquanto procura alguma coisa na geladeira não é o seu melhor look.

— Que classe, Mad! — Falo, incapaz de conter minha risada. — Você não deve ter nenhum problema com as mulheres se continuar a coçar o traseiro! — Estou rindo ainda mais agora, sentindo que o peso que o meu corpo carregava está quase acabando.

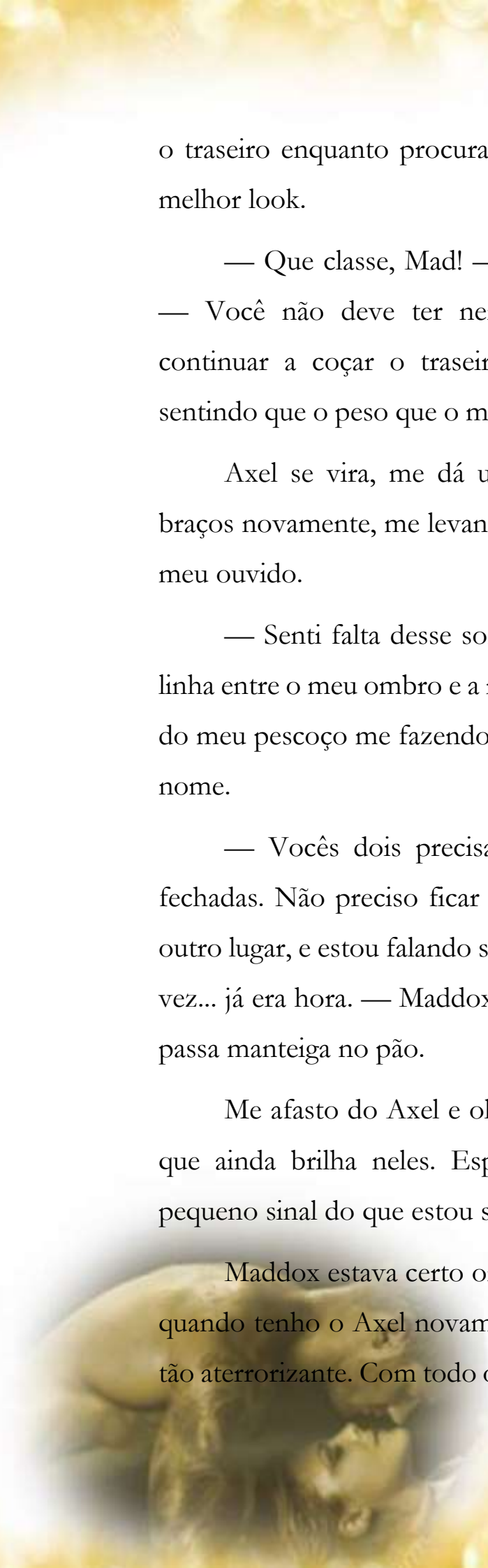
Axel se vira, me dá um pequeno sorriso e me envolve nos braços novamente, me levantando do chão para poder murmurar no meu ouvido.

— Senti falta desse som, pra caralho. — Seus lábios beijam a linha entre o meu ombro e a minha orelha, sua língua desliza ao longo do meu pescoço me fazendo estremecer em seus braços e gemer seu nome.

— Vocês dois precisam desgrudar ou ficar atrás de portas fechadas. Não preciso ficar vendo essa merda logo cedo. Vão para outro lugar, e estou falando sério. Eu entendo e só vou dizer isto uma vez... já era hora. — Maddox fala como se não fosse nada, enquanto passa manteiga no pão.

Me afasto do Axel e olho nos seus olhos. Observo a adoração que ainda brilha neles. Espero que esteja lhe dando apenas um pequeno sinal do que estou sentindo quando sorrio para ele.

Maddox estava certo ontem à noite, não posso aguentar mais e quando tenho o Axel novamente nos meus braços a incerteza não é tão aterrorizante. Com todo o resto sendo um desastre na minha vida,



sinto que estou pronta para lidar com isso e seguir em frente. Espero que esteja tomando a decisão certa, mas não posso mais me aferrar ao passado. Não posso segurar essa dor e, o mais importante, estou pronta para deixá-lo entrar. Deixá-lo entrar; com esperança de que possamos encontrar um caminho de volta um para o outro e que não seja apenas essa vibração sexual entre nós dois.

— Vá se limpar, sim? E, por favor, coloque uma roupa, por mais bonita que fique no seu corpo, não quero que ninguém mais aprecia essa vista.

— Claro, Axel, vou me limpar, mas não entendo o seu problema com a minha roupa! A maioria dos trajes de banho mostra muito mais do que isso. Maddox não se importa e ele não me enxerga dessa maneira. — Tento argumentar com ele e poderia ter funcionado se o Maddox tivesse mantido a boca fechada.

— Só porque não estou te empurrando contra a parede e transando com você como um maldito animal, não significa que não posso apreciar a vista. Você só não me pegou olhando. — Ele ri, *ri*, enquanto come o seu café da manhã.

— Eca, porco! — Grito e corro para o quarto no qual estou hospedada.

— Izzy, arrume as suas coisas. Estarei de volta na hora do almoço para buscá-la. Esta fodida festa do pijama acaba agora. Você vai vir para casa comigo, entendeu? — Ele grita do corredor.

Pronta ou não... é hora de encontrar um pouco de coragem e encarar os fatos. Ax está de volta e estamos prestes a ter uma conversa importante. Pela primeira vez em anos, o pensamento de abrir essas velhas feridas não me aterroriza.



Capítulo 14

Axel

Caralho, penso enquanto saio do apartamento do Locke e entro na caminhonete. Fico sentado por um segundo, tentando, sem êxito, me acalmar, me movendo para tentar aliviar um pouco o desconforto dentro da calça. Meu pau está tão duro que pode vir a ficar com marcas permanentes do zíper.

Passo as mãos no rosto tentando normalizar as batidas do meu coração. *Porra.* Posso sentir o cheiro dela, o cheiro da sua excitação ainda nos meus dedos, fazendo com que o meu pau fique ainda mais duro.

Juro por Deus, nunca estive tão a ponto de explodir, nem mesmo quando era adolescente, ficando excitado pra caralho a cada fêmea que olhava.

Maldição.

Muito melhor do que eu me lembrava. Iz voltou à vida sob os meus dedos, apenas um beijo e tudo o mais deixou de existir. Ela me consumiu. Seus gemidos ofegantes, a pele macia, os beijos deliciosos, caralho, e aquela boceta quente me implorando para tomá-la.

Não era minha intenção quando vim até aqui, chegar até isso. Não nesse momento, pelo menos. Havia estado enlouquecendo desde sábado, quando o seu ex apareceu. Saber que estava ferida era uma coisa, mas saber que não estava lá para protegê-la foi o suficiente para me manter no limite a semana inteira. Não consegui fazer nada no escritório, mas se o Greg reparou, não disse nada. Ele também estava muito preocupado com a Izzy, mas também tinha o temor adicional de não ter sua amizade incondicional de volta.

Sei que eles conversaram antes do jogo, no sábado, mas não conversaram desde então, com exceção de algumas ligações para checar se estava tudo bem. Podia estar passando por momentos difíceis, também, por não poder protegê-la, não faço a mínima ideia, porra. Não perguntei, mas sei de uma coisa, mesmo que sejam melhores amigos, trocando confidências e toda essa merda, não será mais o encarregado da proteção da *minha* Izzy.

Tenho lutado contra o desejo ainda mais presente entre nós por alguns meses. Mesmo quando não estou na presença dela, sei que ela está lá, muito perto, e finalmente chego à conclusão de que não estou pronto para deixá-la ir. Não de novo. E se eu estou sendo totalmente honesto comigo mesmo, nunca superei o fato de que ela foi e sempre será a indicada para mim.

Não tenho quaisquer ilusões, temos um monte de merda para resolver, mas estou pronto para lutar e não apenas lutar por nós, mas lutar com qualquer um, incluindo o seu ex-marido de merda.



Balançando a cabeça, dou a partida na caminhonete e parto para executar algumas tarefas. Preciso de comida se espero que a Izzy fique comigo e preciso de preservativos. Não há nenhuma maneira, especialmente depois dessa merda na casa do Locke, de ficarmos sozinhos e não acabarmos nus. Estou pronto para fazer aquela menina ser minha novamente.

Algumas horas mais tarde, tenho uma geladeira completamente abastecida com mais comida do que poderíamos precisar e caixas com os maiores preservativos que pude encontrar. Três caixas podem ser excessivas para um homem normal, mas, para mim, é apenas uma maneira de estar preparado. Pretendo desfalcar a porra dessas caixas o mais rápido possível. Meu pau ainda está em posição de sentido e neste momento estou começando a temer que as minhas bolas possam cair.

Desesperado por algum alívio antes de voltar para a Izzy, subo as escadas e vou para o banheiro, tirando a roupa no meio do caminho. Abro o chuveiro, me enfio debaixo do jato de água e começo a lavar o corpo me assegurando em evitar o pau latejante. Quando termino de me ensaboar e me enxaguar, apoio a mão contra a parede e deixo a água correr sobre os ombros tensos. Envolvo meu pau com a mão e solto um chiado. Acariciando-o algumas vezes, deslizo a mão para baixo e acaricio minhas bolas, em seguida, subo novamente e agarro firmemente o meu pau. Apenas algumas carícias antes das minhas bolas se contraírem. Minha mão pega velocidade, indo da base até a ponta em um ritmo lento e firme.

Tudo o que posso imaginar é o rosto de Izzy quando gozou esta manhã e, com a memória do seu grito de prazer, detenho a mão e deixo o orgasmo se apoderar do meu corpo. Meus abdominais se contraem a cada jato que sai do meu corpo.

Me enxaguo de novo e saio do chuveiro. Me seco rapidamente e coloco um jeans e uma camiseta preta, em seguida, parto para reivindicar a minha mulher. Só de pensar em quem estou indo buscar e na noite que planejei para nós, faz com que o meu pau volte à vida. Tranco a porta e entro novamente na caminhonete com a antecipação e o conhecimento de que, em apenas algumas horas, se Deus quiser, vou ter o seu corpo firme e quente debaixo do meu novamente.

Com um sorriso no rosto, o pau duro dentro da calça e um pouco de paz no meu coração, sinto que posso enfrentar o mundo e vencer. Hora de apressar essa conversa para poder tê-la de volta nos meus braços.

Prepare-se, Izzy, porque aqui vou eu.

Izzy



Depois que o Axel sai fico completamente atordoada. Se não fosse pelo zumbido que ainda percorre o meu corpo, pensaria que

tinha sonhado a coisa toda. Bem, isso e o fato do Maddox não parar de sorrir para mim na última hora. Maldito bastardo.

— Você acha engraçado, não é? — Pergunto, depois de perder o jogo de quem pisca primeiro nos últimos dez minutos.

— Não, garota, não é engraçado. Eu sabia que isso ia acontecer, merda. Vocês dois... vocês dois têm essa coisa que só acontece uma vez na vida e sempre triunfa. Pode tentar o quanto quiser, não há maneira de evitar isso. Falei sério ontem à noite, de maneira nenhuma vocês dois iam aguentar. Podem esquecer como era, estar afastados um do outro, mas esse tipo de paixão nunca morre. — Ele se vira e caminha na direção do seu quarto.

Suponho que ele pensa que terminamos.

— Ei, espere um minuto. O que estou fazendo, Mad? Estou cometendo um grande erro?

— Você sempre vai cometer erros em um relacionamento, garota. O truque é se certificar de conversar e aprender com eles. Da maneira que eu vejo, o único problema que vocês dois têm agora é a comunicação. Precisa dizer a ele o que me contou ontem à noite. Ele pode aceitar bem, pode ser que não. Mas você tem que se firmar e estar pronta para montar essa onda quando ela chegar. Você o quer, lute por ele. Seja honesta, isso é tudo o que você pode fazer.

— E se ele me odiar? — Sussurro, sem olhar nos olhos dele.

— Izzy, olhe para mim. — Quando olho nos seus olhos, ele continua. — Eu não sei como ele vai reagir. Você não pode se deixar

levar por esse medo. Te disse ontem à noite, vocês têm essa ligação completamente fodida. Não apenas embolados, poderiam estar em diferentes lados do mundo. Se ele não aceitar bem, me liga e eu vou buscá-la, mas não vá com a crença de que ele vai te odiar. Caralho, garota, você era uma criança.

Faz sentido o que ele está dizendo, mas estou com muito medo de deixar o Axel entrar na minha vida novamente, somente para perdê-lo outra vez. Eu sei, sem sombra de dúvida, que vai ficar chateado, mas me preocupo que ele vá me culpar por perder nosso bebê.

— Tudo bem, Mad. Prometo ir com a mente aberta, mas é melhor você ir se eu precisar de você.

— Quando quiser, garota.

Nos separamos depois disso. Maddox se arruma e sai para executar um trabalho, seja lá o que isso significa. Ainda não tenho certeza do que esses caras fazem. Não demorou muito tempo para embalar minhas coisas, não tenho muitas coisas aqui, já que a Dee trazia mais coisas conforme eu precisava. Não acho que nenhuma de nós duas está pronta para admitir que eu vá ficar fora por muito tempo. Não há nada que possamos fazer sobre o Brandon por causa do seu álibi, assim, por enquanto estamos apenas observando, esperando e rezando para que ele me deixe em paz. Não sou tão estúpida para acreditar nisso.

Tomo um banho, aplico a pomada nas minhas costas o melhor que posso e coloco algumas ataduras nas feridas mais graves. Meu olho está parecendo melhor, bem... melhor se você levar em conta que posso abri-lo, mas ainda tem aquela cor marrom amarelada nojenta. Ainda está um pouco inchado, mas não tanto quanto há três dias atrás. Não há nada que eu possa fazer para disfarçar o desastre na minha cara, assim prendo o cabelo em um coque bagunçado e termino de remover todos os meus vestígios do quarto de hóspedes do Maddox.

Percebendo que provavelmente tenho bastante tempo antes do Axel voltar, decido fazer uma boa limpeza na casa do Maddox. Pego o iPhone na bolsa e coloco os fones no ouvido. Quando "Feel Again" do One Republic enche os meus ouvidos, não posso impedir o sorriso que toma conta do meu rosto. Aposto que pareço ridícula, parada no meio da cozinha do Maddox com um desinfetante em uma mão, um escovão na outra e um enorme sorriso brilhante no rosto.

Lá no fundo, espero que este seja mais um sinal de que o destino está finalmente do meu lado.

Acabo de terminar a limpeza no banheiro do Maddox quando ouço uma batida na porta. Borboletas começam imediatamente a voar no meu estômago; abaixo a mão e a pressiono contra a barriga para ver se consigo senti-las. Rindo baixo diante da ação ridícula, guardo os produtos de limpeza e limpo as mãos na calça.

Inspiro profundamente.

Verifico o olho mágico e vejo o belo rosto de Axel enchendo o visor. Parece que trocou a roupa. Mesmo através do pequeno orifício, posso ver o sorriso arrogante no seu rosto e o brilho nos olhos cor de esmeralda. Parece que saiu das páginas de algum comercial sexy de perfume.

Outra inspiração profunda.

Desativo o alarme, destranco todas as fechaduras, abro a porta e fico olhando para ele. Meus olhos viajam por todo o seu corpo. A calça jeans é ajustada nas pernas, moldando a impressionante protuberância e não fazendo nada para esconder o fato de que está literalmente a ponto de arrebentar o zíper. Passo a língua nos lábios, não faço de propósito, mas quando seu gemido estrangulado atinge os meus ouvidos, olho novamente para o seu rosto. Seus olhos estão em chamas, brilhantemente iluminados, ele pigarreia para limpar a garganta e abaixa a mão para ajustar a calça.

— Continue olhando para mim assim e não sairemos por esta porta, princesa. — Agora estou muito excitada; apenas o som da voz grave faz com que eu me contorça. Provavelmente podia gozar nesse exato momento; tudo que precisaria seria uma roçada da pele dele na minha.

— Estou falando sério, Izzy. Continue olhando para mim como se eu fosse a última gota de água após uma longa seca e vou fodê-la aqui mesmo na porta. Jesus, estou tão duro agora, que acredito que poderia até martelar pregos — ele parece irritado, mas eu tenho certeza que está mais frustrado com a nossa localização atual do que

por eu o estar comendo com os olhos. — Merda, baby, quero te comer agora. — Sussurra antes de me puxar para os seus braços. Ele se inclina, enfia o nariz no espaço entre o meu pescoço e o ombro e inala profundamente. — Você tem um cheiro bom pra caralho.

Estou com o mesmo perfume que uso há anos, desde que o Axel me deu o primeiro frasco de *Light Blue*. Era algo que, às vezes, não conseguia nem usar, mas também era algo que me dava um pouco de força. Lembrava o Axel e o que compartilhamos todos aqueles anos atrás com apenas uma borrifada.

Quando sinto a língua quente e molhada começar a deslizar pela minha clavícula antes de trilhar o caminho até a minha orelha, estou prestes a ficar de joelhos com a fome avassaladora que toma conta do meu organismo. Temos que sair da casa do Maddox. Agora.

Empurro seus ombros com relutância, abro a boca para falar, mas sou surpreendida quando ele levanta a cabeça e pressiona suavemente os lábios contra os meus. Não é um beijo como o que compartilhamos antes, cheio de luxúria e êxtase reprimidos. Este beijo é carregado de promessa, do tipo torturante e lenta.

Ele demora algum tempo deslizando gentilmente a língua contra a minha. Com um último beijo, se afasta e olha para mim com os olhos enevoados.

— Uau — suspiro. — Fica cada vez melhor. — Murmuro e consigo ouvir a admiração na minha voz. Sempre fomos apaixonados quando adolescentes, mas nunca com o conhecimento de uma sexualidade adulta. Creio que ambos sabemos muito bem que o que

virá a seguir vai superar qualquer relação que tivemos no passado e com outras pessoas.

— Por mais que eu queira arrastá-la de volta para aquele quarto e tomá-la agora, quero tempo para fazer isso. Se eu começar aqui, vou ter que parar quando o Locke chegar em casa. Quero que você sozinha na minha casa, onde só os meus ouvidos podem ouvir você gritar.

Oh, Deus.

— Onde estão as suas malas? — Ele questiona.

Simplesmente aponto para as duas bolsas em cima da mesa da cozinha. Ele ri baixinho antes de entrar e ir buscá-las. Ativo o alarme, fecho a porta e, antes de poder guardar a chave, Axel a toma da minha mão. — Você não vai precisar disso novamente, Princesa. Vou me certificar que ele a receba. — Ele pisca, guarda a chave e abaixa a mão para entrelaçar nossos dedos.

Nem sequer recordo da caminhada até o elevador, através do lobby ou como entrei na sua ridiculamente alta caminhonete. Em um segundo estamos parados na sala de estar do Maddox, no próximo estamos entrando no tráfego, a caminho da sua casa.

Estou sentada aqui pensando na noite que nos espera quando o som do meu celular tocando interrompe meus pensamentos picantes. Maldição. Me retorcendo no assento, olho para a tela e sorrio quando vejo "Chamada da Dee" e o seu rosto sorridente.

— Oi — respondo, olhando para o Axel por força do hábito. Tenho que me lembrar que ele não é o Brandon e uma chamada da Dee nem sequer se registra no seu radar.

— Oi! Você não é uma puta de sorte!? — Cantarola no meu ouvido.

Jesus, vou matar o Maddox.

— Não sei do que você está falando. — Evito sua pergunta, pensando que o melhor é me fazer de tonta. Dee vai explodir diante do que está acontecendo. Não há como dizer o que ela ouviu, tampouco.

— Não aja como se não soubesse do que eu estou falando, sua tonta! Recebi a visita de um homem alto, moreno e muito amável hoje. Acho que você o conhece; se chama Axel? Me ligou bem cedo e, devo acrescentar, parecia bastante presunçoso, antes de eu tomar o meu café da manhã! De qualquer forma, me ligou, perguntou se eu podia esperar um pouco antes de ir para o escritório, porque estava chegando e queria que eu arrumasse uma mala. Uma mala grande, Izzy. Agora, quer me dizer por que o Axel me ligaria pedindo uma MALA de roupas suas? — A maldita está rindo de mim. Está desfrutando bastante disso.

— Sim, sim. Como se você já não soubesse. Deixe-me adivinhar, Maddox passou por aí ou algo assim? — Pergunto sarcasticamente.

— Maddox? Por que ele viria aqui?

— Sério, Dee? Você não falou com ele?

— Não. Sério, o Axel me ligou e pediu para eu empacotar as suas coisas. Suas palavras foram algo como "eu Tarzan levando a Jane para a casa da árvore, onde ela não vai usar roupa e faremos exercícios aeróbicos pelo resto dos nossos dias", então pegou quatro das suas maiores bolsas e embalou quase todas as suas coisas. Então, quer me dizer o que está realmente acontecendo? — Ela parece nervosa agora, como se não tivesse certeza se fez a coisa certa ao deixá-lo embalar as minhas coisas.

— É complicado, Dee. Estou bem, prometo. Nós estamos... estamos resolvendo as coisas. Mas admito que quatro malas soa um pouco excessivo. — Olho novamente para ele quando ouço o profundo som de gargalhadas.

— Isso não é engraçado. — Sussurro para ele.

— Baby, isso é divertido pra cacete. Você realmente acredita que, uma vez eu me enterrar profundamente na sua vagina e a sentir apertando o meu pau até me fazer gozar, que vou deixar você partir de novo? Você deve estar ficando louca, Princesa. Não serei capaz de deixá-la sair da minha maldita cama até compensarmos cada dia que perdemos. — Ele se inclina e deposita um beijo nos meus lábios antes de sorrir e olhar novamente para a estrada.

— Oh... meu... Deus... — Dee fala baixinho ao telefone. — Creio que acabo de ter um orgasmo. Isso foi realmente quente, Iz. — Ela não é a única que pode ter acabado de gozar. Se apenas as suas

palavras me excitam dessa maneira, estou começando, de verdade, a ficar nervoso pelo que nos espera.



Capítulo 15

Devia estar bastante fora de mim na última vez que estive na sua casa, porque não me lembro de nada parecido com o que estou vendo agora. Sua casa é ridiculamente grande. Por que um homem precisa de uma casa tão grande assim? Não entendo.

— Ax? — Pergunto, olhando para o homem que está manobrando a enorme caminhonete preta. — Por que, exatamente, você precisa de uma casa com seis quartos? — Ele não tem família; éramos só eu e ele naqueles tempos, de modo que, a menos que tivesse adotado algumas crianças nos últimos anos, simplesmente não entendo. Por mais que só a ideia dele ter uma família com outra pessoa faça o meu coração se contrair com angústia.

Parece quase envergonhado com a resposta e, antes mesmo de começar a falar, tudo faz sentido. Ele tinha um quarto tão pequeno quanto um armário quando estávamos no colégio. Para um homem como Axel, é tudo sobre se sentir confortável e saber que ele não é mais aquela pessoa.

— Me cansei de viver em uma caixa. Prometi a mim mesmo, há muito tempo atrás, que nunca teria de me preocupar com espaço novamente. Ou por não o ter. — Se aproxima e me puxa para os seus braços. — Você sabe como era morar com a June e o Donnie e ter um buraco como quarto. Tinha um menor ainda quando me alistei.

Não faz sentido para muitas pessoas, mas você sabe. — Eu lhe dou um aperto, expressando silenciosamente o meu entendimento.

— Bem, vamos nos instalar antes de acender a churrasqueira e fazer o jantar. Vai precisar de todas as suas forças hoje à noite, Princesa.

Ondas de calor atravessam o meu corpo, o desejo de pular o jantar e ir direto para o quarto ganha força até alcançar níveis quase insuportáveis.

— Ainda que — ele continua — poderia ser bom pular o jantar e comer a sobremesa primeiro.

Arrepios de excitação disparam através do meu corpo e se não fosse pelo forte braço à minha volta, teria derretido aqui mesmo.

Ele estaciona na frente da casa desta vez, em vez da garagem, assim, quando entramos me deparo com um vestíbulo brilhante e bastante vazio. Há uma larga escadaria bem no meio do aposento vazio, à minha esquerda há outra sala vazia e à minha direita, mais uma. Há dois corredores nas laterais da escada, mas tenho o pressentimento que levam a mais aposentos vazios. Aparentemente, vi apenas uma parte da casa quando estive aqui antes.

Ele está me olhando atentamente como se estivesse esperando que eu falasse alguma coisa.

— É... humm, agradável? — Merda. Claro que tinha que sair como uma pergunta. Muito convincente, Iz!

— Agradável, hein? Essa é a sua maneira de dizer que odeia a minha casa?

— Não? — Tenho certeza que não consigo ocultar a vergonha que sinto. Mesmo depois de todo esse tempo ainda não consigo mentir para este homem.

Ele solta uma gargalhada antes de me dar uma palmada na bunda, balança a cabeça e ri. Se abaixa, pega as minhas malas e depois caminha para as escadas. — Vamos, Princesa. Vamos te acomodar antes de jantar.

Eu o sigo para cima, para cima e mais para cima. Quando chego no topo, há dois corredores, um em cada direção. Ele vai para a esquerda, passando por algumas portas abertas ao longo do caminho. Cada quarto está vazio, exceto por aquele no qual me escondi dele. Ah, que vergonha. Tinha esperança de que ele nunca precisaria testemunhar um dos meus episódios, mas parece que quanto mais perto estou dele, mais eles são acionados.

Ele entra no seu quarto e coloca todas as malas ao lado do armário. Quando se vira, rapidamente levanto o olhar para encontrar o dele, que brilha com diversão. Acaba de me pegar olhando para a sua bunda muito bonita.

Ele sorri.

Eu coro.

Ele pisca.

Passo a língua nos lábios.



De repente, o sorriso some do seu rosto e um grunhido baixo preenche o silêncio que nos rodeia.

Sorrio.

E apenas assim, ele está em cima de mim.

— Pensei que poderia esperar — ele diz antes de me pegar e me atirar na cama. Antes que eu possa até mesmo piscar, ele está em cima de mim, o corpo enorme me pressionando contra o colchão. Abro as pernas sem hesitar e ele encosta os quadris nos meus. Agora sou eu que deixo escapar um gemido.

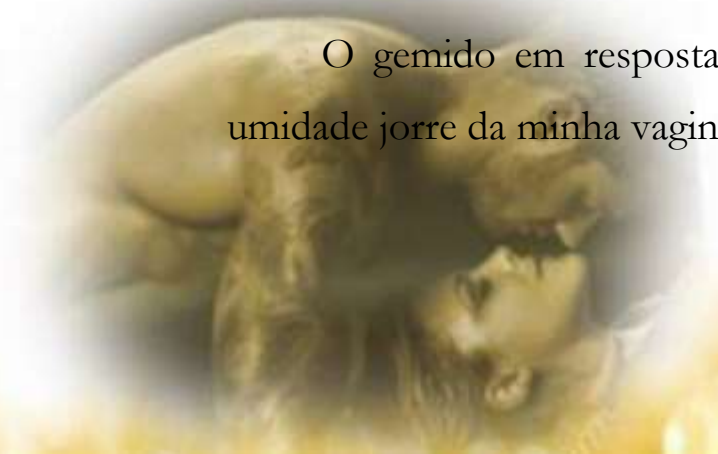
— Pensei que podia trazê-la para cá e desfrutar o jantar sem ter que estar dentro do seu calor. Caralho, baby, posso sentir seu cheiro daqui. Aposto que a sua boceta está encharcada, pronta para mim. — Passa lentamente a língua desde o meu ombro até a minha orelha antes de tomá-la na boca e mordiscá-la. Lambe as mordidas e me abraça com os cotovelos em ambos os lados do meu corpo. Segura o meu rosto com as mãos grandes e se inclina para sussurrar no meu ouvido. — Mal posso esperar, baby; vou arrancar essa calça apertada do seu corpo e enterrar meu rosto nessas coxas macias. Quero sentir essa boceta doce na minha língua. Vou fazer você gritar, Princesa, e então, quando você não aguentar mais — empurra o quadril coberto pelo jeans contra o meu e esfrega a ereção grossa contra o meu clitóris de uma forma mais do que deliciosa — depois vou lamber todo o caminho acima por este corpo doce pra caralho e finalmente vou te fazer minha. — Ele mexe os quadris e eu suspiro, estou tão perto.

— Oh, Deus — sussurro e olho para aqueles olhos brilhantes. Ele retribui meu olhar, parece satisfeito com o que vê, então abaixa a cabeça, cola os lábios nos meus e me devora. Não há outra palavra para o que está fazendo com a língua na minha boca. Movemos os lábios em uma dança molhada. Levo minhas mãos até as costas dele e o puxo para perto de mim, saboreando a sensação do corpo firme e rígido me pressionando ainda mais contra o colchão. Sinto os feixes dos músculos fortes sob os meus dedos e, de repente, estou desesperada para sentir a pele dele contra a minha.

Com movimentos rápidos e espasmódicos, subo sua camisa pelo torso, afastando os lábios só o tempo suficiente para puxá-la sobre a sua cabeça. Ele se levanta e desliza os dedos pelo meu corpo. Suas mãos ásperas e calejadas percorrem a seda suave da minha blusa até chegar à bainha e, lentamente, a empurra para cima. Levanto o torso, o ajudo a remover a blusa, levo o braço até as costas e arranco o sutiã. Não me dá nem tempo para rodeá-lo com os braços novamente e está com os lábios ao redor de um mamilo, chupando com força.

— Oh, sim — solto um gemido, enterrando a mão no cabelo dele e puxando sua cabeça para mais perto do meu peito. — É tão bom, Axel. — Estou tão perto de gozar que é embaraçoso. Com o Axel, sempre havia sido fácil.

O gemido em resposta contra a minha pele faz com que a umidade jorre da minha vagina.



Se movendo para o outro mamilo, sua mão desce até a minha barriga novamente, desabotoa o botão do meu jeans e enfia a mão dentro do cós. Enfia um dedo grosso em mim com um impulso rápido e imediatamente gozo, tão forte que juro que estou flutuando. Minha visão fica embaçada e o grito que irrompe pela minha garganta ecoa pelo quarto.

Ele levanta a cabeça do meu peito e, com um sorriso malicioso, tira a mão da minha calça e lambe minha essência do seu dedo.

— Caralho, baby; nem sequer passou um segundo já tenho essa boceta gostosa ordenhando o meu dedo. Mal posso esperar para estar dentro do seu corpo. Nada tem gosto melhor do que a sua boceta, nada. — Ele me puxa para mais perto e me beija com força. O roçar da minha pele contra a dele me faz arder ainda mais. Preciso deste homem, preciso mais do que já precisei de alguma coisa na minha vida, e se não o tiver nu em breve, posso morrer.

Ele levanta da cama e arranca o jeans. Tira as botas e as meias. Fica parado ao lado da cama e meus pés roçam as coxas peludas. Não tem nenhuma vergonha. Mas, claro, por que deveria? O corpo enorme é firme e cheio de músculos. A pele morena, as tatuagens e cada centímetro do pau enorme estão em exposição para mim. Levo algum tempo passando os olhos pelo corpo dele, desde a ereção, passando pelos abdominais, até os pequenos mamilos escuros e, em seguida, até os olhos em chamas. Fico boquiaberta quando vejo o desejo bailando nos olhos verde esmeralda.



— Sonho com isso há tanto tempo, Izzy. — Puxa o jeans apertado do meu corpo com rapidez, minha calcinha encharcada junto com ele. De joelhos, os joga para trás, no chão. Agarra meus tornozelos e, tão devagar que parece uma tortura, passa as mãos pelas minhas pernas. Quando atinge os joelhos, põe as mãos na parte de trás, os coloca sobre os ombros, beijando o joelho esquerdo e, depois, o direito. Com um pequeno sorriso, começa a depositar beijos leves na minha coxa esquerda, desvia do meu centro pulsante lhe dando apenas uma soprada, antes prosseguir até a coxa direita, lhe brindando com os mesmos beijos leves. Suas mãos descem para os meus quadris e rapidamente me puxam para a beirada da cama, até a língua que está à espera. Solto um grito agudo de prazer, minhas mãos agarram o edredom e puxo seus ombros com os pés para aproximar minha buceta da sua boca. Ele ri e as vibrações avivam minha excitação, fazendo com que outra onda de umidade chegue até a língua dele.

Ele mordisca o caminho em torno dos meus lábios, rastreando cada centímetro da pele macia com a língua, antes de colher o meu clitóris inchado com a boca sugá-lo com força. Levanto a mão e a pressiono contra a cabeça dele, trazendo-a mais perto do meu corpo. Sinto que ele aproxima a mão, mas a pura felicidade que dispara através do meu organismo me impede de rastrear o seu destino. O dedo grosso acaricia as bordas da minha fenda antes de me penetrar com um só movimento. Ele o move algumas vezes superficialmente, aumenta o ritmo, e começa a fazer círculos com ele. Imediatamente, minha buceta se contrai fortemente e sinto que outro orgasmo se aproxima rapidamente.

— Oh, meu Deus, caralho, Axel! Não pare, por favor, não pare! — Eu grito.

Ele curva o dedo e começa a pressionar o meu ponto G, aplicando suficiente pressão para me fazer decolar como um foguete.

— Oh, Axel... baby, oh Deus. Isso é bom pra caralho... oh, Deus... nunca senti nada melhor do que estar com você. — Solto um gemido, virando a cabeça de um lado para o outro sobre a cama.

Ele solta o meu clitóris e olho para baixo, para ver o rosto dele entre as minhas coxas. — Princesa, você precisa soltar a minha cabeça para eu poder acabar de comer esta boceta gostosa.

Oh. Meu. Deus. Só com isso, já estou pronta para gozar novamente.

— Certo — sussurro com voz rouca e, relutantemente, afasto os dedos do seu cabelo sedoso.

Com uma piscadela, volta sua atenção para ela, lambendo cada centímetro da boceta inchada e cada gota do meu orgasmo, antes de meter a língua profundamente. Solto gemidos e grito seu nome, o som fazendo vibrar as paredes do seu quarto. Não consigo falar muito mais, ele está me matando lentamente de prazer.

— Por favor, baby, deixe eu amar você. — Sussurro.

— Ainda não — ele fala contra a minha pele, me fazendo estremecer. Me dê mais um. Quero mais um orgasmo, Izzy. Então vou te foder tão forte que você não vai conseguir andar quando eu



terminar. — Ele abaixa a cabeça e enfia a língua profundamente na minha boceta.

Eu grito.

Ele geme.

Grito seu nome.

Ele desliza a mão pelo meu quadril e pressiona o polegar contra o clitóris, movendo a língua para dentro e para fora em um ritmo constante.

— AXEL! — Grito, gozando na sua língua, antes do meu corpo cair sem forças contra o colchão.

Estou voltando à terra, quando sinto a boca impiedosa beijar o interior das minhas coxas, depositando pequenos beijos até o umbigo. Chupa cada mamilo dolorido e os morde um pouco antes de continuar subindo e encontrar os meus lábios. Faminta, eu retribuo o seu beijo. Minha língua baila com a dele, posso sentir o gosto do meu gozo na sua boca e isso me excita novamente. Nunca havia imaginado que apreciaria provar o meu próprio gosto em um homem. Mas, com o Axel, tudo me excita.

Me segura por baixo dos braços, me desliza para o meio da cama e acomoda o seu peso em cima de mim. Os lábios da minha vagina estão bem abertos para abraçar o seu pênis. Ele geme na minha boca e se move para frente e para trás, deslizando a ereção na minha umidade.



Juntos, nos movemos contra a pele suada um do outro. Deslizo as mãos pelas costas dele e seguro a bunda firme com ambas as mãos, puxando-o para mais perto do meu corpo. Volto a levantar os braços, os envolvo firmemente em suas costas e minhas pernas ao redor da sua cintura. — Por favor, Axel, preciso de você dentro de mim. — Sussurro contra os lábios dele.

— Em breve, baby, muito em breve. — Ele se afasta e olha nos meus olhos. Tem os lábios inchados pelos nossos beijos, o rosto vermelho e os olhos estão escuros com o desejo. — Assim vou acabar antes mesmo de começar, baby, tenho que me acalmar... quero você, muito.

Esmaga a boca contra a minha e entrelaça os dedos no meu cabelo espesso antes de deslizar a outra mão lentamente pelo meu lado. Ele acaricia a pele quente antes de colocar a mão entre nós dois. Afasta ligeiramente os quadris, abrindo espaço suficiente para tomar o pau na mão e alinhar a cabeça grossa com a minha fenda. Esfrega algumas vezes o meu clitóris com o pênis, o desliza para baixo e espalha meus fluidos pelos lábios. Repete isso algumas vezes enquanto respira ofegantemente, geme junto comigo e sei que isso é tão torturante para ele quanto é para mim.

— Você é tão gostosa... tão molhada, tão quente. Mal posso esperar para estar bem enterrado nessa sua boceta gostosa. — Ele fala contra o meu pescoço, beijando e sugando a pele macia onde o pescoço encontra o ombro.

E com isso, me penetra com uma só estocada e, de repente, está dentro do meu corpo.

Solto um grito de surpresa com sua entrada repentina, pois estou desacostumada depois de dois anos de abstinência, e sinto uma dor para qual não estava preparada.

— Merda! Princesa, você está bem? — Fala com voz rouca enquanto fica imóvel dentro de mim. — Meu Deus, você está tão apertada.

Aceno com a cabeça para dizer que estou bem, mas as palavras não saem.

— Baby, preciso que me diga com palavras... preciso saber que você está bem.

— Tudo bem... — sussurro e as palavras se desvanecem quando o sinto se mover dentro de mim e solto um gemido quando as ondas de prazer viajam através do meu útero, fazendo com que as paredes se contraiam ao redor dele.

— Merda, baby... posso gozar antes de conseguir me mover se a sua boceta quente abraçar o meu pau com mais força. — Ele geme, abaixando a boca até a minha, me dando um beijo carinhoso.

— Estou bem — sussurro quando ele recua alguns centímetros. — Só que já faz muito tempo. Estou bem, muito bem... por favor, não pare!

É toda a confirmação que ele precisa, antes de se colocar em movimento. Mantém os olhos no nível dos meus, com fogo em seu



olhar. Nossos gemidos vibram entre os lábios um do outro e nossas respirações ofegantes se misturam.

Cravo as unhas nas suas costas e me movo com ele. Levanto os quadris quando ele abaixa os dele. Nos movemos como se não estivéssemos separados nem um só dia, como se os nossos corpos tivessem sido feitos um para o outro. Não posso evitar as lágrimas que rolam lentamente pelos meus olhos. Essa conexão, esse amor que existe entre nós dois, nunca morreu. Sinto como se o meu coração fosse explodir. As garras de outro orgasmo, ainda mais poderoso, começam a subir pela minha espinha e sinto que o ritmo dele se altera quando começam as contrações ao redor do seu pau.

— Vamos, baby, vou gozar e quero você comigo.

Solto um gemido quando ele me penetra mais uma vez, esfregando o meu clitóris com a pressão exata para me mandar direto para um orgasmo tão poderoso meus dedos se curvam, minha respiração para, meus olhos se fecham e sinto como se pequenas agulhas espetassem a minha pele. O orgasmo mais delicioso que já experimentei.

— AXEL, oh... Deus... AX! — Eu grito.

Sinto seu gemido de satisfação contra o meu pescoço; ele empurra mais algumas vezes antes de descansar os quadris contra os meus.

Não sei dizer quanto tempo ficamos assim, seu corpo aninhado contra o meu. Seu pênis ainda está dentro de mim e eu ainda estou

respirando com dificuldade. Sinto seus lábios contra o meu pescoço e desenho pequenos círculos sobre as costas suadas.

As lágrimas continuam saindo dos meus olhos e, com a vulnerabilidade que sinto agora, não consigo evitar o soluço que escapa pelos meus lábios. Ele imediatamente se ergue, apoiando o peso nos braços, o pênis ainda duro se mexendo dentro de mim, o que faz com que nós dois soltemos gemidos.

— Baby? — Questiona.

Balanço a cabeça e outro soluço escapa.

— Izzy? Princesa, eu te machuquei? — Ele parece atormentado.

Nego com a cabeça outra vez e levo a mão até a nuca dele. Entrelaço os dedos no cabelo que ondula na sua nuca e o puxo para baixo, até a minha boca, esperando poder expressar todas as emoções que me invadem neste exato momento.

Eu ainda o amo. Este homem que pensava que havia perdido para sempre. Se for completamente honesta comigo mesma, nunca deixei de amá-lo. Mas, tudo isso não devia me assustar. O amor adolescente que compartilhamos há mais de uma década cresceu com tanto poder que me mataria perdê-lo outra vez.

— Senti tanto a sua falta — sussurro ofegante, por conta das emoções que me inundam.

— Deus, Princesa, você não faz a mínima ideia. Nenhuma ideia, caralho — ele fala, rolando para o lado e me puxando para mais perto do seu corpo duro. — Nunca esqueci você, Izzy. Nunca. — Sussurra

contra o meu cabelo e me aperta um pouco mais. Deixo que me abrace enquanto libero todas as emoções que vieram à tona após fazermos amor novamente.

— Tenho que te limpar, baby, não se mova. — Ele se vira e levanta da cama, caminha pelo aposento enorme e entra no banheiro. Viro de costas e olho para o teto, me abraçando com força. Ouço o barulho da descarga e depois da água corrente. Ele sai do banheiro sem nenhuma preocupação com sua nudez e caminha até a beirada da cama.

— Abra as pernas, baby, e deixe eu te limpar. — Deixo as pernas caírem para o lado e observo, surpreendida e maravilhada, enquanto ele limpa nossos fluidos que saem da minha boceta. A toalha quente faz com que eu tenha alguns sobressaltos quando toca a pele sensível.

Depois de alguns segundos, joga a toalha na direção do banheiro e se deita no colchão, me puxando para os seus braços novamente.

— Fale comigo, Izzy. O que foi aquilo? — Ele não parece irritado, apenas confuso.

Suspiro profundamente e respondo.

— Foi simplesmente muita coisa, Ax. Tantas emoções me sobrecarregaram de uma só vez. Nunca, nem nos meus sonhos mais selvagens, pensei que estaria aqui de novo e, confie em mim, sonhei muitas vezes com esse momento. — Inspiro profundamente antes de

prosseguir, olhando nos seus olhos confusos. — Você tem que entender, Ax. Não sei como foram para você todos esses anos, mas eu pensei que você tinha partido, Ax. Não apenas partido, mas que estava morto. — Prendo um soluço e demoro um momento para me recompor. Meus olhos úmidos encontram os dele, chocados. — Vivi no inferno por seis longos anos, mas não foram nada... absolutamente nada comparados com a dor que senti pensando que você estava morto todo esse tempo.

— Quê? — Ele pergunta, tão baixinho que não teria escutado se não estivesse olhando para seu belo rosto.

— Não sei o que você não entendeu sobre isso, Axel. — Agora, sou eu que estou confusa. Ele parece completamente desconcertado. Como pode pensar que eu imaginaria alguma coisa diferente? Ele desapareceu da minha vida, se desvaneceu! De que outra forma alguém encararia isso?

— Baby — ele fala. — Por favor, explique isso. O que você quer dizer quando disse que pensou que eu estava morto?

Viro a cabeça para o lado e o observo. Estou além de confusa. Ele está com o cenho franzido, os lábios apertados e os olhos... seus olhos parecem tristes.

— Podemos nos vestir, por favor? Talvez comer alguma coisa antes de termos essa conversa? — Pergunto quase sem voz. Necessito de um tempo para entender o que está acontecendo.

Balança a cabeça como se estivesse aclarando as ideias e assente. — Claro, princesa.

Nos levantamos e ele lança para mim uma camiseta da sua cômoda antes de puxar uma calça de moletom até os quadris estreitos. Caminhando até onde estou parada, me puxa de volta para os seus braços e me abraça. Com muita força.

— Sei que você sentiu, baby. De forma alguma algo tão intensamente poderoso ia passar despercebido. Mas, me escute e entenda, falaremos sobre isso, mas nada que você disser vai mudar o fato que eu e você vamos superá-lo. Não vou deixar você se afastar, Izzy. Nunca. Você é minha, entende, Princesa?

Eu sou? Posso dar meu coração outra vez para este homem sabendo que ele tem o poder de me destruir? Sim. Posso. Se me afastar dele agora, posso perfeitamente apertar o gatilho eu mesma, porque estarei morta da mesma maneira.

— Sim, entendo. Mas, Ax?

— Sim, baby?

— Eu sempre fui sua, você sabe disso, não sabe?

E com um sorriso brilhante que chega até os seus belos olhos, me abraça mais forte, deposita um beijo suave no meu ombro, no meu pescoço e na minha orelha antes de sussurrar: — Oh, sim, baby, eu sei.



Capítulo 16

Estou parada na borda do terraço vendo o Axel virar os bifes na churrasqueira e apreciando a vista durante os últimos dez minutos. Se não tivesse entendido antes o que o motivou a comprar este enorme desperdício de espaço, estaria claro agora, enquanto olho para a água cristalina do lago que fica atrás da sua casa.

Tem um terraço bastante grande sem nenhum móvel ou cadeira, claro, mas tem uma enorme e reluzente churrasqueira. Há um bom lote de grama no quintal antes do caminho de cascalho que leva até o cais. E depois está o lago. Não há outras casas, pelo menos, não vejo nenhuma. Apenas árvores e muita água. É absolutamente impressionante.

— Está pronta para comer, baby? — Pergunta, chegando por trás de mim e me entregando uma taça de vinho.

Olho por cima do ombro e o devoro com os olhos. Ele ainda está nu da cintura para cima e o suor está escorrendo até os seus quadris. O músculo em V que desaparece embaixo da calça faz minha boca encher de água. Seus abdominais enrijecem e ele grunhe em voz baixa.

— Pare, Izzy. Pare agora mesmo ou vou tomá-la aqui mesmo, nessa porra de terraço.



— Desculpe Ax, mas você perguntou se eu estava pronta para comer. — Eu o provoco.

— Merda! — Levanta os braços e se vira para caminhar até a churrasqueira. Sorrio e volto a apreciar a vista enquanto ele resmunga sobre eu precisar manter a porra da boca fechada.

Continuamos em um silêncio confortável enquanto ele acaba de cozinhar e eu termino as minhas reflexões. Eu o sigo enquanto ele volta para casa, serve os bifes suculentos, batatas assadas, pimentões e cebolas nos pratos, os põe em cima do balcão e nos sentamos nas únicas peças de mobília que tem na cozinha. Banquetas.

— Axel, tem que dar um pouco de vida a esta casa. Além do seu quarto, seu quarto vazio, as únicas coisas que vi são essas banquetas, a sua gigantesca televisão e uma poltrona reclinável. — Aponto o garfo para ele depois de comer um pedaço do filé delicioso. Solto um gemido diante do sabor suculento que explode na minha boca antes de ser capaz de continuar. — Você não pode comprar uma casa tão grande como essa e não ter coisas para ocupar o espaço.

Quando me dou conta do silêncio que se segue às minhas declarações, olho para cima e encontro os olhos dele. Ops. Talvez eu tenha me intrometido demais. Quer dizer, esta não é a minha casa e realmente não é problema meu. Corando, coloco o garfo no prato e olho para as mãos no meu colo.

— Por que está fazendo isso? — Ele pergunta.

— Fazendo o quê? — Tento disfarçar.

— Agindo como se estivesse envergonhada por me perguntar alguma coisa, mesmo se está sendo uma pirralha intrometida. — O tom da sua voz é leve, brincalhão.

— Eu, eu... não sei?

— Não tente me enganar com essa pergunta de merda, Izzy. Você esquece que eu te conheço. Podem ter passado anos desde que a tive, mas eu te conheço.

Suspiro e olho nos seus olhos. Ele não parece irritado, apenas confuso. Está me observando. — Não é algo que eu faço conscientemente. Eu vivi de uma certa forma tanto tempo que, às vezes, simplesmente parece que volto à antiga eu. Bem, me refiro à antiga eu, depois de você.

— Posso chegar a entender isso, de verdade, eu posso, mas o que não consigo entender é por que você parece ficar com medo de *mim,* às vezes. Muita coisa aconteceu, mas você sabe, você tem que saber, caralho, eu nunca te machucaria.

— Não, não me machucaria fisicamente. Eu sei disso. — Respondo olhando novamente para as minhas mãos.

— Izzy? O que quer dizer com isso? Não havíamos decidido que íamos superar isso? Entendo que você pode estar assustada, mas escute, me escute de verdade; NÃO vou te machucar. Não há uma maldita coisa que vai nos separar novamente. Já perdemos muito tempo, Princesa. Tempo demais no qual você deveria ter estado nos meus braços. — Ele estica a mão e me puxa para o seu colo. Um

braço envolve as minhas costas e o outro, o meu ventre. Segura minha mão entre as suas e continua. — Não houve um dia em que imaginava que você não era feliz, pensava que estava melhor sem mim. Deus, baby... — Se afasta um pouco e segura meu rosto com uma mão, nivelando meus olhos aos dele. — Tem me matado todos os dias, desde que você apareceu novamente na minha vida, saber que poderia ter feito alguma coisa para salvá-la daquele bastardo.

Estou mais do que confusa, agora. Sobre o que estava falando, ele pensava que eu era feliz? E, como um relâmpago, aquilo me acerta.

— Você sabia onde eu estava? — Pergunto e não posso evitar a raiva que permeia o tom da minha voz.

— Não durante alguns anos. Quando finalmente a encontrei, você já tinha se casado. — Ele diz e a dor nos seus olhos faz o meu coração parar.

— O quê? — Sussurro.

Ele levanta o dedo e acaricia o meu cenho franzido, deslizando o dedo pela ponte do meu nariz e pela linha dos meus lábios. Segura o meu queixo com a mão forte, leva minha boca mais para perto da sua e me dá um beijo suave. — Baby, procurei por você. Busquei você a cada oportunidade que tive durante quatro anos. Segui cada pista que tinha, mas elas nunca me deram nada para seguir em frente. Nenhuma maldita coisa. Sei sobre a sua mãe e o seu pai e, baby, sei que foi difícil e sinto muito por não estar lá para ajudá-la a superar isso, mas, por quê? Por que não me disse aonde estava indo? Tinha que saber que eu voltaria para você.

Este homem enorme e forte está me deixando entrar e ver a dor que ele sentiu todos aqueles anos atrás. Não conseguiria parar as lágrimas, mesmo se eu quisesse. Eu tentei, Deus, tentei, mas saber tudo o que ele fez para me encontrar acaba com a pouca sanidade que me resta. Faz a minha raiva entrar em ebulição.

— Tive apenas tempo suficiente, quando voltei para casa de licença, para saber sobre eles e que você tinha ido embora. Ninguém sabia onde seus avós viviam. O máximo que eu consegui saber foi que você estava em alguma pequena cidade em uma das Carolinas, mas ninguém sabia qual delas. Não foi por falta de tentativa, Princesa, por favor, entenda isso. Simplesmente não tinha os recursos nem tempo para encontrá-la. Sempre voltava ao ponto de partida e comecei a sentir como se você não quisesse ser encontrada, senão teria me dito. Inferno, um rastro de migalhas de pão, uma ligação, um *bat-sinal*... eu teria seguido qualquer uma dessas coisas.

Sua tentativa de humor erra o alvo. Tento processar toda essa nova informação, todos os fatos que não havia nem sequer considerado ao longo dos anos. Ele queria me encontrar? Como pode ser? Eu havia deixado o meu endereço com a June. Ela sabia que eu queria que ele me encontrasse, sabia que eu estava esperando por ele. Mal posso suportar a raiva que está me queimando por dentro. Aquela puta de merda!

— June! — Grito, saltando do colo dele e andando pelo grande espaço vazio da cozinha. Me viro para olhar para ele e vejo o olhar confuso cobrindo seu rosto bonito. Me apresso a explicar: — Aquela

puta, a June. Eu dei tudo a ela, Axel, cada fodida coisa que você poderia precisar para me encontrar. O endereço dos meus avós na Carolina do Norte, o número do telefone deles, e escrevi cartas, muitas cartas, merda. Quando as que eu mandava para a base começaram a ser devolvidas, passei a enviá-las para a casa da June. Imaginei que, se houvesse alguma maneira de chegarem até você, seria quando voltasse para casa. Oh, meu Deus, Ax! Todo esse tempo. Todo esse tempo do caralho. Você não tem nem ideia, nenhuma maldita ideia do que aquela cadela nos tirou, as coisas que ela me disse. — Minha fúria é palpável. Enche o aposento de tão densa e eclipsa completamente a tristeza que a precedeu. Sou forçada a parar de andar em círculos, quando sinto as mãos do Axel se fecharem em torno dos meus bíceps.

— Princesa, pare — fala suavemente, me puxando novamente contra o seu peito, os braços à minha volta. — Não posso corrigir as coisas se você não me disser o que te deixou tão irritada.

Me solto do seu abraço e me viro para olhar nos seus olhos. Tenho que olhar nos olhos dele, poder dizer onde está sua mente neste momento.

A única coisa que vejo é confusão e, talvez, com sorte, um pouco de amor.

— Você tem alguma ideia do quanto precisei de você? Quando meus pais morreram você era a única coisa que poderia ajudado a aliviar aquela dor, mas você não estava lá. Eu estava conformada com isso, por favor, saiba que nunca jogaria isso na sua cara. — Me apresso

a explicar quando vejo a expressão que cruza o rosto dele. — Estava tão orgulhosa de você, Axel. Não passava um dia, inclusive com toda dor que passei, em que não tinha orgulho de você. — Ele levanta a mão e limpa a lágrima que escorre do meu olho. — Passei por tantas coisas na semana em que morreram. Estava ferida, perdida, sozinha... me senti completamente à deriva e sem possibilidade de retorno. A vovó e o vovô eram pessoas boas e me amavam, mas eles também os perderam e se viram com uma adolescente deprimida com a qual lidar. Às vezes me pergunto se eles sequer sabiam o que fazer comigo, mas tentaram. Eu tive uma semana. Uma semana para arrumar minhas coisas e ir embora. Vovô não podia deixar as coisas em casa por muito tempo e vovó não gostava de estar longe. Ela odiava viajar, por isso você nunca os conheceu.

Me afasto dele e vou até a janela que dá para o lago, agora escuro com o brilho suave da lua refletindo na água.

— Me assegurei de ir até a casa da June para dar e ela tudo o que você precisaria. Não sabia a quem mais dar. Você não tinha partido há tanto tempo para me deixar saber como contatá-lo. A única coisa que eu sabia era a base na qual você devia estar. — Um soluço irrompe da minha garganta e interrompe o que estou dizendo. — Eu, eu fui... fui tão estúpida. — Choro.

Me viro para encará-lo e vejo que está atrás de mim, com os braços abertos e esperando. Corro para o seu abraço e deixo toda a tristeza fluir. Eu o deixo ser a minha rocha, a rocha que precisei durante tanto tempo.

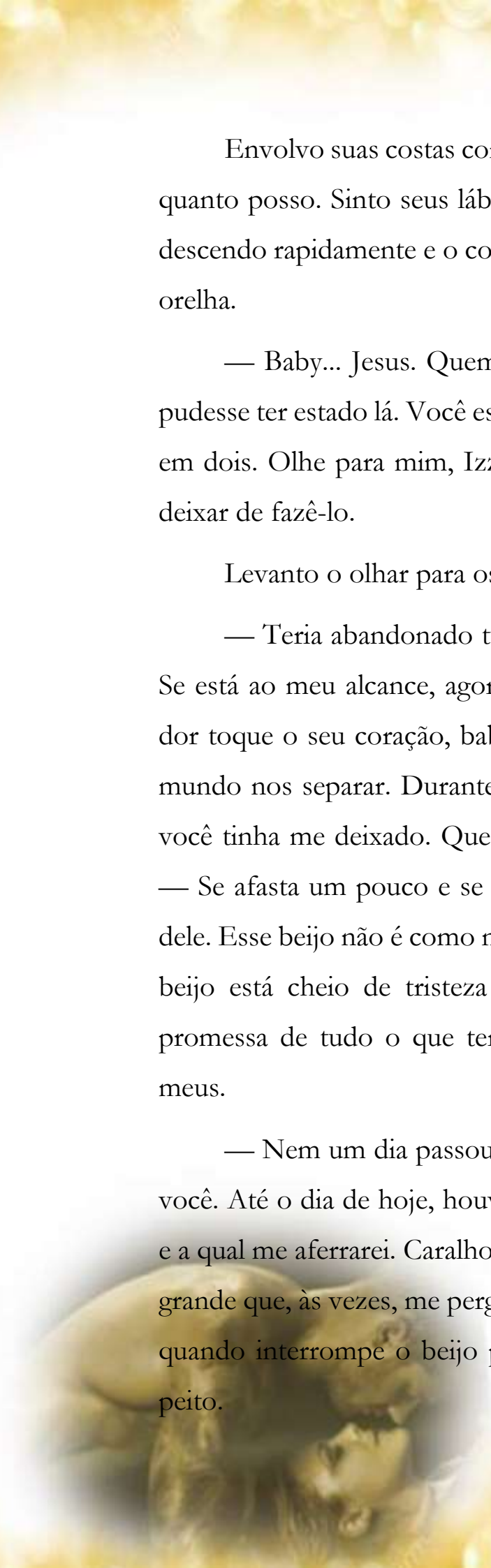
Envolvo suas costas com os braços e o aperto contra mim tanto quanto posso. Sinto seus lábios no meu cabelo, seu peito subindo e descendo rapidamente e o coração batendo rapidamente sob a minha orelha.

— Baby... Jesus. Quem dera eu tivesse sabido. Quem dera eu pudesse ter estado lá. Você está me matando, partindo o meu coração em dois. Olhe para mim, Izzy. — Fala de tal forma que não posso deixar de fazê-lo.

Levanto o olhar para os seus olhos suplicantes.

— Teria abandonado tudo para salvá-la de cada grama de dor. Se está ao meu alcance, agora, deve saber que nunca deixarei que a dor toque o seu coração, baby. Me mata saber quão fácil foi para o mundo nos separar. Durante anos, baby, passei anos pensando que você tinha me deixado. Que você tinha decidido me deixar. Deus... — Se afasta um pouco e se inclina capturando meus lábios com os dele. Esse beijo não é como nenhum que compartilhamos antes. Esse beijo está cheio de tristeza por tudo que perdemos, mas com a promessa de tudo o que teremos. Seus lábios fazer amor com os meus.

— Nem um dia passou, Izzy, no qual o meu não pertencesse a você. Até o dia de hoje, houve apenas uma mulher a qual me aferrei e a qual me aferrarei. Caralho, baby, o amor que tenho por você é tão grande que, às vezes, me pergunto se ele vai me esmagar. — Sussurra quando interrompe o beijo para me puxar com força contra o seu peito.



Fico paralisada diante das suas palavras. Amor? Sei como me sinto sobre ele, mas o choque de ouvi-lo dizer isso para mim é esmagador. Ele não pode me amar. Não ainda, não sem saber tudo.

Pequenas ondas de pânico surgem, mas rapidamente as esmago. Tenho que ser forte. Tenho que ser forte por ele, porque depois disso não sei como ele vai se sentir.

Pressiono as mãos contra o peito dele e lhe dou um pequeno empurrão. Ele olha para baixo, para mim, confuso por estar lhe empurrando em vez de estar puxando-o para mais perto. Ou talvez o choque porque não retribuí seus sentimentos.

Oh, se soubesse que o amor me faz arder por ele.

— Eu não terminei, Ax. Você tem que me deixar terminar. — Falo desesperadamente e volto a caminhar em círculos longe do seu alcance.

Olho para ele que continua parado onde o deixei, ao lado da janela. Está recostado contra ela, os braços cruzados sobre o peito. Não posso decifrar a emoção nos seus olhos. Sei que está confuso, mas parece que também está irritado comigo.

— Deus... isso é tão difícil. — Sussurro para mim mesma. Devia saber que aquela estúpida casa vazia faria com que as palavras chegassem até ele.

— Izzy, não sei o que mais poderia haver. Eu já sei sobre *ele*. — Ele fala entre os dentes e paro de andar para olhar para ele. Meu



coração está se partindo outra vez, recordando a noite do meu décimo oitavo aniversário.

— Eu o queria tanto — sussurro novamente.

— O quê? — Pergunta, se afastando da janela e caminhando até mim. Toma meus braços nas suas mãos novamente e me força a ficar parada.

Engulo o choro nervoso que bloqueia a minha garganta, mas é impossível segurar as lágrimas que correm livremente pelo meu rosto.

— Eu o queria tanto, com todas as minhas forças, caralho — deixo sair, tentando desesperadamente poder transmitir a minha dor.

— Princesa, sério, não tenho ideia do que você está falando. — Fala com frustração, fazendo com que eu estremeça.

Olho para o rosto atraente, imaginando pela milionésima vez, como teria sido nosso filho. Incapaz de assimilar a visão de perfeição angelical que passa pela minha cabeça, bato minha testa no peito dele e soluço. Soluço por tudo o que perdemos injustamente.

— O bebê. — Choro contra o peito dele. — O bebê que amei com cada fibra do meu corpo e cada grama de amor que tinha por você. O bebê que não fui capaz de proteger nem do meu próprio corpo! — Grito histericamente contra o seu peito. Meu corpo vacila devido a quantidade de agonia e dor que invade a minha mente e desmorono no chão antes que ele possa me pegar. Emoções que trabalhei tão duro para suprimir e sufocar estão me inundando, fazendo com que grandes e poderosos lamentos escapem.

— Não, um bebê... não! — Eu o ouço gritar sobre o meu colapso. Mais do que ver, o sinto cair no chão ao meu lado, me envolve firmemente entre os braços e começa a me embalar. Minha bochecha está apoiada no seu ombro e meu nariz enterrado na curva cálida do seu pescoço. Não sei quanto tempo permanecemos sentados assim, parecem horas, mas podem ter sido apenas alguns minutos. Com ele me sustentando junto ao corpo, os braços e as pernas enrolados firmemente ao meu redor, só quando senti as gotas quentes das suas lágrimas caírem sobre o meu rosto, olhei para cima e encontrei os seus olhos; olhos que devem espelhar os meus, agora. Ele não faz nada para esconder seu desespero evidente. Nunca, em todos os anos que conheço esse homem, o vi derramar uma lágrima, além daquela que senti quando estava no hospital. Mais algumas lágrimas escapam antes que pareça se recompor de alguma maneira. Seu corpo sobe e abaixa com o esforço que faz para se controlar.

— Um bebê, merda... Princesa, não fazia ideia, porra, nenhuma ideia. — Tomo seu rosto entre as mãos e limpo as lágrimas com meus polegares. — O que aconteceu? — Me pergunta. Sei a que ele se refere; ele quer saber o que aconteceu com o nosso bebê.

Respiro fundo e termino com o que precisa ser dito. — Tinha acabado de completar o primeiro trimestre, quando sofri um aborto espontâneo. Três meses bem e perdi o nosso bebê. — Sussurro, mantendo meus olhos nos dele enquanto prossigo. — Os médicos disseram que não havia nada que eu poderia ter feito; era a vontade de Deus. — Balanço a cabeça e olho novamente para baixo,

pressionando a cabeça contra o peito forte. — Foi no dia do meu aniversário. — Digo, quase como uma reflexão tardia.

Ele permanece calado. Posso ouvir as rodas girando em sua cabeça, as peças finalmente se encaixando.

— A boate? Era sobre isso que o Greg estava falando, não foi? — Realmente não era uma pergunta. Ele sabe. De todos os dias em que ele podia ter regressado para a minha vida, esse foi o pior.

— Sim. A boate. — Respondo.

Permanecemos ali, ele me segurando nos braços, minhas pernas encolhidas contra o peito e meus braços envolvidos firmemente em torno do seu corpo. Seus braços estão em volta do meu pescoço e as pernas esticadas em cada lado do meu corpo enrolado como uma bola. Ficamos sentados ali e silenciosamente oferecemos a única coisa que podemos. Um ao outro.

É difícil me colocar no lugar dele. Não duvido que está sentindo o peso da situação, mas não teve nenhum tempo para processar o fato que houve um bebê. Tínhamos feito um filho, fruto do nosso amor. Mesmo com os nossos jovens corações, ambos sabemos que qualquer criança que tivéssemos criado teria sido a nossa maior realização. Uma alegria que teríamos acolhido, mesmo que nós dois ainda fôssemos bebês.

— Aposto que ela seria igual a você, com esse belo rosto, a pele mais suave e os olhos mais cristalinos que já se viu. O cabelo que se iluminaria quando ela corresse pelo quintal, um sorriso que faria até

o mais rude dos bastardos sorrir, uma imagem com a mesma perfeição, caralho — fala contra a minha orelha. A leveza no seu tom não consegue encobrir a tristeza. Está tentando me tranquilizar, quando deveria ser eu a tranquilizá-lo.

— Não, ele teria sido a imagem viva do seu pai. O rosto mais forte você já viu em uma criança, um cabelo tão escuro que rivalizaria com a meia-noite e olhos tão verdes que você seria capaz de jurar que roubamos em uma joalheria. Ele teria sido tão valente e forte. Simplesmente perfeito. E eu o teria amado tanto quanto amo o seu pai — sussurro, terminando com uma ligeira pausa que me delata.

Podemos tentar aliviar nossa tristeza, mas não há como contornar o fato que ambos perdemos e perdemos muito.

— Nunca mais, Izzy West. Nunca mais permitirei que nada te afaste de mim, ou nos tire nada. — Suas palavras flutuam entre nós dois como uma promessa e uma ameaça.

Sei, neste exato momento, que esse homem lutaria até a morte para me manter ao seu lado, me protegendo do mundo.

— Não quero estar em qualquer outro lugar, além de aqui. — Ergo a cabeça do seu peito e lhe dou o mais suave dos beijos. Não demora muito antes de estarmos usando nosso desejo mútuo para apagar a dor que ainda pesa em nossos corações.

— Vamos, Princesa, vamos para a cama. — Ele me ajuda a levantar do chão e, em seguida, para minha surpresa, me levanta em seus braços e começa a andar pela casa.

— Eu posso andar, sabe? — Brinco, me recostando em seu pescoço e inalando seu perfume inebriante.

Seus braços se apertam ao meu redor e ele responde: — Eu sei, mas neste exato momento, eu preciso disso. Só permaneça em silêncio e deixe eu te levar.

Posso conceder isso a ele.

Levanto a cabeça do seu ombro e olho para o perfil forte. Esse homem, esse homem incrível que nunca pensei que teria novamente, está sofrendo. Posso dizer isso por causa da mandíbula apertada e a determinação nas linhas duras. E com razão, não é todo dia que um homem descobre que foi pai. Mesmo que essa criança nunca tenho passado de uma imagem borrada em uma ultrassonografia. Uma imagem que ele nem sabia que existia há cinco minutos. Uma dor aguda dispara através do meu coração quando penso o quanto ele teria amado o nosso filho. Sempre havíamos falado sobre o quanto queríamos ter filhos.

— Você está bem? — Sussurro quando chegamos no segundo andar. Ele me ignora por um momento e eu quase havia me convencido que ele não tinha ouvido a pergunta até que ele quebra o silêncio.

— Não. Mas, ficarei. Ficaremos. — Ele para quando chegamos no quarto e gentilmente me coloca na cama. Olho para cima e encontro seus olhos tristes antes dele interromper o contato visual e abaixar o moletom pelos quadris magros. Me sento, tiro a camiseta e a jogo no chão segundos antes dele pressionar seu peso sobre o meu

corpo, me empurrando contra o colchão. Cada centímetro da nossa pele está em contato, desde os ombros até os dedos dos pés. Abro as pernas e acolho o seu peso; seus quadris deslizam contra a minha excitação.

Ele pressiona a testa contra a minha, sua respiração refrescando meus lábios e dançando com a minha própria respiração ofegante. Suas mãos, que seguram a minha cabeça com reverência, acariciam minhas bochechas.

— Preciso de você, princesa — sussurra suavemente contra os meus lábios.

— Você me tem — respondo.

Ele levanta os quadris e eu o ajudo a guiar a grossa ereção no meu corpo expectante. Não afasta as mãos do meu rosto ou seu peso do meu corpo. Afasta a testa da minha para poder depositar nos meus lábios os beijos mais amorosos e ternos.

Este não é o sexo rápido e forte que tivemos anteriormente. Este é sobre a pureza de fazer amor. Se trata de duas almas que têm estado à deriva por muito tempo e, finalmente, retornam à casa com a outra. Este, fala de cura.

Levanto as pernas, envolvendo seus quadris firmemente. Meus braços envolvem seus ombros e me seguro com força.

Não há nada apressado nesse momento. Sua respiração é ofegante contra os meus lábios, refletindo a minha.



Ele se move contra mim, sem romper o ritmo lento e constante, pelo que pareceram horas. Não foi até que as nossas lágrimas começaram a se mesclar sobre as minhas bochechas, que ele solto uma das mãos do meu rosto e a leva para a parte de trás do meu joelho para levantar a minha perna nas suas costas.

— Oh, Deus... — Grito quando luzes explodem atrás dos meus olhos e dobro os meus dedos. Minhas unhas estão cravadas nos ombros dele, me ancorando contra os seus movimentos poderosos.

— Nunca. Vou. Deixar. Você. Partir. — Fala com voz rouca, pontuando cada palavra com uma estocada forte na minha vagina molhada. Sua pélvis está esfregando o meu clitóris, provocando uma fricção perfeita. Grito mais uma vez, quando outro orgasmo me atinge, muito próximo do primeiro.

Ele enterra a cabeça no meu pescoço e, com um grito estrangulado, se esvazia no meu corpo. Ficamos ali, cobertos de suor e conectados em todas as formas possíveis, durante muito tempo. Seu corpo parece maravilhoso contra o meu.

Minha respiração retorna lentamente ao normal e sinto que sou capaz de falar. Viro a cabeça ligeiramente para os meus lábios beijarem a sua orelha e sussurro, tão suave quanto posso, as palavras que me neguei a falar antes. — Eu te amo, Axel Reid. Sempre te amei e nunca deixarei de amar. Você foi feito sob medida, baby. Foi feito para mim. Nunca me deixe. Nunca mais. Prefiro morrer a ficar sem você novamente.

Ele enrijece durante o mais breve segundo antes de virar os nossos corpos, de modo que ele está suportando o meu peso; minhas pernas apoiadas nos seus quadris e os braços ainda ao redor dos seus ombros. Ele levanta os braços e me puxa ainda mais para perto do seu corpo. Posso sentir nossos orgasmos mesclados escorrendo entre nós, me lembrando que ainda estamos intimamente ligados.

— Você não vai conseguir se livrar de mim, mesmo que tente. — Me inclino e olho para o rosto dele, memorizando cada traço antes de esfregar minha bochecha contra a sua. — Sinto como se o meu coração tivesse sido arrancado do meu corpo, ao saber tudo o que aconteceu com você. Não posso nem sequer começar a processar tudo o que perdemos. Esta é a nossa segunda chance, Izzy, e nada vai ferrá-la desta vez. — Sua voz contra a minha bochecha é suave, seus lábios estão quentes quando pressiona um beijo suave contra a minha orelha antes de me virar novamente e deslizar lentamente para fora do meu corpo. Solto um gemido fraco ao perdê-lo.

— Princesa, essa é a segunda vez que não uso nenhuma proteção. Prometo a você que estou limpo, mas posso providenciar os exames se você não acredita em mim. Isso vai ser um problema? — Ele fala em tom de brincadeira, mas posso afirmar, pelo jeito que está olhando para a minha barriga, que não está falando sobre algo que possa me contaminar. — Por mais que adorasse ter o meu bebê dentro de você, não chegamos lá, ainda. Chegaremos. Mas não até o meu anel estar no seu dedo. — Ele acrescenta, quase como uma ideia de último momento, me deixando atordoada.

— Humm... — pigarreio algumas vezes para limpar a garganta e olho novamente para os olhos sorridentes. — Está tudo bem. Estou tomando pílula. — Sussurro.

— Bem. Então acho que não preciso de todas essas caixas de preservativos, não é? — Ele ri enquanto caminha para o banheiro e fecha a porta atrás dele.

Não posso evitar de me perguntar que diabos aconteceu aqui. Foi uma proposta de casamento esquisita? Não, certamente não. Podíamos ter entrado em um acordo para ver aonde isto vai, mas casamento?

Estou pirando silenciosamente quando ele retorna para a cama e me limpa com ternura. Joga a toalha na direção do banheiro antes de me puxar para os seus braços e me abraçar. Minha cabeça descansa contra o seu peito e posso sentir o coração dele batendo lentamente debaixo da minha orelha. Envolvo um braço ao redor dele, engancho minha perna sobre o seu quadril e, nesse processo, roço o pau ainda duro.

— Cuidado aí, princesa, você pode querer que ele funcione mais tarde.

Sorrio, antes de permitir que o corpo quente e a respiração estável me arrastem para o sono mais tranquilo, profundo e livre de sonhos que já tive em doze anos.



Capítulo 17

Acordei sentindo o mais delicioso ardor entre as minhas pernas e uma dor nos músculos que não havia utilizado em anos. Me espreguiçando, estico o braço na expectativa de encontrar o corpo quente do Axel ao lado do meu, mas só encontro o lençol frio.

Abro os olhos e dou uma olhada em volta do aposento. Vazio. Saindo da cama, me abaixo, recolho a camiseta que usei na noite passada, pego uma calça de yoga na minha mala e continuo minha busca pelo Axel. O banheiro está vazio, assim como todos os aposentos que verifico depois. Nada na cozinha, nem na garagem, mas sua caminhonete ainda está lá na frente.

Estou parada na varanda de trás com o olhar perdido no lago, onde o sol mal aparece sobre as pontas das árvores. O lago é calmo nas primeiras horas da manhã e o mundo parece estar dormindo. Estou prestes a desistir da minha busca quando vejo um ligeiro movimento no final da doca. O caminho para o cais está ligeiramente encoberto por uma linha de árvores, e nas primeiras horas da manhã, estou preocupada que os meus olhos possam estar pregando peças em mim. Quando vejo o movimento de novo, me dou conta de que acabo de encontrá-lo.

Pequenas alfinetadas disparam através dos meus pés quando piso na fria passarela de cascalho no caminho até a doca. Mantenho

os olhos nas costas nuas. Está sentado bem no final do cais, as pernas dobradas e os braços descansando contra os joelhos. Não foi até me aproximar um pouco mais que me dou conta que a sua cabeça está descansando contra os braços e suas costas sobem e descem por conta das respirações profundas. Tinha que ter sentido meus passos contra a madeira da doca, mas se o fez, não mudou sua postura.

— Ax? — Chamo suavemente.

Sem resposta.

— Baby? — Tento novamente.

Nada.

Inspirando profundamente, me sento e aproximo meu corpo do dele. Minhas pernas se abrem e a pele fria das suas costas se chocam com a minha frente. Ele deve estar congelando.

— Jesus, Axel, há quanto tempo você está aqui fora?

Nada.

— Ax, baby, por favor, você está me assustando. O que está acontecendo?

Ele permanece em silêncio por um segundo. Seu corpo se sacode ligeiramente, tentando mostrar que o seu silêncio não é por nada, mas é. Meu grande homem forte está desabando. Sabia que ele estava escondendo sua dor ontem à noite, tentando ser forte para mim. Tratando de evitar que o seu tormento ficasse à mostra.

Levo meus braços ao seu redor e entrelaço os dedos contra o peito dele; seu coração bate rapidamente contra o meu braço. Seu

corpo fica imóvel quando coloco os meus lábios contra as costas dele e sussurro a única coisa na qual consigo pensar: — Está tudo bem, Ax. Você não pode guardar isso. Por anos eu o fiz e isso não ajuda. — Então fico em silêncio e o abraço com força, esperando que ele se abra comigo.

— É minha culpa — finalmente diz; sua voz está rouca devido à emoção.

— Quê? O quê? — Questiono.

— Tudo.

Ficamos em silêncio novamente enquanto analiso sua resposta. Nós dois fomos vítimas no jogo cruel do destino, em nos manter afastados. Não entendo como pode sequer começar a culpar a si mesmo.

— Baby, você tem que me dizer mais do que isso. De maneira nenhuma qualquer coisa sobre isso pode ser culpa sua. — Rebato.

Ele endireita o corpo, mas não faz nenhum movimento para se virar. Soltando as pernas sobre a borda do cais de madeira, ele vira a cabeça e olha para o sol que sobe lentamente acima da linha das árvores. Ergue os braços e os cruza sobre os meus antes de afastar os meus braços do seu peito e juntar nossas mãos sobre o seu colo.

— A primeira coisa que fiz quando saí da casa da June e do Donnie foi denunciá-los ao Serviço Social. Entre as condições nas quais nos obrigavam a viver, a comida que nos negavam e comportamento assustador do Donnie com as meninas, havia o

suficiente para indiciá-los. Perderam cada criança pela qual o Estado lhes estava pagando. Não é nenhuma maravilha que ela tenha batido a porra da porta na minha cara quando fui até lá na minha busca por você. — Solta uma risada sem humor antes de continuar. — Nem sequer teria me incomodado, Izzy... mas estava desesperado para te encontrar.

— Ela abriu a porta e, quando me viu, a cadela cuspiu na minha cara, caralho. Nem consegui dizer uma palavra. Ela imediatamente me contou sobre os seus pais, vou poupar os detalhes sobre isso, mas não obtive mais nada. Deve ter amado saber que tinha a chave para encontrar você; a chave que me mantinha afastado de você.

Quando sinto a umidade cair sobre o braço que descansa no seu colo, levanto o rosto das suas costas para olhar o céu sem nuvens, antes de perceber que estava vindo dele. Meu coração está se partindo um pouco mais sabendo quão profunda está enraizada sua agonia.

— Nunca recebi suas cartas, Izzy. Você sabe, você sabe, porra, que eu teria vindo correndo. Nenhuma. Não fiquei muito tempo naquela base. Não posso lhe dar muitos detalhes, mas me promoveram rapidamente e eu tive que viajar. Uma merda altamente secreta e desapareci, baby. Eu lhe escrevi uma carta que explicava tudo, mas com a morte dos seus pais, faz sentido que nunca a tenha recebido. Não tinha a mínima ideia que você estava escrevendo, tentando me encontrar. Ele sacode a cabeça como se esse simples movimento pudesse desfazer a amargura das suas memórias.

— Baby... — não sei o que dizer. Ele aperta minhas mãos e me deixa saber que precisa disso. Precisa colocar tudo isso para fora.

— Me mata, Izzy... saber que estava tão perto de você, mas ao mesmo tempo longe pra caralho. Saber que você e o nosso... bebê — ele faz uma pausa com um soluço que apressa suas palavras — nosso bebê, Deus, nosso bebê... esse bebê teria sido a criança mais perfeita que já nasceu. — Seu corpo grande se dobra e ele começa a chorar profundamente. Minhas próprias lágrimas descem pelo meu rosto e caem sobre as costas dele, mas só o abraço com mais força.

Eu lhe dou o tempo que ele precisa para desabafar, segurando-o com força e sussurrando palavras de amor contra suas costas.

Ficamos sentados lá por um tempo. Ele extravasando sua angústia e eu o abraçando, oferecendo o apoio que posso. O sol está finalmente a pino quando ele se endireita e vira a cabeça. Seus olhos estão vermelhos e as lágrimas ainda correm silenciosamente. Vê-lo assim está me destruindo.

— Teria amado esse bebê, amado tanto esse bebê, Izzy. Nós teríamos sido tão felizes — diz, cada palavra empurrando um punhal invisível no meu coração. Sei que não é minha culpa haver abortado e há muito tempo lidei com a perda, mas, neste momento, sinto como se tivesse acontecido ontem.

— Eu sei, Axel — ofereço. Gostaria de saber o que dizer para ajudá-lo, para aliviar essa dor.

Ele vira o corpo para ficar completamente sentado no cais antes de abrir os braços; eu me aproximo.

— Todos esses anos tive tanta raiva de você e me aferrei a essa raiva para não sentir a dor. Caralho, Izzy. Pensei que você era feliz, que tinha seguido em frente sem pensar duas vezes. Nem sei como começar a processar tudo isso. Não sei como chorar por uma criança que nunca soube que quase tive. — Suas palavras são suaves por cima da minha cabeça e ficamos ali, olhando a água que se choca contra o cais. Ficamos sentados ali e choramos silenciosamente pelo passado, que nos foi tirado sem o nosso conhecimento.

— Quando perdi o bebê, eu não estava em um lugar bom, Axel. Demorei um tempo, um longo tempo, antes de começar a me sentir humana novamente. Nesse ponto, achava que você estava morto, Ax... pensei que havia perdido você para sempre e, quando perdi o bebê, era como se tivesse perdido a última parte do amor que tivemos. — Me viro para olhar para ele. — Quando conheci o Brandon, estava vulnerável. Não estava procurando por alguém, mas ele sabia como fazer o seu papel e me fazer precisar dele. Olhando para trás, agora, sei que nunca o amei. Precisava do amor que pensei que ele podia me dar. Estava tão sozinha. Preciso que você saiba que nunca deixei de amar você, Axel, por favor, não coloque isso nos seus ombros.

Olha para mim como se estivesse vendo a minha alma, antes de depositar um beijo suave na minha testa.

— Eu sei, Izzy. Não sei todos os detalhes do seu casamento, mas conheço você e acredito nisso.

Ficamos sentados ali, próximos ao lago com a fria brisa de novembro soprando e conto sobre o encontro com o Brandon e os primeiros anos antes do abuso. Axel lida bem com isso, só fica tenso algumas vezes. Quando começo a chegar nas partes ruins, posso sentir sua raiva crescendo. Encobri um monte de coisas ruins, mas no final, ele sabe tudo. Acho que vai explodir de fúria quando conto sobre a carta da June.

— Que diabos ela te disse?! — Grita.

— Humm, ela disse que você estava morto. Não sei por que acreditei nela, realmente não sei. Você tem que saber que eu nunca teria desistido de você e de nós dois. Mas, Axel? Ela disse que você estava morto e não tinha outro jeito de confirmar se era verdade ou não. Era o seu jeito de me fazer pensar o pior, e eu o fiz. — Ele parece furioso. Não, furioso, não. Parece sedento de sangue.

— Vou matar aquela cadela — fala entre os dentes. Seus olhos estão ardendo em chamas e suas narinas inflam a cada inspiração rápida.

— Sério, Ax, não podemos simplesmente olhar para a frente agora? Ninguém quer vê-la receber o que merece mais do que eu, mas olhe onde estamos. Ganhamos. Você e eu, finalmente estamos de volta onde estávamos destinados a estar. Não deixe que ela vença. Por favor. — Demora algum tempo, mas ele se acalma. Permanecemos sentados em silêncio enquanto ele digere em tudo o que acabo de lhe dizer. Posso ver todas as emoções, desde raiva até resignação, atravessar o seu rosto.

— Gostaria de ter tentado mais. Fico pensando que, se tivesse me aproximado de você quando finalmente a encontrei, as coisas seriam diferentes agora. Poderíamos ter mais filhos; finalmente teria o meu anel no seu dedo. Isso me mata, porra, me mata. — Ele diz quando termino de contar tudo o que os últimos doze anos me trouxeram.

— Pare. — Saio do seu colo e me ajoelho na frente da sua figura tensa, inclinada contra um dos postes que sustentam a doca. Tomando o rosto entre as mãos e me aproximando, termino. — Você não pode se sentar aqui e ficar imaginando o que poderia ter acontecido. Demorei muito tempo para perceber que imaginar o que poderia ter acontecido nunca vai mudar o passado, Axel. Exatamente aqui e agora, você tem que me prometer que vamos olhar para a frente. Não seguiremos vivendo com o que poderia ter sido. Deste este dia em diante, somos os novos Axel e Izzy.

Um pequeno sorriso aparece no seu rosto e um pouco da tristeza deixa os seus olhos. Me inclino e o beijo rapidamente antes de soltar o seu rosto e me sentar ao lado dele.

— Axel e Izzy, hein? Isso significa que você quer ser minha namorada ou algo assim? — Ele ri e soa como música para meus ouvidos.

— Não, só quero ser sua. Isso é tudo que eu sempre quis. — Respondo, entrelaçando as nossas mãos.



— Princesa, você sempre foi minha. Sempre. Posso prometer tentar, mas essa merda vai ser difícil de superar. Você não tem ideia do que eu quero fazer com aquele filho da puta.

— Eu sei, mas podemos tentar? Só tentar encarar cada dia como o presente que ele é? Finalmente tenho você de volta, Axel, e pela primeira vez em muito tempo, me sinto como eu mesma novamente. Baby, me sinto forte.

Seus olhos se arregalam enquanto ele me puxa para perto e dá um beijo tão cheio de amor nos meus lábios, que o frio ao nosso redor é esquecido.

— Vamos entrar. De repente, estou morrendo de fome. — Ele diz com uma piscadela. Nos levantamos e caminhamos de volta para o calor da sua casa vazia de mãos dadas.

Axel

Lentamente saio da cama pela segunda vez esta manhã, depois de esgotar a Izzy. Maldição, penetrar a sua boceta gostosa foi como regressar ao lar de novo. Meu pau começa a ficar duro só de pensar em quão forte nós gozamos juntos. Todas aquelas emoções entre nós, mas saber que ela era finalmente a minha garota novamente, me fez sentir a necessidade de marcá-la.

Olho para o anjo dormindo na minha cama e sorrio. Está desmaiada e duvido que um terremoto possa acordá-la neste momento. Já se passaram três horas desde que voltamos para casa, depois da nossa conversa na doca. Três horas fazendo amor intensamente, o que nos fez gritar e gritar. Acredito que não tenho nem mais uma gota de esperma nas minhas bolas neste momento. Ela me chupou até me deixar seco, literalmente. Várias vezes.

Tenho que deixar esse quarto antes de ter uma visão do seu corpo nu; cada centímetro da sua pele macia deixa o meu pau suplicando por mais. Mais importante, preciso fazer essa ligação antes que ela acorde.

Desço as escadas até a cozinha, localizo meu celular sobre o balcão, onde o larguei ontem à noite, e caminho até os fundos para fazer a ligação.

O telefone toca algumas vezes antes de ouvir a voz abafada do Greg na linha.

— O que é, filho de uma puta? — Diz.

— Que agradável. Bom dia para você também, imbecil. — São dez da manhã, ele não deveria estar fazendo algo produtivo? — Noite longa?

— O que você quer, Reid?

— Jesus Cristo, porque você é tão insuportável de manhã? Esqueça, preciso que você entre em contato com o Locke e investigue cada coisa que puder sobre o ex da Izzy. Quero toda a sujeira, caralho,

e quero para ontem. Ouça bem, G, eu o quero tão fodido que vai sentir o meu pau na sua garganta. Precisamos encontrar algo que vá deter esse desgraçado para sempre, porra.

Isso chama a sua atenção.

— Finalmente, ela se abriu com você, hein. — Não era uma pergunta, mas ele teria uma resposta.

— Eu sei de tudo, G. não há segredos entre nós agora. Uma vez que colocarmos este filho da puta de lado, finalmente poderei dar à minha garota o futuro para o qual fomos feitos. Posso não gostar de você ser tão próximo da MINHA garota, mas sou homem suficiente para agradecer tudo o que você fez quando eu não pude.

— Sim, entendi.

— Faça isso. Ligue para o Locke e façam o que precisa ser feito. Me mantenha informado, mas planejo trancar as portas e me enterrar profundamente na minha garota por vários dias. Não me incomode, porra, a menos que tenha alguma coisa.

Desligo o telefone ouvindo a risada dele, antes de subir as escadas lentamente, regressar para a minha cama e puxar minha garota para os meus braços.

Finalmente, sentindo como se o meu coração pudesse bater novamente.



Izzy

Posso sentir o sol aquecendo a minha pele. Amo este momento entre estar dormindo e começar a acordar. Mas já não desfruto esse momento por estar entorpecido, não... agora saboreio esse momento porque me lembra que estou viva.

O sol que se infiltra através das grandes janelas aquece as minhas costas e a dureza quente sob a minha bochecha está irradiando do Axel.

Meu Axel.

Suspiro, levanto lentamente a cabeça do seu peito e olho para o rosto adormecido. Ele parece jovem no seu sono. A dureza que normalmente está presente, não está lá. Toda a emoção pesada de ontem foi apagada e o pequeno sorriso que brinca nos seus lábios me recorda a nossa promessa. A partir desse ponto, não há mais a dor do passado entre nós. Somos, uma vez mais, Axel e Izzy.

Ele é bonito pra caralho.

Correndo os olhos pelo corpo longo e firme, noto a protuberância se formando sob os lençóis que cobrem seus quadris. Com um sorriso travesso, passo a mão suavemente pelo seu abdômen, apreciando a firmeza dos seus músculos enquanto acaricio cada centímetro. Me certifico que ele ainda está dormindo antes de puxar lentamente o lençol do seu corpo. O pênis grosso salta, uma



vez livre do lençol. Afastado do seu corpo e implorando por atenção, a julgar pela pequena gota de sêmen escorrendo da ponta.

Jesus, ainda não posso acreditar no quão diferente está o seu corpo.

Minha mão atinge os pelos pubianos bem aparados, a deslizo sob a pele esticada e agarro suas bolas. Eu as circulo suavemente e testo seu peso antes de movimentar a mão para cima, sobre a pele sedosa da ereção latejante. Mais pré-sêmen escorre da ponta e minha boca enche de água diante dessa visão.

Me erguendo de onde estava recostada, bem ao seu lado, deslizo o corpo para baixo, até os seus quadris, minhas pernas dobradas debaixo de mim, e levo meus lábios até o seu pênis. Lambo o sêmen da ponta antes de dar um beijo suave contra a pele quente. Ele solta um gemido suave e se mexe um pouco, mas não acorda. Envolvendo a mão em torno da grossura do seu pênis, percebo pela primeira vez quão grande ele é. *Será que vai caber na minha boca?*

Lambendo os lábios, abro a boca e chupo a ponta inchada com a minha boca, girando a língua em torno antes de soltá-la e correr a língua da ponta à raiz. Ele deixa escapar um gemido mais alto e vejo, com o canto do olho, a mão agarrando os lençóis.

Continuo lambendo e acariciando o pau latejante algumas vezes antes dele deixar escapar um xingamento alto e se mover, levantando o torso abruptamente. O movimento me sacode o suficiente para que eu perca a sucção e ele sai da minha boca com um estalo alto, que ecoa pelo quarto.

Seus olhos estão escuros com o desejo; a fome pesa no aposento.

— Bom dia — ofereço com um sorriso malicioso. — Me deu fome.

— Caralho. Te deu fome, é? Jesus, baby, você vai me matar. — Ele sorri antes de se abaixar e me puxar contra o seu corpo. — Amo sua boca no meu pau, baby, mas amo mais a sua boceta. — Ele me agarra pelos quadris e me levanta. Não precisa de ajuda para me persuadir a guiá-lo para dentro do meu corpo encharcado. Estava pronta para ele desde o segundo em que abri os olhos.

Fazemos amor de maneira rápida e selvagem. Antes mesmo de perceber, ambos estamos gritando nosso orgasmo compartilhado.

Caio de volta contra o seu peito, escorregadio com o suor que desliza contra o meu.

— Bom dia, princesa. — Murmura contra o meu cabelo.

Nós dois rimos e eu o abraço mais forte, apreciando esta nova leveza entre nós dois. Ficamos abraçados por um tempo, antes dele levantar para se limpar. Sorrio quando volta do banheiro com uma toalha na mão.

— Você sabe que eu sei como me limpar, certo? — Brinco.

— Meu trabalho. Gosto de ver a minha porra sobre toda a sua pele. Meu. Este é o meu trabalho. — Continua a me limpar antes de se inclinar e dar um beijo na pele sensível, que me faz gemer em alto e bom som.

Ele ri levemente, caindo novamente ao meu lado na cama.

— Podemos querer levantar em algum momento, hoje. — Falo, olhando para a janela. O sol está alto no céu, deixando-nos saber perdemos uma boa parte do dia.

— Estou feliz bem aqui onde estou e não tenho planos de sair desta cama hoje.

— Odeio apontar o óbvio Axel, mas podemos querer comer em algum momento. — Olho os seus olhos sorridentes antes de continuar. — Quero dizer, não sei você, mas estou pensando em desfrutar deste grande corpo um pouco mais, ainda hoje, e vou precisar de algum combustível!

Seu corpo treme com uma risada silenciosa e me acomodo ao seu lado. Estendendo a mão, toco as mãos do anjo tatuado no seu outro lado. Não posso ver a imagem daqui, mas, pelo que me lembro da tatuagem, foi feita de uma maneira quase amorosa e pacífica.

— Por que um anjo? — Pergunto.

Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de responder. — Olhe mais de perto — é tudo que eu recebo.

Intrigada com a sua resposta, me arrasto sobre o corpo dele e levo meu rosto mais perto da tatuagem. Ofego quando dou a primeira boa olhada no seu rosto. Sou eu. Puta merda, sou eu.

— Humm... — falo sem convicção.

— Eu disse que você era a única pessoa a quem dei o meu coração. Você sempre foi o anjo da minha vida, Izzy. Você chegou

na minha vida quando eu mais precisei, sempre feliz e tão cheia de amor por mim. Não se passou nem um dia em que não pensei em como você estava. Eu a fiz há alguns anos. Você podia não estar ao meu lado fisicamente, mas não podia negar que estava lá mentalmente. Cada dia que eu estava fora, era a sua memória que me dava forças e, mesmo quando pensei que tinha perdido você para sempre, e mediante a raiva... — Ele se cala e me olha nos olhos. — Mesmo diante da raiva de perder você, ainda sabia que você era o meu anjo. Minha luz.

Oh, meu Deus.

— Eu amo você, princesa.

— Eu também te amo. — Sussurro e caio nos seus braços.

Naquele momento, soube que o que havia sido quebrado ao longo dos anos, finalmente estava se unindo.

Eu estava completa.



Capítulo 18

(Um mês depois)

Axel e eu estamos firmes desde aquele final de semana que passamos trancados na sua casa. Às vezes é chocante para mim pensar novamente na garota assustada e perdida que eu era apenas alguns meses atrás. Ele trouxe a antiga eu. E estou brilhando. Temos novos sonhos e planos para o nosso futuro e, pela primeira vez, começo a pensar que o destino está sorrindo para mim.

Estou feliz.

Sou amada.

Eu venci.

Durante as últimas semanas temos passado quase todos os segundos juntos. Axel gosta de brincar que está recuperando o tempo perdido. Uma brincadeira que muitas vezes vai além da conta porque sempre me lembra do tempo que passamos separados. Até que ele começa a tirar minha roupa. Nosso desejo um pelo outro é como uma coceira que não conseguimos aliviar.

Não temos passado muito tempo com nossos amigos, mas saímos algumas noites com eles para jantar ou beber. Posso fazer todo o meu trabalho na casa do Axel e ele passa a maior parte do tempo

fazendo o seu em casa, também. A primeira coisa que fizemos, quando se tornou evidente que nenhum de nós queria se separar do outro, foi mobiliar o escritório. Agora usamos o grande espaço da biblioteca como nosso escritório duplo. A área dele ocupa muito mais espaço. Os monitores dos computadores e outros equipamentos técnicos estão distribuídos em todas as superfícies do seu lado da sala. Tenho um pequeno canto, mas isso é tudo que preciso. Trabalhamos em silêncio na maior parte do tempo, mas estamos juntos e, nesse ponto, é algo que ambos necessitamos.

Outra grande compra que fizemos juntos foi uma mesa para a cozinha e sofás confortáveis para a sala de estar. Se não soubesse como era esta casa antes, você não ficaria tão surpreso, mas, lentamente, estamos transformando esta grande casca de casa que ele comprou em uma casa para nós dois.

Tínhamos voltado a ser "nós" há três semanas, quando ele me disse para me mudar para lá. Não havia nenhum espaço para argumentos e, honestamente, não ia esboçar nenhum. Pode parecer cedo para a maioria, mas com todo o tempo que tínhamos perdido, fazia sentido para nós. Fizemos o pacto de avançar e é isso o que estamos fazendo. Juntando os pedaços que tínhamos perdido e voltando a colocá-las juntas.

Dando seguimento aos nossos sonhos.

Axel tem estado insinuando um casamento, mas não tenho certeza se estou pronta para isso, ainda. Sim, eu sei que vai acontecer e sei que vai acontecer com ele, mas só estamos juntos há pouco mais

de um mês. Inferno, ele só voltou para a minha vida há alguns meses. Sinto que precisamos de tempo. Tempo, para que, não tenho certeza, mas quando chegar o momento, saberemos.

Ele não está feliz com isso. Posso afirmar que quer estar casado comigo e que eu esteja grávida o mais rápido possível. Seu argumento, não estamos ficando mais jovens e ambos sabemos que isso vai acontecer, então por que esperar?

É a única coisa entre nós que não está resolvida.

É sábado de manhã e o Natal é daqui a duas semanas apenas. Com a mudança para a casa do Axel, perdi a minha dose diária da Dee. Tenho saudades da minha melhor amiga. Sei que está mais do que feliz por nós dois e tem estado ocupada por si mesma, mas ainda é um ajuste, deixar de depender dela para a minha felicidade e não vê-la todos os dias.

Temos planos para passar o dia fazendo compras, visitar o Sway e jantar com o pessoal no Heavy. O Axel tem alguns negócios que precisa cuidar no escritório e estará fora quase o dia todo, de qualquer maneira. Este é o dia perfeito para passar com a Dee.

Tinha acabado de me arrumar quando ouço a campainha retumbando pela casa. Termino de fechar o zíper da minha bota favorita, de couro marrom, por cima do jeans skinny e, com uma última verificação no espelho, corro pelo corredor, desço as escadas e atravesso o saguão de entrada.

Abro a porta com um grande sorriso e tenho só o tempo suficiente para me preparar antes da Dee se atirar nos meus braços.

— Amiga, senti sua falta! — Grita no meu ouvido.

— Você me viu outro dia, idiota. — Sorrio e me afasto, endireitando a blusa creme de volta no lugar, antes de olhar nos brilhantes olhos castanhos.

Minha amiga está feliz, como sempre, mas agora que *EU* sou feliz, é quase como se ela fosse explodir a qualquer momento. Sua felicidade atingiu níveis nucleares.

— Você está brilhando, Dee. Juro por Deus que um dia desses a felicidade que você carrega dentro de si vai transbordar. Como se fosse um duende enlouquecido. — Ela ri antes de me seguir através do saguão e todo o corredor, até a cozinha.

— Deixe eu pegar a bolsa e podemos ir. Quais são os nossos horários no Sway? — Pergunto enquanto procuro o celular no meio de toda a bagunça em cima do balcão. Sei que o joguei aqui ontem à noite, quando Axel e eu tínhamos chegado em casa depois do jantar. Ele praticamente me atacou quando passamos pela porta.

— Meio-dia. Disse que precisávamos, e o cito, levar nossos pequenos rabos brancos e magros até lá com tanta rapidez quanto possível, para podermos fofocar bastante. — Sua imitação do Sway é inquietante.

— Está bem, está bem. Bom, o Ax vai estar no escritório o dia todo. Ele recebeu uma ligação do Mad logo cedo esta manhã e saiu

correndo. O Beck não disse nada sobre isso? — Olho para o rosto dela, perdendo o sorriso ligeiramente, um pouco antes de ocultar rapidamente o deslize. — O que foi, Dee? Você e o Beck estão tendo problemas? — Está tendo "encontros" com o Beck há alguns meses. Pelo que eu posso dizer, isso só significava que estavam tendo relações sexuais regularmente, porque nunca saíram sozinhos.

— Ahhh... — olha para o celular tentando evitar meus olhos questionadores. — Decidimos dar um tempo.

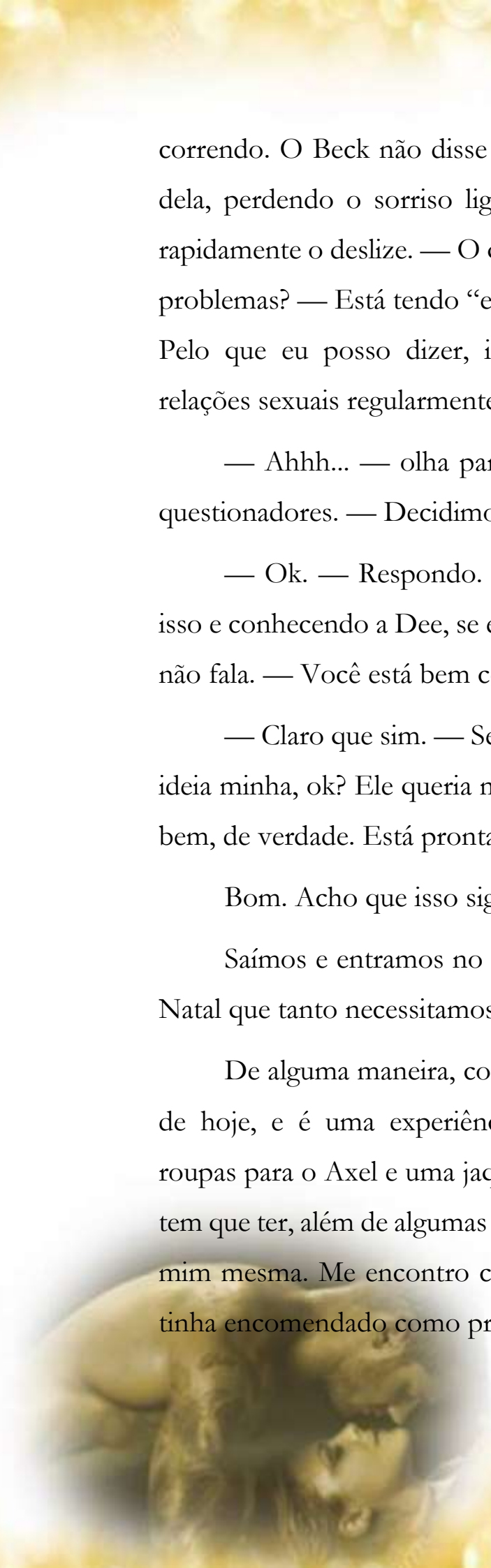
— Ok. — Respondo. Posso ver que ela não quer falar sobre isso e conhecendo a Dee, se ela não quer falar sobre alguma coisa, ela não fala. — Você está bem com isso?

— Claro que sim. — Seu rosto assume um sorriso falso. — Foi ideia minha, ok? Ele queria mais e não estou pronta para isso. Estou bem, de verdade. Está pronta?

Bom. Acho que isso significa assunto encerrado.

Saímos e entramos no Lexus da Dee para fazer as compras de Natal que tanto necessitamos.

De alguma maneira, consigo arrefecer seu ímpeto por compras de hoje, e é uma experiência quase agradável. Comprei algumas roupas para o Axel e uma jaqueta de couro negro que decido que ele tem que ter, além de algumas lingeries sensuais da Victoria Secret para mim mesma. Me encontro com o joalheiro local e pego a peça que tinha encomendado como presente de Natal para ele.



Mal posso esperar para entregar a ele. Pedi ao joalheiro para fazer um colar com uma placa de identificação. Usei o pequeno diamante do antigo anel de promessa que ele tinha me dado no dia que partiu para o campo de treinamento e gravei uma mensagem para ele debaixo da placa. Você mal podia ver o pequeno diamante até que o gravador colocou algumas marcas ao redor daquele ponto, destacando-o perfeitamente. Foi difícil me desprender desse anel. Continha tantas lembranças e promessas. Saber que o Axel abriria o seu presente e saberia o que significava aquele diamante foi a única razão pela qual fui capaz de me desfazer dele. Tinha passado horas procurando as palavras certas para gravar na placa. Finalmente havia acordado um dia e as palavras simplesmente apareceram na minha cabeça.

Quando você está comigo, sou livre.

Minha força. Meu coração. Meu tudo.

Nosso amor agora continua para sempre.

Amor Vincit Omnia

"O amor conquista tudo", é perfeito. E somos nós dois.

Axel tem sido reservado sobre o que está planejando. Foi às compras algumas vezes, mas nunca voltou para casa com qualquer coisa. Algo me dizia para esperar uma proposta e mesmo que me

assustasse um pouco porque ainda é muito cedo, sei que nunca poderei dizer não.

Ele é o meu sonho.

Ele é o meu futuro.

Está quase na hora do nosso compromisso com o Sway e estou desejando e temendo esse encontro. Só sei que quando o Sway descobrir quem é o Axel, haverá uma grande exibição.

— O que há com o grande sorriso, tonta? — Dee pergunta, interrompendo meus pensamentos.

— Nem percebi que estava sorrindo. Estava pensando em como o Sway vai reagir quando descobrir que o gigante sexy do prédio ao lado do salão de beleza é o Axel.

— Oh, meu Deus! Tinha esquecido completamente disso! Menina, isso vai ser divertido!

— Não estou brincando. Tinha esperança que ele não descobrisse, mas quando contei essa história para o Axel, ele achou que era muito engraçado para deixar passar. Ao que parece, os rapazes vão nos cumprimentar enquanto estivermos lá.

Me olha surpresa enquanto continua a dirigir até o salão. Esperava que o seu humor melhorasse, mas ela parece quase em pânico.

— Você está bem, Dee? Sei que não temos tanto tempo para conversar como antes, mas você estava tão bem na outra noite.

Um ligeiro franzido no cenho cruza seu rosto antes de desparecer completamente da sua expressão. — Estou bem. Só ocupada no trabalho.

Mentirosa. Faço uma nota mental para perguntar ao Axel se o Beck falou alguma coisa para ele recentemente.

— Está bem, mas você sabe, se precisar conversar, estou aqui. Estou sempre aqui para você, Dee. — Desde que me mudei, as coisas ficaram estranhas com a Dee. Sei que ela está feliz por mim e sei que ela gosta do Axel, mas há algo acontecendo. — Eu amo você, Dee. Odeio saber que alguma coisa está incomodando você e não quer falar.

— Não é nada. — Suspira. — Só algumas coisas na minha mente, mas preciso lidar com isso por conta própria. Prometo. — Me dá um dos seus característicos sorrisos e isso me tranquiliza o suficiente para deixá-la em paz. Por enquanto.

Paramos na frente do salão quinze minutos antes do nosso horário. Sentada na frente, olhando as linhas das empresas na calçada estreita, não posso deixar de sorrir quando meus olhos alcançam as simples palavras em negrito, "Corps Security". As janelas possuem películas, por isso não podemos ver lá dentro, mas sei que ele está lá. Meu homem está perto e, como se o meu coração soubesse, começa a disparar.

Saímos do carro e avançamos na direção do prédio. Dee está muito bonita com o jeans apertado, um suéter de manga comprida e, claro, seus sapatos com salto agulha. Ela tentou me convencer a jogar minhas roupas velhas fora, mas gosto do que me é familiar. Nunca terei seu estilo elegante, mas finalmente estava seguindo o meu.

Posso ver o Sway lá dentro, acenando para nós como um louco, através das janelas que iam do chão ao teto do salão de beleza. Ele está vestindo algo semelhante à Dee, jeans apertado e um suéter cor de rosa. Mas o seu suéter está amarrado na altura da cintura e puxado até os cotovelos. Parece uma bola de algodão doce gigante. Suas botas vão até os joelhos, mas, ao contrário da sola plana das minhas, as dele ostentam doze centímetros de salto. A longa peruca loira está presa em um rabo de cavalo elegante. Jesus, se não o amasse, ia rir.

— Ele parece tenso, hoje. — Dee ri.

Justo quando meus pés aterrissam na frente do salão do Sway, a porta da Corps se abre e o Axel está bem na minha frente. Os braços cruzados sobre o peito largo e um sorriso firme no rosto. Congelo com a mão estendida para abrir a porta e a Dee me atinge por trás.

— Oh, uau. — Eu a ouço murmurar atrás de mim. *Oh, uau*, é correto. O jeans escuro molda as poderosas coxas e a camisa verde de mangas compridas está esticada. O cabelo negro e espesso tem a mesma aparência de hoje de manhã quando tinha acabado de correr os dedos sobre ele e o segurado com força contra a minha boceta. Aqueles olhos verdes, amo tanto, tão brilhantes.

Minha calcinha fica molhada instantaneamente.

— Venha cá e dê ao seu homem um pouco de amor. — Fala entre os dentes, fazendo com que outra onda de umidade acerte a minha calcinha.

Jogo a minha bolsa nos braços da Dee e corro a curta distância até o Axel. Se inclinando um pouco, ele me segura debaixo da bunda e puxa meu corpo até o dele. Posso sentir cada centímetro duro friccionando a minha frente. Deixo escapar um gemido antes de colar meus lábios nos seus e mergulho em um dos melhores beijos da história.

Ele aperta a minha bunda antes de soltar os meus lábios e sorri para mim. — Olá, princesa.

— Olá, baby.

E então os gritos começam.

— Oh, meu Jesus, doçura. Você NÃO disse ao Sway que conhecia esta montanha de músculos, não, você NÃO disse. Santo Deus, Senhor, preciso de um banho frio depois disso, amiga. Meta a sua bundinha em uma cadeira e conte tudo ao Sway. Cada coisa deliciosa sobre ele, se entende o que quero dizer. Céus, preciso de uma bebida.

Viro a cabeça, ainda empoleirada nos braços do Axel e rio do Sway. Ele está parado na porta do salão abanando o rosto.

— Quem é esse? — Axel fala baixinho no meu ouvido para que apenas eu o ouça.

Me virando com um sorriso brilhante, digo: — Esse é o Sway.

— Não sei se devo rir ou correr. — Ele ri.

— Eu correria, enorme e maravilhoso espécime. — Sway grita por cima do meu riso. — Oh, meu Deus, eu correria. De fato, tire essa camisa quando o fizer... Senhor, sim!

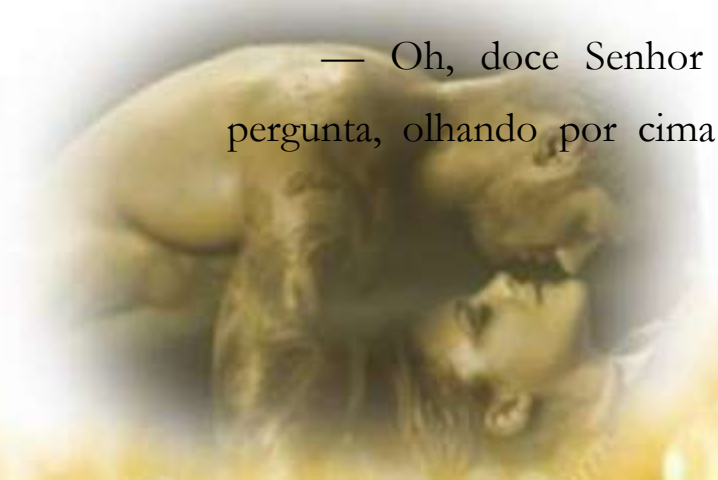
Rio ainda mais e quase caio dos seus braços. Quando finalmente me controlo, vejo seu rosto sorridente. Seu sorriso é tão grande e seus olhos estão cheios de amor. — Amo ouvir você rir, princesa. O som mais bonito do mundo.

Ele me abaixa suavemente e estende a mão para o Sway. — Holt Reid, prazer em conhecê-lo.

— Oh, querido, o prazer é todo meu... todo meu. Sway é o meu nome, mas você pode me chamar do que quiser. — Coloca a mão delicadamente na enorme mão do Axel e faz uma reverência. Desta vez, Dee se junta a mim e nós rimos das palhaçadas do Sway. Ver estes dois juntos é uma das coisas mais engraçadas que eu já vi em algum tempo. Axel é masculinidade pura e crua em seu um metro e noventa e o Sway todo baixinho e roliço enfiado nas roupas de mulher apertadas, parece ridículo ao lado dele.

— Ei, Reid... vamos terminar essa merda ou você planeja ficar aqui o dia todo, caralho. — Ouço o tom de barítono profundo do Greg chamando do interior da porta aberta atrás do Axel.

— Oh, doce Senhor dos céus... existem mais? — Sway pergunta, olhando por cima do ombro, o longo rabo de cavalo



açoitando o peito do Axel. Não consigo responder porque o olhar de horror no rosto do Axel me deixa alterada novamente.

— Vamos Sway, vamos dar umas risadas lá dentro. — Dee fala com uma risada suave. Ela me empurra e cambaleio para o lado antes de me recompor. — Se você não me ajudar a tirá-lo daqui antes que o resto deles resolva desfilar aqui fora, poderemos ficar aqui por um bom tempo. Ele está ofegante, Iz.

— De acordo, Sway. Sonhe com o meu homem mais tarde. Te amo, baby. — Falo por cima do ombro, enquanto escoltamos o Sway de volta para o seu salão de beleza.

— Oh, Izzy, menina como você o deixa se vestir. É uma pena, oh, é uma vergonha deixar que esse homem coloque roupas.

O resto da nossa viagem acaba mais ou menos igual. Sway não cala a boca por um segundo e realmente enlouquece quando vê o Greg e o Maddox andando, pelas janelas da frente. Ambos acenam para a Dee e eu. Sway começa a saltar e segue reclamando e reclamando durante o resto do nosso encontro sobre a injustiça que é nenhum daqueles "pedaços de carne sexy com pernas" ser gay.

Quando (finalmente) terminamos com o Sway já são quase cinco horas. A caminhonete do Axel ainda está lá na frente, então a Dee e eu caminhamos até o escritório. A área de recepção é decorada em preto e cinza. Há um balcão de recepção no meio com o logotipo "Corps Security" no centro da parede atrás dele, em grandes letras

maiúsculas. O escritório é simples, mas profissional. Sorrio para a Emmy, a secretária, e pergunto se o Axel está ocupado.

— Não, ou pelo menos não estava há um segundo atrás. Estava ansioso para você terminar na porta ao lado, mas, aqui entre nós, ele estava com muito medo daquele rapaz loiro para ir checar.

Gosto da Emmy, tem uma voz suave e é um pouco tímida, mas, de acordo com o Axel, não seria capaz de dirigir esse lugar sem ela. Ela tem cerca de vinte e cinco com longos cabelos loiros, olhos castanho-claros e um rosto cheio de sardas. Ela é a imagem perfeita da *garota da casa ao lado*[6]. Não posso deixar de notar que toda vez que todos os caras estão por perto, ela é silenciosa, mas seus olhos estão sempre seguindo o Maddox.

— Se importa se eu entrar? — Pergunto.

— Vá em frente. Beck e o Coop estão por aí. Greg e o Locke saíram há algum tempo atrás. — Não posso evitar de sorrir quando ela cora. Sim, esta menina tem uma queda pelo Maddox.

— Vou esperar aqui. — Dee fala. Olho para ela e seu olhar está inexpressivo e as paredes estão levantadas. Definitivamente, há alguma coisa acontecendo com ela e aposto que tem tudo a ver com o Beck.

— Tudo bem, já volto.

Caminho pelo longo corredor em busca do Axel. Passando as várias portas abertas dos escritórios dos outros caras antes de alcançar

[6] Garota da casa ao lado: é o estereótipo de uma garota ou mulher linda, generosa, modesta e honesta.

o meu destino, não posso deixar de sorrir para o sucesso que o Axel se tornou. Sempre soube que ele estava destinado à grandeza.

Vozes altas e enfurecidas chegam aos meus ouvidos antes que eu possa bater na porta do Axel, fazendo com que eu pare.

— Que diabos quer dizer com "não conseguiu encontrar o filho da puta"? — Fala em um tom baixo e letal. Aquele que significa que perdeu toda a paciência. Oh, oh.

Silêncio. — Ele o quê? — Silêncio. — Porra! Não, não quero que você se sente lá e fique jogando, idiota. Encontre-o. Quero saber onde está esse bastardo. — Um pouco de silêncio se segue e muito mais do Axel gritando antes de finalmente bater o telefone no gancho. Espero um pouco mais antes de abrir a porta com um golpe suave.

Seu olhar enfurecido me atinge e a tensão é tão espessa que não posso evitar dar um passo para trás, até o corredor. Deixo escapar um pequeno grunhido quando minhas costas atingem alguém parado atrás de mim. Ao me virar, vejo o Coop e o Beck parados no corredor. Os olhos normalmente brincalhões do Coop estão duros e determinados. Beck não parece com o cara despreocupado ao qual estava acostumada.

— Tudo bem? — Questiono.

Os rapazes compartilham um olhar aguçado antes do Axel me responder e quando olho para ele novamente, já mascarou cuidadosamente sua fúria.

— Sim, princesa. Venha cá, e Coop? — Olha por cima do meu ombro com o cenho franzido. — Tire suas mãos da minha mulher, caralho.

Deus, adoro quando ele fica todo possessivo.

Coop ri, me envolve em um grande abraço e beija a minha bochecha, ganhando um profundo grunhido de advertência do Axel.

— Você se dá conta que ele está armado, certo, seu idiota? — Beck pergunta com um sorriso.

Armado?

Olho para o Axel e não noto nada fora do comum.

— Coldre preto, pendurado atrás da cadeira. Meu palpite é que ele tem, pelo menos, cinco facas com ele neste momento e uma arma no tornozelo. — Coop sussurra quando percebe minha pergunta silenciosa.

— Três, e nenhuma arma no tornozelo, hoje. — Axel diz com um brilho malvado nos olhos.

Oh, cara.

— Certo, bem, se vocês dois terminaram de mijar por todo o piso, estão prontos para ir? Dee está na recepção e estamos prontas enquanto vocês enrolam. — Me aproximo e lhe ofereço um beijo rápido, sabendo que se não começássemos a nos mexer, não conseguiríamos jantar por um bom tempo.

— Já vou terminar aqui. Preciso passar algumas informações para esses dois idiotas e logo podemos sair. Espere com a Dee na

recepção. — Posso afirmar que se refere a negócios; o que quer que seja que tinha ouvido antes estava começando a pesar o ar novamente com o seu humor.

— De acordo, baby. — Com mais um beijo, deixo o escritório e fecho a porta atrás de mim.

Me sacudo para melhorar o meu estado de espírito e continuo pelo corredor. Sei que eles não lidam com pequenas coisas aqui e, o mais provável, o que quer que o tenha deixado irritado é apenas um problema normal em suas operações diárias.

Com um sorriso, caminho de volta até a recepção e me sento com a Dee e a Emmy. Antes de me dar conta, estamos em um acalorado debate sobre os prós e os contras do *sexting*[7]. Faço uma nota mental para enviar ao Axel algumas imagens graciosas na próxima vez que ele vier para o escritório.

O Heavy's está abarrotado no momento que chegamos lá. O sábado é, normalmente, uma grande noite para eles, mas hoje à noite eles estão arrasando. Maddox e Greg chegaram antes de nós e conseguiram uma mesa. Tínhamos convencido a Emmy a se juntar a nós e, no momento em que todos chegaram, já estávamos ruidosas e agitadas.

Estamos sentados no canto de trás, todos os oito espremidos em torno de uma pequena mesa. Comida e cerveja estão por toda a

[7] Junção de sex e texting, um analogismo para se referir ao envio de conteúdos eróticos por meio de celulares.

superfície. Estamos rindo e desfrutando ótimos momentos nas últimas duas horas. Uma vez que o jantar acaba, o Axel me puxa para o seu colo e começa a sussurrar no meu ouvido todos os tipos de coisas pervertidas que ele pretende fazer comigo mais tarde. Estou tentando prestar atenção aos amigos que nos rodeiam, mas a única coisa na qual consigo pensar é voltar para casa.

— Que porra é essa? — Ouço a Dee ofegar através do rock que retumba no bar. Tive que me esforçar para clarear a mente, entre o desejo pelo Axel e a cerveja, não estava conseguindo seguir sua súbita mudança de humor. Ela está olhando fixamente para o outro lado do salão, onde o Beck e o Coop estão no bar, pegando mais canecas de cerveja. Coop está flertando com a atendente, mas o Beck está com a língua enfiada na boca daquela que costumamos chamar de Vagabunda Insuportável. Frequentadora habitual do bar e um lixo completo. Esse, tampouco, era o estilo habitual do Beck. Não é preciso ser um gênio para se dar conta que isso era para irritar a Dee.

— Aquele pequeno filho da puta idiota. Espero que o seu pau apodreça e caia. — Ela grita no meu ouvido. Axel começa a tremer com a risada antes que eu dê uma cotovelada nas suas costelas. Eu lhe dou um olhar duro antes de observar a Dee. Agora que o álcool a relaxou, posso ver que sob a raiva há dor.

Alguma coisa tinha acontecido entre ela e o Beck.

Antes que eu possa abrir a boca e lhe perguntar o que está acontecendo, ela está de pé e caminhando na direção do bar.



— Oh, oh, parece que o drama está prestes a começar — Greg grita outro lado da mesa, ao lado do Maddox e da Emmy. Emmy, que está com os olhos arregalados e um pouco intimidada pelo nosso grupo indisciplinado.

— Qual é o problema dela, Iz? — Ele pergunta.

— Não tenho a mínima ideia. Não falou sobre isso. Pensei que eles estavam passando um tempo juntos?

— Não, desde o último final de semana. Não sei os detalhes, mas ele apareceu na minha casa, chateado pra caralho e ansiando por uma briga.

Todos observamos enquanto a Dee caminha até o bar e agarra a Vagabunda Insuportável pelas raízes do cabelo loiro mal tingido, afastando-a do abraço do Beck. Não consigo ouvir as palavras, mas seu rosto parece horrível. Não creio que já tenha visto tanto ódio como o que está saindo da minha pequena bola de alegria. Que diabos?

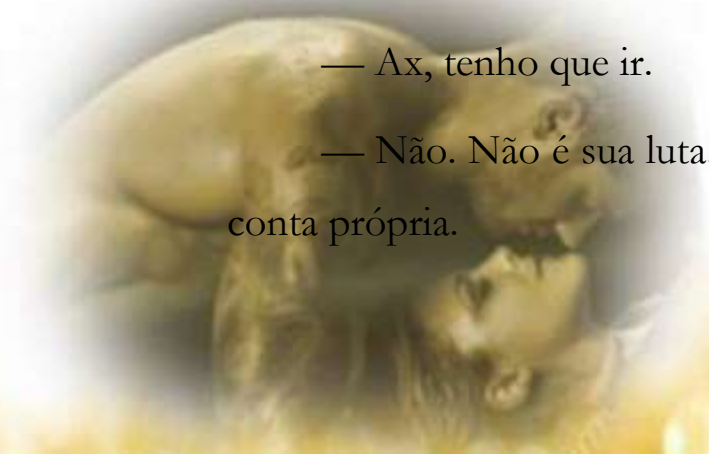
Faço um movimento para sair colo do Axel e ir ajudá-la, mas ele aperta os braços em volta da minha cintura.

— Não.

Uma palavra, mas sem espaço para discussão. Não vai me deixar meter a colher.

— Ax, tenho que ir.

— Não. Não é sua luta. Eles precisam resolver essa merda por conta própria.



Observamos por mais alguns segundos. Para o meu fascínio, Dee usa todas as suas forças em um movimento que deixaria orgulhoso qualquer cara durão. Leva a mão para trás e, literalmente, lança a mulher do outro lado da sala. Acho que todos na mesa estão chocados, mas logo ela fica cara a cara com o Beck, dá alguns golpes com o dedo no peito dele e fala um monte de palavras, antes dele lhe dar um sorriso selvagem. Ela inclina a cabeça para o lado e grita bem alto quando ele salta para a frente e a joga sobre o ombro.

Antes que algum de nós possa piscar, eles saem pela porta.

— Que diabos acabou de acontecer? — Pergunto.

— Oh, meu Deus. — Emmy suspira.

Maddox fica em silêncio, mas o Greg solta uma gargalhada alta.

— Princesa, isso que é o que acontece quando fazem merda e cadelas agem como cadelas. — Me viro para o Axel e lhe dou um olhar duro. Ele tira os dois braços do meu corpo e os levanta em sinal de rendição.

— Cala a boca. Ela vai ficar bem? — Pergunto, sem brincar.

— Claro, baby. Meu palpite é que ela simplesmente vai estar bem fodida amanhã de manhã.

— Algo assim. — Coop fala enquanto desliza no assento que era ocupado pela Dee. — Isso foi uma merda louca! Quem imaginaria que senhorita líder de torcida tinha isso dentro dela!

Todos os caras riem, mas não posso evitar de me preocupar que a Dee possa estar perdidamente apaixonada pelo Beck.

A noite continua com mais cerveja, boa comida e um monte de risadas. Até a Emmy começa a sair um pouco da sua concha, ainda que, com um olhar para o Maddox, está de volta a ela. Axel começou a deslizar as mãos pelas minhas pernas trinta minutos atrás e estou a ponto de explodir.

— Quase pronta, princesa? — Ele diz contra o meu pescoço, mordendo a pele suavemente, antes de me deixar virar a cabeça. — Se você disser que não, posso não ser responsável por minhas ações. Estou tão duro agora mesmo, que estou pronto para jogá-la em cima da mesa e tomá-la na frente de todo mundo.

Me levanto.

— Vamos.

Ele sorri e rapidamente nos despedimos antes de irmos para casa.

Não conseguimos dar dois passos dentro de casa antes de me ter contra a parede, gritando de prazer.



Capítulo 19

Oh, Deus. Viro a cabeça no travesseiro e solto um gemido alto. Meu estômago revira quando sinto o Axel se mover ao meu lado.

— Está tudo bem? — Ele pressiona, esfregando a mão pelas minhas costas nuas.

Balanço a cabeça. Que não faz nada além de fazer o meu estômago protestar.

— Você não bebeu muito, baby, o que está te deixando mal?

— Estômago — sussurro.

Oh, merda. Salto da cama, corro nua pelo quarto e caio estrepitosamente no chão em frente ao vaso sanitário. Tudo que ingeri ontem à noite vem correndo para cima. Sinto o Axel chegar atrás de mim e recolher o meu cabelo antes de pressionar um pano frio no meu pescoço.

— Coloque tudo para fora, princesa. Sabia que todo aquele churrasco ia te fazer mal.

— Cala a boca. — Resmungo antes de vomitar mais um pouco. Não há mais nada no meu corpo, mas meu estômago segue revirando. Só o pensamento de todos os alimentos que consumi ontem à noite, faz com que mais arquejos se avolumem no fundo da minha garganta.

Axel fica comigo até que me sinto bem o suficiente para me levantar. Escovo os dentes e deixo o Axel me carregar de volta para a cama.

— Melhor? — Pergunta, a preocupação claramente bailando no seu rosto.

— Sim, estou bem. Acho que aquelas duas últimas porções na noite passada não foram a decisão mais sábia, não é? — Me oferece um sorriso fraco antes de beijar a minha testa e levantar da cama. Pela primeira vez em meses, a visão do seu corpo nu não me dá ganas de querer saltar sobre ele, imediatamente. Não, não hoje.

— Vou providenciar umas torradas, ok? — Pergunta. Posso afirmar que está prestes a enlouquecer, está bastante preocupado que algo esteja errado.

— Estou bem, baby. Só alguma coisa que comi ontem à noite que não caiu bem. Estou bem. — Ofereço um sorriso débil antes de afundar o rosto no travesseiro dele e inspirar seu cheiro. Meus nervos se acalmam instantaneamente.

Fica parado ao lado da cama por alguns minutos para se certificar que estou bem antes de sair. Eu o ouço vasculhando o armário, suponho que para arranjar alguma coisa para vestir.

— Já volto, princesa.

— Ok — murmuro, já caindo na inconsciência.



Axel volta depois de alguns minutos carregando uma bandeja com torradas e um *ginger ale*[8]. Sorri timidamente para mim quando olho para ele.

— Deus, eu te amo. — Digo.

— Também te amo, princesa. Como está o estômago?

— Melhor. Pelo menos, não está protestando diante da visão dos alimentos.

Ficamos sentados por um tempo e, lentamente, como o café da manhã. Tudo parece estar bem e posso ver a preocupação começar a sair dos olhos do Axel.

— Quais são os seus planos para hoje? — Ele pergunta, zapeando pelos canais de notícias locais.

— Não muito, apenas me colocar em dia com alguns clientes que precisam de algumas coisas. — Na verdade, tinha planejado terminar de embrulhar os seus presentes, mas ele não precisava saber disso.

— Preciso te dizer uma coisa e não sei como você vai lidar com isso.

Não gosto do tom da voz dele. Coloco a bandeja sobre a mesa ao lado da cama e me viro para olhar para ele.

— Está bem... estou escutando. — Já posso dizer que não vou ficar feliz pela maneira como ele segue me olhando com medo.

[8] Ginger ale é um refrigerante feito com gengibre, conhecido por sua eficiência em combater problemas estomacais, entre outros.

— Axel? — Eu o incentivo.

— Ok. Então, quero que você lembre que tudo o que eu faço é para protegê-la. Entendido?

Aceno com a cabeça, estreitando os olhos.

— Certo. Eu mantive os rapazes rastreando aquele filho da puta por um tempo. Até agora, não tínhamos nenhuma pista para avançar, até a semana passada, quando o Locke finalmente encontrou algumas irregularidades nos relatórios da companhia. — Vou interrompê-lo, mas ele apenas balança a cabeça. — Não me pergunte como conseguimos isso; você não precisa saber os detalhes. De qualquer forma, ele estava passando um pente fino nos relatórios dia e noite e, finalmente, juntou todas as peças. Baby, é grave. Ele está roubando milhares, estou falando em centenas de milhares, bem debaixo do nariz do velho. Dois dias atrás, Locke seguiu essa pista direto para os bolsos do Brandon. Encurtando a história, o Locke enviou um belo pacote para o bom e velho papai descrevendo e mostrando todas as provas. A última notícia que recebi do cara infiltrado lá dentro, foi que o velho ficou louco de raiva. Ele chamou a polícia e os juízes fixaram uma fiança para o Brandon. — Ele estuda o meu rosto, buscando qualquer sinal de descontentamento por ter ignorado o meu desejo de simplesmente deixá-lo para lá. Não vai encontrar nenhum. Tão chateada como estou por se meter com o Brandon, sei porque fez isso, e até mesmo o respeito por isso.



— E... — adiciono. — Sei que há mais coisas, Axel, ou você não estaria compartilhando isso comigo. — Meu tom é neutro, mas meu corpo está rígido.

— Tinha um cara atrás dele, não um dos nossos homens, mas um que conheço e confio. O Brandon, neste momento, está desaparecido. A polícia está procurando por ele; os rapazes também estão procurando por ele. Eu estou procurando por ele. Ele não vai conseguir se esconder de mim. Me ouça, baby, vou encontrar esse merda. Mas preciso que você esteja a salvo. Fique em casa esta semana, ok? Sei que não está feliz sobre isso, mas tem que ser assim.

Estendo a mão e agarro a dele, lhe dando um pequeno aperto. — Entendo. Não estou chateada. Um pouco, talvez, mas entendo a sua preocupação. Para ser honesta, não creio que me sentiria segura sabendo que ele está solto por aí. — Dou um pequeno sorriso, notando que as linhas de preocupação deixaram o seu rosto.

— Eu vou encontrá-lo. — Uma ameaça. Não haverá nenhuma misericórdia da parte deste homem, se ele colocar as mãos sobre o Brandon.

Me acomodo ao seu lado e passamos o resto da manhã na cama, assistindo televisão e simplesmente desfrutando o fato de estarmos juntos.

O resto do dia passa sem incidentes. Faço os afazeres domésticos e recupero o atraso no trabalho com algumas coisas que posterguei durante a semana.

Estou ligando para a Dee o dia todo, mas até agora não tenho notícias dela. Axel me disse para dar a ela um dia, o mais provável é que não consiga nem pegar o celular, de qualquer maneira. Ele tenta ligar para o Beck quando não desisto, mas só cai na caixa postal. Com um sorriso e um encolher de ombro, deixo para lá. Decido aceitar o seu conselho e deixar ela me ligar quando estiver pronta.

Ainda não estou me sentindo normal, assim terminamos a noite vendo filmes na cama antes de dormir.

Segunda de manhã começa muito parecida com a manhã anterior. Axel me deu um beijo antes do sol sair e me diz que precisa ir até o escritório por algumas horas, mas estará de volta para o almoço.

Me virando devagar, tento acalmar o estômago, mas sou malsucedida e corro para o banheiro poucos minutos depois. Passo os próximos trinta minutos vomitando, antes de conseguir rastejar de volta para a cama. Deriva em um sono agitado, não muito depois da minha cabeça bater no travesseiro.

Desperto em choque quando um calafrio sobe pela minha espinha. Jogo os lençóis para longe, corro pelo corredor e as escadas antes de entrar no escritório. Pegando a minha agenda, começo a fazer algumas contas na minha cabeça. Não demora muito tempo antes de estar caindo pesadamente na cadeira do escritório.

Puta merda. Não pode ser.

Fico sentada lá, olhando pela janela em frente à minha mesa; observando as árvores balançarem com a brisa e a água do lago ondulando com o vento. Faz sentido. Tinha sido na semana após o ataque em minha casa. Me lembro de ter tomado a pílula todos os dias, pontual como um relógio, mas também estava tomando alguns antibióticos fortes.

Puta merda. Apoio a testa na mesa por alguns minutos e me permitir alguns segundos para surtar.

Pego o telefone na mesa e tento ligar para a Dee novamente, mas não tenho sorte. Ainda é cedo, então deixo uma mensagem para ela me ligar assim que possível. Desligo a chamada antes de pegar o telefone novamente e ligar para o meu médico, marco uma consulta para daqui há algumas horas a partir de agora.

Com as pernas trêmulas, subo novamente as escadas e me arrumo rapidamente. Nem sequer me preocupo com cabelo ou maquiagem. Coloco um jeans e uma camiseta antes de sair correndo porta afora.

Chego no médico às nove e meia e rapidamente registro minha entrada. Não preciso esperar muito tempo antes do meu nome ser chamado. Sigo as instruções da enfermeira, depois sento, espero e enlouqueço silenciosamente.

Uma hora mais tarde, está confirmado.

Estou grávida.

Puta merda, estou grávida.



— Quando foi o seu último ciclo menstrual, Srta. West? — O médico pergunta.

— Humm... não lembro. Acho que foi em outubro, início de novembro, talvez? — Não faço ideia. Ainda estou em choque. — Não me lembro. Sinto muito. — Murmuro sem convicção.

— Está tudo bem, querida. Vamos descer para a sala de ultrassom para dar uma olhada, ok?

Não respondo. Apenas sigo atrás dele enquanto me guia até um aposento mal iluminado.

— Esta é a Jane. Ela vai fazer o seu ultrassom, querida. Podemos conversar quando ela acabar. — Oferece um sorriso amável antes de sair da sala.

Viro o olhar chocado para a Jane. Ela parece a enfermeira Hatchet[9].

— Tire a roupa da cintura para baixo. Coloque o lençol sobre os quadris. Eu já volto. — E logo desaparece.

Sigo suas instruções e cautelosamente me sento na beira da mesa de exame. Meu coração parece que vai pular do peito. Não tenho a mínima ideia de como o Axel vai lidar com isso. Além da breve conversa no cais aquele dia, não tínhamos conversado mais sobre crianças. Sabia que ele ainda estava tendo problemas com a

[9] Personagem fictício e principal antagonista do livro de Ken Kesey, Um estranho no Ninho, que deu origem ao filme de mesmo nome.

perda do nosso primeiro filho, o filho do qual não sabia até pouco tempo atrás, mas isso era diferente.

Este é o nosso novo começo. Este é o nosso novo começo. Coloco as mãos sobre o estômago protetoramente.

Um bebê. Vamos ter um bebê. Me permito um pequeno sorriso, mas tiro as mãos de cima da barriga quando um breve golpe soa na porta e a Jane entra.

Desliza um preservativo sobre a sonda e me pede para abrir as pernas. Empalideço, mas faço o que ela pede. Depois de um impulso desajeitado e lento, olho para o monitor e observo fixamente e com fascinação quando o minúsculo ponto granulado aparece.

— Bem, lá vamos nós. — Ela diz e, pela primeira vez, soa quase doce. — Esse ponto é o feto. Parece que tem umas cinco ou seis semanas, no máximo, assim podemos calcular a data do parto para três de agosto, aproximadamente. — Imprime uma pequena imagem do pequeno bebê e a coloca nos meus dedos chocados.

Me visto rapidamente, sem tirar uma única vez os olhos da imagem do nosso bebê.

Nosso bebê. Ali, no meio da sala de ultrassom, um sentido amplo de paz se instala ao meu redor. Axel e eu vamos ter um bebê e mal posso esperar para compartilhar a notícia. Estou com medo, mas sei, no fundo do meu coração, que ele vai ficar feliz. Colocando as mãos novamente sobre a barriga lisa, prometo proteger este pequeno grãozinho de feijão com todas as minhas forças.

Este bebê já é tão amado. O amor transborda do meu corpo e eu estou andando nas nuvens.

Paraíso. Paraíso absoluto. Isto é o que se sente ao ter o mundo.

Chego em casa um pouco antes do almoço, escondendo rapidamente a imagem do ultrassom até encontrar o momento perfeito para contar ao Axel. Tem que ser especial. Ele não estava lá da última vez; nunca chegou a experimentar o choque e a alegria de descobrir que vai ser pai. Mal posso esperar para vivenciar isso com ele, desta vez. Faltando apenas uma semana para o Natal, já sei o momento perfeito para contar para ele.

Axel chega em casa logo depois de mim. Desfrutamos de um ótimo almoço antes dele me levar para cima, para a sobremesa.

Amo a sobremesa da tarde com o Axel.

Felizmente, para mim e para a minha expectativa, o resto dos dias antes do Natal passam com o Axel tentando, sem sucesso, localizar o Brandon. Não estou focada nisso agora, porque sei que amanhã estarei compartilhando as boas novas com o Axel.

É véspera de Natal e decidimos passar a noite em casa assistindo filmes antigos. Finalmente consegui falar com a Dee dois dias atrás. Basicamente, tem estado desaparecida desde que o Beck a carregou para fora do bar. Parecia chateada e, posso afirmar, frustrada. Fizemos planos para trocar nossos presentes amanhã, mas isso era tudo.

Durmo com um sorriso no rosto e borboletas na barriga. Amanhã é o dia em que um dos nossos sonhos vai se transformar em realidade.

— Bom dia, princesa, Feliz Natal. — Ouço o sussurro suave no meu ouvido, seguido por um beijo leve atrás da minha orelha. — Hora de acordar. Café da manhã e Papai Noel. — Ele diz com um sorriso.

— Se você está brincando de ser o Papai Noel, posso sentar no seu colo primeiro? — Respondo, me virando e esfregando os mamilos latejantes contra o seu peito. Ele deixa escapar um gemido antes de levar os lábios até os meus. Deposita beijos suaves e mordisca o meu pescoço e a minha clavícula, então desliza a língua até a ondulação do meu seio antes de tomar um mamilo dolorosamente duro na boca. Chupa profundamente e rodeia o pequeno botão com a língua. Levanta a mão e aperta o outro mamilo entre os dedos. Sinto a sensação por todo o corpo.

— Quão pronta para mim você está, princesa? É a sua boceta doce já está gotejando para mim? Implorando pelo meu pau? — Arrasta a mão pelo meu estômago e a pele ultra sensível grita pelos sentimentos que só ele pode me fazer sentir. — Humm, princesa? Quer que eu te faça gritar pra caralho?

— Oh, sim, por favor, Axel, por favor... eu preciso de você, muito. — Imploro. Minha boceta está implorando para ser preenchida, preenchido e fodida com força.

— Jesus Cristo, Izzy, você está encharcada. — Ele levanta a mão e posso ver meus fluidos brilhando nos seus dedos. Lambe os dedos antes de tomar a cabeça pulsante na mão e esfregá-la contra o meu clitóris. Os choques mais requintados disparam através do meu núcleo. Meu ventre se contrai e solto um gemido alto, descaradamente. — Minha garota quer o meu pau, não é? — Ele fala. Aceno com a cabeça, falar está além das minhas forças, agora. Posso sentir as garras do orgasmo subindo pela minha espinha; cada centímetro da minha pele está em chamas.

Sinto a cabeça larga alongando a minha entrada antes de me penetrar com um impulso lento.

— Oh, meu Deus! — Grito e aperto o seu pau.

Ele geme e se mantém quieto e imóvel. — Baby, você tem que parar ou vou gozar agora, porra, sua boceta ama apertar o meu pau. — Deixa cair a cabeça no meu pescoço e respira profundamente várias vezes antes de mover os quadris. Começa lento, aumentando a fricção até que quase não consigo aguentar mais e aumenta a velocidade gradualmente. Antes que eu perceba, estou gritando seu nome e ele está golpeando o meu corpo. Abaixa as mãos e levanta os meus quadris para responder cada um dos golpes poderosos. Minhas mãos serpenteiam pelo seu corpo e minhas unhas cravam a pele dele, antes de jogar minha cabeça para trás e gritar. Juro que a casa está caindo ao nosso redor, as luzes estão explodindo e o mundo está tremendo. Com mais um impulso poderoso, sinto os jatos quentes do seu orgasmo enchendo o meu corpo.

Ficamos deitados por um tempo enquanto nossos corpos retornam à Terra.

Deslizo os braços pelas suas costas suadas e beijo o seu rosto. — Feliz Natal, porra. — Sussurro, desfrutando a sensação do seu pau semiduro se movendo dentro de mim enquanto ele dá uma gargalhada. Os tremores seguem atravessando o meu corpo.

— Feliz Natal, caralho, é correto, princesa.

Ele sai lentamente de mim e nós dois deixamos escapar uma enorme exalação diante da perda um do outro. Me limpa rapidamente antes de se vestir e caminhamos até a sala de estar, onde montamos nossa árvore de Natal.

Me ocupo fazendo o café da manhã, enquanto ele arruma a sala de estar. Ele começa a pegar caixas em todas as partes da casa e depois, com um sorriso malicioso, se junta a mim na cozinha.

— De onde saiu tudo isso? — Pergunto com admiração.

— Andei ocupado, baby — fala enquanto se sentar e começa a comer suas panquecas.

— Obviamente. — Sorrio e me junto a ele, comendo rapidamente para podermos começar a abrir os presentes.

Ele não para de sorrir durante todo o tempo que comemos e quando terminamos de comer ostentamos sorrisos ridiculamente felizes.

Começamos com os meus presentes. Os pequenos, a princípio, alguns programas novos de design para o meu computador que eu

tinha andado procurando, brincos, algumas coisas que havia pedido para a casa e, finalmente, um grande pacote plano que é puxado de trás da árvore. Olho para ele com um olhar inquisidor e ele simplesmente aponta para o pacote. Me levanto da cadeira na qual estava sentada e começo a puxar cuidadosamente o papel. Quando finalmente o tiro, noto que estou olhando para a parte de trás de uma tela grande de algum tipo. Ele está olhando para mim com paciência, mas também com um pouco de medo. Franzo a testa para ele antes de virá-la.

Quando vejo a imagem que olha para mim quase enlouqueço. É linda. A antiga eu teria olhado para esta imagem, como fiz tantas vezes ao longo dos anos, e deixado as memórias dolorosas me consumirem. Mas, agora, com o Axel ao meu lado consigo olhar para ele e sorrir. Consigo olhar para esta imagem e ver o amor esmagador que as duas crianças tinham uma pela outra.

— É impressionante, Axel. Amei. — Minhas palavras são tão suaves que são quase inaudíveis.

— Não está chateada, certo? Você trouxe essa caixa de fotos há algumas semanas e eu tive a ideia. — Ele parece estar pisando sobre ovos, preocupado que eu não tivesse gostado, ou pior, que me fizesse sofrer.

— Deus, não. É perfeito. — E é.

A foto é do Axel e eu no dia em que ele partiu para o centro de treinamento. Ainda me lembro do dia em que a minha mãe a trouxe



da loja. Ela tinha um sorriso no rosto e lágrimas nos olhos. Meus pais a tinham emoldurado e entregue para mim no mesmo dia.

Na foto, Axel estava pendurado para fora da janela do ônibus, uma mão apoiada na moldura da janela, a outra esticada para baixo, segurando a minha. Só dava para ver os ombros largos vestidos com a roupa camuflada e a cabeça recém-raspada. Ainda me lembro de haver cortado o cabelo sedoso na noite anterior à sua partida. Estava na ponta dos pés, me esticando tão alto quanto podia até os seus lábios, à espera de um doce beijo. Tinha comprado um vestido de verão amarelo claro para usar naquele dia e moldava graciosamente o meu corpo jovem.

Havia tanto amor, promessa e tristeza naquela foto. Somos nós. É o nosso passado e o nosso futuro, e é absolutamente perfeita.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, me inclino cuidadosamente contra a parede antes de jogar meus braços em volta do seu pescoço e salpicar o rosto dele com beijos. — Eu amei, Axel. É o melhor presente que já recebi. Eu te amo tanto.

— Eu também te amo, princesa. — Ele me beija suavemente e envolve os braços em torno das minhas costas, me puxando firmemente contra o seu corpo.

Ficamos assim durante um segundo, mergulhando na alegria pacífica que permeia o ar.

— Minha vez? — Pergunto contra o seu pescoço.



— Ainda não, princesa. Tem mais um. — Afrouxa o abraço, coloca meus pés de volta no chão e dá um passo para trás. Enfia a mão no bolso e tira uma pequena caixa azul antes de cair sobre um joelho na minha frente. As lágrimas que haviam parado, estão de volta repentinamente.

Oh. Meu. Deus.

— Izzy, desde o primeiro momento em que nossos olhos se encontraram, soube que você seria minha para sempre. Não houve um dia em que você não teve o meu coração. Tudo o que já fiz na minha vida foi com você em mente, mesmo quando achei que esse momento nunca iria chegar, foi tudo pelo qual eu rezei. Podemos não ter percorrido o caminho mais fácil para chegar até aqui, mas sei que, de hoje em diante, farei tudo ao meu alcance para garantir que não seja outra coisa além da perfeição. A felicidade e o amor que merecemos, baby. Me daria a honra de se tornar minha esposa? — Quando ele termina, mal posso vê-lo através das lágrimas que se reúnem em torno dos meus olhos, nublando a minha visão antes de caírem pelo meu rosto.

— Sim. Sim, um milhão de vezes! — Grito e caio no chão na frente dele, jogando meus braços em volta do seu pescoço e o beijando com muito amor e exuberância. — Sim! — Grito, jogando a cabeça para trás e sorrindo amplamente.

Ele ri e abre a caixa. No seu interior há um anel deslumbrante. Um enorme diamante redondo no alto de uma faixa de platina. Em



cada lado da pedra central há três fileiras com mais diamantes, a linha central sendo ligeiramente maior do que as duas de fora.

É o mais belo anel que já vi na minha vida.

Ele o desliza pelo meu dedo e leva minha mão até os seus lábios para lhe dar um beijo suave.

— Finalmente vai ser minha esposa. — Ele diz contra a minha mão, o hálito quente fazendo cócegas na pele.

— Finalmente vai ser meu marido. — Retribuo o sorriso.

Eu lhe dou outro beijo antes de me afastar e olhar para a minha mão.

Não posso deixar de pensar, finalmente, finalmente, FINALMENTE.

— Ok, vai ser difícil superar isso. — Ele oferece um sorriso arrogante antes de caminhar e se estatelar na cadeira da qual eu tinha acabado de sair.

— Oh, sim, princesa. De maneira nenhuma você vai conseguir superar isso. — Ele responde apontando para a minha mão.

Sorrio para mim mesma e começo a lhe entregar as caixas. Ele ri quando chega na lingerie da Victoria Secret.

— Grandes mentes pensam igual. — Rimos juntos e ele coloca a caixa de lado.



Entrego a caixa com a placa de identificação e observo seu rosto quando ele a abre. Ele fica parado por um longo tempo, apenas olhando para dentro da caixa.

O rosto vazio de emoções.

— Jesus — ele engasga. — Izzy, princesa, isso é incrível. — Olha para ela por mais alguns minutos e me pergunta o que significa a frase no final.

— O amor conquista tudo. — Respondo com um sorriso.

Toca o colar ligeiramente com as pontas dos dedos e percebe o diamante pela primeira vez. — É aquele... — ele fica sem voz.

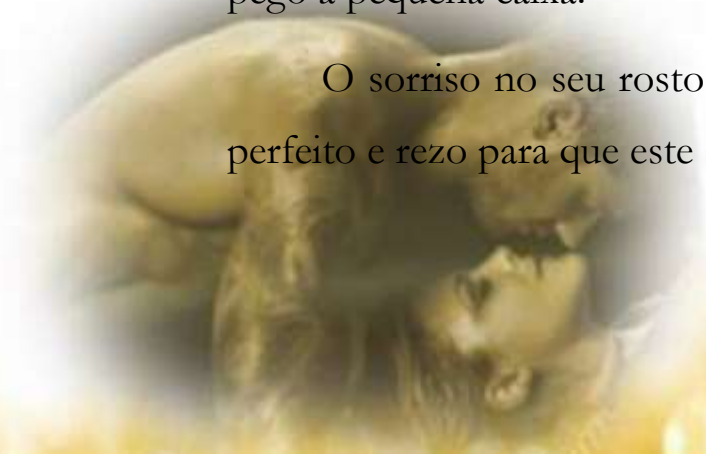
— Sim, eu o guardei. Trancado, mas nunca consegui me desfazer dele, eu o achava perfeito.

— É... é perfeito. — Ele sussurra.

Levanta o olhar e a emoção nas suas profundezas me faz cambalear um pouco. — Vou usá-lo sempre... nunca vou tirá-lo. — Ele fala, tirando-o da caixa e passando a corrente por cima da cabeça, deixando-a cair sobre o seu peito.

— Mais um — falo, as borboletas ganhando velocidade no meu estômago. — De um certo modo, você me ajudou a escolher este presente, na verdade. — Adiciono, enquanto caminho até a árvore e pego a pequena caixa.

O sorriso no seu rosto é de pura felicidade. Este dia tem sido perfeito e rezo para que este seja a cereja no topo do bolo.



Ele começa a rasgar o papel e abre a tampa da caixa antes de retirar a caneca. Ela está com a estampa para baixo e ele olha para mim com uma expressão de perplexidade que se transforma em interrogação quando percebe que estou nervosa. — Vire-a. — Falo, enquanto giro o dedo em um círculo.

Ele pega a caneca de café e a gira. Observo quando a confusão se dissipa e seu queixo cai, em estado de choque. Ele olha para mim, para a caneca de café, para a minha barriga, logo volta para o meu rosto antes de olhar novamente para a caneca que segura reverentemente nas mãos. Ele fica parado, a cabeça baixa, apenas olhando para a caneca. O imagino na minha mente, sabendo o que ele está vendo e um pequeno sorriso toma meus lábios.

A caneca cinza tem uma cópia da primeira imagem do ultrassom sobre ela e embaixo da imagem está escrito: "Papai#1- Chego neste verão".

Ele fica em silêncio por tanto tempo que começo a me preocupar. Oh, Deus, não sei o que vou fazer se ele não ficar feliz com isso. Não posso suportar a ideia de ficar sem ele, mas, se ele não quiser o nosso bebê, vou ter que aprender.

— Axel? — Questiono.

Ele coloca a caneca sobre a mesa de café antes de se levantar. Não consigo ver sua expressão antes dele me abraçar. Ainda não posso julgar seu estado de espírito ou os sentimentos sobre se tornar pai. A preocupação dentro de mim está começando a criar raízes e sinto que posso vomitar.

— Princesa... — ele geme. O corpo enorme começa a tremer ligeiramente debaixo dos meus braços e percebo que está sobrecarregado com as emoções para falar agora. Eu o abraço e ele me abraça, posso sentir suas lágrimas molhando a minha pele através da camisa. Minhas próprias lágrimas estão caindo livremente. Ele se inclina para trás e olha nos meus olhos, levantando os braços para secar os olhos.

— Um bebê? Você vai ter o meu bebê? — Ele diz com espanto. — Nós vamos ter um bebê? — Repete, um sorriso enorme surgindo no seu rosto. — Nós vamos ter um bebê! — Grita através da sala de estar e me segura em um abraço apertado, antes de começar a girar.

Sorrio diante da sua vivacidade.

Me coloca de pé sobre o chão novamente e cai de joelhos, levantando a minha camisa e pressionando um beijo suave na barriga plana. Estende as mãos amplamente por toda a minha barriga e sussurra contra a pele: — Nós vamos te amar muito, pequeno.

Solto um soluço e passo as mãos pelo seu cabelo. Ele olha para mim com os olhos cor de esmeralda brilhantes, cheios de paz e amor ofuscantes.

— Vamos ter um bebê. — Envolve os braços firmemente ao redor da minha cintura e me abraça, apoiando a cabeça contra o meu estômago.

Seguro sua cabeça contra a minha pele e repito: — Vamos ter um bebê.



Capítulo 20

Ainda não consigo acreditar. Não só estou prestes a me casar, mas o nosso bebê está crescendo dentro de mim. Uma vez que o Axel superou a surpresa, passamos o resto do dia na cama, celebrando, como ele disse. Não consigo negar nada a ele, está extremamente feliz e quero essa proximidade que só ele pode me dar. Dormimos perto da meia-noite, seus braços em cima do meu estômago, segurando o meu ventre com as mãos.

Meu telefone começa a vibrar na manhã seguinte, me lembrando que configurei o alarme para poder levantar cedo e ir para a Dee antes que seja demasiado tarde. Axel e eu temos planos de jantar hoje à noite e celebrar, desta vez com roupas.

Levanto o braço do Axel da minha barriga e atravesso o quarto para ir até o banheiro. Me detenho para admirar sua forma adormecida; os lençóis escuros estão na linha dos quadris nus. Ele tem um braço sobre o abdômen e o outro estendido debaixo do meu travesseiro. O desejo de me arrastar novamente para me aninhar contra ele é forte, mas preciso me apressar para poder concluir meus planos com a Dee e estar em casa cedo o suficiente para o jantar. Uma vez que eu e a Dee começarmos a falar, sei que não vou estar em casa tão cedo.

Coloco minha calça legging favorita e um suéter largo. Agarrando minhas botas pretas, saio do armário e quase colido com o Axel. Olho desde a cabeça, passo pelo pau duro, até os seus pés. Suficientemente bom para comer.

— Você está me matando, Ax! Sabe que tenho que ir, antes da Dee começar a golpear as portas. Deveria ser ilegal você parecer tão gostoso na parte da manhã. — Deslizo a mão pelo seu estômago e agarro o seu pau, acariciando-o levemente algumas vezes. — Amo o quão duro você está para mim. — Beijo o canto dos seus lábios e me afasto antes que ele possa me pegar.

Um ruído baixo sai dos seus lábios.

— Lembre-se desse momento hoje à noite, quando estiver me implorando para deixá-la gozar. Vou mantê-la no limite durante horas. Horas, baby. — Ele dá um tapa na minha bunda antes de caminhar até o banheiro e ligar o chuveiro. — Me ligue quando chegar lá — grita por cima do barulho da água do chuveiro.

— Vou ligar! Te amo!

Meu telefone toca no caminho para a casa da Dee. Atendo e o coloco no viva voz, antes de deixar o telefone de lado. — Oi! Feliz Natal.

— Feliz Natal, menina. — A voz profunda do Greg vem através da linha. — Senti sua falta ontem.



Me sinto um pouco mal por deixar nossos amigos de fora, ontem, mas, sendo nosso primeiro Natal juntos desde que estamos juntos novamente, além de ser tão cheio de momentos especiais para nós como um casal, não parecia correto convidarmos todos.

— Eu sei, G. Também senti sua falta. Estou a caminho da casa da Dee agora, se você quiser vir nos encontrar para o almoço. Estou com os seus presentes no carro. Além disso, tenho novidades. — Sorrio quando a linha fica em silêncio. Conheço o Greg, neste momento, provavelmente, está imaginando todo tipo de "notícias" que poderia ter para ele. Pode ser que adivinhe um, mas de maneira nenhuma conseguiria adivinhar os dois.

— Não perderia isso por nada, menina. Tenho algum trabalho para terminar antes de ir para lá. Dará algum tempo para você e a Dee fazerem as suas coisas.

— Parece muito bom. Me alegro por poder te ver hoje. Ontem mesmo estava dizendo ao Ax que precisávamos convidar vocês para jantar.

— Algo me diz que o Reid não quer compartilhar o seu tempo, certo?

— Ah... algo assim. — Sorrio e continuamos com a conversa fiada antes de desligar.

Tento ligar para a Dee para avisá-la que o Greg vai para lá, mas ela não responde. Deixo de lado a pontada de preocupação que flutua



pela minha pele. Conhecendo a Dee, ela ainda está no banheiro com a música a todo volume enquanto se arruma.

Estaciono na entrada da minha antiga casa com a Dee e desço do carro. É uma bela manhã. O céu está límpido e azul e o frio do inverno está soprando suavemente. Falaram sobre neve neste fim de semana, mas conhecendo o clima da Georgia, o tempo mudaria algumas vezes até o final de semana e não haveria neve. Meu cabelo está voando ao redor da minha cabeça quando uma rajada forte atinge o meu rosto me fazendo tremer. Apertando o casaco contra o meu corpo, me viro para o carro.

Me dirijo até o porta malas e pego todos os presentes que tenho para a Dee, deixando para pegar os do Greg mais tarde. Minhas mãos estão suficientemente cheias com as coisas que tenho para Dee.

Subindo a pequena passarela, faço uma pausa para pegar minhas chaves no bolso. Se estivesse acordada, já teria saído correndo pela porta como uma líder de torcida viciada em crack. Deixo cair alguns pacotes dos meus braços antes de conseguir pegar as chaves. *Merda!* Esqueci de ligar para o Axel. Pegando o telefone, clico em cima do seu nome e espero começar a tocar enquanto enfio a chave na fechadura. Ela faz click, mas antes de poder abrir a porta, ela se abre completamente e dou de encontro com os olhos castanhos perturbadores do meu ex-marido.

— Oi, princesa. — Ouço através da linha.

Brandon sorri, um sorriso frio e malévolo.



— Está aí? — Eu o ouço chamando de longe. Meu corpo está congelado pelo terror.

— Olá, Isabelle — Brandon diz. Há muito controle nessas duas palavras, mas estão fortemente atadas com ameaça.

Todos os pacotes caem dos meus braços, juntando-se ao meu telefone nos degraus da entrada.

— Izzy! —Escuto exatamente antes do Brandon esticar o punho e golpear a minha têmpora, fazendo com que o mundo ao meu redor se desvaneça em escuridão.

Deus! Por que a minha cabeça dói? Merda. Eu me viro, mas paro quando minha cabeça começa a latejar com força. Por que não lembro o que aconteceu?

— Ah, Isabelle. Ainda bem que você resolveu se juntar a nós. — Meus olhos se abrem e olho ao redor da sala de estar da Dee. Tudo se precipita sobre mim e meu sangue se transforma em gelo quando olho para cima e vejo o Brandon parado sobre a Dee. Ela tem os braços amarrados atrás das costas e um pedaço de fita cobrindo os seus lábios. Seus olhos estão arregalados e aterrorizados. Já posso ver um hematoma se formando na sua bochecha seu rosto e seu cabelo está caído para o lado, em um rabo de cavalo.

Ela tenta parecer forte, mas há lágrimas secas por todo o seu rosto.



— Esta pequena cadela foi suficientemente educada para me convidar a entrar. É bom saber que não esqueceu das boas maneiras. Exatamente quando estava fazendo algumas perguntas sobre a minha adorável esposa, você chega. Obrigado, Isabelle por tornar tão fácil encontrá-la. — Ele sacode a cabeça e começa a caminhar para lá e para cá, atrás da Dee. Movo meus olhos do rosto dele para o dela e vejo mais uma vez como ela está. Posso vê-la implorando para eu não fazer nada estúpido. Seus olhos estão arregalados e ela continua balançando a cabeça suavemente.

— O seu namoradinho tem me causado alguns problemas, Isabelle. Avisei o que iria acontecer se ele não recuasse. Me pergunto quanto tempo vai demorar para o filho da puta vir correndo resgatá-la, humm?

Seu passeio continua e quando a Dee solta um gemido suave, a mão dele dispara e a golpeia com força no rosto. Ela cai atrás do sofá e não se move.

Isso foi tudo o que precisei para me tirar do estado de choque.

— Bastardo! Grito e vou me mover do meu lugar no chão, mas paro quando ele aponta a arma para mim.

— Oh, não, eu não faria nada precipitado. Minha querida esposa parece ter esquecido o seu lugar no mundo. Não podemos fazer isso agora, podemos? Senta logo, porra, e cala a boca, sua puta estúpida.

Detenho o meu movimento, mas verifico rapidamente o aposento. Tem que haver outra maneira. Não vou deixá-lo vencer. Ele me controlou por muito tempo e finalmente sou feliz. O destino está finalmente do MEU lado. Firmo minha resolução e endireito a espinha. Vou vencer.

Vou me levantar novamente quando ele caminha rapidamente até mim e me agarra pelos cabelos soltos. Se abaixa e traz o rosto até o meu. Suas palavras são duras e ele cospe na minha cara enquanto fala.

— Você, sua putinha. Você acha que pode sair por aí e abrir as pernas para outro homem. Você é minha! Me ouça, Isabelle! Não vou deixar aquele bastardo tocar o que é MEU! — Grita. Parece que meu cabelo vai ser arrancado pela raiz quando ele começa a puxá-lo para me colocar de pé.

— Por favor, Brandon, por favor, nos deixe em paz. O que você quer? Dinheiro? Posso conseguir muito. Por favor, vá embora. — Imploro. Meu único pensamento é ficar livre e deixar a Dee e o meu bebê a salvo da sua insanidade.

Move os olhos selvagens sobre mim e joga a cabeça para trás. O som que ele solta é bestial e me assusta pra caralho. Um frio de medo percorre o meu corpo, chegando até os meus ossos.

— Você acha que vou deixar que ele tenha você? Oh, não, Isabelle. O que precisa entender é que você nunca vai se livrar de mim. Ele acha que pode tomá-la de mim? Ele pode tentar, mas vai estar nadando em um mar de balas antes que eu permita que ele

coloque aquelas mãos vis na MINHA ESPOSA! — Posso ver que o controle nos seus olhos se rompe e é como ver uma luz apagando. Este não é o meu ex-marido. A loucura irracional se apoderou do seu sentido comum e da oportunidade de dialogar que poderia ter com ele. — Vou fazê-lo assistir enquanto a coloco sobre os meus joelhos e a castigo por toda a merda que ELE causou. Vou rasgar a roupa do seu corpo e farei com que observe enquanto fodo você por toda a merda que ELE causou. Isso mesmo — diz, quando meus olhos se arregalam. — Você acha que não sei que foi ele que colocou a polícia nos meus calcanhares? E então, sabe o que vai acontecer a seguir? — Nem sequer pisca quando faz uma pausa. Um sorriso malévolo se forma e seu rosto se transforma da sua aparência consideravelmente normal para uma de pura maldade. — Então vou colocar uma bala na porra do seu coração enquanto ele olha. Enquanto não pode fazer nada para me impedir.

Mesmo com o medo correndo pelo meu corpo, sei que tenho que me afastar dele. Ele está bloqueando o corredor até a porta da frente, mas não o que leva à cozinha. É perigoso, mas talvez eu consiga correr rápido o suficiente para me esconder. Sei que o Axel está a caminho e isso me deixa mais assustada do que o homem parado na minha frente com uma arma na mão.

Um gemido baixo vem da parte de trás do sofá e vejo a Dee começar a se mexer. Merda! Não posso deixar a Dee.

— Por que, Brandon? — Pergunto, com a esperança de distraí-lo da Dee. Tenho que mantê-lo focado em mim.

— Por quê? Porque aquele filho da puta estragou tudo! Finalmente ia ter tudo e ele tinha que estragar tudo! Não deixarei que ele a leve também! VOCÊ É MINHA! — Grita. Levanta a mão e começa a puxar os cabelos e bater o punho da arma na testa antes de apontá-la novamente para a Dee.

Ele enlouqueceu completamente. Não há um pingo de humanidade neste homem.

Continua a perambular. Se move ligeiramente da frente do corredor, mas não desvia a arma do corpo da Dee. Vejo uma sombra cruzar o umbral e meu coração acelera quando me dou conta de quem é.

Greg.

Deus, não! Vou perder todos os que amo em um momento se o Brandon o ver. Ele coloca o dedo nos lábios. Balança o punho e, em seguida, inclina a cabeça em direção à cozinha, me dizendo silenciosamente para correr quando ele fizer um movimento.

Meu coração tem que se acalmar. Não há nenhuma maneira de bater tão acelerado e não me delatar. Os olhos da Dee estão arregalados. Ela olha para mim e posso ver o medo nos alarmados olhos castanhos.

Levo uma mão para o lado e faço um movimento para ela esperar, em seguida, então viro meus olhos na direção da cozinha. Suas pernas não estão amarradas e se ela conseguir correr, pode ser que consigamos sair dessa sala.

Esperamos, congeladas pelo medo, enquanto o Greg se aproxima do Brandon, mas antes de alcançá-lo, o Brandon se vira. Parece fazer uma pausa, confuso por um segundo, e isso é tudo o que preciso para pular, pegar a Dee pelo braço e puxá-la comigo enquanto corremos para a cozinha. Ouço os sons deles se chocando atrás de mim enquanto nos afastamos.

O som do disparo da arma me faz vacilar. Empurro a Dee para trás do balcão e olho ao redor procurando alguma forma de proteção. Maldição! As facas estão junto da que acabamos de atravessar. A única coisa que posso ver é a frigideira de ferro fundido em cima do fogão. Graças a Deus! Levantando-a, testo o peso do metal nas mãos antes de levá-la para o meu lado. Me curvo e verifico a Dee. Ela está tremendo, mas parece bem. — Se esconda sob a mesa e não se mova. — Digo a ela. Trabalho rapidamente para desfazer o nó atrás das suas costas antes de deixar que saia do meu lado.

Eu a observo escapulir até o outro lado do balcão e se esconder debaixo da mesa embutida na parede. Empurro a cadeira atrás dela e cubro seu corpo o melhor que posso.

Voltando para o meio do balcão, afasto as pernas e espero. Não sei quem vai vir pelo corredor, mas estou pronta. Não vou deixá-lo vencer. Não vou deixá-lo roubar a minha felicidade.

É hora de lembrar o que é importante e lutar pelo futuro que eu quero.

O futuro que eu mereço.



O futuro que eu ganhei.

Um futuro com Axel e nosso bebê.

Ouço sua risada malévola e meus temores são confirmados. Oh, Deus, Greg!

— Oh! Isabelle? Saia, saia de onde quer que você esteja! — Ele ri de novo antes de entrar na cozinha.

— Onde está aquela sua amiguinha cadela, Isabelle? — Ele inclina a cabeça para o lado e me dou conta que o braço esquerdo está pendurado em um ângulo estranho e a arma está faltando. Me sinto um pouco melhor sabendo que o Greg foi capaz de lutar. O medo pelo Greg ressurge, mas o deixo de lado e endireito os ombros.

Não vou deixar este homem ganhar.

Nunca mais.

— Onde está o Greg? — Pergunto, chocada pela minha voz soar forte e segura.

— Não se preocupe com ele, Isabelle. — Dá um passo para a frente. Faltam poucos passos para ele contornar o balcão. — Venha aqui, cadela. — Ele cospe.

— Não. — Minha voz soa poderosa na quietude da casa.

— Você vai lamentar isso.

Ele se lança para a frente, mas não vai muito longe antes de eu balançar e golpear a frigideira contra o seu crânio. Ele olha nos meus

olhos, confuso, antes de desabar no chão. Jogo a frigideira para o lado e salto sobre o corpo caído.

Corro para a sala de estar e quase caio no chão quando vejo a figura imóvel do Greg e a poça de sangue se formando sob o seu peito. Engasgando com o soluço que escapa da minha boca, começo a procurar a arma freneticamente. Fico de joelhos e procuro debaixo de todos os móveis antes de encontrá-la no canto mais distante da sala, debaixo do sofá.

Tento alcançá-la várias vezes antes de finalmente conseguir. Justo quando minhas mãos seguram o punho, eu o ouço. Antes de poder levantar do chão, meu cabelo é agarrado pelas mãos fortes e ele me joga contra a parede mais distante. Meu corpo colide com o do Greg, que não se move, mesmo com a força do meu peso o golpeando. Seu sangue quente empapa minha lateral.

Olho para o rosto perturbado do Brandon e sorrio quando sinto o frio do metal da arma ainda nas minhas mãos. Dá um passo adiante, mas para quando aponto a pistola para o seu peito.

— Vai à merda! — Grito e puxo gatilho, esvaziando o pente de balas no seu peito.

Posso escutar os gritos da Dee no outro aposento, mas antes do meu braço cair, supero o medo esmagador que corre pelas minhas veias e deixo o entorpecimento assumir o meu corpo. Ouço vagamente a pistola cair no chão antes de desabar contra o corpo do Greg e a escuridão voltar a me envolver.

Axel

— IZZY! — Grito de novo ao celular, desço as escadas correndo e salto dentro da caminhonete. Quando ouço a voz do seu ex-marido através da linha, em vez da voz da Izzy, pensei que a minha mente estava brincando comigo. Estamos procurando por ele há vários dias. Nem uma única maldita pista de onde ele está, e no segundo em que ela está fora da minha vista... a pior situação possível se desenvolve e estou impotente. Não há maneira de chegar lá suficientemente rápido.

Agarro o celular enquanto saio a toda velocidade pela rua e ligo para o Greg; a única pessoa na qual posso pensar que estará suficientemente perto para salvar a minha garota.

— O que há Reid, acabei de falar com-

— Cale a boca, onde diabos você está? — Eu o interrompo.

— Maldição, indo para a casa da Dee, a Izzy-

— O Brandon está lá. — Eu o interrompo novamente. Não tenho tempo. Izzy não tem tempo.

— O quê? — Toda a brincadeira desaparece da sua voz, agora.

Acabei de receber uma ligação da Izzy, mas foi a voz dele que escutei do outro lado da linha. Não ouvi a voz dela uma única vez, Greg. — Levo um segundo para me acalmar antes de conseguir continuar. O fato de não saber se ela está bem não passa despercebido por mim. — Estou muito longe. Chegue logo, Deus, por favor, chegue logo e salve a minha garota. — Nem me dou conta que as lágrimas estão rolando pelo meu rosto até ouvir a angústia que permeia as minhas palavras.

— Estarei lá em cinco minutos. Chegarei até ela.

— Não deixe que ele a tire de mim. — Rogo.

— Entendido. — Ele respira fundo e eu sei, sei o quanto está se controlando neste exato momento. Greg ama a Izzy e, pela primeira vez, percebo quão poderoso é vínculo entre eles. Ele foi sua família e seu apoio quando eu não pude ser. Se alguém mais pode entender o meu pânico nesse momento, esse alguém é o Greg.

Tenho que confiar que ele vai conseguir chegar a tempo. De maneira nenhuma ela vai ser tirada de mim duas vezes.

Quebro todos os limites de velocidade e cada lei de trânsito para chegar na Dee na metade do tempo que normalmente levaria. Paro a caminhonete na grama em frente à casa e a deixo em ponto morto antes de saltar para fora e correr na direção da porta. Vejo a caminhonete do Greg estacionada em um ângulo estranho. Eu a verifico, mas não o vejo do lado de fora. A porta da frente está aberta e não há movimento lá dentro.

Silêncio.

Silêncio e soluços.

Sacando a pistola do coldre no meu tornozelo, caminho lentamente pelo umbral e pelo longo corredor. Os soluços estão ficando mais altos e, pela primeira vez desde que cheguei, respiro. É um soluço feminino.

A esperança se acende novamente e me apresso a virar a esquina, mas paro abruptamente diante da cena à minha frente. A primeira coisa que vejo é o corpo sem vida do Brandon na entrada da cozinha. Não preciso verificar para saber que não está respirando. De jeito nenhum teria sobrevivido com tantos buracos no seu peito. A Dee está no chão ao lado do emaranhado de corpos da Izzy e do Greg.

— NÃO! — Grito, correndo na direção deles, escorregando no sangue que cobre o chão ao redor deles. — Oh, Deus, Izzy!

— Liguei para a emergência. — Dee gagueja ao meu lado. — Não é dela. — Sussurra.

— O quê? — Soluço, passando as mãos pelo corpo imóvel da Izzy, buscando qualquer sinal de lesão, antes de movê-la suavemente para um lado. Seu peito está subindo e descendo normalmente e sua cor está apenas um pouco mais pálida do que o normal. Além de alguns cortes e contusões, não parece estar ferida.

Me virando para o Greg pela primeira vez, registro suas palavras. — Caralho! — Eu o viro de lado e vejo o buraco molhado

do seu lado. — CARALHO! — Puxando a camisa pela cabeça, eu a pressiono contra a sua barriga e espero que seja o suficiente para mantê-lo estável antes da ambulância chegar. — Verifique o pulso dele. — Falo para a Dee, mas quando olho para ela, está chorando sobre o corpo da Izzy. Meu coração para por um segundo, quando volto a olhar seu corpo ainda imóvel. Por que não está se movendo?

Voltando minha atenção para o Greg, tiro uma mão da sua ferida e verifico seu pulso. Lento, mas está lá. Aperto a camisa contra ele e espero.

Esperar o que parece uma eternidade antes dos paramédicos entrarem correndo na casa. Greg é carregado rapidamente e levado com a Dee para a ambulância. Me deixo cair ao lado da Izzy, onde os paramédicos estão trabalhando.

— Senhor? Senhor? Preciso lhe fazer algumas perguntas. — O policial pede.

— Agora não. — Passo a mão pelo cabelo dela e rezo. Ela tem que ficar bem. Ela tem que sobreviver.

— Por que ela não acorda? — Pergunto para o paramédico que está ao meu lado.

— Não sei. Parece uma maneira do seu corpo se proteger. Todos os seus sinais vitais estão bons, ótimos, na verdade, considerando a situação. — Me dá um olhar cheio de compaixão. — Ela vai ficar bem.

Solto a respiração que nem sabia que estava prendendo, apoio a cabeça no seu ombro e choro.

— Ela está grávida — sussurro para o homem ao meu lado. — Está grávida do meu bebê. — Minhas palavras soam estranhas aos meus ouvidos e sei que não vou conseguir ficar tranquilo por muito tempo se não ver aqueles belos olhos claros em breve.

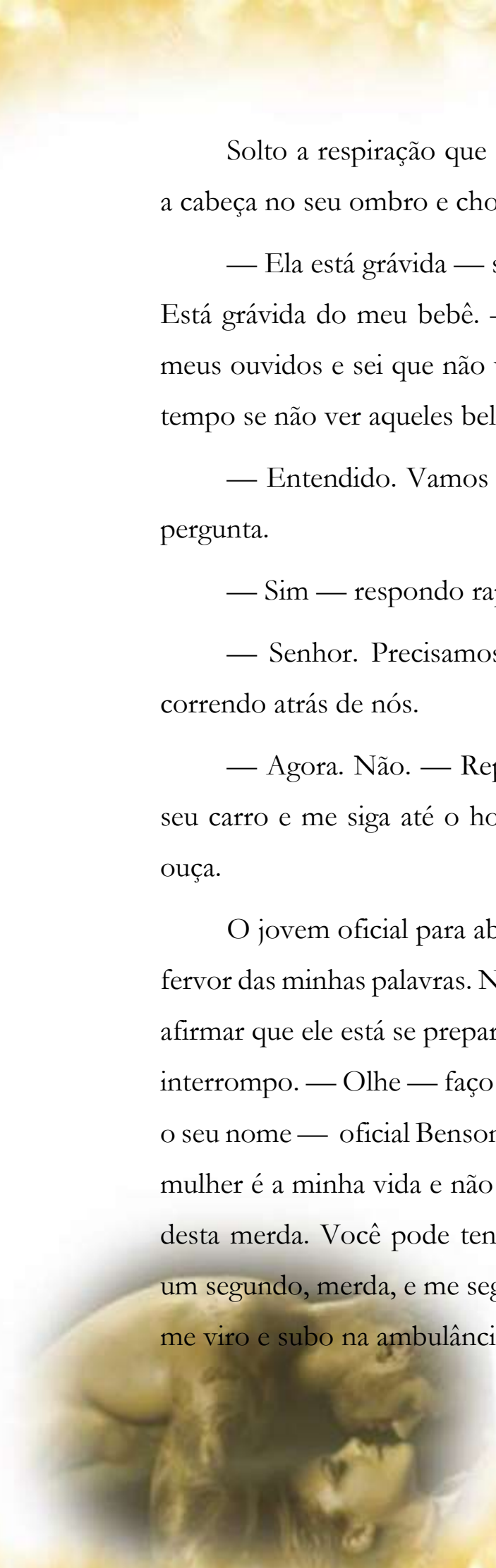
— Entendido. Vamos levá-la agora. Você é o marido? — Ele pergunta.

— Sim — respondo rapidamente e os sigo até a ambulância.

— Senhor. Precisamos da sua declaração. — O policial diz, correndo atrás de nós.

— Agora. Não. — Repito. — Quer uma declaração, entre no seu carro e me siga até o hospital. NÃO vou sair do lado dela. Me ouça.

O jovem oficial para abruptamente e parece chocado diante do fervor das minhas palavras. Não era o que ele estava esperando. Posso afirmar que ele está se preparando para protestar, mas rapidamente o interrompo. — Olhe — faço uma pausa para verificar a plaqueta com o seu nome — oficial Benson, não estou tentando fugir, caralho. Essa mulher é a minha vida e não vou deixá-la fora da minha vista depois desta merda. Você pode tentar entender o que estou passando por um segundo, merda, e me seguir até o maldito hospital? — Falo, mas me viro e subo na ambulância sem esperar sua resposta.



A ambulância se põe a caminho, seguro sua mão na minha e me inclino até a orelha dela. — Eu te amo, princesa, desperte agora para eu poder ver esses olhos olhando para mim. Me deixe vê-los, baby.

Mantenho a cabeça perto da sua orelha e sussurro tudo e qualquer coisa que posso pensar para deixá-la saber que está segura e que estou aqui. A viagem de dez minutos até o hospital chega ao fim e, antes de poderem retirá-la, seus olhos se abrem e ela encontra o meu olhar.

— Oi, princesa — falo, a emoção engrossando a minha voz e o alívio me golpeando até a alma. — Oi, meu amor.

— Axel... amo... você — fala debilmente antes de fechar os olhos e cair na inconsciência novamente.

Salto para fora da ambulância e sigo a maca até a sala de emergência. Finalmente, respiro com facilidade pela primeira vez desde que atendi sua ligação mais cedo.

Izzy

A primeira coisa que noto quando acordo é o zumbido tranquilo. Abrindo os olhos, olho ao redor do quarto de hospital

suavemente iluminado, tentando me orientar. Sinto cócegas suaves no meu braço, movo a cabeça para o lado e olho para baixo.

Axel está sentado ao lado da minha cama, a cadeira puxada para perto tanto quanto possível. Minha mão direita está agarrada firmemente pela sua e os lábios dele estão pressionados contra a minha pele. O zumbido que continuo a ouvir está vindo dele; seu sussurro suave contra a minha pele. Ele está falando baixo o suficiente para que eu não consiga entender as palavras, mas o tom é leve e amoroso.

— Ax-xel? — Falo, minha garganta está seca e dói para pronunciar a palavra.

Sua cabeça dispara para cima e os olhos vermelhos encontram os meus.

— Princesa... — ele sussurra. Lágrimas se formam nos seus olhos e um pequeno sorriso curva os cantos dos seus lábios. — Minha garota, minha garota corajosa — fala e algumas lágrimas caem dos seus olhos. Fecha os olhos com força e mais lágrimas transbordam. — Pensei que tinha perdido você. Quando virei aquela esquina e vi... vi você no chão sobre todo aquele sangue... — ele se cala, mas não antes das suas palavras atingirem meus ouvidos.

Sangue? Não estava sangrando. Ou estava? Oh, não! O bebê!

— O... o bebê? — Sussurro com voz rouca. — Por favor... — sacudo a cabeça com violência, minhas próprias lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Nosso bebê, não! Deus, por favor, nosso bebê, não!

— O quê? Oh, Izzy, não, baby. O bebê está bem, você está bem. Sinto muito, não me referia ao bebê. Princesa, pare de chorar, prometo que o nosso bebê está bem — me tranquiliza rapidamente, uma e outra vez dizendo que o nosso pequeno milagre está seguro e bem.

Quando finalmente me acalmo, olho nos seus olhos, seus belos olhos. — Estamos bem? — Pergunto.

— Ambos estão perfeitos — responde sorrindo, antes de me dar um beijo leve.

— Greg? Dee? — Pergunto quando se move para sentar ao meu lado na cama.

— A Dee vai ficar bem. Está abalada, abalada de um jeito muito ruim, caralho, mas vai ficar bem. Pelo que ela disse, o Brandon só amarrou suas mãos e colocou a fita adesiva na sua boca. Só estava lá por cerca de uma hora, antes de você chegar. Creio que os piores ferimentos são aqueles que ele causou quando ela abriu a porta da frente e um lábio cortado. Ela está bem, baby.

— Onde ela está? — Pergunto, olhando ao redor do quarto novamente.

— Beck tirou uma licença. Vai levá-la para sua casa por um tempo. Ela disse que vai colocar a casa à venda.

Encaro e tento processar. Entendo, nem eu gostaria de ficar lá.

— Eu a convidei para ficar com a gente por um tempo, mas ela disse que ia pensar.

Franzo o nariz diante disso. — Por que precisa pensar sobre ficar com a gente?

— Não sei, princesa. Isso é algo que você terá que perguntar a ela.

— E quanto ao Greg? — Pergunto, quase com medo de saber.

— Ele vai ficar bem. Saiu há pouco da cirurgia. Não foi nada grave, embora, com certeza, parecia ser, caralho. A bala o atravessou e não atingiu nenhum órgão importante. É um filho da puta sortudo.

— Está realmente bem? Havia tanto sangue, Ax. E não estava se movendo, não estava se movendo, em absoluto. — Meu pânico está retornando. Lembrando como parecia o Greg, caído no chão. Parecia morto. — Axel, preciso vê-lo! — Grito.

— Ei, ei... se acalme, baby. Prometo que ele está bem. Está em recuperação, mas vou ver o que posso fazer a respeito de uma visita, ok?

Levanto o olhar e vejo uma ligeira preocupação atravessar seus olhos antes de escondê-la rapidamente. Sei que ele deve estar se sentindo um lixo depois de tudo o que aconteceu, mas está se segurando e sendo forte para mim.

— Está bem. Eu realmente preciso vê-lo, Axel. Preciso ver com meus próprios olhos que ele vai ficar bem.

— Entendo, princesa. Farei com que isso aconteça — se inclina e me dá um beijo suave. — Tem lugar para mais um aí, baby? Preciso



sentir você perto de mim. — Sua máscara desliza ligeiramente e me deixa ver a vulnerabilidade fervendo sob a superfície.

— Sim, tem — respondo e me movo um pouco para ele poder deitar o corpo perto do meu. Seus pés estão pendurados para fora da cama e uma boa parte do seu corpo está fora da beirada, mas ele põe os braços firmemente ao meu redor e eu me aninho contra ele, respirando seu cheiro e deixando que a paz, que só ele pode me dar, inunde o meu corpo.

— Nunca quero sentir esse medo de novo, Izzy. — Sussurra contra o meu cabelo e me abraça com força. — Nunca fiquei tão assustado na minha vida.

Ficamos deitados ali, juntos e entrelaçados, até que a enfermeira entra. Se queixa até ele voltar para a cadeira. Não consigo evitar o riso diante da careta que ele faz enquanto ela checa os meus sinais vitais. Quando me ouve, a careta desaparece instantaneamente e me olha com um enorme sorriso. — Amo esse som, princesa. O som mais belo em todo o mundo, cacete.

Passo a noite no hospital. Não havia nada de errado comigo, mas queriam monitorar meus sinais vitais e se certificar que o ferimento na minha cabeça estava bem. Felizmente, saí de todo aquele calvário com um pequeno calombo na têmpora.

Quando me liberaram, Axel e eu nos dirigimos até o andar que o Greg estava. Maddox e o Coop estavam no quarto quando

chegamos. Greg estava acordado, mas grogue. Entrei no quarto de braço dado com o Axel, que não me soltou nem uma vez desde que acordei. Greg olha para cima e um pequeno sorriso se forma nos lábios pálidos.

— Menina — diz, com uma lágrima escorrendo do seu olho. — Menina, você é uma visão.

Caminho na direção da sua cama, empurre o Coop para fora da cadeira na qual está sentado, puxando-a para perto da cama.

— Oi. — Sim, isso foi tudo que consegui dizer antes de desabar e enterrar a cabeça na cama, ao lado do seu quadril. Axel aparece atrás de mim e esfrega minhas costas.

— Menina, estou bem. Nada que não possa manejar.

— Pensei que você estava morto, G! — Chorar com mais força sobre a cama. — Nunca mais faça essa merda!

Ele ri, mas concorda e eu fico sentada ali, segurando a mão dele enquanto a conversa continua ao nosso redor. Coop está falando com o Maddox sobre as enfermeiras que continuam aparecendo para oferecer banhos de esponja e como poderia levar um tiro se é isso o que o espera. Maddox balança a cabeça, mas seus olhos nunca se afastam dos meus.

— Você está bem, menina? — Pergunta quando o Coop finalmente fecha a boca.

Axel dá um aperto no meu ombro em apoio e pulo para ficar de pé e caminhar até o Maddox. Ele abre os braços quando chego

perto e envolvo os meus ao redor das suas costas. — Estou bem — falo contra o seu peito.

— Bom, isso é bom — diz e me dá um pequeno aperto antes de me soltar.

— Venha cá, Izzy — escuto o Axel falar atrás de mim. Reviro os olhos para o Maddox antes de me virar e caminhar de volta até o Axel. — Minha — diz para o Maddox e me puxa contra o corpo dele.

Ganhamos uma risada rara do Maddox e, assim, a tensão na sala desaparece e somos capazes de respirar tranquilos novamente.

Greg e a Dee estão bem. Eu e o bebê estamos bem. E os braços do Axel estão em torno de mim.

A vida é boa.



Capítulo 21

(4 meses mais tarde)

— Já está pronta, baby? — Axel pergunta, deslizando os braços ao redor da minha cintura e esfregando as mãos sobre a barriga inchada. Havia começado a aparecer realmente há algumas semanas. Minha pequena barriga havia passado de me fazer parecer um pouco acima do peso para uma barriga de grávida bem definida. Adorava, mas amava ainda mais quando o Axel vinha por trás de mim e colocava as mãos sobre o meu pequeno ventre.

Quando tenho momentos como esse, sozinha com o Axel, recordo quão afortunados nós somos. Tem sido um caminho difícil para nós dois desde aquele dia com o Brandon. Tenho sido atormentada com pesadelos e o Axel tem estado lidando com a preocupação com o meu estado mental. Uns dois meses depois do ataque do Brandon, marquei uma consulta com o Dr. Maxwell. Nós dois sabíamos que eu não estava lidando muito bem em haver tirado a sua vida. Finalmente, quatro meses depois, cheguei a um acordo com tudo o que tinha acontecido. Meus pesadelos diminuíram e são mais espaçados, mas estou viva e também as pessoas que eu amo. Me torno mais e mais forte a cada dia, e é tudo graças a este homem.

Continuo a aplicar a maquiagem enquanto ele desliza os dedos ao redor da minha pele. — Temos que nos colocar a caminho logo, se queremos chegar no horário da sua consulta.

— Ok, vou me apressar. Teria ficado pronta antes, mas não há mais nada que sirva. — Largo o rímel e giro nos seus braços. Fico na ponta dos pés e coloco os braços em volta do pescoço dele, enterrando as mãos no cabelo espesso. Me olho no espelho e não posso evitar o pequeno sorriso que aparece. Meu cabelo cai em ondas largas pelas minhas costas; minha maquiagem é feita em tons neutros para combinar com o amarelo claro do meu vestido de verão. O material se estende através do meu peito amplo, mas se estica contra a minha barriga.

— Vale a pena, baby. Adoro ver você carregar o nosso bebê. — Abaixa as mãos, me puxa pelos quadris e me coloca sobre o balcão.

— Tenha cuidado, Axel. Agora mesmo, é você quem está pedindo para chegar muito tarde — falo e abro as pernas para ele chegar mais perto do meu corpo. O vestido desliza para cima, sobre as minhas coxas.

Minha barriga empurra o estômago rígido. Ele solta uma risada antes de pressionar os lábios nos meus, fazendo com que os dedos dos meus pés se curvem com o calor do seu beijo. — Princesa, poderia tomá-la agora e nem sequer me importaria de perdermos essa consulta, mas sei que você está contando os dias. — Ele não está errado. Hoje teríamos a consulta de vinte semanas de gestação e finalmente saberíamos o sexo do bebê. Axel era firme em dizer que

era um menino. Eu seguia mudando de opinião, mas, no fundo, também esperava que fosse. Podia imaginar uma pequena versão do Axel correndo pela casa.

Seguro o tecido da sua camisa, murmuro minha concordância e me inclino para lhe dar outro beijo. Bem na hora que os lábios dele encostam nos meus, há um forte chute contra a minha barriga. Axel dá um passo para trás e olha para baixo, em choque. Temos tentado sentir o bebê chutar há semanas, mas ou o bebê não estava chutando ou o Axel simplesmente não estava lá quando o bebê estava ativo. De qualquer maneira, esta foi a primeira vez que ele tinha sentido algum movimento.

Olha para o estômago arredondado e, em seguida, volta o olhar para os meus olhos rapidamente. O olhar de pura admiração nos seus olhos traz um sorriso aos meus lábios. Está completamente paralisado com esta pequena pessoa na minha barriga.

Me estico e agarro suas mãos antes de colocá-las no centro da minha barriga. O bebê chuta mais algumas vezes. Mantenho os olhos colados no rosto do Axel, observando as emoções atravessarem as belas feições. Surpresa, assombro e encanto. Está fascinado com essa sensação; a sensação do nosso bebê.

— No que você está pensando? — Pergunto depois de alguns minutos.

Ele olha para mim com um sorriso largo e os olhos brilhantes.



— Em quão sortudo eu sou. — Se inclina e me dá um beijo, sem retirar as mãos do meu ventre ativo.

— Olá! — Ouvimos a Dee gritando pelas escadas. — Onde estão vocês?

Axel grunhe e me ajuda a descer do balcão. Ele podia ter convidado a Dee para ficar com a gente, mas posso afirmar que ela estava começando a irritá-lo. Ela tem o timing perfeito para saber exatamente quando as coisas estão esquentando. Eu a amo, mas justo agora, é a minha feliz empata foda.

— Se comporte, papai. — Sorrio e dou um tapa na sua bunda antes de desviar dele e sair do quarto.

Enfio os pés em sandálias de dedo e desço para encontrar a Dee no vestíbulo. Ela parece impressionante em um vestido alaranjado que tem um caimento ajustado no seu corpo.

— Você me irrita, sua cadela magra. — Falo e sorrio para ela. É claro que ela me ultrapassa com os doze centímetros de salto. Sou uma anã em torno dos gigantes. Hoje em dia, a única coisa que consigo calçar são sandálias de dedo.

— Seja como for, Iz! Você está tão bonita! Não está, Axel?

Ele bufa, mas continua descendo as escadas.

— Onde está o G? — Pergunto. É questionável quem ficou mais animado com o bebê, quando contamos para todos, a Dee ou o Greg.



Contamos para todos juntos quando fizemos uma pequena reunião "somente para a família" para dar boas-vindas ao Greg. Ele permaneceu no hospital por quase duas semanas após o tiroteio, mas já está cem por cento curado, agora. Quando contamos, a Dee caiu em lágrimas, Maddox me deu um raro sorriso, Coop elogiou o Axel pelos seus super nadadores e o Beck ofereceu felicitações educadas. Greg, no entanto, tinha gritado de emoção e me puxou para um abraço forte, que ganhou um grunhido do Axel. Greg só riu mais ainda e me abraçou mais apertado.

Daquele dia em diante, ele liga diariamente para acompanhar o meu progresso. Comprou livros sobre bebês e está constantemente nos enchendo de informações sobre bebês. Sabia que ele ficaria feliz por nós, mas está nas nuvens com o fato de se tornar tio.

— Disse que estava atrasado, algo sobre uma consulta, e vai nos encontrar na clínica — Axel grita da cozinha.

Olho para a Dee e ela simplesmente encolhe os ombros.

Sigo a voz do Axel e o encontro na cozinha verificando os e-mails no celular. Ele olha para cima e paro quando vejo a fome nos seus olhos.

— Parece gostosa o suficiente para comer, princesa. Mal posso esperar para voltar para cá e arrastá-la de volta para o quarto. Necessito me enterrar profundamente em você, baby.



— Oh, meu Deus, Iz! Isso foi verdadeiramente quente! — Dee fala atrás de mim. Fecho os olhos e ouço o Axel soltar um monte de xingamentos.

— Como está indo a procura pela sua casa, Dee? — Ele pergunta e eu rio diante da sua expressão perplexa.

— Nós amamos ter você aqui, Dee, mas ainda não pensou em procurar um lugar para você?

Ela olha para baixo e fica em silêncio.

— Dee? — Chamo.

— Não sei se consigo fazer isso ainda. — Ela diz depois de alguns segundos de silêncio. Dou um olhar aguçado para o Axel e ele entende. A Dee tem lutado bastante desde o episódio do Brandon. Tem dificuldade em se sentir segura e normalmente está perto de um de nós. Tem trabalhado mais e mais no escritório do Axel, mais do que ele próprio.

— De acordo, Dee, entendemos. Juro.

Olha para mim com o cenho franzido e posso ver o medo nos olhos dela.

— Fique o tempo que quiser. — Axel oferece.

Ela acena com a cabeça e, em seguida, sai da cozinha para pegar sua bolsa.

— Você está bem com isso, Ax? — Sei que está louco para ter sua casa de volta, mas só me dá um aceno com nada além de compreensão nos olhos verdes.

Saímos de casa alguns minutos depois e nos dirigimos para a cidade, até a clínica de ultrassom. Axel segura a minha mão todo o caminho com um sorriso contente nos lábios. Retribuo o seu sorriso e agradeço à minha estrela da sorte por ele estar de volta na minha vida.

Quando estacionamos na frente da clínica, vejo o Greg do lado de fora das portas com o telefone no ouvido. Ele olha para cima quando ouve o barulho da caminhonete do Axel e desliga rapidamente. Olho para Axel, me perguntando se ele notou o fim abrupto da ligação do Greg.

— Deixe assim, Izzy. Se quiser que você saiba, ele vai dizer, ok?

Resmungo, mas fico calada enquanto ele dá a volta na caminhonete e abre a porta antes de segurar delicadamente os meus quadris e me ajudar a descer. Ouço seu gemido quando roço o seu pau.

— Não vá me deixar de pau duro antes de ver o meu bebê. — Ele ri, mas não consegue disfarçar a tensão na voz.

— Mais tarde — prometo e caminho ao redor dele para dar um grande abraço no Greg. Dee permanece afastada, mas se apressa a abraçar o Greg também.

— Está pronta, menina? — Pergunta com um sorriso.

— Deus, sim. Um último palpite sobre a sua sobrinha ou seu sobrinho?



Ele sorri e olha por cima do ombro para o Axel: "Menino, certamente vai ser um menino.

— Por que todos parecem tão seguros que vai ser um menino?

Ambos riem alto e a Dee e eu só olhamos uma para a outra com o olhar confuso.

— Menina, olhe para ele. Não há nenhuma maneira, caralho, dele ter feito uma menina, de jeito nenhum. — Ainda está rindo quando caminhamos para a recepção e anuncio meu nome. Lanço alguns olhares reprovadores para ele, me sento ao lado do Axel e folheio uma revista.

Esperamos cerca de quinze minutos antes de me chamarem.

— Está tudo bem se minha família vier, também? — Pergunto à técnica.

— Claro, doçura, quanto mais, melhor.

Nós a seguimos por um longo corredor antes de entrar na sala de ultrassom. É uma sala grande com um sofá de um lado e uma poltrona reclinável ao lado da máquina de ultrassom. A única outra coisa no aposento é um grande projetor que sai do teto. Quando me sento na poltrona, noto que a grande parede na minha frente é uma tela.

— Aqui está, coloque este lençol sobre o seu colo para não cegarmos ninguém no processo. — Ela ri e me ajuda a me cobrir. Olho para o Axel e posso ver a antecipação nervosa no seu rosto. Sorri para mim e agarra a minha mão.

— *Te amo* — gesticula para mim.

— *Amo você também* — respondo.

— Tudo bem, senhora West, está tudo preparado — sorrio para o Axel mais uma vez quando vejo a carranca no seu rosto pelo uso do meu sobrenome. Não ficou feliz comigo quando lhe disse que queria esperar o bebê nascer antes de nos casarmos. Concordou com relutância quando o subornei com sexo. Não que eu não quisesse me casar com o Axel, era exatamente o oposto. Mal podia esperar para ser a Sra. Axel Reid, mas simplesmente parecia certo que o nosso bebê estivesse lá, conosco. Quando me sentei e expliquei as razões pelas quais queria esperar, não ficou tão chateado, mas não significa que ele estava feliz com isso.

— Só vou tomar algumas medidas antes de vermos se esse pequeno tem um anúncio para o dia de hoje, ok?

Aceno com a cabeça, muito absorta com a imagem de nosso bebê na tela grande na nossa frente. Axel aperta minha mão e solta um suspiro assombroso.

— Incrível. — Ouço o Greg sussurrar para a Dee, que está muito ocupada fungando em um lenço para responder.

Quando o batimento cardíaco do bebê enche a sala, todos parecem ficar imobilizados de espanto. Nunca falha em encher meu coração de alegria escutar as batidas rápidas.

— Estão prontos, mamãe e papai? — Pergunta com um sorriso.

— Sim — Axel fala rapidamente antes que eu possa abrir a boca. Olho para ela e sorrio; ela me dá uma piscadela antes de voltar a atenção novamente para a tela. — Bem, vocês estão vendo isso? Alguém não é nem um pouco tímido. — Ela ri para si mesma e ficamos todos ali, olhando a pequena imagem que se move na tela.

Não demorou muito para vermos sobre o que ela estava falando. Bem ali, maior que a vida, está o meu filho, deixando tudo à mostra. Axel solta um grito de alegria e pula da cadeira. Se inclina e me dá um beijo antes de bater as mãos nas do Greg. Rio das suas palhaçadas e enxugo as lágrimas do meu rosto.

Axel volta para o meu lado e se inclina sobre mim. Tomando meu rosto em suas mãos e abaixando o nariz até o meu. Esfrega o nariz contra o meu, e o sorriso que se apodera do seu rosto faz meu coração acelerar.

— Vamos ter um menino — diz. — Você vai me dar um filho. — Deposita um beijo suave nos meus lábios e fecha os olhos brevemente. Quando os abre, estão cheios de amor e felicidade. — Você transforma meus sonhos em realidade, princesa. Faz a minha vida valer a pena. Eu te amo tanto, baby.

Agarro sua cabeça e aproximo meu rosto até o dele e lhe dou um beijo que, espero, expressa meus sentimentos.

— Eu te amo, Axel.

O resto da consulta passa em um borrão. Axel continua segurando a minha mão e tremendo de emoção. Está ansioso para

sair desse lugar para poder gritar para o mundo que está prestes a ter um filho.

Quando terminamos, a técnica nos entrega algumas imagens e as toma antes que eu possa dar uma olhada e agradece enquanto observa as imagens. É como uma criança com um brinquedo novo. Completamente apaixonado.

Vou pagar o exame e o Axel começa, imediatamente, a fazer uma ligação. As possibilidades são que todo o Estado vai saber, quando tiver terminado, que nós vamos ter um menino.

Termino de pagar e me viro para encontrar o Greg parado atrás de mim.

— Feliz, menina?

— Mais do que poderia chegar a imaginar.

Ele sorri, lança o braço em volta de mim e me dá um abraço. Axel se vira, o vê e faz uma pausa na conversa. — Mãos para baixo, Cage!

Greg ri e abaixa o braço.

— Vamos! Nos encontraremos com a turma no Heavy's para celebrar o meu garoto! — Grita através do estacionamento.

A única coisa na qual posso pensar é que eu coloquei essa paz no seu tom de voz e, juntos, finalmente estamos onde estávamos destinados a estar.



Epílogo

Axel

(5 meses mais tarde)

Estou correndo o dia todo tentando me assegurar que tudo está bem para essa noite. É aniversário da Izzy e, entre esperar ansiosamente que o nosso filho decida chegar e lidar com as memórias que ainda a atormentavam em torno deste dia, estava se transformando em um pesadelo.

Até agora, o único destaque do dia foi ver o sorriso deslumbrante no seu rosto quando ela acordou. Além disso... tudo podia dar errado, e assim aconteceu.

O buffet está atrasado. O bolo ainda não chegou e a aniversariante vai estar aqui em uma hora.

Oficialmente, estou perdendo a cabeça. Merda.

Esse dia tem que ser perfeito. Dee levou a Izzy cedo, hoje de manhã, para passar o dia no salão de beleza ao lado da empresa. Evito esse lugar, porque, não importa quantas vezes a Izzy diga que aquele homenzinho estranho é inofensivo, não engulo essa. Outro dia ele beliscou minha bunda, o que a Izzy achou hilariante. Nem sequer

podia ficar bravo com isso enquanto ela estava rindo. Sua barriga enorme pulava a cada respiração. Quase valia a pena pedir que ele fizesse aquilo de novo para conseguir essa reação da minha menina.

Os últimos meses passaram voando. Passamos cada segundo disponível arrumando o quarto do bebê e, finalmente, enchendo minha casa com mais móveis do que uma pessoa deveria ter em toda a sua vida. Isso a mantém sorridente e a faz feliz, moveria céus e terra se isso significasse que aquele sorriso permaneceria no seu rosto.

Os últimos dias têm sido mais difíceis para ela. Não só está lidando com o atraso do bebê, mas o calor da Geórgia a faz se sentir miserável. Todos fazemos o que podemos para facilitar as coisas, mas posso dizer que está ficando mais difícil.

Ontem foi um mau dia. Passou o dia na cama chorando e não me deixava sair do seu lado. Falava coisas sobre o nosso bebê anjo não conhecer seu irmão mais novo. Me matava ouvi-la falar assim, mas estaria mentindo se dissesse que esse pensamento não tinha passado pela minha cabeça, também. Tínhamos trabalhado duro para superar a nossa perda, inclusive indo à terapia algumas vezes, para falar sobre coisas que ainda eram dolorosas. Estamos mais próximos do que nunca, mas não significa que as coisas ainda não causem danos em nossos corações.

— Oi! Reid, consegui o bolo. Aquela cadela da confeitaria tentou me convencer que você não disse a ela que precisava dele hoje à tarde. Consegui, mas maldita seja, essa merda não é bonita. — Coop

atravessa a porta com o maldito bolo pelo qual gritei com a confeiteira nos dois últimos dias. Idiotas.

— A Dee acaba de ligar, disse que o Sway finalmente terminou de esfregar a barriga da Izzy e tinha acabado de começar a fazer seu cabelo. Devem demorar mais duas horas. A boa notícia é que podemos descobrir onde esse maldito buffet está. — Greg diz entrando na cozinha.

Estou prestes a arrancar os cabelos, porra.

Nem sequer é uma grande festa. Todos os caras estão chegando e, da última vez que verifiquei, até mesmo o Maddox está trazendo uma garota. Emmy está aqui desde que a Izzy saiu, me ajudando a colocar as serpentinas e os balões. O atual brinquedo sexual da Dee, o novo "vá à merda, Beck", está ajudando também. Não o conheço muito bem, mas a Izzy diz que ele é agradável. Gostaria que aqueles dois parassem com aqueles jogos de merda e só admitissem que queriam ficar juntos. Falei com Beck várias vezes sobre isso, mas ele simplesmente muda de assunto e diz que não foi ideia dele. Acho que entendo a Dee, mas estou cansado de ficar no meio.

— Onde está o Locke? — Pergunto. Não importa quem vai responder neste ponto.

— Foi pegar a Daisy — Emmy diz baixinho ao meu lado. — Ou talvez seja Candy. — Ela sorri e se afasta. Balanço a cabeça pensando, mais uma vez, que seria genial se alguém parasse de me fazer sentir como se estivesse preso no meio disso tudo.

Voltando para a sala de estar, empurro os balões que parecem estar flutuando em todas as direções e paro na frente da lareira. Pendurada bem no meio está a foto que dei para a Izzy no Natal. Imediatamente uma sensação de calma percorre o meu corpo. Respiro fundo e me lembro qual é o benefício desta enorme dor de cabeça.

A minha garota.

Minha garota e devolver a ela a sensação que o seu aniversário é um dia de felicidade e não um de dor.

Com uma nova determinação, me viro e caminhar até a varanda, onde estamos terminando a decoração.

Há balões rosa e brancos voando em cada corrimão disponível. O caminho até o nosso cais é iluminado por tochas e há luzes brilhando a partir dos galhos das árvores que margeiam o nosso quintal. Parece que estão chovendo luzes brancas.

Emmy passou horas enfeitando o pátio com rosas cor de rosa e vermelhas. Coop e Beck deram boas risada com as rosas. Que riam do que quiserem, mas quando encontrarem sua mulher, vão estar rompendo todas as barreiras para se certificarem que a vida é perfeita.

Colocamos mesas em todo o quintal e um balcão para os alimentos. Meu quintal foi transformado em um sonho de princesa. Mal posso esperar para ver a cara dela quando ver aquilo tudo.

— Greg! — Grito pela casa. — Alguma notícia dos filhos da puta do buffet? — Isso é o que recebo ao contratar uma grande

empresa para cozinhar alguma merda elegante. Devia ter fechado com o Heavy's. É tudo o que ela anseia nos últimos dias, de qualquer maneira.

Merda! Heavy's!

O interrompo antes que ele consiga até mesmo abrir a boca. — Ligue para esses desgraçados e diga que, já que não conseguiram chegar na hora certa, que esqueçam.

— Coop, coloca o traseiro na caminhonete e dirija até o Heavy's. Compre tudo que tiver no lugar. Tudo que você pode pensar e traga para cá. — Lanço minha carteira para ele e me viro para o rosto sorridente do Greg. — Por que diabos você está sorrindo? — Ele levanta as mãos e sai rindo.

— Você precisa se acalmar. Não vejo você tão estressado desde o último outono. — Emmy diz, se esgueirando novamente para o meu lado. Eu juro que aquela garota flutua. Ela está sempre aparecendo do nada.

— Estou calmo. — Não estou calmo. Estou perdendo a porra da cabeça. Minha menina está triste, se esforçando para manter isso escondido e eu não posso resolver isso. Meu filho se recusa a nascer e se mais uma coisa der errado hoje, vou mandar todo mundo à merda, sequestrar minha mulher e arrastá-la até o quarto. Pelo menos sei que posso mantê-la feliz lá.

— Você não está calmo, mas vai ficar. — Ela diz antes de desaparecer novamente.

Olho em volta procurando por ela, antes de voltar para casa e pegar uma cerveja.

Quando a Dee liga para avisar que estão saindo do salão de beleza, as coisas finalmente se acalmaram. Coop voltou com bastante comida; parece que, de fato, comprou tudo que o Heavy's tinha para oferecer. Locke finalmente chegou e conseguiu que o resto do sistema de som funcionasse. Emmy está correndo por toda a parte, se certificando que todas as mesas têm arranjos de flores e que todas as máquinas de bolhas de sabão ainda estão escondidas da vista, mas funcionando. Coop está em algum lugar com a sua garota e o Beck está trazendo todos os coolers com bebidas e os arrumando no quintal.

Não podiam ver as luzes ainda, mas as tochas estão acesas e as pétalas de rosas contra a grama verde parecem um tapete rosa e vermelho. Os balões estão balançando para frente e para trás na brisa leve. Perfeito.

Nada mais podia dar errado hoje.

— Estão estacionando! — Escuto o Greg gritar através da casa. Havíamos estacionado os carros na garagem de trás e no limite da propriedade. Ela não os veria de onde ia estacionar. Se entrasse pela garagem, não veria os balões invadindo a sala de estar, também.

— Volto logo — falo, entregando minha cerveja para o Locke, antes de entrar na casa.

Enxugo as palmas das mãos suadas na bermuda e caminho até a cozinha para pegar a minha garota. Ela chega da garagem parecendo o anjo que sempre achei que ela era. Está usando um largo vestido branco que abraça seus seios e a barriga grande. Flutua ao redor do resto do seu corpo fazendo parecer que ela está caminhando sobre o ar. Sua pele ainda brilha por todo o tempo que passamos no lago neste verão. Sway tinha feito o que quer que fosse que o Sway fazia no seu cabelo, e ele caía em cachos longos e largos.

— Você está linda.

— Você não parece tão ruim, baby — ela diz, caminhando para os meus braços e me dando um beijo. Posso sentir meu filho cutucando o meu estômago.

— Está se sentindo bem, princesa?

— Estou me sentindo ótima. O Sway me mimou bastante. Ainda fez um dos meninos que lavam os cabelos massagear os meus pés!

Escondo o desagrado que sinto por outro homem colocar as mãos na minha mulher. Ela precisa que o dia de hoje seja perfeito e ser um imbecil possessivo não vai ajudar.

— Dee pode ficar para o jantar? Disse a ela que íamos fazer um churrasco e ela respondeu que adoraria passar mais algum tempo comigo.

— Claro, baby — dou um abraço na Dee e começo a guiar a Izzy até o pátio.

Escuto seu suspiro atrás de mim quando seus olhos enxergam tudo que há na frente dela. Todos os nossos amigos gritam surpresa e a sinto saltar através das nossas mãos unidas. Sua mão aperta a minha com força e me viro. Ela parece surpresa, mas não com o que a rodeia.

— Humm... Axel? — Ouço a Dee chamar de dentro da casa. Ela está atrás da Izzy e olha para o chão com uma expressão estranha no rosto.

— Sim?

— Oh, céus. — Ela diz, encontrando meus olhos e noto a sua apreensão.

Izzy aperta a minha mão, mais forte desta vez, e sussurra o meu nome. — Axel? — Ela fala tão baixo que quase não ouço.

Merda, deve ter odiado.

— Baby? — Tenta novamente. Me viro para olhar nos seus olhos e franzo a testa quando vejo o suor começando a se acumular nas suas têmporas e linhas de preocupação atravessam sua testa.

— Izzy, o que houve?

— PUTA MERDA, A BOLSA ESTOUROU! — Ouço o Greg gritar atrás de mim. Olho para baixo e sim, com certeza há uma pequena poça de água entre os seus pés. O aperto na minha mão aumentou e sei que a minha menina está com dor.



Ela dá um pequeno e tenso aceno com a cabeça e espera alguns segundos para a contração acalmar antes de abrir os olhos e olhar para os meus.

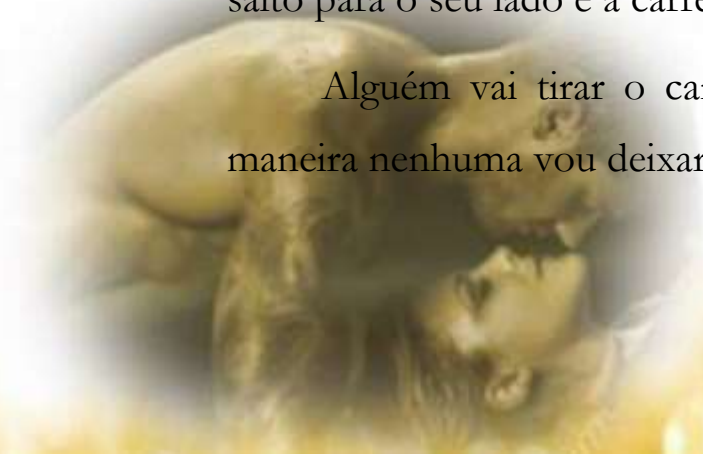
— Ele está vindo. — Sussurra com um sorriso brilhante.

Tudo acontece agilmente, então. Rapidamente a conduzo até o carro, havíamos deixado de usar a caminhonete meses atrás, quando se tornou muito desconfortável para ela entrar e sair. Dee e o Greg correm para a caminhonete e o resto da turma corre para fora. Emmy grita que vai ficar para trás, se certificar que tudo está desligado e nos encontrará no hospital. Nem me importo. Deixe a casa queimar, meu filho está a caminho.

Chegamos ao hospital com um bom tempo, mas, no momento em que chegamos, a Izzy estava com mais dor do que antes. Suas contrações vão e vem com mais rapidez e ela continua gritando de dor. Me mata ouvi-la sofrendo e sei que não há nada que eu possa fazer sobre isso. Começar a dizer o quanto eu a amo e tento tranquilizá-la com as minhas palavras, até que ela olha para mim com fogo nos olhos e me diz para calar a boca. Assim que as palavras deixam a sua boca, começa a se desculpar. Minha pobre garota, se pudesse fazer isso por ela, o faria sem um piscar de olhos.

Estaciono na frente do hospital e, sem nem desligar o carro, salto para o seu lado e a carrego para dentro.

Alguém vai tirar o carro dali. Se não, podem rebocá-lo, de maneira nenhuma vou deixar a minha garota.



Nos fazem entrar e nos levam para uma sala rapidamente. Izzy é conectada a um milhão de monitores e máquinas diferentes. Me dizem que tudo aquilo vai monitorá-la e ao nosso filho, mas estou ocupado demais me preocupando com ela até mesmo para prestar atenção nos enfermeiros. Parecem pensar que temos todo o tempo do mundo. Por que ninguém está *fazendo* alguma coisa? Qualquer coisa!

Estamos aqui há cerca de uma hora quando ela solta o grito mais forte e torturado. O som imobiliza o meu coração e olho em volta, buscando freneticamente ajuda. As enfermeiras entram em ação e começam a empurrar a maca, ligando diferentes máquinas e gritando ordens para mim.

Seguro a mão da Izzy e tento ajudá-la, mas olhar seu belo rosto em agonia é quase demais.

— Você está indo muito bem, princesa. Ele estará aqui em breve.

Ela tenta me dar um sorriso, mas é interrompido quando deixa escapar outro grito.

— Está totalmente dilatada, senhora, é hora de dar à luz.

Izzy começa a empurrar sob os comandos do médico e começo lentamente a morrer por dentro. Minha garota, não consigo lidar ao vê-la com tanta dor. Meu sofrimento por ela continua, mas tento escondê-lo e ser o apoio que ela precisa. Limpo sua testa com um pano molhado que um enfermeiro empurra nas minhas mãos.

Envolvo meu braço ao redor das costas dela e a ajudo a se inclinar para ela empurrar, sustentando suas pernas abertas com o outro braço.

Trinta minutos mais tarde, ao final de um longo empurrão, ouço o som mais mágico que já escutei. Meu filho está tendo a sua primeira respiração, deixando sair um choro saudável e alto.

— Você gostaria de cortar o cordão, papai? — O médico pergunta. Aceno com a cabeça meio sem jeito e seguro a tesoura. As enfermeiras o levam para o lado depois que termino.

Olho para a Izzy e beijo sua testa. Ela olha para mim e, com lágrimas nos olhos, diz: — Olá, papai. — Foi tudo o que precisou para eu deixar sair algumas lágrimas, também.

—Obrigado, princesa. Você me fez o homem mais sortudo do universo. — Nós dois observamos com admiração enquanto as enfermeiras pesam, medem o nosso filho, e o embrulham firmemente em um cobertor azul. Sua cabeça está coberta com uma pequena touca azul. Elas o colocam nos braços da Izzy. Vê-la com nosso filho arrepia minha pele e meu coração acelera.

— Perfeito. — Ela sussurra. Olho para o rosto dela e acho que tem toda razão.

Tem o rosto redondo e gordinho. Seus lábios são pequenos e formam uma curva perfeita. Faz pequenos ruídos com os lábios, mostrando uma covinha na bochecha direita. Levanto a touca e vejo uma cabeça cheia de cabelos negros.

— Ele parece com você, Axel. — E assim é.

Ficamos assim até que o médico termina de limpá-la e as enfermeiras começam a sair para fazer outro casal tão feliz quanto nós.

Neste exato momento, bem aqui, acho que todos os dias que estivemos separados valeram a pena.

Completo. Me sinto completo.

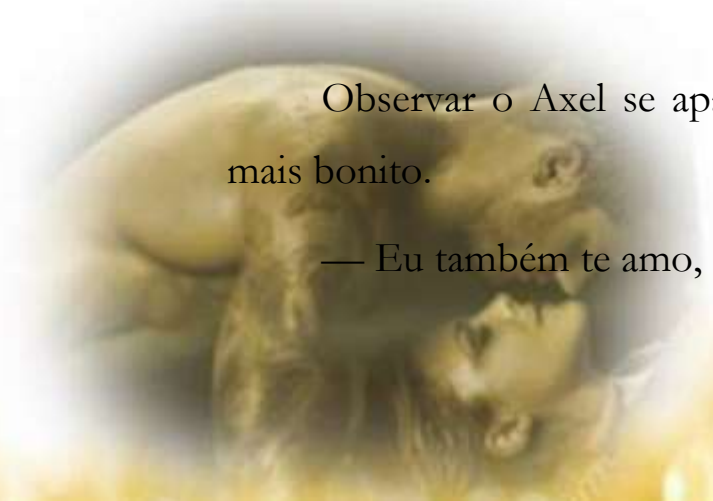
Me inclino e beijo meu filho suavemente na sua pequena cabeça, respirando seu aroma de bebê, me fazendo sufocar nas minhas próprias emoções novamente.

— Te esperamos tanto. Tão perfeito quanto sabíamos que você seria. Te amamos, homenzinho. — Eu o beijo mais uma vez antes de mover os lábios para a Izzy. Eu a beijo duas vezes antes de limpar com beijos cada lágrima que escapa dos seus olhos. — Te amo muito, princesa.

Izzy

Observar o Axel se apaixonar pelo seu filho foi o momento mais bonito.

— Eu também te amo, baby. Muito.



Axel se recusou a sair do nosso lado para dizer a todos que o bebê nasceu. Acabamos de ser transferidos para o nosso quarto privativo quando começam a chegar. Estou impressionado por demorarem tanto. Estou começando a ficar cansada, mas o desejo que nossos amigos conheçam o nosso filho me impede de cair no sono.

— Oh, meu Deus! Olhe para ele, é perfeito! — Dee fala com um sussurro animado.

As felicitações chegam e desfrutamos de compartilhar este momento com a nossa família. Cada uma das pessoas mais importantes nas nossas vidas está aqui. Estou vendo o Axel segurar o nosso filho perto do seu peito e achando que ele parecia uma bola de futebol nos braços grandes do Axel, quando ouço alguém perguntar o seu nome. Axel olha para mim com um sorriso e dá um pequeno aceno com a cabeça. Olho cada um dos rostos dos nossos amigos e anuncio: — Nathaniel Gregory Reid. — Quando encontro os olhos do Greg, as lágrimas nos cantos dos olhos me surpreendem por um segundo. Ele se aproxima e me dá um pequeno beijo no topo da cabeça.

— Obrigado, menina, isso significa tudo... significa tudo para mim.

Sorrio para ele e seco os olhos.

Axel se aproxima, me dá o Nate e sobe na cama ao meu lado. Todos ficamos sentados ali e desfrutamos o momento até que o bebê começa a chorar. Axel parece preocupado, mas me inclino e sussurro

no seu ouvido que está na hora de alimentá-lo. Com rápidas (Maddox, Beck e Coop) e relutantes despedidas (Dee e Greg), nossa família vai embora e o Axel regressa para mim. Coloca o braço em volta dos meus ombros e me recosto no seu corpo, acomodando o Nate para o Axel poder ver seu rosto angelical comigo.

Quando coloco o Nate contra o meu seio e o sinto dar o primeiro puxão tímido, sorrio para ele e penso comigo mesma que o destino finalmente me ama. O destino está me recebendo em seus braços e espalha seus raios brilhantes de amor sobre a nossa família.

Não demora muito tempo para eu cair no sono, segura nos braços do Axel com o presente do nosso amor nos meus braços.

Fim

